

Desavergonhada

Lora Leigh

Série Bound Hearts Volume 7

Resumo

Ela é uma tentação que ele não se pode permitir.

Ian Sinclair, o homem sem coração, o último Troyano, o intocável, o inalcançável, pode acabar de encontrar sua parceira.

Tão selvagem como os ventos sem domar, tão inocente como o amor mesmo, o vivaz espírito do Courtney luz tão brilhantemente como a mais brilhante estrela. E não há nada que ele queira mais na vida que ver sobreviver a doce inocência que é parte dela. O que nunca acontecerá se lhe permite entrar nos excessos diabólicos e sexuais de sua vida.

Ele é uma fome que ela não pode negar.

Courtney Mattlaw aceitou seu destino toda sua vida. A felicidade de sua vida depende deste momento no tempo, e de forçar a um homem que se sente incapaz de amar a confiar em seu coração.

Atormentado. Cheio de solidão. Incompleto. Ian é o fôlego de sua alma. Ela sabe que a batalha para ganhar seu coração poderia destruí-los a ambos ao final, mas é um risco que deve correr.

Quando estes dois se juntam, as faíscas voam e a luxúria que ferve entre eles se acende em uma conflagração que lhes consumirá até a alma e a converterá em uma... desavergonhada.



Prólogo

Courtney jazia silenciosa, com o cenho franzido enquanto contemplava o teto fracamente iluminado em cima de sua cama. O ar fresco soprava sobre seu corpo, secando o fino brilho da transpiração que se formou durante o passado hora. Sua mão suco ociosamente sobre seu estomago, seu dedo indicador fazia estalar o anel de esmeralda em seu ventre, que perfurava a carne em cima de seu umbigo.

A sensação de suas unhas arranhando suavemente a pele era agradável. Desde muitos pontos de vista, mais agradável que as experimentadas carícias do homem que estava a seu lado. Não é que ele não o tivesse tentado, não é que ela não o tivesse tentado, mas a satisfação ficava aí, justo fora de seu alcance, como uma etérea promessa que ela sabia permanecer insatisfeita um tempo mais.

As dúvidas a atacaram nesse momento, assim como uma persistente pena. Ela não se imaginou isto como sua primeira experiência sexual. imaginou-se algo muito mais impactante, algo que satisfizesse não só seus desejos sexuais, mas também esses que enchiam seu coração também. Infelizmente, terei que fazer sacrifícios pelo sonho que ela tinha levado em seu coração tanto tempo. Sua virgindade era um desses sacrifícios

Aspiro com cuidado, profundamente contendo a debilitadora emoção que a atacou pensando no que estava por chegar. Não deixava seu país ou sua casa sem saber exatamente o que fazia. Tinha estudado seu objetivo, aprendido cada possível faceta de seu caráter e planejado cada movimento com supremo cuidado. Não podia falhar. Havia muito em jogo, para falhar. Seu futuro, seu mesmo coração e os sonhos que tinha alimentado da infância agora estavam na corda bamba.

—Bem. Posso dizer francamente que você é meu primeiro fracasso, querida —Sebastián DeLorents jazia casualmente sobre seu lado enquanto interrompia as reflexões dela, com uma voz cheia de diversão.

Ela girou sua cabeça, um sorriso apareceu em seus lábios enquanto voltava o olhar para seu, talvez, amigo mais querido nesta terra. Bastian a tinha guiado em muitas de suas aventuras mais importantes e a tinha ajudado a estar segura que seu pai nunca suspeitasse que seu princesita era talvez um pinga mais imprudente do que teria desejado. Dane Mattlaw acreditava que sua perfeita, inocente filha era uma incauta com respeito ao mundo, que não conhecia o lado mais escuro da vida que podia encontrar-se fora das paredes da propriedade em que a tinha educado. Não tinha nem idéia do espírito livre, da mulher imprudente, escandalosa na qual se converteu sua filha.

Ela estava tratando de ser cruel ao mantê-lo na escuridão. Só que sabia como se preocupava, como lutava sempre por proteger a de qualquer mal que pudesse encontrar em seu caminho. Não era autoritário, simplesmente muito protetor de um modo muito paternal. E ela entendia seus motivos, tinha vivido aqueles motivos durante três anos largos de pesadelo, na casa de seus avós na Espanha quando era uma criança.

Mas já não era uma criança.

—Não lhe tome como algo pessoal —Ela se girou, ignorando sua nudez, olhando fixamente seu enigmáticamente formosa face, seus músculos, seu poderoso corpo, o malicioso brilho em seus olhos morados—. Te disse, que me guardava para outro, Bastian. Só tinha que me desfazer desta incômoda barreira da virgindade, para colocar meus projetos em movimento.

Ele fez uma careta, embora ela sabia que o aceitava amavelmente. Não o tinha enganado. Tinha sido franco, honesta. Não podia mentir ao Bastian, o só pensamento era detestável. Além disso, ele tinha muito mau gênio com aqueles que o enganavam. Ela não se assustava dele, mas lhe tinha um são respeito ao código de honra pelo qual se regia.

Ela estendeu a mão, arrastando seus dedos ao longo de sua bochecha quando seus braços a agarraram, abraçando-a contra seu corpo. Não havia nenhuma tensão sexual, nenhuma excitação. A amizade que tinham formado ao longo dos anos era uma cômoda, consoladora relação, que lhe tinha dado a coragem para ir detrás de seu maior sonho. Tinha-lhe dado uma lembrança para entesourar, a não ser um de satisfação, esta noite. Ele tinha tomado terna, carinhosamente essa última barreira de seu femineidad e lhe tinha dado a liberdade de perseguir seu sonho final.

—Te sentirei falta de, a luz mais querida —Meu luceilla. Ele a tinha chamado por esse nomeie durante anos. Beijo o alto da cabeça de sua cabeça suspirando pesadamente—. Você mantém o mundo mais brilhante.

Uma suave risada escapou dela.

—Você quer dizer que sou um escudo razoável entre você e calculadoras mãães e crianças que tentam morder seus calcanhares. Vamos Bastian, algum dia tem que te casar.

Lhe seguiu quando ele rodou sobre suas costas gemendo ligeiramente enquanto se apoiava no peito dele, baixando a vista enquanto as gargalhadas surgiam dela.

Seu Bastian era um dos homens mais elegantes que a Espanha e Inglaterra tivessem visto alguma vez. Ele era produto de um aristocrata espanhol e mãe americana, o sangue azul puro de seus antepassados diluídos pelo odiado lodo americano. Ao menos, esse era o ponto de vista de seu avô.

Mas no Courtney, dava-se o contrário. Sua mãe era a filha mais jovem de uma das linhas de sangue mais velhas da Espanha. Seu pai, entretanto, era puro cruzamento Americana, quando se referia a si mesmo. Um homem do exército, alto, forte, bastante dominante para resistir a desaprovação combinada das famílias materna e paterna da Marguerita Catherine Santiago Rodríguez.

Por sorte, não se tinha requerido que Courtney passasse uma grande quantidade de tempo com seus parentes espanhóis. Marguerita tinha sido bastante desafortunada porque durante sua relação com o Dane, sua família tinha conhecido seu estilo de vida e quase a tinham destruído com seus esforços por “salvá-la”. Escapar deles e da vida a que a teriam confinado, não tinha sido fácil.

Courtney tinha sete anos quando sua mãe a tinha levado a visitar seus parentes, e os três anos que tinha passado com eles tinham sido um inferno. Por sorte, seu pai tinha descoberto finalmente que as notícias que a família de sua mãe lhe tinha dado sobre suas mortes eram mentiras e as tinha resgatado a ambas. Foi um tempo que seus pais nunca esqueceram. Sua mãe lhe havia dito uma vez que lhes serve para lhes recordar quão frágil pode ser a vida e que nunca se devia dar um só dia é obvio. Era uma lição que Courtney tinha gravado no coração.

—As mamas calculadoras se fazem pesadas —grunho o reflexivamente, interrompendo seus pensamentos—. Talvez deveria te seguir a América. Estou seguro que poderia te ajudar no caos que desejas criar ali.

Seu sorriso era pura diabrura. Ela raramente o via tão relaxado e brincalhão. Bastian raramente se relaxava o suficiente para voltar-se brincalhão. O que era realmente uma vergonha, porque quando Bastian se preocupava com jogar, era uma vista incrivelmente atraente de contemplar.

—Talvez é algo que deveria fazer —estive de acordo, rindo—. Mas me dê tempo para capturá-lo primeiro. Ele não será uma conquista fácil, Bastian. E eu sempre poderia falhar.

Semelhante opção era algo contra o que lutava. Ela não podia falhar. Tinha sonhado com ele durante muitos anos, tinha-o tido saudades com uma força que não lhe dava pausa.

—O fracasso não é parte de seu destino, querida —lhe assegurou enquanto levantava sua cabeça, lhe dando um beijo afetuoso sobre os lábios antes de levantar a de seu peito e sair da cama—. Você terá êxito, como sempre me há dito que seria.

Ela rodou sobre suas costas, apoiando-se contra os travesseiros enquanto o olhava andar fazia as amplas janelas do dormitório e olhar a cidade pensativamente. Ele parecia distante, reflexivo, como se alguma parte da passada tarde pesasse em seus ombros.

—Está zangado comigo, Bastian? —perguntou ela então, pensado que talvez ela tinha esperado muito da amizade que eles compartilhavam desde fazia tanto tempo.

Ele se voltou fazia ela, com um leve sorriso aparecendo em seus lábios.

—Nunca —lhe asseguro, seus olhos escuros olhando-a com uma suave luz de diversão—. Você, querida, é como uma fresca brisa entre os canalhas. Te sentirei falta de.

Ele se arranhou preguiçosamente seu peito plano antes de que sua mão corresse ao longo de seu abdômen para esfregar distraidamente o pesado saco entre suas coxas. Era um homem impressionante, em todo sentido. Mas não era Ian. Bastian era seu amigo mais querido, mas Ian era seu coração. E tinha sido assim durante uma década. Antes que ela nem sequer soubesse o que eram esses sentimentos tão raros e desconhecidos que cresciam dentro dela, sabia que eles pertenciam ao Ian.

Levantando-se da cama, lhe aproximou colocando-se entre seus braços e esfregando sua bochecha contra seu peito enquanto as mãos dele acariciavam suas costas.

—Sempre estarei perto —lhe prometeu sinceramente—. Trabalha muito Bastian e te diverte muito pouco. Se precisa te divertir, tem os números de telefone onde estarei. te assegure de me chamar frequentemente.

Ele riu entre dentes.

—Certamente. Requererei novidades, pequena. Agora vístete —Ele a acariciou ligeiramente nas costas nua enquanto a empurrava fazia o quarto de banho—. Seu avião sai dentro de umas horas e não quererá perdê-lo. Acredito que seu querido Ian deve ir recolher te, não?

O entusiasmo se elevou dentro dela. Imediatamente, seu corpo se sensibilizou, seus mamilos se endureceram enquanto os sensíveis músculos de sua vagina começavam a palpar de ansiedade. Cada vez que ela pensava nele, a excitação alagava seu corpo, fazendo-a fraco de desejo, de fome. Como se surpreenderia Ian quando descobrisse a verdadeira razão de sua visita a América e suas intenções. Ela ia seduzir a alguém impossível de seduzir. ia capturar à presa mais evasiva do mundo. O coração do macho mais cínico que alguma vez tivesse conhecido. Um homem que tinha jurado não possuir nem coração nem sentimentos.

Ela ia reclamar ao Ian como dele.

—Talvez deveria me visitar enquanto estou ali, Bastian —Ela se dirigiu rapidamente fazia a ducha—. Passaríamos uns momentos maravilhosos na América. E o clube do Ian, mexerica-se, é um dos mais exclusivos e divertidos clubes de compartilhar do mundo. Não é que pense que é um prazer de que desfruta enormemente —Lhe sorriu travessa sobre seu ombro enquanto agarrava a nécessaire dos pés da cama.

Bastian era talvez muito parecido ao Ian. abria-se só a aqueles que estavam mais perto dele, sua sexualidade era escura e quente. Não era um homem conhecido por negar-se nenhum prazer que ele julgasse apropriado. Era um ser sensual, um dos poucos homens que não se preocupavam com a opinião de outros e só se regia por seu código pessoal da honra que ele mantinha.

—Talvez logo —Ele se encolheu de ombros, mas sua expressão era pensativa—. Talvez logo.

* * * * *

Ian Sinclair lutou por respirar profundamente enquanto rodava afastando-se da fraca, exausta forma que tinha estado apertada entre ele e seu marido. Kimberly Raddington era uma chama, lhes chamuscando com seu fogo sexual enquanto se apertava ao redor das frangas que invadiam seu corpo magro, gritando por mais, lhe suplicando ao Jared pela liberação e para conseguir que ambas entrassem mais profundamente dentro dela.

Agora, horas mais tarde, ela gemia cansada, enquanto Jared a tirava de entre eles, lhe permitindo o descanso que lhe tinham negado durante a noite. Seu longo cabelo vermelho aceso fluíu sobre suas costas até cair a seu flanco, acariciando o braço do Ian, deitado a seu lado. Lhe recordando muito outro mais escuro, sedosa mecha de cabelo. De uma mulher que ele sabia nunca poderia possuir.

obrigou-se a se separar a vista da seda brilhante, um sorriso brincalhão aparecendo em seus lábios quando ela se queixou mal-humorada pelos movimentos de seu marido a seu lado.

Ian acariciou seu traseiro afetuosamente enquanto ela se acomodava de costas, seu olhar fixo na carne ruborizada. Ele a tinha surrado até que seu traseiro de seda tinha avermelhado tanto como seu cabelo e de todos os modos tinha gritado pedindo mais. Tinham-na usado até bem entrada a meia-noite e ela tinha drenado seus corpos mais de uma vez, deixando-os quase tão esgotados como ela.

—Fica? —Perguntou Jared bocejando cansadamente, abraçando-se ao corpo adormecido do Kimberly enquanto olhava fixamente sobre seu ombro ao Ian.

Ian jogou uma olhada ao relógio ao lado da cama e grunhiu cansadamente.

—Não esta noite —Ele não queria tomar banho e partir. O esforço parecia monumental, mas não tinha outra opção—. Tenho que esperar o avião do Courtney em umas horas e acompanhar a à casa. Embora possa estar de volta amanhã.

A relação que compartilhava com o Jared e Kimberly era única. Ele nunca tinha formado laços tão próximos com um dos membros de seu clube e nunca com uma das mulheres com as que fazia de terceiro. Mas Jared e Kimberly eram diferentes. O afeto natural do Kimberly o havia tocado, tinha-o feito compreender que havia mais no sexo que o ato em si mesmo. O comichão que sentia tinha que ser eliminada.

Infelizmente, também lhe recordava muito a alguém mais. Esta certeza o tinha golpeado meses antes, enviando uma corrente de frieza por seu corpo. Mas não tinha aliviado a excitação que o enchia cada vez que ele passava a noite com a parceira. Tinha-a feito, talvez, mais forte.

Ian era um homem que não aceitava a debilidade. assegurou-se durante anos que seu coração permanecesse sem enredos e que sua alma era dela. Tinha aprendido muito cedo a reservar-se suas emoções e endurecer o coração contra as mulheres que entravam em sua vida. Mas Kimberly o havia tocado, aberto-se caminho em suas emoções antes de que ele compreendesse infelizmente por que.

—É a filha do Dane Mattlaw, verdade? —Jared o olhou com interesse—. Se alojará em seu casa? Pensa que é inteligente?

—Não —Ian sabia que não era inteligente. Se recordava algo sobre o Courtney Mattlaw era sua natureza imprudente, selvagem. Dane nunca pareceu ver o lado selvagem que brilhava nos olhos de sua preciosa filha, mas Ian sim. E o fez colocar mais que incomodo. Incitou uma resposta que o fazia parecer um velho verde.

Infernos, ela tinha sido condenadamente jovem para a ereção que encheu suas calças a primeira vez que viu o calor em seus olhos enquanto ela o olhava.

Que classe de perverso cobiçava a uma garota de dezessete anos? Era perverso. Depravado. Inclusive pior que o que ele sabia que era. Compartilhar a uma amante era menos desprezível que sofrer a pior ereção que alguma vez tivesse experiente sua vida, por uma criança. E conhecendo o Dane, o teria castrado. Courtney era seu bebê. Sua jóia mais apreciada. Se ele suspeitasse que os pensamentos do Ian eram menos que puros sobre a moça, então era homem morto.

—O que ocorre, Ian? —o olhar do Jared era aguda, suspeita enquanto o olhava por sobre o corpo dormido do Kimberly.

Sua franga, era o que ocorria. sentou-se na cama, recolhendo suas calças do piso e subindo-os por suas pernas enquanto lhe dava as costas a seu amigo.

Onde infernos estava sua camisa? Olhou pela residência, seus lábios sorriram humoristicamente quando a divisou debaixo da cama. Kimberly tinha estado se desesperada por despi-los antes de que eles conseguissem chegar ao dormitório.

Ele se dobrou, levantando-a do chão e colocando-a bruscamente sobre seus ombros, grampeando-a, deixando que as mangas pendurassem livres tratando de esconder a ereção que empurrava contra seu jeans.

—Nenhuma maldita coisa —finalmente respondeu—. Tenho que fazer de babá da molequa do Dane, Por Deus sabe quanto tempo, porque ele não quer que seu precioso bebê este só na América. Tem vinte e quatro anos, Por Deus. Duvido que ela siga necessitando uma chaperona.

Passou seus dedos por seu cabelo, jogando ao Jared um olhar furioso ante o pensamento.

—Onde esta o sentido comum desse homem? Pensa que O Clube é uma espécie de estabelecimento de lírios brancos que abastece a vírgenes masculinos? Que demônios faz me enviando a sua filha entre toda a gente?

Ele tinha tido muito cuidado com o Courtney nos anos passados, visitando a propriedade de seu pai na Inglaterra antes que ter os de visita. Fazendo só curtas visitas e limitando o tempo em sua companhia. Quando ela cresceu e passou de ser a criança que tinha tirado de uma virtual prisão durante a escuridão da noite, a ser uma moça cuja presença iluminava uma residência, ele tinha compreendido quão perigosa podia chegar a ser para ele.

afastou-se, sacudindo sua cabeça pela situação em que se encontrava. Procurou suas meias três-quartos, encontrando um em uma esquina do dormitório e outro debaixo da cama. Caray, Kimberly ia ter que emprestar mais atenção na hora de lançar sua roupa.

—Dane não é um homem entupido —Jared bocejou outra vez, obviamente despedindo-o—. Ele sabe que você cuidasse dela.

Sim. Estendido sobre ela, transando-a por detrás com seus pés ao redor de suas orelhas enquanto sua franga se enterrava nela. Assim era como ia terminar se não era extremamente cuidadoso.

No que a ele respeita, Dane tinha perdido sua ferrada cabeça.

—Já o verá —grunhiu ele pelo comentário—. Definitivamente, já o verá.

Deus o ajudasse!

Ian se apoiou contra a parede do aeroporto esperando na área de saída e observou enquanto Courtney descia pela escada rolante e olhando a lotado terminal com um leve franzimento de sobrancelhas. Não o tinha vislumbrado ainda, pelo qual estava muito agradecido. Isto lhe dava um momento para sustentar a respiração.

Como podia ter esquecido o condenadamente bela que era? Seu cabelo longo, marrom escuro o levava solto fluindo por suas costas, quase até seus quadris, sua expressiva face mostrava uma ligeira panela agora, quando seguiu sem vislumbrá-lo, seu corpo alto, magro era um sonho molhado caminhando.

Vestida com uns jeans baixos de quadril e uma blusa curta muito alta para sua comodidade, mostrava suficiente carne para fazer que sua boca se secasse, por não mencionar aos sujos velhos verdes que passavam perto dela, dirigindo olhadas à pele de seda, que reluzia exposta.

E piscando os olhos desavergonhadamente em seu umbigo, ia uma esmeralda em forma de olho de gato, que reluzia contra a escura carne de seu ventre. Era suficiente para fazer gemer a um homem cultivado. Apesar da roupa provocadora e a graça sensual com a qual se movia, a inocência ainda parecia uma capa que a cobria. Um sorriso satisfeito, atrevida, apareceu em seus lábios, os olhos cor chocolate brilharam com alegria, curiosidade e amor pela vida. Parecia uma baforada de ar fresco que soprava pela atmosfera antiga da sala do aeroporto.

Um grunhido de risada sufocou sua garganta.

Ele tinha estado ficando duro por ela desde que tinha dezessete anos. Quem era o velho verde? Ele era onze anos maior que ela e o suficientemente grande para sabê-lo melhor agora, sete anos mas tarde. Mas sua franga não tinha nenhuma consciência. Estava rígida, tensa sob seu jeans e palpitando faminta.

—Ian... —Ele a olhou enquanto um amplo sorriso encurvava seus lábios e o prazer iluminou seus olhos escuros quando finalmente o descobriu.

Andando a pernas, rapidamente, através do salão seu seios cheios saltando, maldita seja, ela não levava obviamente colocado um sutiã. A esmeralda que perfurava seu umbigo piscou os olhos eroticamente e sua língua ansiava lamber e sondar a pequena perfuração que chamava sua atenção.

Ela era a maior tentação que tinha visto em sua vida. Uma tentação que não necessitava.

—Era hora que chegasse, molequa —Lhe abriu os braços, fechando os olhos quando ela se lançou neles, suas mãos se abraçaram a seu pescoço quando a levantou e a abraçou, apertando, saboreando a sensação dela entre seus braços. Ela ia ser uma dor de pescoço, mas era das poucas pessoas no mundo das quais ele se preocupava. Uma das poucas que realmente sentia carinho por ele.

Fazia mais de um ano que não a via. Só por aquela razão. Não queria lhe fazer mal, mas o mais importante é que não queria perder e machucar o carinhoso afeto que compartilhavam. A alegria que ela mostrava quando ele estava perto, iluminava os lugares mais escuros de sua alma. Perdê-la seria uma ferida em seu coração que, sabia, não se curaria jamais.

A fome que tinha ido crescendo durante esse ano se estava voltando muito incomodo, atacando o controle de que estava tão profundamente orgulhoso. Estava agora obrigado a confrontar o sedutor pequeno bagagem tanto se o queria como se não.

—Ian, está tão atraente como sempre —exclamou ela quando ele a deixou sobre seus pés, enquanto o olhava fazia acima com aqueles olhos marrons, misteriosos e cheios de más intenções.

—E você é tão bonita como a saída do sol —Ele assentiu com a cabeça afirmando a verdade de sua própria declaração. Era tão fresca, tão inocente como o alvorecer.

Lhe sorriu, suas mãos ainda agarravam seus ombros, seus quadris pressionando suas coxas. E a luz de malícia, de fome em seus olhos lhe assegurou que tinha sentido fera ereção sob o tecido.

Ele sacudiu a cabeça em tom zombador.

—É uma moça má, Courtney —lhe disse, separando-a—. Você pai deveria ter se surrado quando foi uma criança.

Sua risada era suave, cheia de calor.

—Mãe segue dizendo-lhe Talvez seu deveria me surrar, Ian. Já que parece que é o mais afetado. Eu gostaria de te ter me surrando.

Só de pensar nisso seus olhos se vidraram pela luxúria. E ela, condenada, sabia bem, a julgar por sua expressão.

Ela o olhou baixando as pálpebras, sombreados por suas grossas pestanas, enquanto se molhava os lábios com um movimento rápido de sua pequena língua quente. Sua franga se sacudiu, uivando de luxúria, de fome.

—Vamos, moça —Sacudiu a cabeça por seu evidente flerte, lhe mostrando o caminho pela área de recepção fazia a limusine que esperava fora—. Onde está seu bagagem?

—Está-o vendo —Lhe mostrou a bagagem de mão, uma bolsa de lona que estava a seus pés e que recolheu movendo-se detrás dele—. Era tempo de comprar roupa nova, então pensei que encontraria o essencial enquanto estivesse aqui. Para que viajar com toneladas de malas, se não dever fazê-lo?

Ian agarrou a bolsa da mão dela quando chegou a seu lado, quase saltando para manter-se a seu passo muito mais largo.

—Não terá algo que ver com a mania pelas compras que herdou de seu mãe —grunho quando escutou sua explicação lutando contra a gargalhada que surgia em seu peito. Sua mãe, Marguerita, poderia fazer compras durante dias sem cansar-se nunca.

—É obvio que não —lhe assegurou burlonamente—. Necessitarei roupa nova. Uma mulher deve estar apresentável, Ian.

Ele jogou uma olhada à roupa que levava posta agora.

—Compre algo onde caiba esta vez —sugeri, incapaz de não sorrir abertamente ante sua risada—. Seu pai deveria ter encerrado com chave em uma residência acolchoada, Courtney. É uma ameaça.

Ela colocou uma panela provocadora em seu rosto.

—Mas seu me quer, Ian, sabe —Ela entrelaçou seu braço com o seu, apertando-se a seu lado enquanto saíam de aeroporto—. Só pensa que frio e aborrecido inverno seria sem mim. Vim para esquentar as coisas para você e não me demonstra nenhuma pinga de gratidão.

Gratidão não era exatamente a palavra que descreveria o que sentia, disse-se ele silenciosamente.

A limusine esperava justo diante das portas, saindo do abrigado interior o frio atingiu sua terna carne. Por que isto devia incomodá-lo, quando não lhe incomodava, não estava seguro. Talvez por que esperava que fora o frio o que fazia que seus mamilos pressionassem e apertassem contra sua blusa. Se não era assim, infernos, estava em um problema de muito cuidado aqui.

—Não trouxe nem um abrigo —grunhiu ele quando o condutor deixou a porta aberta e a ajudou imediatamente.

—Quem necessita um abrigo? —L se cobriu junto a ele no couro quente enquanto a porta se fechava a suas costas—. Eu poderia me aconchegar contra você. Estas quente.

Não tinha nem idéia.

Lhe dirigiu um sorriso descarado quando começou a jogar com o console dos botões de controle no lado oposto. Ao cabo de uns segundos, o biombo de cristal tingido se elevou entre eles e o condutor lhes oferecendo intimidade.

Ian a olhou com curiosidade. Era óbvio que a pequena descarada tinha algo em mente. Esperou com paciência, olhando-a quando se reclinou em seu assento, girou-se, apoiando-se contra o couro a seu lado enquanto o olhava fixamente em silêncio.

Ele levantou uma sobrancelha com curiosidade.

—Necessita intimidade?

—Não se sabe alguma vez quando pode ser o mais prático —Ela ria agora abertamente dele—. A que distância estamos de seu casa?

Seu olhar a estudou.

—Meia hora, talvez.

Ela se girou para enfrentá-lo, colocando sua bochecha contra as costas do assento.

—Ódio estes vãos noturnos. por que pode ir dançar toda a noite e não te cansar antes do alvorecer. Mas tomadas um vão que aterrissa às três da manhã e já estas esgotado?

—Trata recolhendo a alguém às três da manhã —sorriu ele entre dentes—. Me arrancou de minha cama quente, Courtney. Vergonha deveria te dar.

—Por não mencionar o corpo quente com o que provavelmente a compartilhava.

Ele ignorou sua careta de desgosto.

—Seu residência já esta preparada e te esperando na casa —lhe assegurou—. Sabe que pode ir diretamente à cama em seguida que chegemos. Amanhã, pedirei que este Stan a seu disposição com o carro. Pode fazer as compras que deixe a seu coração satisfeito.

—Virá... comigo? —Perguntou pestanejando inocentemente.

Seus pequenos e atraentes intentos de insinuar-se foram conseguir que ele a açoitasse. Infelizmente, tinha o pressentimento que se ele conseguia colocar as mãos em seu traseiro, a disciplina seria a última coisa em sua mente.

—Acredito que posso passar sem a excursão de compras —Disse fazendo uma careta ao pensar nisso—. Verei se a filha de minha governanta está livre se o desejar. Ela pode te ajudar a conhecer a cidade e te mostrar as melhores estenda. Você gostará de Ivy. Não é uma pesada como seu.

—transaste com ela?

Pergunta-a o obrigou fazer uma pausa, olhando-a com gravidade agora. Ele se lamentou não ter mantido a distância com a que tinha começado. Se o tivesse feito, não deveria ter notado seus pequenos e duros mamilos empurrando a blusa estilo colete, o algodão branco fazia pouco por esconder os escuros pontos de seu olhar. Não havia dúvida do desejo que via em seus olhos, mas tinha estado tratando de ignorá-lo.

—É algo que te importa, Courtney? —perguntou-lhe com uma voz suave. Ele não tinha nenhum desejo de ferir seus sentimentos.

—É obvio que o faz —seu sorriso era ligeiramente zombadora—. Não quero ir às compras com alguém que compartilhou seu cama, Ian. Se eu quisesse isto, teria trazido comigo uma de minhas criadas.

Ele arqueou sua sobrancelha com surpresa pelo ligeiro tom de cólera que ouviu em sua voz, assim como o fato de que conhecesse com quem jogava quando ia de visita. Bem, ele podia tachar o transar a suas criadas se voltava de visita a propriedade de seus pais outra vez. E era uma lástima. Dane insistia em contratar a mulheres cujo aspecto se parecia com sua filha e esposa. Tinha havido umas quantas que se pareciam tanto ao Courtney que pôde enganar-se durante breves momentos.

—Não, Courtney, não transei com o Ivy —lhe respondeu com tranqüilidade, lutando contra o espetáculo de forte possessividade para ele que não fazia nada por abrandar sua franga—. Alguma outra pergunta?

Um sorriso avivou seus lábios.

—Nenhuma. Só queria estar segura. Lamentaria estar ciumenta de uma possível amiga.

Só com dita menção sua franga bateu.

Maldita seja, ele ansiava transá-la com todo seu ser e ela se atrevia a brincar com ele. Fazia tudo o que tinha podido para evitá-la durante em ano passado, rechaçando os convites do Dane, quando as tivesse aceito impaciente no passado. Tinha fantasiado com ela, tinha sonhado com ela. masturbou-se com sua imagem. E agora deveria negar-se. Mentir não era algo que fizesse muito bem.

Ele a viu olhando fixamente seu regaço e grunhiu pelo fato que não estava escondendo exatamente sua excitação.

—vais encontrar te com mais problemas dos que pode dirigir, Courtney —Ignorar a situação não ia solucionar o problema.

—Parece-te? —Seus mamilos estavam mais duros? apertavam-se mais contra o tecido da blusa? Ele sabia que sua boca se fazia água, faminta por saboreá-los.

Sorriu burlonamente, mais fazia ele que fazia ela.

Não estava acostumado exatamente a negar-se algo que quisesse sexualmente. Como dono do Clube, o exclusivo clube masculino que satisfazia a machos dominantes cujos gostos eram levados a extremo, Ian era considerado um dos mais carnis do grupo.

—Courtney —suspirou seu nome, advertindo-a.

Um tom severo se notou em sua voz.

—Não sou uma criança, Ian. Inclusive embora insista em me tratar como uma.

Ela se deslizou, aproximando-se. Seu aroma de pêssegos e a carne feminina, doce, envolveu-o.

—Age como uma —a acusou ele, tentando encontrar alguma distância, alguma defesa que o protegesse da fome que crescia feroz em seus flancos, enquanto ela se deslizava através do assento, muito perto, muito quente e disposta.

—Faço-o? —sussurrou-lhe sensualmente—. Ou talvez estas cansado de ferrar a minhas criadas e gemer meu nome quando seu cabeça cai para trás e te corre com uma visão que só seu pode ver. Evidentemente, minha imagem.

Ela se inclinava muito perto agora, olhando-o conhecedora, sem lhe deixar espaço para negar o óbvio.

E qual era o problema? Não era que ele não a desejasse, que ele não ansiasse dar o gosto. Era sua inocência, sua conexão com ele. Como podia destruir a pureza que via em seu olhar? A confiança que seu pai tinha depositado nele. Sua conexão com ela era muito mais que com qualquer outro é sua vida. preocupava-se com o Courtney. preocupava-se com ela por modos que não o tinha feito nunca por ninguém.

Não o tinha esperado, compreendeu. Deveria havê-lo suposto. Olhando retrospectivamente, sabia que deveria havê-lo esperado dela. Tinha visto crescer a atração dentro dela, como tinha crescido nele. Sua experiência não lhe tinha ajudado para ignorá-la ou destruí-la. Era uma fome, uma fascinação que ele sabia poderia destruí-los a ambos. E gostava de muito ela para permiti-lo.

—É tão formosa —sussurrou ele, levantando sua mão para tocar sua face, maravilhando-se da sensação de seda de sua pele—. Tão fresca e tão inocente —Ele permitiu que sua voz se endurecesse advertindo-a—. Não me provoque, Courtney, destruiria seu inocência. Eu não gostarei de muito depois, e perder seu carinho me faria mais machuco que a você, sabe.

Ela o olhou, seus olhos escuros cheios de inumeráveis emocione, que ele contemplou enquanto processavam não só o que havia dito, mas também também o que calava. Enquanto isso, ele parecia incapaz, sem poder evitar que seus dedos fossem à deriva descendo por seu liso pescoço fazia a garganta para sentir o calor e o pulso agitado de seu sangue debaixo da pele.

—Seu me deseja —declarou ela, sua voz suave, tremendo pela necessidade. E nesse momento, desejou-a ainda mais.

—Desejo-te tanto que ardo —confessou amargamente—. Tanto, que quase rechaço o pedido de seu pai de permitir ficar aqui. Mas quero mais do que poderia me dar alguma vez, neném. O que quero de você bem poderia te destruir.

Algo apareceu nos olhos dela então. uma espécie de inominável satisfação que fez que seu ventre se apertasse com uma onda de fome.

—Faria-o? Esqueças quem é meus pais, Ian. Esqueças que te vi durante anos, ter sexo com minhas criadas. E não estava só com elas. Sou muito consciente do que é e do que pode querer de mim.

Sua franga ia arrebentar certamente suas calças. Congestionada, enorme, palpitava, ansiava, exigia que ele a transasse aqui e agora, e ao demônio com as responsabilidades. Sim, ela era filha de seu pai e ele conhecia bem a sexualidade que compartilhavam Dane e Marguerita. Seu pai não era um dos principais membros do Clube por nada.

—Não sou um jogo ao que seu possa jogar, Courtney —seu polegar acariciou seus lábios que faziam panelinhas, enquanto seu corpo se retesava ao ponto de lhe doer de necessidade. Ela era tão jovem, tão jodidamente inocente, como uma brisa de puro, doce ar em sua vida. Havia um tipo especial de inferno que esperava aos homens o suficientemente perversos para corromper semelhante inocência. Sua alma já tinha sido manchada uma vez, não queria que nada mais o estragasse.

Filha de puta, nunca tinha sido tão difícil negar a excitação em sua vida, pensou. A fome pulsava, enfeitando-o, tentando-o como nada o tinha feito em sua vida.

—Então é bom que não esteja tratando de jogar a nenhum jogo, verdade? —perguntou ela suavemente—. E que te faz estar tão seguro de que sou virgem? Isso é algo que só meu ginecologista e eu sabemos com segurança. Ele não diz nada... e só há outro modo de averiguá-lo... —Seu malicioso olhar fez acelerar seu pulso.

—E tampouco amigos —Ian tinha aprendido a lição do modo mais duro. O melhor modo de perder uma boa amiga era deitar-se com ela. As complicações se voltavam assombrosas.

Nem vírgenes. Nem amigas. Sem enganos. Sem emoção. Isso era uma receita para a solidão, mas também a solução para evitar os enganos do passado. Havia noites que a solidão o comia vivo, mas era muito melhor que a alternativa.

Ele retirou sua mão, jogando uma olhada pela janela enquanto entravam pelo largo meio-fio que conduzia a sua casa.

A grande casa de três pisos tinha quase cem anos, construída por seu avô, pensada como uma casa para sua família. Foi o pai Ian e vários de seus amigos quem tinha baseado O Clube e dedicado a isso a asa traseira da grande casa.

—Desmancha-prazeres —a panela e o tom de brincadeira em sua voz podia dirigi-lo. A excitação nua, a fome que a cada momento que passava-se fazia mais profundo, era muito, tocava muito perto um passado que ele só queria esquecer. E era muito tentador. Ela o tentava mais do que algo ou alguém o tivesse feito alguma vez em sua vida.

—Molequa —Lhe jogou uma olhada, sorrindo afetuosamente, desejando, não pela primeira vez, que a vida fora diferente—. Vamos, vai-te a seu residência. A próxima vez que ditas vir de visita, Courtney, um vôo mais cedo poderia ser o melhor...

Controle. recordou-se ele enquanto a escoltava à casa e até sua residência. Tudo o que tinha que fazer era recordar seu controle e todo resolveria satisfatoriamente. Ela partiria em uma semana mais ou menos, sua

inocência e carinho por ele ainda intactos. E se a solidão o esmagava, obscurecia sua vida ou lhe deixava alguma pena, então se recordaria que ao menos seu sorriso ainda encantava ao mundo, em vez de estar perdida para sempre.

Capítulo 1

Uma Semana mais Tarde

Se Courtney tinha um sonho, era Ian. Do momento em que pela primeira vez se lançou a seus braços aos dez anos, sem que lhe importasse a surpresa que lhe produziu ou seu incomoda reação, sabia que não haveria ninguém mais para ela.

Ao princípio, seu sonho tinha sido simples. Ian rindo com ela, enquanto tomavam o chá em uma preciosa mesinha de ferro, lhe sorrindo com aquele sorriso torcido que dava sensação de insegurança, por não entender a razão de por que se divertia com ela.

Ao fazer-se maior, suas necessidades cresceram com ela. Os meninos de sua idade careciam de emoção, careciam de personalidade.

Não eram Ian.

Tinha ido deixando sua infância atrás, enquanto seus sonhos se foram voltando mais quentes, mais eróticos ao ir fazendo-se maior e desenvolver sua própria personalidade, única e individual. Selvagem e imprudente, tinha caído em um grupo de amigos maiores que ela e tinha aprendido os fatos da vida muito antes do que, imaginava, seu pai podia ter adivinhado alguma vez.

Quando tinha dezessete anos, sabia a maior parte de cada ato sexual e havia visto muitos deles realizados. E tinha fantasiado com o Ian. Seus lábios cobrindo seus mamilos, sugando-os avidamente, ou sepultado entre suas coxas, com a língua lambendo-a com voraz avareza. Sua franga... Fechou os olhos e inspirou profundamente, afastando o lençol de si, levou os dedos ao centro de seu corpo e para sua acalorado vulva.

Em sua última visita à propriedade onde vivia seu pai, tinha capturado a visão daquele perfeito pedaço de carne. Grosso e pesadamente venoso, com a cabeça de um purpúreo escuro, afiada e reluzindo de creme ao abrir-se passo na criada que tinha compartilhado sua cama aquela noite. Os pequenos sons de sucção criados pelo ato, fizeram-na apertar as coxas ao sentir seus próprios sucos fluindo.

Agora, seus dedos se deslizaram por sua doce creme, confirmando seu forte desejo, e rodearam o dilatado broto de seus clitoris ao imaginar tocando-a como o tinha feito com a criada, ferrando-a dura, profundamente, com golpes que obteriam com segurança seu grito, pelo ajustado ataque de sua ereção no interior de sua apertado vulva.

Gemeu imaginando ali, entre suas coxas, tentando-a, excitando-a, fazendo-a rogar. E mais. Quanto mais. Chegaria até cada limite sexual conhecido pelo homem e da maior parte das mulheres. Faria cantar de agradar a seu corpo, faria que seu sangue fervesse a fogo lento dentro de seu corpo durante anos. Daria-lhe a liberdade, a coragem para permitir que seu liberar selvagem desejo. Daria vida a cada uma das fantasias que a tentavam enquanto o ardor a percorria. Faria algo mais que lhe permitir comportar-se como o ser sexual que sabia que era. Animaria-a.

Mordendo o lábio, imaginou de repente seu magro e delicado corpo, intercalado entre ele e um dos homens que tinha visto entrando pela porta traseira da casa. Sustentaria-a fortemente, com as mãos nos quadris, enquanto enchia sua vagina e a manteria sujeita enquanto o outro a tocava, separando suas nádegas e deslizando sua ereção com o passar do prego de seu ânus, até que sua franga estivesse sepultada profundamente ali.

estremeceu-se com seu próprio toque, ofegando ante sua expressão dentro da fantasia que estava forjando. Viu o prazer e a ferocidade em seus azuis olhos; emocionada-a luxúria que brilhava em sua face enquanto ela gritava seu nome.

De sua vulva brotou abundante creme, fluindo para as coxas enquanto seus dedos pressionavam no interior da úmida vagina e a palma de sua mão atingia seus clitoris ao mover involuntariamente os quadris.

Mais. Introduzindo dois dedos no faminto túnel, sacudiu a cabeça enquanto começava a empurrá-los descontroladamente. Precisando... Chegando a um ponto no que se perguntou se sobreviveria a esse desejo se não obtinha logo a liberação.

Sua frustração reverberou com um gutural gemido, quando o clímax permaneceu fora de seu alcance. Tão perto... Estava tão perto. levou-se a outra mão para seu dilatado peito apertando-se com os dedos os mamilos, com um brusco puxão conseguiu que uma pequena descarga se dirigisse de seu mamilo a seus clitoris, fazendo-o palpitar desesperado. Como poderia sobreviver a isto?

Seus dedos se moviam duramente na profunda estreiteza de sua vulva, enquanto a palma de sua mão se apertava sobre seus clitoris, e ainda assim, era em vão. A fome crescia, atingindo com devastadora necessidade cada uma das células de seu corpo, enquanto a culminação permanecia fora de seu alcance.

Um selvagem gemido de necessidade surgiu de sua garganta ao derrubar-se na cama esgotada uns minutos mais tarde. A creme molhava suas coxas, tão terrivelmente quentes, que dentro dela sentiu cada um de seus ossos e músculos, ardendo de desejo. E ainda assim, ali estava, frustrada, incapaz de culminar e terrivelmente encolerizada.

—Maldito homem —Se levantou da cama, grunhindo ante a desordem das savanas de seda entre as que tinha dormido.

Deu-lhe uma patada à colcha para se separar a de seu caminho quando se dirigiu resolvida para o armário e o abriu furiosamente. Estava cansada de esperar. Tinha permanecido tranqüila durante toda a semana, até agora. Como uma pequena e perfeita convidada, sem ultrapassar nunca os limites, paquerando em vão, e perambulando pela grande casa completamente aborrecida, enquanto ele quase não aparecia.

Fez uma careta quando agarrou do armário uma saia curta e um pequeno corpete a jogo. A saia branca, apenas decente, era de cintura baixa, cobrindo as curvas de seu traseiro e sussurrando sensualmente sobre a zona alta de suas coxas. Isto expor a pele de seu estomago da apertado prega estilo grego de seu corpete branco, até tão só uns centímetros por cima de seus palpitante e dilatado clitóris.

O anel esmeralda brilhava malvadamente em seu umbigo, como uma lágrima terrosa brilhando contra sua escura pele. Sacudiu a cabeça, movendo os dedos pela ondulada longitude de seu longo e escuro cabelo, antes de soltar-lhe pelas costas, fazendo que um pequeno tremor percorresse seu espinho dorsal, ao sentir como as frisadas pontas roçavam sua cintura.

sentia-se decadente, atraente e selvagem. E o parecia.

—Toma isto, Sr. Sinclair —sussurrou com uma sorrisita sensual enquanto introduzia os pés em uns sapatos brancos de salto.

cansou-se de comportar-se bem. De estar entre os estranhos aos que a apresentava e ainda assim estar emprestando muchísima atenção a aqueles dos que ele a afastava. Conhecia as mulheres que ele preferia que evitasse. Tally Conover, especialmente Kimberly Raddington, e Tessa Andrews e sua mãe Ela Wyman. Algemas dos agora Troyanos casados, tinha-lhe contado um convidado um pouco falador que se encontrou na última festa a que tinha assistido. Troyano, é obvio, era o apodo que recebiam os homens que freqüentavam O Clube.

Ivy, a filha da criada do Ian, ao princípio tinha duvidado de falar com ela do Clube, de seus membros ou suas mulheres. Tinha tido que jurar que o manteria absolutamente secreto e além disso teve que tomar vários goles, até que conseguiu que a mulher a informasse. Aquelas mulheres das que Ian a mantinha afastada, eram consideradas as mais aventureiras e audazes por haver-se terminado casando com aqueles homens.

Atormentavam normalmente ao Ian ao perambular pelo clube, usando suas artimanhas de casamenteiras com os membros solteiros e causando geralmente grandes estragos sempre que a oportunidade lhes apresentava. Isto, em opinião do Ivy, faziam-no para estimular as personalidades muito dominantes de seus maridos.

Aquelas eram as mulheres às Courtney queria dirigir-se. As que conheciam o Ian, que tinham intimidado com os Troyanos, com seu estilo de vida e conheciam todos os rumores. Mas primeiro, baixou com cuidado a escada de caracol, escutando qualquer sinal de movimento enquanto andava pelo vestíbulo e dirigindo-se à parte de atrás da casa, queria ver por si mesmo O Clube.

Tinha notado os carros que tinham chegado antes, estacionando na parte de atrás, perto da porta traseira que conduzia aos salões reservados para os membros do Clube. Ian tinha deixado ordens explícitas de que aquela zona da casa estava proibida para ela, e que devia limitar-se à parte principal da casa.

Sim. Como que ia fazer isso, pensou lançando um bufo muito pouco elegante.

moveu-se silenciosamente para a parte de atrás do vestíbulo, à porta situada sob a escada. Girando a cavanhaque, abriu-a com cuidado antes de introduzir-se por ela. O corredor estava bem iluminado e tinha um amaciada tapete cor creme, que amortecia o som de seus passos enquanto a percorria.

negou-se a mover-se com sigilo. Quadrou os ombros, levantou a cabeça e percorreu o vestíbulo com a plena confiança de alguém que sabe onde pertence. Pertencia a aquele lugar. E se Ian estava detrás daquelas portas duplas que permaneciam fechadas ante ela, então lutaria contra quem se atrevesse a tentar desalentá-la.

Abriu as portas sem o mais mínimo cuidado, entrando no vestíbulo de mármore que formava a recepção dessa zona da casa. Quando fechou detrás dela, Matthew Harding, a quem lhe tinham apresentado em uma recente festa, saiu de um pequeno escritório anexa.

Seus olhos cor avelã se obscureceram ao momento, justo quando suas sobranceiras deram forma a um franzido cenho. Era atraente, mais de um metro oitenta de tamanho e de puro músculo. Adivinhou que seria um ex-militar. Mantinha o corpo rígido e inteligente para a ação em qualquer momento.

—Olá Matthew —Permitiu que um pequena e diabólico sorriso aparecesse em seus lábios, quando se dirigiu com segurança para as portas que, supunha, conduzia às estadias principais de Clube.

—Senhorita Mattlaw —Se dirigiu velozmente para as portas—. Se perdeu, senhora?

Levantou uma sobranceira quando ele bloqueou as portas, Entrecerrando os olhos como advertência de que não seria excluída daquelas residências.

—Não, não me perdi —O gelo impregnava sua voz—. Sei exatamente onde quero ir.

Ele cruzou os braços sobre seu peito, franzindo ainda mais o cenho.

—Essas residências estão proibidas para você, senhora. Acredito que já foi informada que esta zona da casa não era um lugar no que você deveria estar. Se deseja visitá-lo, então o Sr. Sinclair terá que acompanhá-la.

A sorte era para ela um pretendente volúvel. Alguns dias tinha a montões e outros a evitava completamente. Esta tarde parecia estar entre as boas. As portas se abriram completamente, fazendo que a atenção dele se desviasse e lhe dando a oportunidade de deslizar-se na outra estadia.

Jogou uma olhada para suas costas, sorrindo inocentemente ao furioso mordomo e ao surpreso membro do clube, que a olhava com atenção.

moveu-se dentro de uma estadia vistosamente decorada, fazendo vagar seu olhar pelas pesadas cadeiras e escuras mesas. Recordou-lhe bastante ao estúdio de seu pai. As prateleiras ocupavam a zona inferior das paredes, cheios de livros e figurinhas eróticas. Uma chaminé brilhava alegremente ao fundo da residência, enquanto que pelas janelas se podia observar uma piscina quente e um jacuzzi.

Vários assentos estavam espalhados pela residência separando a sala de baile, assim como as mesas e as áreas mais íntima. A barra do bar dava o último toque com uma riqueza de garrafas alinhadas ao longo da parede.

Ahh, sim. Aqui era onde tinha que estar. deteve-se ao lado da barra de mogno, jogando uma olhada sobre seu ombro, para encontrar as olhadas assombradas da dúzia ou mais de homens que a observavam, antes de voltar-se para o garçom.

—Só membros do clube.

Quase suspirou quando o corpulento, musculoso barman, olhou-a com glacial cortesia. Os homens às vezes eram exasperantes.

—Talvez sou uma convidada? —ela levantou uma sobrancelha burlonamente.

Seus lábios se crisparam, mas é obvio, o sorriso não apareceu. Ian devia havê-los instruído sobre como fazer que sua vida fora miserável, decidiu.

—Este é um clube masculino, senhorita Matlaw —disse tranqüilamente, antes de dirigir um sugestiva olhar para um homem sentado a dois tamboretes de distância, ou talvez sugiriendo a um sócio conspirador.

girou-se para contemplar ao outro homem. Os malvados e pecaminosos olhos azuis transbordavam risada, enquanto o negro e espesso cabelo emoldurava uma escandalosamente bela face.

—Ian parece um velho suscetível —revirou os olhos com um praticado encanto—. Poderia lhe convencer para que convidasse a uma taça? Parece que ele me tem as mãos atadas efetivamente no referente a este assunto.

Uma escura sobrancelha se levantou o tempo que seu olhar se fixou em seus punhos.

—Ainda não as tem —disse antes de girar-se para o Thom—. lhe Dê à senhorita uma bebida.

Thom fez uma careta com afeto.

—de longe seu traseiro melhor que o meu, Penetre —Então se voltou para ela—. Dê-se pressa com seu pedido, querida. Imagino que Matthew já chamou ao Ian. Darei-lhe uns cinco minutos antes de que chegue.

—Então Jack com gelo —suspirou ela, apoiando o queixo em sua mão, recostando-se na barra, bem consciente da saia que circundava indecentemente a zona posterior de suas coxas.

A bebida foi entregue em uns segundos.

Girando, Courtney levantou a bebida para seus lábios e observou as olhadas que se centravam nela. Realizou uma sutil saudação, uma pequena inclinação de seus lábios, antes de tomar um bom gole do fino uísque.

Uma picada de fogo se rasgou por seu ventre, fazendo-a fechar os olhos ante as sensações que evocava. Prazer. Dor. Ela suspirou sua desfrute, sentindo como a estadia se esquentava drasticamente, de uma vez que várias maldições se escutaram sussurradas na residência.

—Ian não vai se colocar muito contente de verte aqui, senhorita Matlaw —Penetre, seu salvador, informou-a com humor.

Courtney abriu os olhos, dando-a volta para lhe dirigir um curioso olhar. Levava um anel. Um pesado e óbvio selo de propriedade. Os Troyanos podiam compartilhar a suas mulheres, mas nunca tocavam a outras. Ele era seguro.

—Possivelmente o prazer do Ian neste pequeno tema não se encontre no alto de minha preparada de prioridades —sugeriu maliciosamente.

A suspeita encheu os perigosos olhos azuis.

—Que temas lhe interessam?

—No referente ao prazer do Ian? —perguntou com curiosidade—. por que se preocuparia isso?

—Ian é um amigo —ele encolheu seus musculosos ombros descuidadamente—. E não parece ser a pequena e doce virgem contra a que advertiu a todos.

Suas sobrancelhas se franziram.

—Advertiu-lhes contra mim? De que modo?

—No modo de que se eles lhe tocam —assinalou com a cabeça aos homens que ainda a olhavam com curiosidade—, não só perdem o ingresso, perdem partes vitais de sua anatomia.

Ele ria. Era óbvio que encontrava todo isto muito divertido.

—por que fez isso? —não é que lhe interessassem outros homens, mas o fato de que tivesse feito isso incomodou seu orgulho feminino.

—As vírgenes são uma espécie em perigo —baixou a voz, embora esta ainda vibrava de risada.

—Virgem? —tomou o resto da bebida antes de deixá-la de repente na barra—. Não pensei que Ian fora ainda virgem. meu deus, Quem era o que vi transando às criadas enquanto estive de visita em minha casa? Deveria falar com ele disso. Os rumores podem ser muito cruéis.

As risadas ressonaram na estadia.

—Então entendo que não é virgem? —sentou-se em seu tamborete, olhando-a com atenção, enquanto sua mão tamborilava silenciosamente contra a barra.

Lentamente, ela estendeu os braços, bem consciente da perversidade de seu traje e do suave brilho da nua e sedosa pele.

—Difícilmente —sorriu suavemente—. A virgindade é uma condenação. A uma nunca a permitem divertir-se enquanto pai crie uma coisa tão atroz. Mas, quando pai é feliz, a vida é muito melhor.

—Então que o pai não saiba, não afeta à vida da pequena não virgem, verdade? —perguntou com um indício de brincadeira.

—Exatamente —Lançou um olhar descontente para o Thorm dando as costas a Penetre—. Não é um barman muito eficaz. Meu copo ainda está vazio.

Thorm contemplou a Penetre, como lhe pedindo permissão. O que acontecia esses Troyanos dominantes, alfas e predominantes? Estava a ponto de sentir-se muito decepcionada deles.

Courtney quase não pôde reprimir um suspiro exasperado.

—Meu copo está vazio, Thorm —lhe recordou.

—Sim, e Ian é muito provável que já esteja de caminho —grunhiu ele—. Já aconteceu o limite, senhora.

Haveria posto má face se pensasse que isso tivesse servido de algo. Por isso, em troca, permitiu que um pequeno sorriso cruzasse seus lábios, o qual deveria havê-los advertido do que lhes vinha em cima.

—Bem. Ian tem um bar muito bem equipado acima. Simplesmente pensei que a companhia era muito mais interessante aqui. Tinha entendido que os Troyanos eram algo mais aventureiros do que parecem ser.

—Ser aventureiros e ter desejos de morrer, são duas coisas diferentes —lhe recordou Penetre quando ela se levantou e se afastou do pequeno estrado onde estava situado o bar para girar para a porta.

Olhou desconfiadamente quando um dos homens sentado em uma das mesas mais próximas, empurrou sua garrafa de uísque pela mesa em sinal de convite. Descansava em sua cadeira de uma maneira preguiçosamente relaxada, olhando-a com seus escuros olhos cheios de curiosidade.

Agora havia um voluntário para quebrar as regras, pensou com admiração. Mas era muito mau para esta primeira confrontação; preferia com muito que nenhum outro homem estivesse comprometido.

Thorm e Penetre tinham sido muito francos.

O que a tinha feito pensar que os homens do clube se atreveriam a ir contra o ordenado pelo Ian? Era tão perigoso cruzar-se com ele, como o era cruzar-se com seu pai e sabia. O que era o que a fazia estar rodeada por homens tão protetores? Parecia tão inocente? Não se sentia inocente. sentia-se frustrada e à beira, e verdadeiramente zangada de que a única emoção que parecia ser capaz de inspirar no Ian era a de ser seu maldito protetor.

Não fez caso da silenciosa oferta do uísque. Não era bebida o que queria. deu-se a volta e se dirigiu para as portas duplas, com a intenção de provar em outro local para tentar a sua presa. Tinha que haver algum modo. Quando deu o primeiro passo, as portas se abriram de repente, em uma demonstração controlada e sutil de poder e cólera. Não ricochetearam contra a parede, mas o rangido de madeira contra madeira ecoou na estadia.

E ali estava Ian.

Fez uma profunda inspiração, lutando por não fazer caso da intensa excitação visceral que lhe apertou os músculos do ventre, deixando-a lutando por respirar. Pôde sentir diminutos e invisíveis dedos percorrendo sua pele, apertando seu seios até que se retesaram, deixando seus mamilos duros e ardendo.

Ele não era exatamente formoso, não como o era Penetre. Parecia que estaria mais cômodo em jeans e blusa, que com as calças de seda e camisa branca de algodão egípcio que levava postos. Seu longo cabelo, castanho escuro, caía por debaixo do pescoço da camisa e o mantinha ali atado, lhe dando um aspecto imprudente e perigoso já da distância.

Seus olhos azuis estavam Entrecerrados, brilhando furiosos detrás daquelas pálpebras de formosas pestanas. Sentiu como sua vulva convulsionava, como sua creme a preparava imediatamente para ele. Seus clitorís se dilatou, palpitando excitado ao se chocar contra seu olhar e distinguir, durante um breve momento, uma onda selvagem e ardente de excitação.

Isso era o que queria. Este era o Ian sobre o que ela fantasiava. E agora, Que demônios se supunha tinha que fazer?

Capítulo 2

Imediatamente. Em um segundo, a franga do Ian ficou dura como o aço e palpitante com uma luxúria que nunca tivesse imaginado possível. Podia sentir a fome palpitar em cada poro de sua pele, com seu corpo tenso, enquanto sua boca se o para água por obter seu sabor.

Capas de comprimento e escuro cabelo fluindo quase até os quadris, emoldurando sua delicada e aristocrática face, grandes olhos escuros, altos maçãs do rosto, lábios que tremiam. Ela não tinha colocado nenhuma bolinha de maquiagem, mas ele pensava que tampouco o necessitava. Sua frescura, uma natural inocência que para brilhar sua carne lhe dando uma etérea, uma sensual beleza que tinha formado um nó em seu peito, lhe fazendo perguntar-se se poderia respirar.

E ali estava ela de pé, em meio de seu Clube, com seus mamilos empurrando para cima contra o tecido branco de sua blusa, seus profundos olhos marrons estavam parcialmente cobertos por seus reluzentes parpados, como se um pouco de luz interior esclarecesse essas formosas círculos. E a seu redor havia quase uma dúzia dos homens mais dominantes que formavam parte do Clube. Sem contar ao já casado Penetre.

Khalid, o meio árabe filho ilegítimo de um xeque, olhava-a da mesa mais próxima. Seus negros olhos mostravam sua luxúria ao nu, sua expressão era curiosa, quando a tensão sexual pareceu disparar-se cada vez mais alto por todo o recinto. Alimentado pelo centro de atenção, pelo delicado salgadinho que estava vestido como um sonho, e obviamente, veementemente, desavergonhadamente excitada.

Ela era o que todos sonhavam. Descaradamente consciente de seu entorno e dos homens que a olhavam, pelo que despertava, ávida por ser tocada. E ela sim estava impaciente. notava-se tanto pelo brilho de seus olhos, como as duras pontas de seu seios que se elevavam proclamando-o. Ela se oferecia a ele. Ela gritaria por ele e lhe rogaria pedindo mais. Ela lutaria contra ele quando fora preciso, rendendo-se ansiosamente quando ele o necessitasse.

Ela o destruiria.

Ian se obrigou a eliminar cada fragmento da cólera que o envolvia. Nada ia aliviar a dura palpitação de entre suas coxas, mas talvez, se ele fosse muito, mas que muito afortunado, poderia controlar esta situação que ameaçava sua prudência.

—Te disse que esta área da casa estava restringida —Sua voz foi áspera, com um surpreendente tom gutural.

Ele observou como suas bochechas se ruborizavam, antes de que seu olhar descesse para seu nu abdômen.

—Dizem-me tantas coisas das que logo não faço conta, Ian —Disse com voz tranqüila, rouca, cheia de fome. Ele escutou todo isto de sua voz e o voltou mas incrivelmente duro se couber. Não havia cólera nela, só um pouco de humor, e muita excitação.

Filha de puta. Ele ia explodir se não tomava cuidado. O sugestivo arrependimento em sua voz tinha feito que cada homem da residência se movesse nervoso em sua cadeira, obviamente tinham notado seu poder como ocorria a ele. Quando foi a última vez que tinha visto uma sensualidade tão natural? Essa plena confiança como mulher e seu efeito no sexo contrário?

Ele se obrigou a mover-se, a caminhar, a evitar lançá-la sobre a mesa mais próxima e lhe baixar as calcinhas que levava postas debaixo de sua minissaia. Ele pressentia que ela não se negaria. barbearia-se ou se faria a cera? perguntou-se. Se ela fosse dele, estaria raspada, com um piercing, gritando enquanto seu dura sexo a estirava plenamente.

Ele apertou seus dentes, fazendo retroceder esses pensamentos. Dane certamente o mataria. E com razão. Havia muito pouca inocência no mundo, ele se condenaria se fosse a causa de que a única virgem que ficava perdesse a sua. E ela era virgem. A inocência a cobria, brilhando dentro dela apesar de sua sensualidade. Não havia nenhuma possibilidade que ela fora outra coisa.

—Não pode ignorar as regras deste lugar, Courtney —Seu toque lhe ia levar a inferno—. Eles estão aqui por uma razão. Retorna à parte principal da casa. Agora.

Suas sobranceiras se franziram ao enrugar o cenho, enquanto um profundo rubor enchia suas bochechas.

—Pareço-te uma criança? —Ela moveu sua mão ao longo de seu corpo até colocá-la sobre um quadril e enfrentá-lo com desafio—. me Perdoe, Ian, mas deixei que ser uma criança faz já muito tempo, e eu não gosto que me tratem como se fora ainda uma.

Suas mãos picavam. As malditas ansiavam sentir a suave, e doce carne de seu traseiro baixo elas. Maldita fora, ele nunca, em toda a vida tinha querido possuir algo com tanta desesperadamente como ele desejava possuir ao Courtney neste momento.

—Já sabe o que é isto, Courtney —Ele cruzou seus braços sobre seu peito, decidido a infundi-la respeito com mofa, censurando-a com sua voz— Como se sentiria se seu pai te visse aqui?

—Quantas vezes esteve ele aqui? —Sorriu ela sabendo—. Sei que estilo de vida tem meu pai, Ian. Sei que meu pai é em efeito um membro deste estabelecimento de elite. Como te expliquei antes, não sou uma criança.

—Não é um membro deste clube —soltou ele então—. Só é para membros, Courtney, por uma razão. Agora tira seu traseiro daqui.

—Vá, E como uma pode ingressar nele? —Ela parecia não fazer caso da dureza que tência sua voz. Nem seus olhos tinham perdido intensidade, nem cintilaram pela dor ou a cólera. Como se essas cruéis palavras não as tivesse tido em conta—. Assumirei que permitem entrar em algumas de suas mulheres aqui?

—Nossas mulheres —sorriu ele hermeticamente—. Não pertence a nenhum homem deste lugar. Por isso estas isenta.

Seus olhos se estreitaram, embora o sorriso que se formou em seus lábios era quase atemorizadora. Conhecedora. Tão velha e tão conhecedora como se fora a mesma Eva. Ela lambeu seus lábios devagar, passando seu olhar ao redor do recinto.

—Então necessito uma espécie de patrocinador? —perguntou ela suavemente—. Acredito que isso poderia arrumá-lo.

Infernos.

Tocá-la seria o pior engano possível, mas cada maldito homem da residência estava preparado para levantar-se e oferecer seus serviços. Seu olhar se endureceu enquanto seguia o olhar dela, advertindo a todos. Isto não lhe sentou muito bem com nenhum deles.

—Que força —murmurou ela com diversão, ao analisar corretamente seu olhar—. Muito bem, Ian. Abandonarei seu encantador clube e voltarei para a parte principal da casa. Obviamente não formarei parte de nenhuma classe de entretenimento aqui... —ela fez uma pausa antes de olhar fixamente além dele, com um olhar direto, decidida—. Mas há outros lugares nos que estou bem segura que serei boas vindas.

Ela se moveu devagar ao redor dele; estava claro que não estava absolutamente intimidada por sua cólera ou pela tensão que palpitava entre eles. Tensão sexual, tão podidamente quente que sua pele formigava.

Ele se deu a volta, observando-a sair, notando como se balançava sua saia pelo impulso de seus arredondados glúteos, suas pernas movendo-se com uma inata, natural graça. Ela passou pela entrada, sem olhar nem a direita nem a esquerda, nem olhando detrás dela. Ela sabia que cada homem da residência a olhava, não tinha que comprová-lo para estar segura. Finalmente, graças a Deus, Matthew fechou as portas, lhe deixando para enfrentar aos olhares acusadores dos homens que agora não lhe perdiam de vista.

—As vírgenes estão proibidas —soltou ele, reforçando a antiga regra—. Especialmente esta. Sobre tudo esta.

—E o que te faz estar tão seguro que ela é virgem? —o argumento veio da única pessoa que não o tivesse esperado.

Penetre Andrews se movia preguiçosamente de um tamborete da barra, com uma bebida em sua mão enquanto olhava ao Ian estreitamente.

—Importa isso? —adicionou ele.

Penetre encolheu de ombros.

—Não para mim, mas isto poderia lhes interessar a outros —Ele indicou aos homens que agora o olhavam com atenção—. As regras não lhe dão o direito para selecionar às mulheres que eles decidem compartilhar. Só porque ela seja a filha de um amigo não a exclui.

Ian apertou seus punhos, enfrentando-se à necessidade de lhe atingir. Penetre poderia ir ao diabo e com ele todos outros, ele não tinha nem idéia de quanto Ian lamentava que não podê-la incluir.

—Sua virgindade a deixa fora —grunhiu ele, odiando isso, desprezando o véu de inocência que estava escrito nela. Se ele fosse um homem mais jovem, permitiria que alguns de outros a tivessem, fazendo-a entrar, então tomaria. Isso aliviaria a luxúria, mas não sua consciência. Ele a conhecia sempre, tinha ajudado ao Dane a protegê-la em muitas ocasiões. Ele não seria a causa de que a luz que havia dentro dela se extinguísse. O não o faria, e nenhum dos que estavam esta residência.

—Ela não é virgem —a conclusão por parte de Penetre fez que a temperatura no corpo do Ian subisse, reunindo-se em sua franga e torturando-o, lhe exigindo que fora, transasse-a, e que eliminar a fome de seu sistema.

—E como pode isso saber? —grunhiu ele—. Acaso Tessa deveria pedir entrevista com seu advogado?

Penetre riu. Um som baixo e divertido que colocou de ponta os nervos do Ian.

—É um tolo, Ian —Ele sacudiu sua cabeça devagar—. Essa garota não é uma virgem mais que Tess. Mas você saberá o que faz. Estou seguro, e como ela disse, já encontrará o entretenimento em outra parte. As mulheres formosas não têm nenhum problema em encontrar o que necessitam ou desejam.

Ele levantou seu copo, agitando-o e bebendo sua bebida até apurá-la, antes de levantasse do tamborete e caminhar para deixar a residência.

—Lástima que ela só se excitou quando seu entrou em salão —disse ele quando passou ao lado do Ian—. É uma mulher que não deveria ser desperdiçada com um cínico como seu. Talvez Tess possa provar sua mão como casamenteira...

Talvez Tess possa provar sua mão como casamenteira...

E um carajo poderia fazer isso, grunhia Ian silenciosamente enquanto subia pela escada principal, dobrando pelo corredor até o dormitório do Courtney. A pequena puta o estava empurrando, e ela sabia, estava-o fazendo deliberadamente. Não era tolo. Tinha observado os sutis sinais que ela tinha atrasado até a semana passada, o calor de seus escuros e eróticos olhos, a maneira em que seu corpo parecia derreter-se, e a clara excitação que mostrava sua face.

Ele poderia sentir o mesmo calor crescer em seu corpo, duro, cozendo-se a fogo lento e o que mais temia ele, que ferveria fora de controle com a menor provocação por sua parte. Ela não tinha nem idéia de como o tentava. Não podia entender onde o conduzia sua sexualidade, a necessidade que tinha ele de dominar, sexualmente, a qualquer mulher com a que se deitava. O que sentia agora não era só necessidade, era fome, conduzindo-o a uma luxuriosa avareza que ele não tinha nenhuma intenção de negar-se.

Ele apertou seus dentes ao pensar nela, tão pequena e arredondada, gritando de prazer e dor quando ele estendesse as perfeitas curvas de seu traseiro e olhasse como sua franga invadia aquele doce e diminuto buraco. Ou sustentando suas coxas muito abertas, enquanto sua boca se enchia com sua franga ao mesmo tempo que ele observava a outro tomá-la, enchendo-a. Compartilhando-a, vendo como o prazer banhava seu corpo, enquanto ela era conduzida até um limite que ela nem sequer tivesse imaginado.

Maldita seja. Ele não tomaria. Não o faria.

Ele deliberadamente tinha eleito a mulheres que conheciam muito bem os jogos aos que se enfrentariam. Mulheres com experiência, quem conhecia cada truque para poder tomar a dois homens ao mesmo tempo, ou que aceitavam a fome depravada com que se conduziam os homens que estavam o clube que ele dirigia. Courtney não podia isso saber, não podia entender isso. A doce inocência que brilhava em seu interior e que acendia cada célula de seu corpo não poderia ter sobrevivido a esse malvado conhecimento.

Quando ele alcançou sua porta, curvando os lábios ao pensar em atingir. Mas a fome que o assaltava tinha abastecido de combustível a cólera pela auto-negação, e lhe fez abrir a porta e entrar pela força ao dormitório.

—Seus entradas deixam muito que desejar, Ian —disse ela enfrentando-o, tão bela como um anjo, com todo seu formoso cabelo escuro fluindo ao redor de suas costas e ombros, enquanto ela se dava a volta do armário, uma suave jaqueta branca pendendo de seus dedos, enquanto o olhava com esse traje de sereia que tinha colocado.

Deus querido, poderia algo tentá-lo mais que toda aquela perfeita carne nua, que ela mostrava?

Ian cruzou seus braços sobre seu peito, lutando por controlar-se, ao tempo que franzia o cenho em sua direção, usando seu mais intimidante sobrecenho enquanto lutava para regular sua respiração. Sua franga já era uma causa perdida. Estava totalmente engrossada e palpitando em exigência.

O olhar dela baixou rapidamente, quente, brilhando com fome.

Filha de puta.

—Deixa de me tentar, Courtney —disse ele furiosamente, surpreso ante a brutalidade de sua voz enquanto lutava por abster-se de sacudi-la—. Não deseja o que conseguirá.

Ela apoiou sua fina, elegante mão sobre seu inclinada quadril, seus olhos lânguidos, suas bochechas avermelhadas.

—E quem decidiu isso? —perguntou-lhe ela com uma sobrancelha elevada—. Sabe, Ian, Realmente prefiro tomar minhas próprias decisões, em vez de que tomem por mim. Talvez você deveria recordar isto antes de vir aqui feito uma fúria.

Paciência, disse-se divertido. Sua voz acariciou seus sentidos enquanto seu acento pareceu dar uma entonação quase melodiosa. Estava-o voltando louco. Como seria quando ela gritasse seu nome? Quando rogasse por sua franga?

—Permaneça fora do Clube —ele rechaçou o discutir com ela, incitando a seu autocontrole a dar um passo mais—. Não é lugar para você.

—te guarde seu clube, Ian —Seu tom arrogante e sua expressão fizeram que seu sangue borbulhasse—. Não o necessito para me entreter.

—Seu entretenimento? —Ele sentiu umas vontades tremendas de atirar do cabelo. Que demônios se supunha que devia fazer com esta mulher?—. E exatamente que tipo destas entretenimento procurando seu, pequena e descarada mulher? Te vais colocar a ferrar com qualquer? Ou só está vendo quão louco pode me voltar?

Seus parpados baixaram sobre seus olhos, lhe dando uma aparência sonolenta, um olhar cheia de tanta luxúria que fez que suas bolas se apertassem, quando ela caminhou, aproximando-se. Parada a só um fôlego dele, ela olhou para cima, a ele, sua pequena e rosada língua percorreu devagar seus lábios, fazendo água a boca dele.

—Até que nível de loucura te poderia levar eu, Ian? —perguntou-lhe ela então, sua respiração se intensificou, seus duros mamilos quase tocavam seu peito. Maldição, ele queria senti-los... em sua boca, entre seus dedos, queimando sua carne.

OH, ela poderia lhe voltar louco, pensou ele em silêncio. Completamente louco.

—O suficiente louco para chamar a seu pai e lhe informar de que te dirige para seu casa —grunhiu ele, quase mordendo-a língua.

Ela riu. Um som baixo e diabólico que enviou uma multidão de chamadas ao longo de seu corpo.

—Pobre Ian, deve estar realmente desesperado para me ameaçar com Pai —o conhecimento, tão antigo como o pecado em si mesmo, estava escrito em sua voz—. Não estive sob o polegar de Pai faz tempo que. Sua única opção é me expulsar, por um tempo. Talvez encontrar a um patrocinador não será tão difícil nessas circunstâncias.

—Tão desesperada estas por um amante que te mantenha, Courtney? —resmungou ele—. Dane não te provê o suficiente?

Um sorriso curvou seus lábios.

—Pai não pode me colocar em seu cama, Ian, a não ser já teria tentado essa rota. Nego-me a mentir sobre a razão pela que estou aqui por mais tempo —Ela colocou sua mão contra o peito dele. Viu-a conter o fôlego, a forma em que tragou com força, enquanto o prazer o atravessava. Tão somente por esse pequeno contato. Como sobreviveria ele a senti-la, carne nua sobre carne nua, ardendo baixo ele?

—Não te levarei a minha cama, Courtney —ele odiou as palavras nada mais sair de seus lábios, odiando o fato de não poder permitir-se possui-la.

Ela levantou seu ombro em um elegante encolhimento.

—Então terá que ser outro. Talvez esse senhor tão agradável do Meio Oriente. Pareceu-me que tinha muito que oferecer...

Khalid. Ian se guardou sua resposta instintiva, e não foi cólera.

Ele agarrou seu braço quando ela ia afastar-se dele.

—Não tome decisões que ao final lamentará, garota —a advertiu ele severamente—. É muito jovem para saber ou entender o que pedirá de você. E não é nada comparado com o que eu exigiria.

—Ou talvez, não será nada comparado com o que eu exigiria —disse ela então, fazendo que sua tensão arterial subisse, e sua franga se endurecesse a graus impossíveis. Ele sentia como se seu pênis começasse a quebrar-se pela fome que o enchia—. Mas... —ela se encolheu de ombros uma vez mais, enquanto se afastava dele— como decidiste a te negar a você mesmo tanto como a mim, deixarei-te em paz, Ian. Mas me nego a ficar aqui e me masturbar para saciar minhas necessidades. Assim verei o que outro entretenimento há em seu cidade para mim.

Ela avançou pelo quarto enquanto se dava a volta lentamente, mostrando a pequena saia que se moldava a suas coxas, quase expondo seu traseiro quando ela deixou o dormitório. Os olhos dele se estreitaram enquanto apertava seus punhos, contendo a resposta quase violenta que se eleva dentro dele.

Ela o empurrava cada vez mais. Empurrava-o cada vez mas longe, colocando a prova o escasso controle ténia.

Que demônios ia fazer com ela? por que o tentava dessa maneira, como nenhuma outra mulher que houvesse tocado em toda sua vida, inclusive Kimberly? por que ela o para ter fome de coisas às quais nem sequer saberia lhe colocar um nome? E por que demônios a deixava fazê-lo?

Capítulo 3

Ela estava tremendo por dentro. Ela quase, tremia por fora.

Courtney podia sentir a nervosa energia correndo por seu corpo, palpitando quase tão furiosamente como a excitação que ardia por seus terminais nervosos. Seu sexo se sentia inchado, extremamente sensível, seus clitoris raspava contra a seda de sua tanga enquanto baixava calmadamente as escadas para dirigir-se à porta principal.

Não é que realmente tivesse algum plano para a noite. Ela permitiria que o chofer do Ian a conduzisse a algum clube, talvez dançaria por umas horas e abafaria suas penas e sua excitação com algumas bebidas dura, já que Ian não lhe oferecia voluntariamente seu duro pênis.

E que duro luzia sob suas calças. Longo e grosso, uma apetitosa tentação. Ela não queria outra coisa mais que ajoelhar-se e liberar a gloriosa carne em sua faminta boca. Quase podia senti-lo, tão duro e grosso que seus lábios se sentiriam machucados, tão quente que se sentiriam ampollados. Isso o desejava. Desejava-o.

Quando chegou ao vestíbulo, era consciente de que Ian se movia a poucos passos detrás dela, quase espreitando-a como se fora sua presa. Um tremor desceu por seu espinho, em parte agitação, em parte

satisfação. Finalmente, sua reserva vacilava. Se tivesse sabido que sua visita ao Clube provocaria semelhante reação, tivesse-a feito a primeira semana.

O toque do timbre a fez realizar uma pausa enquanto colocava sobre seus ombros a curta e fina jaqueta de couro que fazia jogo com a roupa que levava posta. Ela olhou, curiosa, como o mordomo de casa, Jason, movia-se pela sala de estar e lhe lançava um tranqüilo olhar enquanto tomava o atirador e abria as portas duplas.

Courtney sentiu a imediata tensão que encheu o quarto enquanto Ian avançada da escada. Ela estava entre eles, o homem que ela desejava, e o misterioso e endiadladamente atraente Saudita.

—Bom, minha sorte não tem limite esta noite —O estrangeiro se introduziu no vestibulo, alto, quase tão alto como o metro noventa do Ian, seus olhos negros ardendo com luxúria.

Embora mais cedo tinha feito muito pouco para afetá-la, esse olhar, quando se uniu com o olhar do Ian que sentia como chamas lambendo sua carne..., fez-lhe sentir que quase perdia as forças em seus joelhos. Deus do céu, eles nem sequer a haviam tocado, mas podia sentir a necessidade de fazê-lo, a luxúria que corria a seu redor.

—O Príncipe Khalid o Hamid Mustafa —disse o mordomo anunciando sua presença, sua voz um zumbido irritante a seu lado.

Courtney girou, rodeada pela testosterona, até que seu olhar encontrou a do Ian. O que ela viu foi quase mais do podia suportar sem pedir seu toque. Ela se voltou rapidamente, seus lábios se torceram em um sorriso quando encontrou o malvado olhar do Saudita.

—Khalid, você não foste convidado aqui —disparou Ian grosseiramente quando o mordomo fechou as portas atrás do outro homem.

—Necessito um convite? —Khalid levantou uma sobrancelha com curiosidade, seu olhar enfocado nela—. Não era consciente disso. E não apresentaste a seu encantada convidada, Ian.

Ah, ela só pôde imaginar a cólera que se elevou dentro do Ian. Ela o olhou um momento, e viu seus ombros duros, a plaina linha de sua boca. Mas seus olhos queimavam, não com cólera, a não ser com excitação.

—Courtney Marguerita Mattlaw. O príncipe Khalid o Hamid Mustafa —os apresentou ele sem indício da menor cortesia.

—Um nome muito formoso, para uma jovem e mais formosa mulher —murmurou o Príncipe enquanto aceitava sua mão, inclinando sua cabeça elegantemente para colocar um escuro beijo na sensível carne de seu punho—. E uma moça muito valente além disso.

Ela permitiu que sua expressão refletisse uma divertida paciência quando viu a risada em seu olhar, uma olhada rápida, que se escondeu fugazmente antes de que esses olhos escuros parecessem lhe dirigir uma mensagem. Um CO-conspirador? Parecia que ela bem poderia necessitar dessa ajuda.

Além disso, ante um problema era muito mais divertido se a gente recebia ajuda.

—Valente? —perguntou-lhe ela coquetamente—. E o que o fez chegar a tal conclusão?

—Não sempre as garotas se atrevem a violar as paredes de um clube como o que Ian regentea. Eu descreveria definitivamente a essa mulher como valente.

—Acredito que eu mas bem usaria a palavra... aventureira mais que valente —emendou ela sua descrição—. Valente implica um traço menos permanente. Aventureiro é mais apropriado. —Ela jogou uma olhada ao Ian outra vez, perguntando-se se ele teria recebido a provocadora implicação

Doce Piedade, os olhos azuis pareciam queimar, brilhantes de luxúria, e ele era a prova disso.

—Aventureira, então —esteve de acordo Khalid—. Me pergunto, agora que nosso menos que encantador anfitrião a jogou que O Clube, não quereria me honrar com sua presença no jantar de esta noite? Meu chofer espera fora, uma limusine acolhedora e cálida. Acredito que poderia ajudar talvez a aliviar o aborrecimento incrível que deve encher seu dia, presa com nosso não tão aventureiro senhor Sinclair.

A risada tremeu em seus lábios, embora ela a conteve corajosamente. Estava segura de que a descrição de não tão aventureiro era um grave insulto para o homem que ela sabia era Ian. Mas isto tentou seu sentido de humor, deu-lhe a audácia para empurrá-lo um pouco mais. Ele não tinha feito caso dela quase durante toda a semana fingindo que não havia nenhuma atração, que nenhuma necessidade flamejava entre eles. Ela não ia permitir que esta vantagem lhe escapasse de seus dedos.

—Que oferta tão encantada—ela sorriu lenta, coquetamente—. Uma que aceitarei agradecidamente, Príncipe Mustafa.

—Khalid, por favor —ele fez uma careta ante o título—. Ian e seu mordomo persistem em unir o título com o nome. Um príncipe ilegítimo não é um príncipe absolutamente. Sobre tudo um que prefere as perversas tentações do Ocidente, mais que as crenças de seu pai.

—E alguns homens são príncipes, sejam-no merecidamente ou não —ela elogiou sua oferta de escapamento com entusiastas palavras—. Estou preparada para partir sempre que você o esteja.

Sua mão se moveu a suas costas, aproximando-se perigosamente a seus quadris, seus dedos quase tomavam a curva de seu traseiro enquanto a conduzia para a porta. Ela permitiu que os músculos ali se apertassem, sua excitação zumbindo enquanto sentia o olhar do Ian fixa em seu traseiro.

—Courtney —a voz do Ian os parou quando eles se aproximaram da porta.

Dando-a volta lentamente, ela encontrou seu ardente olhar.

—Sim, Ian? —manteve seu rosto impassível ainda quando controlar-se foi o esforço mais duro que tinha feito em sua vida. O olhar do Ian a derreteu, enviado chamuscas que chamuscaram seu sexo e eletrificaram seus clitóris. Ela poderia alcançar o orgasmo só com esse olhar, sabia.

—Há caminhos que uma vez tomados, não podem retroceder—lhe advertiu ele, sua escura face estava cheia de intencionalidade enquanto seus olhos revisavam a óbvia excitação que lhe fez endurecer seus mamilos e avermelhar seu rosto.

O olhar a queimou, sentia que o sangue cantava por suas veias, o desejo palpitava como um tambor com a excitação se desesperada nas profundidades de seu sexo e no nó sensível, aumentado de seus clitóris.

—E alguns caminhos são procurados depois, Ian —lhe respondeu ela, sua voz baixa, palpitando em resposta ao desejo não expresso—. Assim como outros já estão predestinados.

Ela se deu a volta, com um esforço sobre-humano, agradecendo o apoio da mão do Khalid em suas costas enquanto a conduzia ao exterior. O frio ar do inverno lhe deu palmadas na face, mas fez pouco por aliviar o calor que queimava seu corpo enquanto ele a levava rapidamente até a limusine que esperava uns poucos passos além da casa.

O chofer abriu a porta rapidamente, lhe permitindo deslizar-se no calor do interior enquanto Khalid a seguia uns passos atrás sem pressa. Courtney era consciente de que a olhava, da diversão que se refletiu em seu olhar quando ela inspirou bruscamente. Sair da casa foi uma das coisas mais difíceis que tinha feito alguma vez. Não queria nada mais que ficar, roçar-se contra Ian como um gatinho mimoso e sentir suas mãos acariciar seu corpo.

—Ele te esperará quando voltar —a voz do Khalid era baixa, provocadora.

Courtney lhe jogou uma olhada, notando a graça ocasional e a arrogância inata que o rodeava como um escudo. Seu cabelo negro e grosso caía sobre seus ombros, emoldurando seus traços escuros, aristocráticos. Maçãs do rosto altos, um nariz reta, de linha dura, lábios sensuais e cheios. Lábios besables pensou ela. Eles tentariam a audazes e desconhecidas mulheres a prová-los. A uma grande maioria. Mas não a ela, não sem o Ian.

—Então talvez deveríamos lhe deixar esperando um momento —sugeriu ela com um sorriso, embora cuidando-se de manter uma distância entre eles sobre o assento—. Acredito que deveria usar esse tempo para considerar suas opções.

Sua sobrancelha se arqueou em tom zombador.

—Estas jogando com fogo, doçura. Nunca vi ao Ian negar-se antes. É óbvio que está tenso e mantém um férreo controle sobre si mesmo. Se segue controlando-se, será você quem pagará o preço.

—Ou colherei os benefícios —replicou ela com segurança—. Ian nunca me faria mal, Príncipe Mustafa. Não importa que tentado possa sentir-se —E ela tinha suas dúvidas a não ser tinha sido tentado já.

Ele se colocou mais cômodo em seu assento, seus negros olhos cheios de risada enquanto seus lábios se curvavam em um sorriso.

—Conhece a besta que estas tentando? —perguntou-lhe ele com cuidado—. Ian não necessariamente será um amante suave. Nenhum dos que concorremos ao Clube o somos, em realidade. Nossos gostos são extremos, senhorita Mattlaw, está preparada para isto?

—Um Troyano —Ela conteve seu sorriso enquanto dava voltas em seu assento, cruzando suas pernas e o olhava com cuidado—. Sou muito consciente da classe de amante que será Ian, Khalid.

Seus olhos percorreram seu corpo lentamente.

—Já não estas excitada agora que ele já não está em sua presença. É do Ian de que tem fome. Mas se o tenta a seu cama, encontrará que ele não irá só —Isso foi uma advertência, uma declaração de intenção. Ele tinha a intenção de estar ali com eles.

—E o espero com muita ilusão —lhe assegurou ela—. Nunca duvide que não sou consciente do que me pedirá Ian, ou do fato que não o eu desejo mesma. Mas só com o Ian, Príncipe Mustafa. Nunca sem ele.

Ela não tinha nenhum desejo de ser tocada, sustentada, ou acariciada sem ele. Essa foi uma das pistas que a ajudaram a desembaraçar os espantosos sentimentos que conheceu entrar na adultez. Cada vez que ele a tinha visitado, ela o tinha cuidadoso, e tinha encontrado modos de aprender o que obteria dele. Ele a fazia sentir coisas que durante anos tinha sido incapaz de entender. Os provocadores desejos e a fome não tinham sido fáceis de entender. E as fantasias. Inclusive agora, o pensar nelas a fazia sentir um desejo incômodo. Isso o fazia sentir.

—Ele te compartilhará —ele não tinha nenhuma intenção de encobrir uma verdade da que claramente sabia, ela era inconsciente.

Ela sorriu, a lenta curva que encheu seus lábios serve para lhe assegurar que ela sabia muito bem o que vinha

—Quando tinha vinte e dois anos, tive necessidade de minha criada, por alguma razão —lhe contou ela com um encolhimento, claramente não recordava agora por que necessitava a jovem mulher—. Havia várias criadas

que viajavam comigo, cada uma delas me pareciam poderosamente. Essa noite, quando fui procurar a, senti ruídos e ouvi quando Ian instruí a seu amante em como tomá-la —ela lambeu seus lábios, secos de repente. Ele tinha chamado equivocadamente à criada pelo nome Courtney enquanto ela escutava. Revelando inconscientemente sua própria fome—. Soube então que só Ian poderia me dar o que necessito. Esta é minha possibilidade, Príncipe Mustafa. Minha possibilidade de convencer também ao Ian.

Inclusive agora a lembrança daquela noite a atormentava.

—Separa seu traseiro lentamente. Faz-a que espere o que deve vir... Lento e tranqüilo, moço, transa este traseiro lento e tranqüilo, deixa-a que sinta cada golpe... chupa meu pênis, Courtney, chupa-o, bebê. Profundamente...

Haveria ele compreendido que estava sussurrando seu nome? perguntou-se Courtney Saberá ele que sua voz palpitou com luxúria quando sussurrou seu nome?

—Ele pode quebrar seu coração —Seu olhar foi de repente seria, preocupada—. Está apaixonada por ele.

—É obvio que o estou —esteve de acordo ela, sorrindo suavemente—. por que mais estaria eu aqui? Pensa que se só quisesse sexo toleraria semelhante temperamento masculino tão lhe frustram? Eu poderia encontrar o sexo em qualquer lado, Príncipe Mustafa. O sexo, sem o Ian, não é algo que deseje.

—Estarei aí —lhe disse ele, inclinando-se mais perto, seus olhos negros de repente ficaram sérios—. Me ouviu, moça? Quando ele levante este bonito traseiro e o surre até que esquilo, tenho a intenção de estar ali. Tanto como tenho a intenção de te transar. E não só por uma noite. Ian é talvez o mais sexual, o mais intenso de qualquer dos membros do Clube. Ele te compartilhará freqüentemente, e te compartilhará bem. Ele te fará gritar até que esteja rouca, rogando até que já não saiba por que suplica. Ele te conduzirá ao prazer que limita com a dor mais deliciosa. Está segura de que algo assim contigo poderá durar?

Ela colocou seus olhos em alvo ante a preocupação em sua voz. Era muito protetor, ela inspirava isso nos homens que a rodeavam e conseguiam fazê-la sentir sufocada.

—por que todos estão tão seguros que sou inconsciente do que procuro? —perguntou-lhe ela, cansada das advertências.

—Talvez, devido à inocência que brilha tão docemente nestes olhos marrom escuro —sugeriu ele—. Tem o aspecto de uma colegiala precoce. A maior fantasia sexual de um homem, sua mais espantosa realidade. De uma vez é uma mulher totalmente cultivada e uma que parece querer fazer realidade cada fantasia, aterrorizaria até ao hedonista mais perverso. Você, minha querida, poderia ter ao Ian de joelhos. E para um homem tão dominante, tão absorto em sua liberdade como sei que o é Ian, é uma debilidade que não pode permitir-se. Acordadas ao protetor nele, com a mesma profundidade que acordadas sua luxúria. Cuida que seu coração não se quebre.

—Marguerita, que demônios passou ao Courtney? —Dane não estava em casa, o que era uma coisa malditamente boa porque Ian estava inteligente para amollar seus ouvidos—. Que demônios pensava esse homem que ele estava fazendo, enviando aqui a sua filha? Aqui? À mesma casa onde se encontravam os infames Troyanos. À mesma casa que era um clube cheio de homens depravados, de perversos que não queriam nada mais que devorá-la, centímetro a maravilhoso, espetacular centímetro.

—Courtney? —a suave voz da Marguerita continha em quantidades iguais confusão e diversão—. por que, Ian?, pensei que ela estava contigo deixou seu amparo?

Seu amparo? Que amparo? Ele era o pior pesadelo de seu papai. Não sabiam isso eles? Desde quando tinham perdido, Dane e Marguerita, sua alguma vez amorosa mente?

—Ela está fora do controle —cuspiu ele, marcando o passo pelo vestibulo enquanto jogava uma olhada ao relógio de pêndulo que assinalava o lento passado do tempo com uma cadência irritante—. Ela se escabulló no Clube. Está voltando loucos aos membros. O que aconteceu a doce criança que soube conhecer?

Ele se passou os dedos por seu cabelo, balançando-os enquanto a recordava com dezessete anos vendo em seus olhos uma tênue luz de fome. Não, doce nunca serve para descrever ao Courtney. Já desejaria ele que o fora.

—Conheceu-a alguma vez, Ian? —perguntou Marguerita então, desconcertando-o pela seriedade de sua voz—. Courtney, apesar da percepção que Dane tem dela, já não é uma criança. Se não poder tratar com isso, então talvez ela deveria voltar. Ao menos aqui, os que a conhecem, aceitam-na por quem ela é.

Ele sentiu então seu corpo retesar-se ante a censura em sua voz.

—O que quer dizer com isso?

Ela suspirou pesadamente.

—Tenho uma grande dívida contigo, Ian. Desde não ter sido por você, aqueles anos que Dane e eu estivemos separados, temo que o tivesse perdido para sempre.

—O que tem que ver isso com isto? —gritou ele, recordando aqueles anos que tinha ido atrás do Dane, perguntando-se se seu amigo viveria para ver outro dia. A notícia da morte de seu amante e sua filha pela

família dela, quase o tinha destruído. Durante aproximadamente três anos até que ele começou a suspeitar a verdade, tinha estado louco.

—Courtney se parece muito a seu pai —disse Marguerita então, sua voz era uma advertência suave—. Ela é tão dedicada e leal a aqueles que ama como Dane foi alguma vez. parece-se muito ao Dane, e em muitas costas a meu mesma, as necessidades do Courtney são diferentes às de outros.

Ele sentiu que seu fôlego se obstruía em sua garganta. Marguerita não podia dizer o que ele pensava que ela dizia, não era possível.

—Ela tem vinte e quatro anos, é... virgem

—Ela tem vinte e quatro anos, mas duvido muito que ela seja ainda uma virgem. E se ao Dane gosta de sepultar sua cabeça na areia com o que respeita a sua filha, eu não o faço. Courtney aconteceu os últimos dois anos tentando provar suas asas, escabulléndose facilmente da vista de seu papaizinho e aprendendo os caminhos do mundo. Vocês dois descartam facilmente à mulher em que minha filha se converteu. E isso não é algo que tivesse esperado de você, Ian.

—E por que? —replicou ele—. A conheci desde que era uma criança.

—E estiveste sofrendo por ela desde que era uma adolescente —riu entre dentes Marguerita sabendo—. Se não querer ao Courtney, então o melhor que pode fazer é enviá-la a sua casa. Mas tome cuidado com seu coração, Ian. Ela é valente e aventureira. Mas ainda é uma mulher. E uma que se envolve profundamente.

A permissão implícita que ele sentiu para levar ao Courtney a sua cama o assombrou.

—Dá-me isso? —Ele piscou ante a parede frente a ele, o choque e a surpresa o encheram.

—dar-lhe isso Marguerita refletiu com uma risada suave—. Eu não diria isso exatamente. É tarefa do Courtney decidir a quem pertence e a quem não. Intento simplesmente te advertir de suas intenções. Não desejo ver minha filha sofrendo. Se não sentir nenhum desejo por ela, então não quero ter que me preocupar.

—Você sabe o que sou —grunhiu ele.

—Tanto como sei quem é minha filha —Ele quase poderia ver o delicado encolhimento dos magros ombros da mulher—. Quantas mulheres compartilhistes você e meu marido durante os anos que estive forçada na cama de outro? Dane foi completamente honesto comigo a respeito desse tempo em sua vida. Como ele me contou completa e explicitamente, quão sexual te volta com seus mulheres já seja a sós, ou as compartilhando. Você conhece bem as preferências do Dane. tivemos um terceiro em nosso matrimônio desde a primeira semana de nossa relação. Isso é um agradar do que ambos desfrutamos enormemente. Duvido sinceramente que minha filha fora machucada por seus apetites, meu amigo.

Sua mão se apertou no receptor. Sim, ele conhecia bem o estilo de vida do Dane e como o desfrutava da Marguerita. Ele não tinha participado do mesmo, não com eles, mas ele conhecia a Marguerita, e tão delicada e pequena como ela era, estava casada com um homem que não podia aceitar nada menos que os prazeres mais intensos que ele podia lhe brindar.

—Dane me mataria —gritou ele, sabendo que não ia fazer uma diferença.

—Dane não é um hipócrita, como bem sabe. Ele aceitará as opções de sua filha, até se isto significa aceitá-la como uma mulher, mais que uma criança.

Ian soprou. Dane não era o único que escondia sua cabeça na areia se ela realmente acreditava isso.

—Marguerita, deveria lhe dizer ao Dane exatamente o que ela está procurando e fazer que ele arraste seu traseiro a casa —ele suspirou cansadamente, vendo no relógio que só tinha transcorrido um só minuto.

—Seria muito mais fácil enviá-la a casa se você não a quer —riu Marguerita, um som melodioso que o fez fazer uma careta por ante o tom conhecedor.

—Não tenho essa força —finalmente sussurrou ele—. Estou a ponto de aproveitar ao máximo o engano mais incrível de minha vida, e penso que vou culpar te por isso. É uma má mulher.

—Ahh, mas se Dane me diz isso frequentemente —Ela não parecia no mais mínimo compungida—. Por favor dá ao Courtney meu amor. Quê-la, Ian. As aventuras de uma moça sempre deveriam ser com alguém que entendesse seu sensível coração. Confio em que você o faça.

Ela pendurou, abandonando ao Ian à deriva em muito desejo tão intenso que cortava suas vísceras, e uma confusão tão completa que ameaçava sufocando-o. Incomodava-lhe que Marguerita soubesse sobre seu desejo pelo Courtney durante aqueles primeiros anos. Dezesete, propensa a abraçá-lo e tocá-lo e roçar-se contra ele como um pequeno gatinho. Ele tinha transado a sua criada a semana que se ficou ali. Vários anos mais tarde, tinha sido pior. Ele ainda podia recordar despertando, procurando-a, encerrada em sonhos tão eróticos que eram uma tortura.

Grunhindo silenciosamente, ele marcou outro número, esperando com impaciência a conexão.

—Khalid —o bastardo respondeu o telefone no quinto ring, sua voz era preguiçosa, cheia da sensualidade.

—Traz-a a casa. Agora —Se ele tinha que ir procurar a, bem poderia conseguir que todos terminassem detidos.

—Já vejo —a voz do Khalid foi baixa, um profundo grunhido—. Me ocuparei disso.

Ian pendurou antes de dirigir-se à sala de estar para esperá-la. Inclinando-se para trás no canapé, ele soltou suas calças, liberando seu enorme pênis, fazendo uma careta enquanto seus dedos se retesavam atormentadoramente sobre a dura carne.

Ele baixou a vista à corada carne, a grossa e violentamente colorida crista enquanto se inchava e palpitava entre seus dedos. Ele era um homem grande, e sabia. Courtney era pequena, a forma de suas pernas, a curva de seu traseiro, o contorno de sua pequena e proporcionado vulva sob sua roupa lhe asseguravam que seu pequeno e doce túnel seria estreito, ajustado.

Ele gemeu pensando nisso, acariciando sua carne desesperadamente enquanto seus olhos se fechavam com tal necessidade que era quase doloroso. Lhe mostraria esta noite as necessidades que o atormentavam. Ele não o faria fácil. Não lhe permitiria que o esquecesse.

Havia algo sobre olhar a uma mulher, em abraçá-la enquanto outro a tocava, ver o atormentado prazer que transformava seus traços, que ele nunca podia explicar-se. Seus gritos de necessidade, seus olhos selvagens, seus corpos reluzentes com a transpiração enquanto lutavam por entender as diferentes sensações que dois homens podiam lhes brindar. Ou olhar a outro tocando-a quando ele a transava. Capaz de perder-se na sensação de uma passagem ou um ânus estreitos e sabendo que o outro homem lhe daria prazer que ela necessitava para alcançar os picos mais altos do êxtase.

Voltando-a louca.

Seus dedos acariciaram sua franga, imaginando que eram seus lábios os que o rodeavam, chupando-o profundamente enquanto ela tratava de gritar ao redor do grosso falo porque se ela dava prazer, ela recebia prazer.

Ele era diferente. Todos os membros do Clube eram diferentes. Era uma diferença contra a que Ian tinha lutado durante anos, ele tinha estado angustiado e finalmente o tinha aceito. Algo falhava dentro dele, ou algo era muito forte. Enquanto pensava em possuí-la, em seu pênis sepultado profundamente dentro dela enquanto Khalid a tocava, beliscando seus duros mamilos ou enchendo-a também, seu pênis se derramou, lubrificando seus dedos e suas apertadas coxas, enquanto seus quadris se arqueavam sob suas mãos.

Sua boca. Ele lamentava que sua boca não se abrigasse ao redor da cabeça de sua ereção, sorvendo-o quente e profundamente enquanto seus magros dedos acariciassem o eixo. Ele sepultaria suas mãos em seu cabelo, sentiria seus gritos que vibrariam em seu membro enquanto Khalid a preparava para o jogo adicional.

Ele apertou seus dentes, apertando seus dedos sobre a protuberante cabeça enquanto imaginava sustentá-la aberta, encaixando-se entre os suaves pregas da carne entre suas coxas e enchendo-a. Lento. Ele empurraria muito lento, sustentando-a enquanto ainda ela lutava para aceitá-lo, a malha de cetim de seu sexo o agarraria, esforçando-se por estirar-se ao redor de sua largura.

Ele tomaria primeiro. Ele a encheria, transaria-a até que ela gritasse no ponto culminante e pedisse piedade antes de que lhe permitisse que outro a tivesse. Primeiro, lhe pertenceria. Ele marcaria cada polegada doce de seu corpo com seu toque e se asseguraria que ela sempre recordasse a quem pertencia. Deixaria-o impresso em sua mesma alma. Que ela foi sua primeiro.

Dela.

Ele fez erupção. Um gemido rouco encheu o quarto enquanto sua liberação explodia desde sua franga, estremecendo seu corpo e o deixava ofegando, pensando em sua aceitação, gritando seu nome. As correntes sedosas do sêmen encheram sua mão, salpicaram em sua camisa, mas não fizeram nada por diminuir sua fome. Só Courtney poderia aliviar aquela dor, e esta noite, ela o saciaria, ou ele terminaria por transá-la até morrer no intento.

Capítulo 4

Courtney soube, quando Khalid pendurou o telefone em meio da comida, que tinha estado falando com o Ian. Khalid não lhe disse nada, limitou-se a continuar comendo, tão encantador e perverso como sempre. Contou-lhe dos anos que passou na terra de seu pai, das aventuras que viveu nesse lugar e também do harém que lhe tinha agradável.

Era um companheiro interessante e recordou muito ao Sebastian. Sabia que se alguma vez se conheciam seriam os melhores amigos.

—Terminou? —perguntou-lhe ele quando ela se separou seu prato. Quase não havia tocado o delicioso salmão que pediu, não estava faminta de comida.

—Acredito que sim —suspirou ao terminar o vinho e o olhou com curiosidade—. Estava falando com o Ian, não é certo?

Os lábios do homem se torceram e seus olhos negros encontraram os dela com pesar.

—Parece que seu estado de ânimo é um pouco mais intenso que de hábito. É obvio, exigiu que voltasse... agora, acredito que disse.

O sorriso satisfeito que curvou seus lábios a convenceu de que ele desfrutava ao desafiar a seu amigo.

Ela conseguiu reprimir um grito de regozijo que talvez não refletisse grande maturidade, mas o entusiasmo que irradiava era tremendo.

Khalid se reclinou em seu assento, levantando sua taça para beber de maneira casual, enquanto a olhava.

—Não me há dito que ele retornemos declarou o óbvio.

—Isso não significa que não o deseje —lhe assegurou com um amplo sorriso—. Correria direto a seus braços se pensasse que com isso obteria meu objetivo.

—E qual é seu objetivo? —elevou as sobrancelhas.

Ela inclinou a cabeça, abandonando a máscara de diversão que tinha adotado toda a noite e permitiu que a determinação que podia sentir em sua alma se refletisse em seu rosto. Pôde-a sentir crescendo dia a dia, a segurança de que estava no correto. Tinha eleito sabiamente, e a batalha que liberava terminaria com êxito.

—Quero seu coração —finalmente disse com suavidade—. Como disse antes, amo-o.

Ele piscou uma vez. Ela tinha o pressentimento de que poucas pessoas poderiam surpreender ao Khalid, mas ela o tinha feito. O cínico, arrumado filho de um príncipe a contemplava como se ela se metamorfoseou de repente em um ser estranho.

—Interessante —ele se inclinou para ela, apoiando os braços na mesa enquanto a observava—. É obvio, é consciente de que Ian acredita que não tem coração. Como capturas algo que um homem acredita que não possui?

Ela sabia que seus lábios se curvaram com tristeza ao pensar no Ian e no coração que ele acreditava que não possuía. Havia uma acossada luz nos olhos do Ian, uma escura, quase escondida sombra de dor que ela desejava mais que nada apagar. Tão ingênuo como sabia soava, ela desejava encher a vida dele de luz, com amor. Queria ver em seus olhos o mesmo brilho especial que tinham os olhos de seu pai ao olhar a sua mãe. Esse sorriso secreta, quase perplexa, que adornava seus lábios cada vez que sua mãe estava perto. Queria o mesmo para o Ian.

—Você lhe ajudará a encontrá-lo. Um passo de uma vez —ela só podia rezar por que os passos que estava dando fossem os corretos. Só podia seguir seu coração e sua intuição feminina e esperar não cometer nenhum engano drástico.

—Pensa que seu amor pode trocá-lo? —olhava-a com uma mescla de compaixão e de diversão—. Reformá-lo tanto para falar?

—Nem tanto —alguns homens deveriam ser colocados em canetas e tiradas só para engendrar, pensou ela. Não entendiam às mulheres, nem quão regulável era seu amor—. O amor não tenta trocar o que já é, Khalid. Só procura ser parte disso. Por sorte para o Ian, descida ser parte de sua vida e de sua sexualidade. Não procuro trocá-lo.

Outra vez, seu olhar pareceu aturdida, como se não pudesse entender completamente do que falava ela.

—Verá-o —lhe assegurou com um sorriso—. Terei êxito, Khalid. Desde que era uma criança sei que pertenço ao Ian. Só tenho que convencê-lo a ele —apoiou os pés no chão para levantar-se e o olhou de maneira inquisitiva—. Vamos?

Ele assentiu.

—É obvio —rodeou a mesa e colocou a mão nas costas dela para conduzi-la fora do restaurante para a limusine que os esperava.

Courtney podia sentir o sangue palpitando em seu corpo enquanto retornavam ao complexo residencial do Ian. Ele sabia, é obvio, que ela estava manipulando a situação. Ian não era nenhum tolo. daria-se conta de que uma vez que soubesse como empurrá-lo, não o abandonaria. Ela estava jogando um jogo perigoso e sabia bem. Ian era um homem experiente e na plenitude. Ela não era mais que uma novata, mas uma novata muito decidida, disse-se com satisfação.

—Esse sorriso é espantoso, Courtney —refletiu Khalid rendo, ao aproximar-se da limusine—. Acredito que posso muito bem sentir um pouco de pena por meu bom amigo Ian e não do pequeno pintinho que temia que ele devorasse. Neste caso, acredito que o pintinho tem dentes e o lobo está indefeso.

O pensamento de seu êxito era tão excitante como o pensamento do Ian esperando-a, exigindo sua volta.

Podia sentir seus seios turgentes e sensíveis enquanto se pressionavam contra o tecido de sua blusa, seus mamilos roçando o material e enviando faíscas quentes de desejo por seus terminais nervosos diretamente a seus inchado clitóris. E essa pequena massa de nervos exigia alívio. Um alívio que não tinha conhecido nunca, que nunca tinha encontrado só, já que tinha falhado com o Sebastian.

—Desejo-o com cada célula de meu corpo, Khalid —sussurrou ela ansiosamente—. O desejei assim desde que era pouco mais que uma criança. Antes inclusive de saber o que era o desejo sexual nem quão intenso poderia ser, sentia isto pelo Ian.

O olhar masculino se deslizou por seu seios enquanto se sentava frente a ela, seus olhos escuros eram ardentes e cheios de luxúria.

—compartilhei mulheres com o Ian, pintinho. Não será fácil para você —lhe advertiu.

—Não desejo que seja fácil —suspirou avidamente, movendo-se sobre o couro, suas coxas apertando-se ao pensar que logo, muito, muito em breve estaria frente a Ian outra vez. Talvez um Ian mais faminto, que tivesse abandonado a batalha para tê-la em sua cama.

A expressão do Khalid se fez mais sensual, o desejo brilhava em seus olhos, embora não disse nada mais. Ela podia adivinhar seus pensamentos, a luxúria que se acendia lentamente durante o trajeto, a ereção que crescia sob suas calças.

Ela tomou fôlego lenta e profundamente quando a limusine se deteve frente aos degraus que levavam a casa. Esperou com paciência a que o chofer abrisse a porta, lhe ajudando a sair antes que Khalid.

Seu coração se desbocava em seu peito, seus sucos se acumulavam entre suas coxas e umedeciam os inchados pregas de sua vagina, enquanto o mordomo abria a porta. O calor da casa os recebeu quando entraram, a tensão sexual imediatamente os rodeou ao entrar Ian no saguão.

Seus olhos eram selvagens. O azul irlandês brilhava sob as grosas pestanas negras quando seu olhar se dirigiu primeiro ao Khalid e logo a ela.

—boa noite, Ian —Khalid foi o primeiro em falar, sua voz se fez mais rouca enquanto deslizava sua mão das costas à curva do quadril feminino—. Como pode ver, entrego-a sã e salva.

—É certo —grunhiu Ian e fez um gesto ao mordomo para que partisse.

O homem se retirou à parte traseira da casa depois de fazer uma inclinação.

—Acredito que é hora de me deitar —Courtney ignorou o galope de seu sangue e o desejo que a estava destroçando.

deu-se a volta e sorriu ao Khalid, antes de aproximar-se e lhe dar um beijo prolongado na bochecha.

—passei uma noite muito agradável.

—Não mais que eu, doçura —disse ele com voz escura pela luxúria—. Tentarei verte de novo logo.

—Ian —se voltou para ele, ignorando a perigosa imobilidade de seu corpo—. boa noite. Talvez te veja pela manhã.

—Acredito que não.

Suas palavras a surpreenderam.

Ele se moveu rapidamente e se deteve frente a ela, alto, largo e excitado enquanto a olhava, lhe bloqueando o passo para as escadas.

Courtney levantou uma sobrancelha com brincadeira.

—É bastante tarde, Ian.

Era consciente de que Khalid observava o intercâmbio com ardente interesse.

—Tocou-te? —não havia ciúmes em sua voz, a não ser fome.

—Importaria-te? —perguntou-lhe ela com um sorriso, uma curva deliberadamente sensual em seus lábios, como a que ela tinha visto sua mãe dirigir a seu pai quando paquerava abertamente.

Viu como os olhos dele se obscureceram antes de voltar-se para o Khalid.

—Tocou-a?

—Ela te pertence —disse Khalid suavemente—. Conheço as regras do Clube, Ian. Inclusive aquelas não escritas.

O fogo acendeu seus mamilos quando Ian fixou os olhos neles.

—Isso jogos que joga —exclamou ela com um suspiro—. Pensei que foi um pouco mais honesto sobre seus desejos, Ian. Esses caprichos não são seu estilo.

Franziu o cenho e se fez a um lado para passar, mas ele se moveu de novo para ficar frente a ela.

—Perguntei-me esta tarde —disse ele, deslizando a jaqueta dos ombros femininos—. Se for tão valente respeito a seus desejos como parece ser. É-o, Courtney?

—Talvez mais que você, Ian —ela terminou de tirá-la jaqueta e a deixou cair ao chão, a seus pés, enquanto ele a tirava dos braços, menos que suavemente, girava-a com rapidez e a levava a salão onde tinha estado antes de que chegassem.

Courtney não tinha idéia do que tinha acontecido com o Khalid e para ser absolutamente honesta, nesse momento não lhe preocupava. Outros não tinham lugar nesta primeira confrontação entre ela e Ian. Não necessitavam audiência nesta sutil batalha que decidiria se ela se voltaria especial para ele ou simplesmente seria a criança que o obrigou a levá-la a sua cama apesar de suas boas intenções.

Ele estava lutando por puro hábito, isso sabia. A amizade dele com seu pai trocava as regras para ela, o fazia mais difícil o tomá-la. Courtney tinha que ganhar esta primeira confrontação, lhe demonstrar que era diferente às demais. Não era seu estilo de vida o que a atraía, como tinha ocorrido com as outras amantes que o tinham

procurado. Era Ian, seu toque, seu coração, o que a atraía. O resto era simplesmente um doce e pequeno benefício adicional.

Uma vez dentro do salão, ela se soltou e lhe enfrentou. Ele a observou com olhos escuros e brilhantes.

—E agora o que? —ela apoiou as mãos em seus quadris e o olhou com um sorriso audaz em seus lábios, um desafio que dizia que não acreditava que ele levasse a cabo os perversos pensamentos que corriam por sua mente. E eram perversos. Podia vê-lo na crua sensualidade de sua expressão, na forma em que seus olhos se Entrecerravam.

Aquele olhar afetou diretamente sua vulva, fazendo que sua vagina se enchesse de um líquido cremoso que aliviou os nus pregas que a rodeavam.

—Seu que acredita?

Ah sim, ele estava zangado. Podia ver a cólera palpitar dentro dele, mesclando-se com a excitação, empurrando seus limites, provando seu controle.

Ela se encolheu de ombros negligentemente.

—Não tenho nenhuma pista, Ian. Deveria me despir para você? —abriu os braços—. Ou deveria ir de joelhos para você? Não investiguei as regras adequadas que deve seguir uma mulher total, embora não é o papel que pretendo jogar, talvez você deveria me dizer o que é o que esperas de mim.

Deixou cair os braços a seus flancos enquanto o olhava inquisitivamente. Não é que ela esperasse uma resposta clara dele. Se algo sabia dos homens iracundos era que poderiam cortá-la nariz para ferir sua faces. Eram obstinados, arrogantes e era mais provável que negassem o óbvio antes que admiti-lo. Que criaturas tão obstinadas, suspirou com pesar.

—Acredita que ser uma nenita atrevida é lindo, não, Courtney?

OH, merda. Como tinha descoberto ele uma de suas fantasias favoritas tão condenadamente rápido? Essa fantasia freqüentemente lhe impedia de dormir, úmida de suor, com as coxas tremendo pela necessidade da liberação, suas nádegas apertando-se com a evocação de calor enquanto ela imaginava sua palma açoitar com força seu traseiro.

—Estou sendo atrevida, Ian? —seus dedos se dirigiram ao pequeno aro de esmeralda que perfurava seu umbigo e começou a jogar com ele com estudava preguiça—. Pensei que me estava levando muito bem. É obvio, sempre tem a opção de me castigar. Quer me castigar? —deliberadamente adotou um tom de voz mais suave, mais inocente, enquanto seus olhos se abriam com fingida surpresa—. me Açoite —respirou ela de modo sedutor. —me açoite com vontades.

Os olhos dele brilharam selvagens e ardentes.

—Acredita me conhecer —grunhiu—. Acredita que seus suaves sonhos estão a salvo comigo e que pode continuar jogando. Isto não é um jogo, Courtney. Não é um capricho sexual para mim, é um estilo de vida e o que exijo de você não será nada comparado com o que acredita conhecer.

—Hei agido como se estivesse jogando? —arqueou uma sobrancelha com brincadeira—. Sei mais sobre você do que imagina, Ian. Estou consciente de que isto não é um jogo —seu coração e sua vida eram assuntos muito sérios para ela—. Minha pergunta é, está-o você?

—Ainda é virgem?

Essa era uma pergunta que já esperava.

—Só em seus sonhos —seu olhar se posou nos punhos apertados dele dentro dos bolsos de suas calças, que estiravam o tecido sobre sua grossa ereção—. Sonha com isso, Ian? tomando minha inocência? sendo o primeiro? Se o tivesse sabido não teria estado tão impaciente por me liberar dela.

Mas ela o conhecia melhor. Conhecia o Ian o suficiente; além disso tinha ouvido por acaso a seus pais dizer que nunca se sentiria bem se lhe arrebatasse sua virgindade. Ele o teria lamentado e ela não queria isso para ele, nem para si mesmo.

—Nunca —disse Ian abruptamente—. Se quisesse uma maldita virgem poderia encontrá-la em qualquer momento.

—Mas não uma maldita virgem chamada Courtney —lhe recordou ela docemente—. Pode ter deixado acontecer o escudo de pureza, mas ainda há muito que pode me ensinar. Você não gostaria de me instruir, Ian? —ela se aproximou, provocando-o deliberadamente, zombando-se dele—. me Ensinar seus prazeres? me deixar gritando de êxtase e desejo? Não pode ser o primeiro em me tocar, mas talvez seja o primeiro em me possuir.

Tirou-a dos ombros, apertando-a, enquanto a empurrava a uma cadeira próxima e se separava. A força e a dominação desse ato foram suficientes para debilitar seus joelhos. O pensamento de que ele estava perdendo o controle fez cantar seu sangue de regozijo.

—te incline na cadeira —grunhiu ele—. antes de que isto vá mais longe, saberei com certeza. Confia em mim, Courtney, você não quereria que eu tomasse se fosse.

—OH, realmente, Ian...

—Agora! —o estalo de sua voz a fez estremecer. Dominante, áspera, no limite do controle. Mas não fora de controle. Ele estava determinado a manter-se afastado dela, e ela sabia que não poderia sobreviver a essa distância.

Courtney tremia violentamente por dentro, lutando para não lhe suplicar um beijo, uma carícia, mais ainda quando ela sabia que ele queria fazê-lo. teria se aberto de boa vontade para ele, se isto fosse mais que um experimento, uma prova furiosa que ele sentia que ela não passaria.

—Não acredito, Ian —lhe disse com brutalidade—. Não sou uma marionete que possa dirigir, tampouco sou um brinquedo que possa usar a seu desejo. Posso obter algo melhor que isto de qualquer gigoló que encontre em qualquer esquina.

Ela ficou de pé e a pernadas se aproximou da porta, com a ira bulindo em seu corpo. Nem sequer um beijo. Não a tinha beijado, não a tinha acariciado, nem lhe tinha dado nada que indicasse que ele desejava mais que o saber que sua vagina ainda conservava sua pureza. Bastardo. Que a condenassem se ela se abria para ele.

—Se sair por essa porta, Courtney, pode ir se esquecendo de compartilhar minha cama algum dia.

—Como se seu cama fora o que eu sou —soprou e se deteve, voltando-se para ele, consciente de que as luzes do vestíbulo iluminavam seu corpo. —Pobre Ian. O mais elevado de todos os Troianos. O amo do Clube, o dominante extraordinário. Que triste é que permita que algo tão insignificante como a suspeita de virgindade se interponha entre você e a fome que te devora e que me devora também. Não me importa me render a seu desejo, mas nunca submeterei a seu fúria auto-infligida porque quer algo mais que seus regras estúpidas. vá ferrar a alguém desejosa de abrir-se e de olhar para a parede enquanto você satisfaz seu curiosidade insana. Eu mereço mais que isso e que me condenem se aceitar menos.

Ela se aproximou da entrada, tomou sua jaqueta que ainda estava tiragem no chão de mármore e caminhando depressa subiu as escadas. Seus saltos trepidaram enquanto sentia que o olhar dele a seguia, sabia que só o estava empurrando mais. Não era uma opção que ela pudesse manipular. Sabia que teria que empurrar ao Ian para que abandonasse seu rígido autocontrole e admitisse que ela era diferente. Se ela se rendesse a ele como qualquer outra mulher, então seria pouco mais que uma entre todas as que tinham passado por seu dormitório. Ela era única. Pertencia-lhe única e completamente a ele e deveria forçá-lo a admitir isso. Sua própria satisfação, seu futuro, demandavam-no.

Não tinha terminado de subir as escadas, quando o sentiu detrás dela. Alto e quente, poderosamente sexual enquanto a tirava da cintura, girando-a, empurrando-a com força contra a parede um segundo antes de que seus lábios possuíssem os sua com uma força dominante, poderosa, que fez tremer seus joelhos.

Não houve advertência nem petição de licença. Não era um homem que pedisse submissão, exigia-a, negando-se a aceitar menos que isso. E Courtney se encontrou indefesa ante isso. Ele enredou os dedos em seu cabelo, evitando dessa maneira que ela se separasse. Os lábios do Courtney se abriram, um gemido quebrado escapou deles enquanto o prazer alagava cada célula de seu corpo. Uma intensa sensação elétrica explodiu no centro de seu estômago, banhando-a em uma felicidade preorgásmica.

Como podia o toque dos lábios de uma pessoa provocar tal prazer?

Ela deslizou as mãos para seus ombros, as movendo freneticamente sobre o fino tecido de sua camisa; depois, agarrou os fios de seu cabelo e começou a esfregar seu couro cabeludo tentando aproximar-se mais ainda para aprofundar um beijo que já tinha alcançado sua mesma alma.

OH, Deus, ele a consumia.

Sua língua lambeu a sua, entrelaçando-se com ela. Inclinou ainda mais a cabeça para poder devorar suas profundidades, enquanto suas mãos começaram a percorrer seu corpo; eram mãos ligeiramente calosas, que a raspavam quando lhe levantou a blusa sobre os seios para poder liberar os sensíveis montículos inchados.

Ela teria gritado se tivesse fôlego. O prazer era feroz, destrutivo e debilitava seus músculos, a fazia arquear-se e apertá-lo mais contra ela, em tanto ele espremia seus mamilos. Ele atirou das duras pontas até que ela gemia pelo desejo frustrado, sua vagina se contraía pela necessidade, enquanto o cremoso líquido quente se deslizava desde sua vagina aos nus pregas úmidos.

Courtney podia sentir as chamas em sua carne quando ele se separou de repente os lábios dos seus para deixá-la tomar fôlego. Beijou seu pescoço arqueado e baixou ainda mais, até que ela sentiu que sua boca cobria violentamente um mamilo sensível.

—O que me está fazendo...? —estremecendo-se falou no idioma de sua mãe—. O que me está fazendo, Ian? —quase não podia respirar, já não digamos recordar que idioma usar.

Ela apoiou a cabeça para trás, contra a parede, seus sentidos atentos a cada toque do Ian em sua carne. Ele colocou os dedos ao redor do inchado montículo de seu seio, provando seu peso e o que ela experimentava quando o sugava com força, enviando sensações perversas por seu corpo.

Ele era pecadoramente sexual; mordiscava seu mamilo enquanto com a outra mão fazia o mesmo com o topo oposto. Cada toque, cada movimento estava destinado a destruir sua prudência, a fazê-la manipulável. Total.

Ela lutou contra a bruma de atordoamento que enchia sua cabeça, uma parte dela reconhecia, com diversão, as táticas que ele estava usando. Como se fora uma das inumeráveis mulheres com as que se esteve deitando durante anos. Abafá-la na sensualidade, capturar seus sentidos e mantê-los assim até que ele tivesse acabado. Até que tivesse extraído cada medida de prazer de seu corpo, deixando-a frágil e exausta. Incapaz de pedir seu coração, insensível devido às sensações com as que ele a tinha cheio.

E ele estava tão perto de seu objetivo. O prazer era como um torvelinho, engolindo-a, levando-a mais profundo no abismo de sexualidade que abriu em seu interior.

Isto seria uma batalha.

As mãos de Ihe soltaram o cabelo, as unhas Ihe arranharam o pescoço enquanto suas mãos se deslizavam sob sua camisa.

Ele tremeu. Quando ela sentiu esse tremor revelador, sua matriz se convulsionou em resposta. Uma mão dele se posou em sua cintura, a outra em seu cabelo, um suave murmúrio ressonou em sua garganta.

Era uma advertência.

Ela lutou por recuperar o fôlego, com seus lábios Ihe roçou a orelha, enquanto a mão dele se deslizava de sua cintura para sua coxa, justo por debaixo de onde terminava a saia curta e coquete que usava.

—Estou tão úmida, Ian —ofegou ela contra seu ouvido, mordiscando o lóbulo e balançando os quadris para ele.

—Cala —seus lábios se moveram sobre um mamilo avermelhado, a dura ponta estava tão sensível já, que a carícia de seu fôlego era quase dolorosa.

Sua mão se deteve na coxa feminina enquanto tentava recuperar o fôlego.

Ela deslizou suas mãos por sua camisa e apertou o tecido antes de rasgá-la, escutando com satisfação o ruído dos botões ao cair.

Ian levantou a cabeça para olhá-la com seus olhos azuis obscurecidos, seu rosto estava avermelhado pela tensão sexual. Apertou-Ihe a coxa.

—estive morrendo por te saborear —Ihe beijou o pescoço, Ihe dando toquezinhos com a língua onde batia o pulso sob a carne—. Posso te saborear, Ian?

Courtney não tinha intenção de ser suave. Não queria suavidade, queria ao Ian, toda sua fome, toda sua sexualidade, e Ihe daria exatamente o mesmo. Seus dentes chiaram sobre sua clavícula, sua língua rodeio rapidamente seu plano e duro mamilo antes de mordiscá-lo juguetonamente.

—Maldita seja, Courtney —parecia pouco agradado com o estremecimento que percorreu seu corpo.

Ela dobrou os joelhos, seus dedos se moveram ao cinturão das calças dele, em tanto se o fazia água a boca.

A dura ereção de sua franga estava ante seus olhos, oculta só pelo tecido.

Tirou-Ihe o cinturão com rapidez, pese ao tremor de suas mãos.

Quando seu dedo liberou o broche metálico de suas calças o olhou. Tomou a lingüeta da zíper, lambeu-se os lábios e a baixou lentamente.

Ian observava atento a audácia nos olhos do Courtney, o desafio em sua expressão ao baixar lentamente a zíper de suas calças e enganchar depois as mãos na banda das cueca para liberar sua engrossada franga.

Suas mãos pareciam chamas de seda. Tudo o que ele podia fazer era permanecer imóvel, suportar sua paquera, seu olhar zombador, seus suaves dedos rodeando seu membro, agitando-o, ameaçando o autocontrole que sempre tinha sido parte dele.

Ele não estava a ponto de render-se a seu desafio.

Não estava a ponto de render-se ao desejo que via nos olhos dela. O desejo de quebrá-lo. Ela queria todo aquilo ao que ele havia tornado as costas fazia muitos anos. Queria algo que ele nunca poderia voltar a ser.

—Tão duro —sussurrou ela, seus lábios se curvaram com brincadeira. Ele não soube se se referia a sua franga ou a ele em particular.

Olhou-a em silêncio, perguntando-se que tão longe se atreveria a chegar, que tão longe levaria essa charada que tinha iniciado. A inocência que brilhava em seus olhos escuros, puros, doces, fez que seu coração se apertasse em seu peito. Nenhuma mulher tão suave, com um olhar tão puro, poderia ser quão tentadora ela pretendia ser.

Então ela se lambeu os lábios. Um lento e sensual movimento de sua sedosa língua rosada sobre seus lábios plenos e curvados. Sua franga agitando-se em suas mãos como uma bomba de luxúria açoitando seu sistema. Fera. Ameaçando seu controle.

Ian fez uma careta ante a rápida onda de prazer, logo apertou seus dentes com furiosa determinação quando a língua dela tocou a cabeça de seu membro, e se deslizou ao redor.

—Ferrar!

Ela o consumia.

Os lábios femininos se abriram sobre a ampla crista, rodeando-a com um prazer abrasador, atormentador tão esmagante que ele não estava seguro de não derramar sua semente. Agora.

E ela não tinha piedade.

Como se seu deslize fora o que tivesse estado esperando para trocar da inocência à luxúria pecadora de um só golpe. Os olhos dela se obscureceram até voltar-se quase negros, sua boca se abriu e a cabeça de seu membro desapareceu em suas úmidas profundidades.

—Maldita seja, Courtney —ouviu o som estrangulado, faminto de sua própria voz e se teria estremecido pela profundidade do desejo que revelava se tivesse tido a força para fazer algo além de conter sua liberação.

Enredou os dedos nas sedosas mechas de seu cabelo, enquanto a sentia albergar comodamente seu membro na escura, cálida caverna. E olhar.

Olhar como sua franga entrava e se deslizava pelas úmidas curvas de seus lábios e como a língua o acariciava. Olhava enquanto voltava a pressionar, sentindo como o saboreava, consumia-o, enquanto seus próprios movimentos eram mais profundos e fortes.

Era o mais sensual e erótico que ele tinha visto alguma vez.

por que? Como podia uma mulher o que ele quase juraria era virgem, afetar o desta maneira?

—Chupa-a, neném —gemeu ele bruscamente, apertando suas coxas em tanto seu testículo lhe doíam pela necessidade de correr-se—. me Chupa isso toda, carinho.

Ele só poderia olhar como ela introduzia seu pênis mais para dentro de sua boca, quase até tocar sua garganta, com a carne sensível que absorvia os gemidos femininos, enquanto ela abria mais seus lábios, avermelhados já, o que lhe dava uma aparência carnal e pecadora.

E aquela língua.

Parecia uma chama que açoitava, atingia, vacilava, sob a sensível cabeça, esfregando, acariciando...

—Ferrar, sim. Chupa minha franga, Courtney —ele sentia os joelhos frágeis, sensações totalmente inesperadas alagavam seu corpo.

O prazer era tão intenso. Muito intenso. Era destrutivo.

—Tão bom... Essa doce boca que apura tanto... OH, diabos, sim, lambe minha franga, carinho, lambe-a como se fora um doce...

Ela o estava matando.

Courtney retrocedeu então, tentando liberar-se das mãos dele em seu cabelo, sua língua se curvou sobre a protuberante ponta avermelhada antes de tirar a de sua boca. Ele voltou a empurrar, ela se separou, levantando-se devagar, enquanto se passava a língua por seus lábios inflamados.

—boa noite, Ian —sussurrou então, suas demolidoras palavras foram como um golpe, enquanto a olhava ruminando com luxúria. A fome que crescia dentro dele era quase violenta. O suficientemente forte e intensa para aterrorizá-lo.

E ali estava ela, de pé, com a confiança brilhando em seus olhos, com a ira iluminando-os.

—Que mais quer? —ele sentia vontades de uivar pela fome furiosa.

Um pequena sorriso triste apareceu nos lábios femininos, avermelhados depois de que ele os ferrasse.

—Quero-o todo —sua resposta o impressionou—. Todo, Ian. Não o tinha notado?

Capítulo 5

A porta de dormitório se abriu menos de dois minutos depois de que Courtney a fechasse detrás dela, Ian entrou no quarto e a fechou com um frágil controle que fez correr tremores por seu espinho.

—Estas procurando que te viole, Courtney? —Ele se apoiou contra a parede, cruzando seus braços sobre sua camisa rota enquanto a olhava com olhos ardentes—. Não te ensinou alguma vez seu mãe que é melhor não provocar a um homem dessa maneira?

Ela levantou seus ombros com negligência enquanto se tirava a ajustada blusa e a atirava sobre o largo arca aos pés da cama.

Uma luz suave se derramava dos abajures de noite, enfatizando o pesado mobiliário escuro e a expressão meditabunda do homem que a olhava.

—Não te mentirei —Ela abriu o botão a sua saia e a deixou cair ao chão enquanto se tirava os sapatos—. Não vim aqui para te transar. Ian. Vim para te pertencer. Há uma diferença. Não sou uma de seus pequenas submissas entrevistas de uma sozinha noite.

Os olhos dele flamejaram, obscurecendo-se a um azul meia-noite azul enquanto sua expressão se voltava selvagem, intensa. Havia fome ali, mais fome da que Courtney tinha visto alguma vez refletida na face de um homem. Mas também havia cautela, remorso.

—Então não deveria te empurrar para minha cama —lhe disse ele—. Há só um tipo de mulher que me une ali, Courtney. E não é uma pequena e terna inocente com estrelas em seus olhos.

Ela empurrou para trás a labareda de dor que sua declaração lhe trouxe.

Ela sabia, é obvio. Ah, não era exatamente o tipo de mulher que ele usava. Mas ele queria mais. Ela o tinha visto em seus olhos quando sua franga se afundou em sua garganta. Ela tinha visto ali emocione que bramavam, e sabia que ele as escondia a si mesmo tanto como a ela.

—Fica com seu cama, Ian —Ela pretendeu ser inconsciente da luxúria que ardia em seus olhos enquanto ela, quase nua agora, caminhava até a cômoda e tirava de um puxão uma curta camisola de seda da gaveta superiora—. Não sou mulher de uma sozinha noite na cama de nenhum homem. Sobre tudo a sua —Ela passou a camisola sobre sua cabeça, tirando o tanga quando o arena caía sobre seus quadris

Se ela não estava confundida, a temperatura no quarto tinha subido vários graus. Ela podia sentir que o calor se movia no ar a seu redor, acariciando os sensíveis terminais nervosos, que ainda tremiam pelo contato do Ian.

—Você sabia quando começou esta atordoada campanha que estas levando a cabo, Courtney —lhe disse ele—. Me conhece, talvez melhor que a maior parte de ...

—Melhor que ninguém —adicionou ela com tranquilidade, confrontando-o diretamente agora—. Não te engane Ian. Conheço-te muito bem. E isto é só porque estas aterrorizado de me ter em seu cama. Sabe que não serei a entrevista de uma noite. Uma vez que me tenha, só quererá mais.

—Não é exatamente “batatas fritas”, Court —grunhiu ele, seus lábios fazendo uma careta zombadora.

—Para você, serei uma droga —Ela baixou sua voz, lutando por controlar sua respiração, o batimento áspero de seu coração—. Da que te fará cada vez mais viciado, uma vez que a prove. Porque isso é o que você é para mim, Ian. Uma droga. Viciante. Não posso conseguir te tirar de minha mente, nem de meu coração ...

—É um amor, Courtney —lhe sussurrou ele suavemente então, movendo-se através do quarto, sua expressão tão terna a fez querer chorar—. Uma obsessão imatura.

Ali estava. O único modo em que ele pudesse permitir-se sentir algo por ela. Como se fora uma criança que precisasse ser acariciada na cabeça.

—OH, termina-a, Ian —Ela tratou de afastar-se dele. Não podia lhe permitir que a tocasse, não agora, não enquanto ele tratava de convencer-se de que ainda era uma criança—. Nunca tive um amor.

—Você sempre tiveste um amor comigo —A confiança em sua voz raspava sobre sua paciência—. Quando só tinha dezesseis anos, olhava-me como se eu fora Deus.

—Quando tinha dezesseis anos, colocava-me sigilosamente no armário de seu dormitório e os olhava, a você e a meu guarda-costas, transar a minha criada —informou ela alegremente—. Tenho feito isso durante vários anos, Ian. Estou cansada de olhar.

Ele escondeu bem sua surpresa. Simplesmente a olhou fixamente, sem piscar, seus olhos eram quase negros enquanto a fome flamejava neles.

—Olhava?

—Sim, em efeito, o fazia —lhe assegurou ela—. E cada vez que via seu pênis dando prazer a outra mulher sabia o que queria. A quem queria. Não sou uma tola. Nem tampouco sou tão pouco atraente que não possa chamar a atenção para manter cheia minha cama, se isso for o que quero. Não tinha que vir. Poderia haver ficado na Inglaterra e ter transado até que o inferno se congelasse. Mas vim aqui, contigo.

Seu queixo se apertou.

—É uma tola, Courtney.

—Estou de acordo contigo, de todo coração —lançou ela, movendo-se através do quarto antes de dar-se volta para enfrentá-lo—. Deveria preparar minhas bolsas e ir a casa. Estou segura que ali posso ser facilmente transada mas também posso sê-lo em seu cama. Demônios, e muito mais fácil, E com algo de emoção.

Ele passou seus dedos bruscamente por seu grosso cabelo, fulminando-a com seu olhar.

—Me estas empurrando, neném. E que alguém me ajude. Deus sabe que não quero te fazer mal.

Mas ele estava excitado. Ela podia vê-lo em seus olhos, no vulto em suas calças. Ele estava muito excitado de só pensar em tomá-la, em domá-la, tanto que quase não podia controlar-se.

Ela tinha perdido seu controle meses, anos antes.

—Estas seguro que não sente a necessidade de me fazer mal? —perguntou-lhe ela então.

—Sinto a necessidade de te açoitar o traseiro até que brilhe —lhe grunhiu ele finalmente, suas mãos se apertaram, enquanto as afundava nos bolsos de suas calças.

Ela deixou cair suas pálpebras, deixou passar seu próprio fluxo de fome enquanto seu traseiro começava a estremecer-se.

—me açoite —sussurrou ela então—. Arrumado a que lhe imaginaste isso, Ian. me ter sobre seus joelhos, açoitando meu traseiro nu enquanto te peço que não o faça. Chamo-te acaso, Tio Ian, enquanto o faz? Imaginaste-o alguma vez? Por favor, Tio Ian, não me pegue.

Ela o estava tentando, zombando-se dele, e sabia. Ela podia possivelmente está-lo empurrando a passar um limite para o que ela talvez não estivesse completamente preparada, ainda. Mas parecia não poder deter-se si mesmo.

Uma feroz tormenta fez erupção em seu corpo, em seus sentidos.

—Por favor, Tio Ian, não me pegue.

As palavras deveriam lhe haver repugnado. Mas o acenderam, fez a sua luxúria chegar mais alto, mais quente do que alguma vez antes tinha estado. Ele podia sentir seu pênis pressionando contra sua calça, lutando por liberar-se. Enquanto olhava fixamente sua inocente expressão, muito inocente. Doce. Pura. Sua face, seus olhos, refletiam a maravilha de uma maldita adolescente. Mas seu corpo não era o corpo de uma adolescente. Os seios cheios, dilatados, suas duras pontas que se apertavam contra a seda azul escura, suplicando por seu toque. Era o corpo de uma mulher. A resposta de uma mulher.

Uma mulher a que gostava de jogar jogos muito perigosos.

Ele se moveu para ela. Um passo. Dois.

Mas a inocência estava ainda ali.

Deus os ajudasse a ambos se ela ainda era virgem.

—Quer jueguitos, amor? —Ele baixou sua voz. Apenas o justo para soar afetuoso.

—Eu gosto de jogar, Tio Ian —ela piscou inocentemente enquanto lambia seus lábios com a antecipação—. vais ensinar me alguns novos?

Ele estendeu a mão, lhe acomodando o cabelo detrás de seus ombros.

—Que cabelo tão longo, tão formoso —sussurrou ele, esfregando os fios entre seus dedos e desfrutando de sua textura de seda antes de agarrar uma grossa mecha em seu punho enquanto ele atirava sua cabeça lentamente para trás.

Ela respirava com força, seu seios se moviam com força, enquanto seus olhos escuros começaram a nublarse. Um rubor obscureceu suas bochechas enquanto seus lábios se separavam quase em um tom suplicante e suas pálpebras baixavam com sonolenta sensualidade.

Ele baixou sua cabeça, provando a doçura de mel daqueles lábios. Eles se separaram para ele, um susurrante gemido escapou de sua boca enquanto ele tomava seu lábio inferior para lambê-lo sensualmente.

—Uma moça muito malote —sussurrou ele contra suas curvas, olhando seus olhos mais de perto, vendo a dilatação de suas pupilas, a avareza sensual, tão sensual que os enchia.

Mas ela estava sobrecarregada. Ele podia vê-lo em seus olhos, em sua resposta, ouvi-lo nos pequenos gritos entrecortados que deixavam escapar seus lábios. Ela acreditava ser uma perita em lhe ocultar quão inocente realmente era, que ele nunca saberia a diferença. Mas sabia. E isto quebrou seu coração.

—Posso sê-lo —ela sorriu enquanto lhe respondia, suas fortes mãos se apertaram contra seu abdômen, seus dedos curvando-se pelo calor que encontrou ali—. Posso ser uma moça muito malote se quiser que o seja, Ian.

Querer? Era um termo bastante suave para o que ele sentia agora mesmo.

Ele podia sentir suas bolas atadas por sua entristecedora necessidade, seu membro palpitava, enorme, com uma fome que corria por todo seu corpo. antes de que ele pudesse considerar suas próprias ações, antes de que ela tivesse o tempo para protestar, ele usou o de cabelo que tinha em suas mãos para atrai-la para si enquanto se girava e caminhava os poucos passos que os separavam da parede, pressionando-a contra ela.

Seus pequenos e ofegantes gemidos quase foram sua perdição, sua resposta a ele, desinibida, sem os habituais rituais de debilitem de uma mulher, faziam-na viciante. Ela era dócil. Suas respostas inesperadas e espontâneas de prazer, sem importar como a tocasse, assombravam-no.

Ele passou sua mão sobre suas nádegas, sentindo que os músculos se apertavam em resposta. Ela estava nua debaixo da seda escura e ele sabia, sabia e não queria nada mais que prová-la, abafar-se em sua resposta.

A seda se moveu ao longo de sua carne, criando uma fresca barreira entre sua mão e sua carne quando ele passou seus dedos sobre suas nádegas. Alcançando o arena, ele começou a levantá-lo devagar, sua cabeça baixou até que seus lábios descansaram contra seu ouvido.

—Quão molhada estas, Courtney? —Ele quase se estremeceu com o som áspero, desigual de sua própria voz—. Quanto te acende o pensar a que vou ensinar te a jogar?

Ele pressionou seus dedos entre suas coxas, gemendo ante a quente umidade que encontrou ali. Não havia cachos protetores que rodeassem a carne inchada. Só os sucos doces e abrasadores que cobriam suas sensíveis pregas.

Ela se sacudiu em seus braços quando seus dedos rodearam a pequena entrada a seu sexo. O calor molhado chamejou seus dedos enquanto ele os juntava com eles, deslizando-os para trás, seu toque suave, brincalhão enquanto rodeava a apertada, fechada entrada de seu ânus.

—É virgem aqui, Courtney? —Ele se estremeceu de só pensá-lo—. Esta virgindade posso tomá-la facilmente.

Ela estava ofegando, lloriqueantes gritos saindo de sua garganta enquanto ele se apertava contra os flexíveis músculos.

—me fale, Courtney —cantorolou ele em seu ouvido enquanto trabalhava com a ponta de seu dedo na entrada ultra quente—. Sente quão apertada estas ali, neném? Quão quente? Imagina como vai sentir se minha franga pressionando-o, enchendo-o.

Ela nunca tinha sido tomada ali. Ele podia pressenti-lo, senti-lo. A abertura ondulava ao redor da ponta de seu dedo enquanto sentia como o ligeiro bato as asas das asas de um pequeno pássaro. Ela não tinha nem idéia de como relaxar-se, como abrir-se a ele.

Ele fez uma tensa careta. Ela gritaria enquanto ele tomasse ali. Sua cabeça retrocederia, seus olhos se alargariam, aturdidos, e ela rogaria. Rogaria, porque o prazer e a dor lutariam pela supremacia e a lançariam através de sensações que ela nunca tivesse podido sequer imaginar, por outra parte.

Ele desejava ser o homem que lhe desse essa aventura. Olhar enquanto o último limite de confiança lhe era outorgado. Em troca, ele começaria a lhe dar o máximo prazer.

ia passar. Ele podia senti-lo pulsando em suas veias, palpitando em sua franga. Não havia nada que a afastasse de sua cama, nenhum maldito modo de manter suas mãos longe dela agora. Se ele não era muito, muito cuidadoso, ela poderia voltar-se seu último vício.

—Brincalhão —a ofegante acusação dela fez que os lábios dele se estirassem em um tenso sorriso enquanto movia sua mão para trás, permitindo que seus dedos se deslizassem no calor suave de seus sucos.

—fui acusado de muitas coisas —refletiu ele enquanto roçava a pequena abertura a seu sexo, sentindo o sedoso calor de seus sucos gotejando dele—. Mas nunca de bromis ...

Ele empurrou o brincalhão, tentador dedo profundamente dentro dela em um suave impulso. Imediatamente, um calor úmido, ardente envolveu seu dedo enquanto seus músculos se apertavam ao redor dele. Ela estava incrível, abrumadoramente apertada, seus espasmos rodearam seu dedo até que ele pôde sentir cada ondulação, cada resposta que revoava no calor aveludado da vulva que o abraçava.

Ofegantes gritos saíram de sua garganta enquanto ela se arqueava, apertando suas pernas, dobrando-se para trás enquanto ele sentia como sua creme lhe respondia empapando seu dedo antes de baixar ao longo de sua palma.

—Você gosta assim, neném? —Lhe mordiscou o pescoço quando ela se estremeceu contra ele—. Maldição, que apertada está Courtney. Tão apertada, que poderia me levar toda a noite colocar minha franga dentro teu.

Só pensar em ser sustentado tão ajustada, tão acaloradamente dentro de seu suave sexo o voltava louco de fome. O calor emanava de sua vagina, fundindo-se com a viva umidade e o pleno aroma de sua excitação.

—vou transar te, neném —sussurrou ele em seu ouvido, sentindo os estremeceadores espasmos em resposta a suas palavras de sua vulva—. vou empurrar minha franga tão profundamente dentro de teu, que te perguntará se alguma vez te liberará de mim.

—Não quero ser... livre —seus gritos ofegantes quase foram sua ruína—. Por Deus, Ian. Por favor faz-o outra vez.

Seu braço se dobrou ao redor de sua cintura, sustentando-a firme quando a ponta de seu dedo encontrou o molho de nervos ultrasensíveis, alto no fundo de sua vulva. Ele o acariciou suavemente, apertando seus dentes quando os tremores da sensação começaram a atormentar o magro corpo dela. Sua vulva se apertou ao redor de seu dedo, seus quadris se sacudiram contra ele enquanto ela se aproximava de seu clímax contra ele.

Ele podia sentir o desespero que se elevava dentro dela.

Ela morria por culminar.

Ele podia senti-lo, ouvi-lo nos sons suplicantes que agora enchiam o ar seu redor.

—Ian, peço-lhe isso... —ela lançou então um grito, ofegando por ar, lutando por sua liberação—. Por favor, Ian, me deixe acabar, esperei muito tempo para fazê-lo...

Ele murmurou, sem fazer caso de seus frenéticos gritos enquanto seus quadris ondulavam contra ele

—Alguma vez te correste? —ele fechou seus olhos derrotado, lutando contra a suspeita, sabendo que poderia não ter sua virgindade, mas teria sua inocência apesar de todo.

—Nunca —seu grito era já de desespero—. E se não terminar isto, Ian, me ajude, porque poderia te matar.

Ela estava tão perto. Courtney podia sentir crescer a tensão em seu sexo, o endurecimento de sua matriz, estremecimentos de prazer subiam por seu espinho enquanto Ian seguia acariciando e atormentando aquele lugar secreto dentro de sua vulva que ela não tinha nenhuma esperança de alcançar por si mesmo.

Ela tinha lido sobre isso. Mas nunca tinha sido capaz de encontrar o ponto exato, com apenas um toque direto, levando-a aos níveis de sensação que Ian construía dentro dela.

Suas unhas arranharam a parede quando ela sentiu que a ponta do dedo acariciava a sensível área, sentiu a fome se desesperada, furiosa elevando-se mais alto que nunca antes. A transpiração descia por entre seu seios, e caía ao longo de suas têmporas. Ela podia sentir um milhão de sensações diferentes que corriam sob sua carne, abastecendo de combustível a seu prazer enquanto o sangue corria por suas veias.

Ela podia sentir ao Ian detrás dela, sólido, musculoso, o calor de seu corpo queimando suas costas enquanto sua mão separava suas coxas, seu dedo separando os músculos de seu sexo.

—Mais, Ian —ela não pôde conter o grito afogado e selvagem que saiu de seus lábios—. Por favor mais.

Ela se moveu contra sua mão, levantando-se nas pontas dos pés antes de baixar outra vez, criando uma maior quantidade de fricções contra os apertados músculos que agarravam o dedo dele enquanto invadia sua vulva.

—Devagar, bebê —cantarolou ele em seu ouvido, sua voz escura, aveludada, áspera—. Só sente-o por agora. Deixa-o construir-se, Courtney.

Ela gemeu ante a suavidade de sua voz. Não era sua suavidade o que ela necessitava. Nunca o tinha sido.

—vais açoiar me agora, Tio Ian? —ela quase não podia concentrá-lo suficiente para falar—. fui muito travessa.

Ele se retesou detrás dela, sua respiração se fez mais pesada em seu ouvido.

—Não me tente, criança —grunhiu ele enquanto soltava seu braço colocado ao redor de seu estômago para permitir que sua mão se movesse à curva de um peito inchado.

Seu mamilo lhe doía, de tão duro e apertado.

—Tento-te? —suas costas se arqueou quando ele afagou o peso flexível de seu peito, seus dedos encontrando infalivelmente a possante ponta.

—Você me tenta —confessou ele bruscamente—. Muito.

Seus dedos se apertaram em seu mamilo, atirando da sensível ponta enquanto seu dedo se movia devagar dentro de seu sexo. A fricção ao diminuta parte fazia que o sangue corresse por seu sistema, seus sucros fluindo de sua vulva enquanto ela apertava seu dedo, lutando pela liberação.

Finalmente, depois de anos de inútil, desesperada-se masturbação, sonhos eróticos, e de uma fome que quase havia a tornado louca. Finalmente, ela estava a passos de ser satisfeita. Nada mais importava agora. Só o ponto culminante, a liberação e o toque do Ian.

Ele riu entre dentes divertido, sua voz baixa enquanto lhe sussurrava.

—Acaso pensa que isto vai ser fácil?

antes de que ela pudesse pará-lo, antes de que ela pudesse fazer nada mais que lançar um grito de desejo, seu dedo se saiu de seu interior, levantou sua mão mantendo-a obstinada contra seu peito e deslizou o dedo carregado de seu xarope sobre seu lábio inferior.

Ela se provou enquanto o prazer perfurava sua matriz, roubando seu fôlego.

Ela lambeu seu dedo que se retirava, sua língua estalou em um golpe sobre seu lábio enquanto ele gemia, um som baixo, faminto, em seu ouvido.

—Agora sim é uma criança boa —sussurrou ele em aprovação enquanto a movia para trás.

O mundo se inclinou a seu redor. Suas mãos se estiraram enquanto ele a girava rapidamente, arrojando-a sobre seu regaço enquanto ele se sentava no colchão da cama e empurrava sua camisola sobre seus quadris levantando-o sobre seu corpo.

Sua mão aterrisou em seu traseiro.

Não houve advertência alguma. Nenhuma permissão ou petição. Só um ardente calor repentino que a fez retorcer-se cruzada sobre suas pernas.

—Quieta —sua mão aterrisou outra vez, fazendo que seu traseiro se flexionasse em resposta.

O calor foi desde seu traseiro até sua vulva. Ela podia sentir a umidade que gotejava por suas coxas quando ouviu que abria a mesinha de luz.

Ela mordia seus lábios, sabendo o que ele encontraria ali. O tubo de lubrificação. O invasor anal que ela nunca tinha encontrado a oportunidade ou a coragem de usar realmente. por que sofrer mais do que já o fazia? Se empurrar seus dedos em seu próprio sexo não fazia nada para aliviar a horrível fome, como um maldito tubo em seu traseiro poderia lhe trazer mais satisfação?

—OH, é uma garotinha travessa, não o acredita, Courtney?

Ela o sentiu mover-se, ouviu desentupir o tubo.

—Este vem com um maravilhoso pequeno invento —cantarolou ele enquanto com uma mão separava as bochechas de seu traseiro—. Não ama a estes pequenos tubos lubrificantes? Desta forma, eu só penetrarei seu culito com ele... —ela teve vontades de gritar ante a sensação da suave penetração dentro de seu traseiro—. E apertarei...

A lubrificação encheu seu reto, crepitando dentro dele enquanto ela conjurava imagens do que estava por vir.

—Deste modo, introduzir esse invasor anal em seu pequeno traseiro vai ser mais divertido. Sem nenhuma preparação, Courtney. Sem nenhum alívio para esses apertados músculos. Deste modo, tratará com a dor tanto como com o prazer enquanto eu esteja dentro teu. E isto não é nada comparado com o que vem quando se infla.

Sua mão aterrisou em seu traseiro outra vez.

Courtney se retorceu, o que lhe fez lançar um grito ante as incríveis, entumecedoras sensações que os açoite incitavam em seu corpo.

Ela era depravada, sabia. Ela o tinha aceito fazia muito.

A sensação de sua mão aterrisando em seu traseiro, sabendo que era Ian, imaginando o olhar em sua face, a determinação acerada, sua estreita observação e esse erotismo feroz que ela tinha vislumbrado quando ele tinha realizado estes atos enquanto ela o olhava em segredo.

Agora ele a tocava.

Atingia-a.

As palmadas eróticas destruíram seus sentidos enquanto seu traseiro começava a arder unido ao ardente dor no profundo de sua vulva. Com cada pequena palmada o calor elétrico passava voando de seu traseiro, a seu sexo, a seus clitóris. O inchado broto começou a zumbir, a ondular com as sensações enquanto ela se apertava, sentindo um muito raro prazer, uma profunda tensão crescendo e empurrando-a para...

—Ainda não... —a mão dele não se levantou, a pressão se aliviou enquanto lhe dava a firme ordem.

—Maldito seja, Ian. Isso não é justo —gritou ela, tentando elevar-se de seu regaço, empurrá-lo à cama e obrigá-lo a aliviar a dor lhe queimem que se formava redemoinhos em seu sexo.

—Disse que ainda não —Sua voz se endureceu, enviando um tremor de agitação para baixo por seu espinho enquanto sua mão a atingia outra vez, mais duro, definitivamente uma advertência, em seu ardente traseiro.

Ela murmurou.

—Ian... —Ela sentiu a ponta do tubo, a baixa vibração que acariciava a entrada a seu traseiro.

—Este brinquedo foi criado por uma razão, bebê —lhe assegurou ele, sua voz se sentia sensual, um cantarola erótico. Ela quase poderia alcançar seu clímax com apenas sua voz—. Está feito para penetrar e inserir-se facilmente... —Ele uniu a ação às palavras.

O magro, ahusado dispositivo começou a penetrar a não provada entrada, estirando a malha carregada de nervos em uma ardente mordida, mais erótica que os suaves açoitos que tinha recebido momentos antes.

Ele inseriu facilmente o tubo dentro dela enquanto ela corcoveava, incapaz de manter-se tira, o prazer derramando-se por ela com tão destrutivos resultados que estava segura que estava sonhando com o toque dele mais que sentindo-o realmente.

E ela sabia que havia muito mais por vir.

O plugue era único, foi difícil encontrá-lo e comprá-lo devido a seu desenho. Ahusado, magro, foi feito para inserir-se facilmente. Uma pequena bomba atada à base do tubo permitia inflá-lo dentro do ânus, para estirá-lo suavemente.

—Demônios, isto é formoso —a voz dele foi áspera quando ela gemeu ante o insuportável prazer—. Olhar seu formoso traseiro separado pelo plugue, sabendo que seus pequenos e suaves gritos estão a ponto de converter-se em gritos de prazer ...

O primeiro grito escapou de seus lábios quando o invasor se deslizou totalmente no interior dela e a base como uma âncora se apertou na entrada.

—Tomou tão facilmente —a elogiou ele acaloradamente—. É uma criança muito má, Courtney.

Sua mão aterrisou em seu traseiro outra vez com um palmadinha.

A carícia vibrou dentro de seu traseiro, a sensação de sua mão queimando sua carne foi quase muito.

—Ian, Deus querido, me estas matando —seu ânus se apertou ao redor do pequeno brinquedo quando sentiu o áspero prazer do suave golpe, lhe enviando ondas de intensidade sexual e construindo uma fome que começava a afligir seus sentidos.

—Ainda não... —Ele respirava agitadamente, ela o pôde ouvir sua voz enquanto o sentia atando a pequena bomba ao magro cabo na base do tubo.

Ela sentiu a lenta e crescente plenitude dentro de seu reto, o estiramento de músculos vírgenes, a ardente mordida do prazer mesclada com a dor que enviava ondas crescentes de sobrecargas elétricas por seus terminais nervosos.

Ela podia sentir seus sucos fluir de seu sexo, cobrir os pregas de sua vulva por diante, descer por suas coxas e conseguir aliviar a necessidade de seus clitóris. E ainda assim, a plenitude aumentava. As ardentes sensações cresciam, emergiam de seu traseiro e se estendiam por suas terminações nervosas que começaram a transmitir a dor e o prazer pelo resto de seu corpo.

—Tranquila, bebê —cantarolou Ian enquanto Courtney compreendia que estava corcoveando em seu regaço, tentando aproximar seu traseiro, forçá-lo a completar os agonizantes e lentos ajustes de tamanho que cresciam dentro dela.

—Ian, não acredito que possa resistir... —ofegou ela, sua estrangulada enquanto as lágrimas enchiam seus olhos—. Por favor, Ian. me deixe me correr. Não posso agüentá-lo.

Seus clitóris era uma tortura. A massa de terminações nervosas parecia uma ferida aberta, a dor era intensa de tão profundo. Seu sexo chorava de fome, sua matriz se apertava com tremores espasmódicos enquanto ele a empurrava à beira mesmo de sua prudência, e rechaçava lhe dar o que queria.

—É perfeita, Courtney, sabe? —sussurrou ele com sua voz escura, profunda, enquanto inflava o invasor seguia crescendo—. Poucas mulheres desfrutam dos plugues infláveis, ou o ardor constante que produzem.

E isto realmente queimava.

Ela ansiava mais, mas deixou de inflar, deixando-a em suspense, cheia e muito perto da beira da felicidade, sofrendo dor por isso.

—Mas há mais —Ele a levantou, girando-a até que ela caiu sobre a cama, de barriga para cima, olhando-o com aturdido desespero enquanto ele começava a despir-se—. Muito mais, considerando o apertado de seu

vulva. vai tomar me toda a maldita noite colocar minha franga dentro teu, estará tão apertada, bebê. E logo veremos quão travessa realmente pode te colocar.

Ele se tirava a camisa dos ombros quando as palavras finalmente penetraram em seu cérebro. Ele não tinha nem idéia de que travessa podia ser.

As mãos dela se moveram então, tomando seu seios, seus dedos atirando de seus mamilos atormentadoramente tensos enquanto ele dirigia suas mãos para o cinturão de suas calças.

Gemendo indefesa pelo prazer, ela deixou que seus dedos descessem por seu estômago, seu abdômen, permitindo finalmente que se deslizassem pela capa de umidade que cobria a estreita fátia enquanto ele se baixava as calças por suas pernas.

Sua franga se destacou de seu corpo, faminta, palpitando de necessidade, a grossa cabeça reluzia de umidade enquanto ela separava seus lábios vaginais para ele. Suas pernas se dobraram, separando-se para ele enquanto ela levantava seus quadris para permitir que seus dedos perfurassem sua vulva.

A mão do Ian caiu para seu membro, seus dedos o envolveram a seu redor, acariciando-o enquanto a olhava. A expressão em seu rosto era de pura fome. Seus olhos eram selvagens, brilhando em sua acalorada face quando ela empurrou seus dedos lentamente dentro da entrada ultra apertada.

Ela podia sentir que o tubo tinha feito seu canal ainda mais apertado que antes. sacudiu-se ante a sensação de seus próprios dedos penetrando seu sexo, e a fez gemer pelo incrível prazer de seus dedos acariciando a sensível malha. Com cada penetração de seus dedos, os olhos do Ian se obscureciam, seu olhar se intensificava, se fazendo mais selvagens enquanto ela se transava levando-o mais perto do orgasmo que tinha estado alguma vez.

—Suficiente —ele se ajoelhou na cama, seus dedos agarraram seu punho enquanto ela sentia um fogo florescer no fundo de seu estômago.

Ela estava tão perto.

Muito perto para deter-se.

Mas ele também o estava. Ela podia vê-lo, senti-lo. Sua expressão estava tensa pela luxúria, o fogo que ardia em seu olhar a queimou, alegrou-a. Ela podia sentir o calor queimando-se nele, furioso. Um calor que ela nunca tinha visto em sua face enquanto tinha estado espiando-o na casa de seu pai. Ele sempre era tranquilo. Sereno. Em controle. Ele tinha dirigido as situações sexuais, deleitava-se com elas, mas as controlava. Ela nunca o tinha visto arder como ardia agora.

E esse controle se desintegrava rapidamente.

—Não, Ian, demônios. Estou muito perto... —ela se sacudiu de seu afeto lutando por retornar seus dedos à dolorida, desesperada-se carne de seu sexo.

—Sim, o estas —sussurrou ele, subindo sobre ela, agarrando seus punhos com suas mãos e as ancorando sobre sua cabeça enquanto ela lutava contra ele—. Estas muito perto, Courtney, e tão molhada e quente. E tão malditamente apertada que vais gritar para que minha franga se afunde dentro de você.

Ela se estremeceu ante a brutalidade de sua voz, lutando por respirar, por manter uma aparência de prudência enquanto sentia que suas pernas se separavam e ele se colocava entre elas. Sustentando seu peso em seus cotovelos, ele passou seus punhos a uma mão, a outra baixando a seu quadril.

—É isto o que quer, Courtney? —seus lábios tocando os seus, seus olhos olhando fixamente os dela.

O intenso azul de seu olhar foi quase o golpe final. Seus olhos estavam brilhantes, ardendo de luxúria e lutando por manter o controle.

A cabeça de sua franga separou os pregas empapados de sua vulva, e se alojou na entrada de seu choroso sexo. Aspirando profundamente, Courtney lutou contra o prazer que exigia sua submissão, que exigia que se rendesse a ele, que ela deixasse de tentá-lo, de provocá-lo. Mas ela conhecia o Ian. E sabia que esta era só a primeira batalha na guerra que eles empreenderiam o um contra o outro e que podia decidir o futuro pelo que ela lutava com tanta força.

—Desejo-te —sussurrou ela. Desejo todo de você, Ian —sua língua lambeu seus lábios, enquanto seus quadris se elevavam aproximando-se, sentindo a cabeça de sua franga começar a estirá-la.

—Todo de mim? —ele sorriu, a curva de seus lábios tensos pelo esforço de manter o controle—. Vejamos quanto de mim pode tomar, bebê. Então veremos se quiser todo isso.

Seus quadris se dobraram.

O zumbido em seu ânus a voltava louca, mas a lenta, rítmica entrada e saída sua franga na entrada de seu sexo começou a substituir o ardente prazer em seu ânus.

Ela gritou seu nome, ofegou, quase incoerente com as sensações enquanto o sentia abrir-se caminho lentamente dentro dela. O tubo anal a enchia, Ian a encheu em excesso. O empurrar e sair, empurrar e sair, estirando-a enquanto seus gritos passavam de gritos a chiados, de súplicas a, mudos, incoerentes ofegos enquanto o prazer e dor se combinavam. Tentando. Provocando. Cada golpe era mais profundo dentro dela, abastecendo de combustível os acesos pulsos que já ardiam pela fome que bulia dentro dela.

Ela podia sentir cada centímetro de seu pesado e grosso pênis que invadia seu sexo enquanto apertava seus punhos. Seus punhos ainda estavam submetidas e encerradas no punho dele, um brilho de pesado suor cobria sua face e seu peito. Sua respiração raspava ao entrar e sair de seu peito, lutando por manter o controle, despiando seus dentes.

—Sente-se tão bem, Ian —sussurrou ela contra seus lábios, seus dedos se apertaram contra seu afeto em sua necessidade de tocá-lo—. Tão quente e duro. Como quente aço —Ela se levantou contra ele, um gemido saiu de seu peito quando seu pênis a acariciou, quase não penetrando-a—. Tome, Ian. Toma todo de mim.

Os olhos dele se estreitaram. Ardiam.

—Quando te olhava —ofegou ela excitada—. Com minhas criadas. Olhava-te tomar, tão lento, tão sereno quando elas gritavam debaixo de você. E te ouvi... —ela guardava seu melhor guardado secreto para esta importante batalha—. Ouvia que gritava meu nome enquanto as transava.

Ele se sacudiu contra ela. A fúria flamejou em seus olhos, seus músculos se apertaram com cólera, com luxúria, enquanto a olhava fixamente. Seus quadris arqueados, seu pênis forçando-se dentro dela em um duro, rude impulso, sepultando-se outro escasso centímetro antes que seu controle se reafirmasse. Apenas.

Ela sorriu lentamente.

—Você desafio a me transar —ela se zombou dele, ofegando ante as sensações que a atravessavam.

—Juro Por Deus, que vou amordçar te —ele se retirou, empurrando-se para trás, mas a tensão crescia. Os fios de seu controle se estiravam

Ela lambeu seus lábios, apertou os músculos de sua vagina e gemeu ante a aproximação ao êxtase.

—me amordace —gritou ela com voz rouca—. me Deixe gritar, Ian. Tenho que gritar por você. Deus, por favor, estou morrendo por você.

Sua cabeça se retorceu quando ele se retirou outra vez antes de voltar a afundar-se, forçando mais de sua larga ereção dentro dela. Sua expressão era tensa, selvagem, sua respiração áspera enquanto a transpiração gotejava de sua sobranceira e uma careta selvagem apertava seus lábios.

—Mais... —ela quase não podia formar as palavras—. Tão perto... Ian... Por favor. me deixe me correr. me deixe finalmente chegar...

—Não, maldita seja... —sua voz era pura fome torturada.

—me transe, Ian. me transe com força. me faça gritar por você ... Só por você ...

Sua cabeça baixou a seu pescoço, uma maldição rasgando sua garganta quando ele, de repente, entrou nela. Com força. Profundamente. Enchendo cada parte de sua passagem enquanto o profundo controle do que se orgulhava se quebrou.

Nada podia ter preparado ao Courtney para o que estava por vir.

Seus quadris começaram a mover-se com uma poderosa flexão de seus músculos enquanto ele começava a transá-la, afundando-se dentro do sensível canal com golpes que separavam, estiravam e queimavam a delicada malha de sua vulva.

Ele a sustentava com força. Uma mão agarrava seu quadril, a outra tinha solto seus punhos para afundar-se em seu cabelo, atirando dele, amassando seu couro cabeludo com excitantes sensações hormigueantes, enquanto ela sentia sua franga empurrando forte e profundo, raspando a delicada malha já atormentada pelas vibrações do tubo em seu ânus.

As sensações duais eram hedonísticas. A experiência mais sensual que ela poderia ter imaginado.

—Levanta seus pernas. as coloque a minha redor —sua mão se deslizou para sua coxa quando ela obedeceu a rouca ordem.

Seu pênis foi mais profundo, seu sexo se voltou mais apertado.

Ela cantou seu nome enquanto envolvia seus braços ao redor de seu pescoço e se pendurou dele como se o fora a vida. Com cada duro impulso no apertado canal, ele enviava um fogo incontrolável de dor e prazer por seu corpo enquanto ela se arqueava para ele.

—Deus, sim —gemeu ela, quase louca pelas sensações que emanavam de seus sentidos. —me transe, Ian. me transe mais duro.

Cada golpe, embora com força e profundo, era medido, controlado. Ela tinha pensado que o tinha despojado de seu controle, mas ali estava ainda, ele ainda a torturava, atormentando-a com um orgasmo que palpitava justo fora de seu alcance.

—Meu jogo —grunhiu ele enquanto seus lábios se moviam por seu pescoço, seus dentes raspavam e mordiam a carne—. A meu modo, Courtney.

Ele se levantou sobre seus joelhos, atirando suas pernas para diante, as agarrando, as estendendo enquanto seu olhar ia ao centro de seu corpo.

—lhe olhe —lhe ordenou ele bruscamente—. Olhe quando te transo, neném. Vê que apertado e molhado está seu doce vulva.

Aturdida, consumida pela necessidade, seu olhar percorreu seu corpo enquanto ela lançava um grito ante o erotismo do que viu. Seus quadris estavam elevados pela posição de suas pernas, a nua e reluzente carne de sua vulva totalmente visível enquanto sua franga se retirava lentamente.

A escura, grossa carne brilhava com uma grossa capa de seus sucos enquanto o úmido som de suas repetidas retiradas ressonava a seu redor. Então ele se deslizou novamente para dentro. Devagar. Muito, muito devagar.

—Sente-o, Courtney —grunhiu ele então—. Que apertado é seu vulva. Minha franga o cheia, estirando-o. Isto te queima, bebê?

Ela gritou com o doloroso prazer, suas mãos apertando os lençóis enquanto corcoveava contra ele.

—É isto o que desejas, carinho? —grunhiu ele enquanto se retirava outra vez. Um segundo mais tarde se empurrava nela, duro, rápido.

—Sim! —ela gritou sua resposta—. Mais.

—Mais, neném? —O abrupto estiramento, a sensação de estar cheia, a fricção de sua pesadamente venosa franga atingindo seus terminais nervosos tão sensibilizados, estavam-lhe roubando a prudência.

Cada célula de seu corpo palpitava com a necessidade de um orgasmo.

—Mais —Ela se arqueou quando ele se levantou dentro dela outra vez, antes de gritar enquanto ele se retirava.

—Posso te dar mais, bebê —cantorolou ele, sua voz foi áspera quando ele se afundou de repente dentro dela outra vez.

A mescla de prazer e dor aumentou, envolvendo-se a seu redor, mesclando-se com uma força que enviou a crescente tensão de sua matriz, seus clitoris e seu enfermo sexo, a uma explosão que a fez gritar seu nome, chorando seu prazer. Os músculos de seu sexo se apertaram mais, os golpes de seu membro criando cada vez uma fricção maior, enviando-a a outro orgasmo poderosamente cegador que a atravessou.

Ela corcoveou baixo ele, estremecendo-se, violentos tremores pela liberação ressonando por seu sistema nervoso enquanto ela o sentia um momento depois retesar-se sobre ela, um murmurado juramento escapando de seus lábios enquanto rajadas repentinas e quentes de seu sêmen começavam a afundar-se nas ondulantes profundidades de seu sexo.

Uma lenta saciedade começou a enchê-la enquanto Ian paralisava sobre ela, respirando asperamente, seu pênis ainda preso comodamente dentro dela. Os violentos, estremecedores efeitos de seu orgasmo começaram a aliviar-se, e a frouxidão começou a alcançá-la.

—Sabia que podia fazer que me corresse —sussurrou ela sonolenta enquanto ele, lentamente, saía dela e caía pesadamente a seu lado na cama.

Seus olhos se abriram cheios de torpor, um sorriso se estirava em seus lábios enquanto ele a voltava sobre seu lado, e seus dedos a liberam do invasor anal que ainda enchia seu traseiro apagando a vibração antes de retirá-lo facilmente de seu sensível traseiro.

—Dorme agora —lhe sussurrou ele enquanto se levantava da cama, separando-se sua vista dela, seus olhos já não eram selvagens, já não estavam tão cheios de furiosa fome, mas ainda brilhavam de luxúria—. Enquanto possa.

Ela olhou quando ele se introduziu no quarto de banho, escutou quando a água correu. Minutos mais tarde ele voltou, devolveu o brinquedo a sua gaveta e por sorte, retornou à cama colocando-se detrás dela.

Aconchegando-se contra ele, ela deixou que o sonho tomasse. Finalmente.

Capítulo 6

Bem, isto não tinha saído exatamente como o tinha planejado.

Ian tinha a sensação de que era exatamente como Courtney o tinha planejado. A maquinadora pequena bruxa.

Um sorriso ameaçou atirando de sua boca quando ele reconheceu o que ela fez, o que nenhuma outra mulher tinha podido conseguir em mais anos dos que lhe interessava recordar. Tinha-o feito perder o controle.

Ele deveria estar zangado com ela, diabos, ele deveria estar mais zangado consigo mesmo. Inclusive não tinha recordado ficar uma camisinha.

Fez uma careta ante o pensamento desse detalhe, amparo esquecido. Sabia que ela estava cuidando-se, mas isso não era nenhuma desculpa. Raramente se permitia a liberdade de sexo sem uma camisinha. Kimberly tinha sido a primeira que ele recordasse. E agora Courtney.

Ele suspirou cansadamente, voltando-se para a forma adormecido e caminhando para a janela para olhar atentamente, com um cenho franzido, a noite.

Sua carne formigou com a lembrança do prazer que tinha encontrado na liberação de seu próprio controle. Era uma lembrança agri-doce, tingido de arrependimento. Se ele ia levar a cabo esta mudança abrupta na relação

que compartilhava com o Courtney, então teria que ser muito cuidadoso. Endemoniadamente muito mais cuidadoso do que tinha sido até agora.

A mulher era capaz de voltar louco a um santo, ele o admitiu ante si mesmo. Do momento em que ela tinha caminhado através da porta de sua casa o tinha tentado, provocado e aberto seu caminho para derrubar suas próprias defesas.

Qualquer outra mulher teria sido jogada sobre suas traseiro semanas antes. Mas esta era Courtney. E tinha admitido que alguma parte dele sabia exatamente o que ela estava planejando quando seu pai o tinha chamado, expressando seu desejo de visitá-lo um tempo. Ele o tinha sabido e de todos os modos tinha permitido que ela chegasse.

Isso não pesava em nenhuma outra cabeça que a sua própria.

Agora o que?

Passou sua mão sobre sua face enquanto soprava burlonamente.

Dane o mataria, é obvio. Era só questão de tempo antes de que o outro homem averiguasse que Ian ferrava a seu doce, preciosa e garotinha. E Ian nem sequer podia culpá-lo. Se ele tivesse uma filha, encerraria-a com chave em seu quarto até que fora uma velha e seca ameixa passa para lhe impedir de entrar na vida que ele vivia.

Pela primeira vez desde que ele tinha entrado na sexual, carnal atmosfera de compartilhar a suas mulheres, Ian sentiu uma pontada de remorso. Remorso porque sabia que nunca poderia ser realmente feliz sexualmente, sem os excessos dos que tinha vindo desfrutando. E porque ele sabia que uma inocência como a do Courtney nunca podia sobreviver a eles.

Suspirando fracamente, recolheu suas calças do chão e os colocou rapidamente sobre sua roupa interior antes de ajustá-los. Colocando de repente sua camisa sobre seus segundos ombros mais tarde, ele se dirigiu a pernadas até a porta e a abriu silenciosamente antes de deixar o quarto do Courtney.

Era muito tarde para retornar, e sabia. Diabos, não queria voltar. Transá-la tinha sido mais prazenteiro do que tinha imaginado que poderia ser. Ver sua resposta desinibida tinha esporeado sua excitação. O desafio que ela apresentou atingiu seu sobre-estimulada sexualidade.

Ela tinha ganho esta ronda.

Ele tinha perdido o controle.

Sorriu friamente enquanto entrava em sua própria residência e se dirigia fazia a ducha. A seguinte ronda seria dela. Ela pensava que a emoção era a base para o sexo. Para ela, sempre seria assim. Ele tinha aprendido fazia anos a nunca permitir que a emoção interferisse com o lado sensual que possuía. O potencial para a dor era simplesmente muito grande.

Ele podia desfrutar de uma mulher, de um prazer e deleitar-se neles. Seu manejo do sexo, às vezes, consumia-o por completo. Essa era sua maior fome. E de algum jeito, Courtney tinha conseguido tocar uma área daquela sexualidade da qual ele não era consciente. Por alguma razão desconhecida, seu afeto por ela e o conhecimento de sua inocência era um afrodisíaco embriagador. Ele não se podia explicar por que, nunca tinha sido capaz de entender por que podia colocá-lo tão duro, tão condenadamente rápido e tão faminto por ela, que até suas fantasias estavam cheias dela.

Quando a água quente e calmante da ducha se derramou sobre sua pele, ele fechou seus olhos, recordando suas mãos, sua boca, a malícia em seus olhos. Havia tanto que ele poderia lhe mostrar, e tantos caminhos ao prazer que poderia lhe ensinar, sem roubar o inocente desfrute que ele viu em seu olhar. Ele não tinha que compartilhá-la. Não havia nenhuma necessidade de empanar essa pureza com seus mais extremos desejos.

Durante um momento, a lembrança de seus olhos marrons, escuros e cheios de risada, foi substituído por uma avelã olhar cego e acusador.

Seu queixo se retesou.

Abrindo seus olhos, apressou-se a terminar a ducha rapidamente, para logo secar-se e caminhar de retorno a sua cama. Ele não desejava nada mais que reunir-se com o Courtney em sua cama. Sentir o calor de seu corpo próximo e abraçá-la enquanto ele dormia.

Em lugar disso, jogou-se em sua própria cama, grunhindo ante o pensamento dos muitos modos em que nunca conseguiria dormir se fizesse algo tão tolo.

É mais, enquanto ele olhava para o teto, um franzimento pregando sua sobrancelha, encontrou-se lutando contra o impulso de fazer justamente isso, em lugar de dormir.

É tão depravado, Ian. Vendi minha alma ao diabo por ser seu mulher. E com que fim? Este é meu fim.

As palavras o obcecavam. Palavras escritas assinadas com sangue.

Sim. Ele era depravado. Era bem consciente do extremo de seus gostos, e também se assegurou que seus amantes fossem bem conscientes disso. Nunca tinha pretendido ser algo diferente do que era. Ainda assim, parecia que pagava diariamente por um engano, por permitir que suas emoções embrulhassem o sexo e fracassasse em ver o perigo que seu estilo de vida poderia supor a outro.

Ela tinha sido jovem. Diabos, ele tinha sido jovem.

Seu nome tinha sido Melissa. Melissa Gaines. E ela se matou devido a ele, devido a suas fomes, a suas depravações. devido a que ele tinha tomado a uma inocente e introduzido no estilo de vida que tão ferozmente o tinha atraído.

Ele tinha querido agradá-la. Tinha querido lhe mostrar todos os prazeres que sabia que a aguardavam. Diabos, tinha pensado que a tinha amado. Ele tinha aprendido rapidamente a diferença entre uma mulher de experiência e uma muito inocente para fazer um alto ante o que ela via nada mais que como um jogo para assegurar o coração dele.

Ele a tinha compartilhado. Havia-a tocado, orgulhando-se de seus gritos de prazer, suas súplicas de mais, lhe sussurrando elogios, atraindo-a para ele quando seus orgasmos estremeceram seu corpo. E tinha pensado que nada mais poderia ser tão bom. Que ele não poderia amar a nenhuma mulher tanto como amou a Melissa. Até que entrou em seu apartamento ao dia seguinte para encontrar seu corpo sem vida, sua acusação escrita em uma sozinha folha de papel, ao lado dela.

Não tinha importado que ela tivesse uma história de problemas psiquiátricos, ou que ele tivesse sido inconsciente deles. Inclusive o perdão de seu pai e suas chorosas explicações a respeito das debilidades de sua filha não tinham contido a culpa. Ela tinha morrido porque não podia dirigir o que ele tinha demandado dela. Porque tinha querido seu amor tão desesperadamente que tinha feito algo que não podia dirigir à fria luz do dia.

E ele tinha jurado que nunca passaria outra vez.

Uma inocente nunca sofreria em suas mãos outra vez.

E aqui estava Courtney. Tão condenadamente inocente que não podia acreditar que ela não fora uma virgem. Tão atrevida, tão perversa, inclusive tão suave e fresca como o alvorada. Ela era tão diferente da Melissa como o dia da noite. Mas ainda assim, ela agia como um frio aviso dos enganos do passado.

A gente pensaria que com o extremamente explosivo orgasmo da noite anterior, e o fato de que tinha obtido finalmente empurrar ao Ian desse último degrau a uma relação física, ela sentiria alguma classe de satisfação.

Ela só sentia remorso.

Courtney se sentou silenciosamente no sombrio, triste jardim de inverno, sobre uma mesa de cimento que uma crescido folhagem do verão mantinha oculta da vista. Agora, estava sentada como um solitário sentinela em um jardim que atualmente dormia nos frios, curtos e melancólicos dias.

Seus pés estavam apoiados sobre a curvada plataforma de abaixo, um braço descansava cruzado sobre seus joelhos enquanto apoiava o cotovelo do outro em sua perna e sustentava seu queixo para olhar fixamente, através dos silenciosos jardins, o bosque de pinheiro mais à frente.

O grosso suéter de cachemira que ela tinha colocado e os cômodos jeans a protegiam do frio exterior, mas o que a fazia tremer era um frio presságio em seu interior.

Ela tinha sido uma criança, pensando que estava o suficientemente encheite para seduzir a um homem como Ian. Acreditando que ela poderia entrar, e um passo de uma vez, encontrar algo que ele não queria que nenhuma mulher tocasse. Acreditando que ela poderia de algum jeito tocar seu coração tão facilmente como podia tocar seu corpo.

Não é que ela tivesse esperado que isso fora fácil. Não o esperava.

E não era como se seu coração tivesse renunciado ao Ian. Isso era impossível.

Ela era jovem, é certo. Mas conhecia seu coração, tanto como sabia que seu corpo não respondeu a ninguém como o fez com ele. O que a deixava entre a espada e a pedra, por assim dizer.

Agora Ian manteria a relação puramente física. Ele usaria sua própria inexperiência contra ela, justo como o tinha feito a noite anterior, manteria seu controle. Não era possível empreender esta batalha de igual a igual.

Ela suspirou fracamente, sacudindo sua cabeça ante a confusão no que se colocou. Deveria ter antecipado isto. Sua mãe lhe tinha advertido que Ian não seria tão fácil de conquistar como ela se convenceu a si mesmo de que o seria.

—Senhorita Matlaw, tem uma chamada... —o mordomo da casa, Jason, falou detrás dela, interrompendo seus taciturnos pensamentos enquanto se voltava fazia ele.

Lhe estendeu o telefone sem fio, assentindo tranqüilamente antes de voltar-se e retirar-se.

—Olá? —Ela franziu o cenho quando levou o receptor a seu ouvido.

—Courtney, sou Tally Conover —a voz suavemente cultivada falava com preguiçosa diversão—. Não conseguimos falar muito durante seu festa de apresentação. Sou a esposa do Devril e Lucian.

—Recordo-te. Ian foi bastante insistente em me separar de seu grupo —Courtney riu ante a lembrança da expressão curvada do Ian.

—Ouvi que ainda tinha que fazer umas quantas compras —disse a outra mulher lentamente—. Estou livre hoje e pensei te convidar a te unir a mim quando atacar as lojas. Com as festas que se aproximam nos próximos meses, encontro-me na necessidade de novos sapatos, e talvez um vestido ou dois.

E um pouco de intriga para terminar o passeio, leu bastante bem entre linhas Courtney.

—Sonha bem. Onde devo te encontrar?

Tally riu entre dentes conocedoramente.

—Jason informará ao Ian que te chamei, e poderei passar a te recolher. Parece-te bem ao redor das onze? Poderíamos ir almoçar, e logo começar a fazer compras a sério. Poderíamos estender a excursão até o jantar se você quiser. Podemos convidar ao Terrie Wyman e algumas outras e ter uma verdadeira noite de garotas.

—por que tenho a sensação de que eu deveria levar molho churrasco —respondeu Courtney com um tom de auto-zomba.

—Não querida, elas lhe lubrificarão em seus próprios sucos em um assado. Prometo-lhe isso, sobreviverá ao passeio —lhe assegurou Tally, sua risada cheia de amistosa brincadeira—. Então, estamos?

—É obvio —respondeu Courtney, como se não houvesse nenhuma dúvida—. Não me perderia isso por nada do mundo.

Houve um pequeno silêncio, logo uma clara risita.

—Penso que encaixará bem, Courtney. Recolherei-te em aproximadamente uma hora e meia, então. Traz muitos cartões de crédito e sapatos cômodos. Não tenho feito compra em semanas.

A linha se desconectou enquanto Courtney se movia da plataforma e começava a retornar à casa. Tally Conover, quem afirmava estar casada com os gêmeos Conover e que, como se mexericava pelo menos, tinha a ambos os homens na mesma palma de sua mão. O rumor que Courtney tinha ouvido quanto à outra mulher era intenso por não dizer mais. O ciúmes que ela tinha escutado nas vozes das mulheres supostamente decentes, quem se tinha mofado desdenhosamente, tinham sido abundantes.

Enquanto ela retrocedia fazia a casa, o mordomo do Ian se materializou da outra residência, jogando uma olhada ao telefone que ela levava de maneira inquisitiva. O homem tinha que ser um robô.

—Jason, poderia-lhe informar ao Ian estarei fora todo o dia —Lhe deu o telefone enquanto se dirigia para a escada—. E possivelmente esta noite também.

—É obvio, senhorita Mattlaw —respondeu ele com tranqüilidade—. Onde lhe digo que estará você?

Ela se parou no primeiro degrau e se voltou para o mordomo com um cenho franzido. por que diabos Ian se preocuparia?

—Isso não é necessário —disse ela com tranqüilidade—. Estou segura que sou o bastante maior para sair só agora. Embora terei meu telefone móvel comigo se ele me necessitar.

Ele inclinou sua cabeça outra vez, sua expressão composta, refletindo muito pouco por não dizer nenhuma, emoção.

—Transmitirei sua mensagem então.

Courtney tinha o mais raro desejo de soprar burlonamente ante sua arrogância. Como se ela de algum jeito o estivesse colocando a ele, ou ao Ian, fora de seus planos. Que o diabo os levasse, estava cansada de vagabundear ao redor desta maldita mansão esperando a que Ian passasse uns poucos momentos com ela. E depois da noite passada, não estava nem sequer segura de que queria vê-lo.

Depois de lhe dar o longamente desejado orgasmo, ficando com a voz rouca por seus próprios gritos, e com o corpo disposto para sua luxúria, ele se atreveu a dormir em outra parte, a não estar ali quando ela despertou. Por isso ela presumia, existiam poucas possibilidades de que ele se preocupasse se retornava antes de manhã.

Homem obstinado. Ele estava tão resolvido a lhe demonstrar quão pouco lhe importava isto, quão pouco lhe importaria ela como amante dela, que ele era capaz de chatear-se a si mesmo para chatear a outros. E esse era um jogo que ela não queria jogar.

Entrando em seu dormitório, ela andou a pernadas até o armário. O suéter e os jeans eram perfeitos durante um dia no jardim, mas ir às compras requeria roupa mais acorde com a aventura. Algo que se tirasse facilmente, para facilitar as mudanças. Sapatos de saltos baixos em lugar dessas botinas de salto alto que usava agora.

Quando colocou a mão no armário para tomar o vestido de algodão e de botões que tinha eleito, a porta do dormitório foi aberta de um empurrão mais que de maneira enérgica, chocando-se contra a parede. Girando-se, ela olhou ceñudamente ao Ian, enquanto ele se erguia na entrada.

—Seus entradas deixam muito que desejar —declarou ela em tom zombador.

—Aonde diabos pensa que vai com o Tally Conover? —Sua expressão raiava a ira.

—De compras —lhe respondeu com um encolhimento enquanto deixava o vestido sobre o respaldo da cadeira mais próxima, antes de inclinar-se para recuperar os sapatos de salto baixo que tinha comprado para ficar os com esse vestido.

—Tally nunca vai só de compras —soprou ele—. Comprar para ela é ver quantos problemas ela e essas outras mulheres podem criar em um dia.

—Excelente —Lhe dirigiu um sorriso brilhante enquanto se endireitava e colocava os sapatos no chão ao lado da cadeira—. Soa como o tipo de companhia da que desfruto. Se não a vida seria bastante aborrecida, Ian.

—Não para você —fechou a porta detrás dele, olhando-a meditabundamente—. Você só cria muitos estragos. Não necessita nenhuma ajuda.

Ela permitiu que uma sensação de prazer e orgulho enchesse sua expressão.

—Obrigado, Ian. Esse é um dos elogios mais agradáveis que recebi hoje. Agora, realmente tenho que me arrumar.

Um rápido cenho enrugou suas sobrancelhas.

—Quanto tomará te preparar para ir às compras?

—Estarei pressionada pelo tempo de qualquer maneira —suspirou ela—. Tally estará aqui em uma hora e meia.

Realmente, não tomava muito tempo preparar-se, mas maldito se ela estava preparada para tratar com o Ian agora mesmo. Ele parecia muito escuro, muito atrativo para a tranquilidade de sua mente. Sobre tudo depois da noite passada.

—Eu preferiria que não fosse —Sua expressão se encheu de fria desaprovação.

—por que? Porque Tally está casada com dois dos Troianos? O que, pensa que eu não tinha ouvido a intriga sobre seus membros casados? —ela riu da frágil surpresa em sua expressão—. estive um pouco mais de uma semana, Ian. Aprendi quem era quem, quando se casaram, e onde transavam, durante aquelas duas tristemente aborrecidas festas às que insistiu que assistisse aqueles poucos primeiros dias. Eu acredito que conheço a melhor parte dos membros de seu clube por rumores. A propósito, é realmente certo que Khalid tem um harém?

Os olhos dele se fecharam brevemente enquanto se passava os dedos por seu escuro e disperso cabelo.

—Esperam-nos problemas —resmungou enquanto abria seus olhos e a atravessava com um feroz olhar—. depois da noite passada, pensei que poderíamos almoçar ...

—por que? —ela apoiou sua mão em seu quadril olhando-o diretamente—. Você colocou as regras esta manhã, Ian. Nem sequer pôde compartilhar a cama em que me transou. Eu fui negligente, suponho, na aprendizagem das regras antes de me entremeter em seu vida. Tinha a impressão de que os amantes dormiam juntos.

Ele cruzou seus braços sobre seu peito.

—Sei que está desgostada...

Com que agora simplesmente o tinha pensando que ela estava desgostada, não? Ela colocou seus olhos em alvo mentalmente.

—Realmente não o estou —ela sorriu ligeiramente—. Simplesmente me adaptando. Talvez possamos falar disto depois do anoitecer. Estou segura que a fria luz do dia funciona bastante incômoda para você. É mais difícil esconder-se da verdade então. Farei-o fácil para você e falaremos disso esta noite. Se estiver em casa a tempo.

—por que não o estaria? —sua voz baixou quase perigosamente.

—Tally mencionou um jantar com amigas —Não havia nenhuma maldita possibilidade de que lhe permitisse intimidá-la—. Poderia ser que retornasse tarde.

Aquela parte de informação não pareceu agradá-lo muito. Bem, ela pensou.

—meu deus!, o destino do universo conhecido está em perigo —grunhiu ele então—. A ela lhe aconteceu mencionar às amigas implicadas?

Ele soou bastante sério. Que lindo. E que interessante.

—Só uma, realmente. Terrie, acredito. Estou segura de que o universo conhecido não está em nenhum perigo apesar de nós.

—Você não conhece o Tally —grunhiu ele—. Fique aqui. Poderíamos passar o tempo juntos.

Ela sacudiu sua cabeça enquanto se voltava e caminhava através do quarto para o vestidor.

—Podemos falar mais tarde, Ian —disse ela disse enquanto abria uma gaveta e tomava um tanga e o correspondente sutiã—. Não estou preparada para discutir seus horrorosas maneiras neste momento. Preferiria me relaxar um momento.

—Minhas horrorosas maneiras? —Havia definitivamente um tom de ofensa ali—. Como diabos o que minhas maneiras são horrorosas? por que diz isso?

Ela se voltou para ele, suspirando profundamente.

—Deixou-me em minha cama dez minutos depois de acreditar que eu estava dormida —Ela levantou um dedo—. Não só deixou minha cama, mas também voltou para a tua —Ela levantou outro—. Esta manhã, despertei só, sem sequer um convite de me reunir contigo para o café da manhã —O terceiro dedo subiu—. E quando te busquei, Jason me informou, sem nenhum rodeio, que estava muito ocupado para ser incomodado. Agora retorna ao que seja que requeira seu atenção que eu devo me arrumar. Neste momento, comprar é definitivamente preferível a estar em seu companhia.

Bom, era certo, ele não pareceu muito preocupado por esse pequeno anúncio.

Seus olhos se obscureceram, brilhando com luxúria enquanto sua expressão se fazia decididamente carnal. Agora bem, Não era isto interessante?

—Você foi quem procurou minha companhia —grunhiu ele—. Se tiver intenção de partir por todo o ferrado dia, então pode ser ao menos agradável —Ele avançou para ela, suas pálpebras baixaram, não exatamente Entrecerrados, a não ser para lhe dar um olhar faminto, perversa.

Sua própria resposta foi imediata, e não boas vindas no que a ela concernia. Seu seios se inflamaram imediatamente, seus mamilos raspam contra o suave material do suéter enquanto seu sexo começava a esquentar-se.

—Não procurei seu companhia —lhe informou ela imperiosamente—. Te deixei em paz esta manhã, Ian. E sua dominação não é apreciada neste momento. guarda-lhe isso por um tempo.

Um sorriso curvou o lábio dele quando ela o olhou ceñudamente.

—Minha dominação é do tipo vinte e quatro horas os sete dias, Courtney —lhe informou ele enigmáticamente, detendo-se uns centímetros enquanto baixava a vista para ela—. Tem razão, foi muito negligente ao não me recordar discutir as regras contigo. Assumi que as sabia quando me informou com tanta segurança quão bem me conhecia.

antes de que pudesse evitá-lo, antes de que pudesse preparar-se, seu braço a levantou, suas mãos se enredaram no longo cabelo dela para atrair sua cabeça.

A completa dominação do movimento fez que suas terminações nervosas gritarão instantaneamente em resposta. Quão pervertidas essas terminações nervosas podiam ser. Eram depravadas. Agora não havia nenhuma dúvida sobre isso.

Capítulo 7

Courtney lutou por respirar enquanto a cabeça do Ian baixava, seus lábios pesados de paixão enquanto se aproximavam dos seus.

—te tire seus calças —ordenou ele bruscamente—. Pode sair a planejar a destruição do mundo pelo que sei, mas maldito se irá sem minha lembrança.

Ele lambeu os lábios dela então, um brincalhão aviso do prazer que ele podia lhe brindar com eles, enquanto com suas mãos ela abria seu jeans.

—Isto é completamente Neanderthal —disse ela com você áspera, apesar de que sua luxúria aumentava com cada fôlego que ela tomava, simplesmente devido a isso.

—Está-te queixando? —Ele beliscou seus lábios—. Te aposto que consigo que esteja molhada, Courtney. Arrumado que esse lindo coñito teu tão escorregadio e quente é tudo o que pode fazer para suportá-lo.

A que vinha isso?

—Essa não é a questão, Ian. Minha vulva está molhada por você. Não tem nenhum sentido comum no que a isso se refere —gemeu ela, desejando que ele simplesmente a beijasse e ao diabo contudo. Ela podia sentir a horrível, enloquecedora excitação começando a aumentar, enquanto seus clitóris se inchava, seus mamilos se retesavam com feroz necessidade.

Ela estava se desesperada.

Uma criatura faminta, preparada e desejosa de aceitar sua oferta. Ahh, mas a vida de um escravo sexual, pensou ela com certo humor.

—te tire as calças, Courtney —grunhiu ele quando ela deliberadamente se tomou seu tempo—. Então veremos com que tipo de jogo podemos nos divertir até que Tally chegue.

Ah, isto ia ser duro. Ela tremeu com a idéia.

—Minhas botas —sussurrou ela—. Os jeans se obstruirão ...

Ele a liberou lentamente, movendo-se apenas uns centímetros enquanto baixava o olhar para ela, sua expressão determinada, dominante.

—te dispa. Totalmente.

Ela lambeu seus lábios lentamente. Girando, ela se moveu para o cofre de carvalho aos pés da cama, apoiou um pé sobre ele e deslizou o fechamento até a metade da bota antes de tirar-lhe e repetir todo com a segunda.

Seu jeans estavam em suas coxas, mostrando seu traseiro, e ela sabia que ele olhava.

Endireitando-se, ela deslizou lentamente os jeans antes de levantar a prega do suéter e tirar-lhe E Ian tinha estado ocupado também. A camisa de seda branca jazia como um atoleiro no piso, seus sapatos, meias três-quartos e calças dispersas a seu redor.

Alto e imponente, ele exsudava confiança masculina e luxúria. É obvio, engrossada-a longitude de sua bastante impressionante franga não o fazia mal algum a sua imagem.

—te apóie contra o pilar da cama. Passa as mãos para trás e te agarre a ele, e não baixe seus mãos, Courtney, ou as atarei no lugar. Então não poderá almoçar com o Tally durante dias.

Ela se moveu para fazer o que lhe ordenava, olhando enquanto ele agarrava sua ereção, acariciando-a inconscientemente enquanto a olhava.

—Separa seus pernas —ordenou ele enquanto ela levantava os braços, agarrando o alto poste da cama de pesada madeira.

Ela separou suas pernas, gemendo pela espantosa excitação que começava a surgir nela. Ela podia sentir os sucos que escapavam de sua vulva, cobrindo os lábios nus e gotejando por suas coxas.

Ela lutou por respirar quando ele se ajoelhou frente a ela, sua mão ainda rodeando seu membro enquanto a boca dela morria por prová-lo. Ela poderia havê-lo tomado em sua garganta e havê-lo tragado de tanto que o desejava.

—Permanece muito quieta, neném —sussurrou ele enquanto empurrava para separar ainda mais suas coxas—Muito quieta. De outro modo, seu pode chegar muito, muito tarde a seu entrevista do almoço.

OH sim, e ela realmente se preocupava por isso agora mesmo.

—Ou meu Deus, Ian ...—Ela se sacudiu, seus dedos apertando o grosso poste de madeira quando um amplo dedo transpassou a sensibilizada fatia de seu sexo.

Não mais que isso, e seus terminais nervosos crepitavam.

—Assim, neném? —cantarolou ele suavemente, seu fôlego flutuou através de sua acalorada carne, uma carícia quase tão destrutiva como o toque de seu dedo.

—Amo-o —ofegou ela, arqueando-se para aproximar-se quando ela sentiu seus dedos estendendo-a, abrindo-a ao ar frio do quarto.

Então ele esteve ali, sua boca quente, sua língua um demônio quando lentamente, muito ferrada lentamente, rodeou seus estirado clitóris. Sua cabeça caiu contra o poste, seus olhos olhando cegamente para o teto enquanto lloriqueantes gemidos saíam de seus lábios.

—Sabe tão bem —sussurrou ele antes de que seus lábios encerrassem o estirado broto, sugando ligeiramente a torturada massa de nervos enquanto ela lançava um grito com voz rouca.

—É um demônio, Ian —o acusou ela bruscamente—. Sabe que estou morrendo por que me transe. por que me tortura deste modo?

Ele cantarolou contra sua carne, sua língua rodeando seus clitóris enquanto ele chupava a carne coberta de orvalho. Ele não se dignou a lhe responder, simplesmente seguiu torturando-a. Era uma agonia deliciosa, enviando chamas que se precipitavam por seu sangue, que faiscavam ao longo de suas terminações nervosas.

Maullantes gemidos de prazer escaparam de seus lábios quando ela sentiu sua língua raspar contra a delicada malha, sentindo-o em todo seu corpo enquanto se estremecia, seus joelhos debilitando-se com o assalto contínuo a seus sentidos.

Ele a lambeu. Chupou seus clitóris. Levantou sua perna e fez que lhe rodeasse o peito antes de afundar sua língua nas ávidas profundidades de seu sexo, fazendo que se parasse nas pontas dos pés com a força do prazer que a atingia.

Ao mesmo tempo, um grosso dedo se deslizou nas profundidades, estirando-a, abrindo músculos já sensibilizados da noite anterior. Ela lutou por seu orgasmo, seu corpo retesando-se, tratando de alcançar desesperadamente essa forte e incontrolável caída de prazer que estava aí, ao alcance da mão. Ela agarrou o poste, arqueou-se, pressionando sua tensa vulva mais contra sua boca, gritando com ardente luxúria quando ela sentiu seu dedo ferrando dentro dela em uma rápida série de impulsos que a enviaram a voar quando todo explodiu ao redor dela.

Estalou a cor detrás de seus olhos fechados, as vívidas cores da paixão que passou como um raio ao redor dela, arrebatado através de seus terminais nervosos e fazendo pedacinhos seus sentidos.

Quase imediatamente ela sentiu o colchão sob seu seios, amortecendo-a enquanto suas pernas eram pressionadas para as abrir e a abrasadora, larga longitude da franga do Ian começava a trabalhar dentro dela com golpes curtos, desesperado-se. Ele se afundava nela, sua respiração áspera enquanto a invadia, uma mão apertada em seu quadril, a outra deslizando-se sob seu corpo para apertar um inchado peito.

—É tão jodidamente apertada —sua voz estava raivosa de luxúria agora—. Tão quente e apertada que me faz querer uivar com a necessidade de estar dentro de você.

Ela inclinou seus quadris mais alto, gritando com a chicotada de prazer e dor enquanto ele a mantinha em lugar. Ela poderia sentir a sensível malha de sua vagina ondulando-se ao redor dele, aspirando-o, apertando-se com o abrasador calor da intrusão antes de acariciá-lo com os convulsivos espasmos de outro próximo orgasmo.

—Mais —gritou ela sua necessidade. Ele ia muito lento, trabalhando dentro dela quando ela desejava ser tomada, possuída—. Mais duro. me transe, Ian. me ferre com força e profundamente antes de que mora de necessidade.

Ela podia senti-lo comendo-a, a necessidade rasgando sua matriz, arranhando seus sentidos enquanto ela lutava pela seguinte liberação, as duras, catastróficas explosões que ela sabia a formariam, definiriam-na, aliviariam, de algum jeito, a fome violenta que ele despertava dentro dela.

A transpiração gotejava de seu corpo, ao dele. Uma chuva de paixão quando ela o sentiu deter-se, enterrado só até a metade dentro dela, retirar-se, e então, de repente, indecentemente, enchendo-a. Suas mãos rasgaram o edredom quando ela sentiu os dedos dele apertando-se em seu mamilo, bombeando-o, empurrando-a mais perto quando os golpes dentro de seu sexo começaram a ganhar velocidade e desespero.

Sua respiração raspava seu peito, chirriantes gemidos escapavam de seus lábios, rogos...desespero ...

—me ferre! —Ela gritou sua fome enquanto sentia a conflagração construindo-se em sua matriz. —OH Deus. Ian. Ian. Por favor ...

Ele a ferrou mais duro. Mais rápido. Afundando-se dentro dela com um poder que ela não podia ter antecipado enquanto sentia seu corpo dissolver-se baixo ele. Carne e osso se voltaram líquidos, flexíveis, fundindo-se, explodindo quando o orgasmo começou a precipitar-se por ela. Ela não explodiu com a liberação, não se correu. Ela se derreteu nele. Uma e outra vez, unindo o mais profundo de sua alma enquanto se apertava sobre sua franga, seus sucos fluindo entre ambos, fundindo-os, destruindo seus sentidos e substituindo-os pelo Ian.

Com o Ian ...

Foge.

A palavra floresceu na mente do Ian, muito dentro de dele, quando ele sentiu a hirviente violência de sua liberação enquanto fazia erupção desde sua franga. Algo passou, trocou. Enquanto ele a sustentava apertada baixo ele, ouviu a ávida necessidade de sua voz, sentiu-o na apertado ondulação de sua vulva e sentiu seu orgasmo, ele sentiu que algo se quebrava dentro dele.

Um conhecimento.

Nenhuma mulher se rendeu alguma vez tão facilmente a ele.

Ninguém havia nunca aberto alguma vez essa parte que ele mantinha com tanto cuidado escondida. Que ele escondia inclusive de si mesmo. E agora se aberto. Ele o sentiu. Sentiu sua alma partir-se para meio e algo, uma escura, proibida emoção começou a fluir dele, nela. Começou a construir-se dentro dele até que nada foi o bastante, até que ele teve fome ainda quando ele esteve satisfeito. Até que ele necessitou inclusive enquanto estava dando.

Até que nada, ninguém existisse, exceto Courtney e as devastadoras necessidades construindo-se dentro de sua própria alma.

Não era suficiente. Ele ainda poderia senti-la baixo ele, sua vulva contraindo-se ao redor de seu membro, absorvendo-o, impaciente por mais inclusive enquanto ela lutava por respirar. Ela era mais selvagem que o vento, mais quente que os fossas mais profundos de um vulcão e tão pura como os lances mais profundos do oceano. E mais de uma parte dele podia senti-la estendendo a mão para ele, atando-o, encerrando uma parte de sua alma com a dela.

—Isto é sexo —grunhiu ele em seu ouvido, furioso, selvagem, lutando por recuperar o que alguma vez ninguém mais havia possuído alguma vez—. Me entende, Courtney? É sexo. Nem mais. Nem menos.

Sua vulva ondulou ao redor de sua franga, acariciando-o, mantendo-o duro quando ele deveria ter estado satisfeito, deveria ter estado satisfeito. Mantendo-o sobre a beira de uma fome do que ele não podia esconder-se.

—Mmm —O som foi sonolento, ainda cheio de fome—. Independentemente do que diga, Ian. além do que seja, podemos fazê-lo outra vez?

Ele se obrigou a retirar-se. Com cada grama de vontade dentro dele se obrigou a retirar sua dura carne do firme apertão com que ela o tinha, fazendo uma careta de prazer, de pena, enquanto a ampla cabeça ficava livre.

Separar-se-se dela foi mais difícil. Ele quis gritar enquanto se retirava, cada célula em seu corpo ansiando voltar para ela, sentir o contato suave de sua carne contra a sua. Como se as correntes elétricas que fluíam entre eles estivessem sendo destroçadas, a dor cortando sua carne.

—Tenho trabalho que fazer —Era impossível conter a fúria crescendo dentro dele—. Você tem um almoço.

Ele podia senti-la. Ele podia senti-la dar-se volta sobre a cama, seu olhar acariciando suas costas enquanto ele levantava suas calças do piso e rapidamente se vestia. Maldição, ele tinha que escapar dela. Ele tinha que quebrar o que, maldito inferno, estava-os unindo de repente, e ele tinha que quebrá-lo rapidamente. antes de que isto fora muito mais longe.

Ela não falou. Ela só o olhava, maldição.

Lhe jogou um olhar, a fúria pulsando por seu corpo ante a suave, crescente emoção nesses profundos olhos marrons. Olhos que o apanhavam, que o faziam sentir. Condenado, maldito inferno, se ele queria sentir isto, ele a tivesse procurado. Ela não teria tido que vir a ele.

—É só sexo —grunhiu ele outra vez, a cólera bombeando por suas veias, espessando seu sangue, obrigando a seu coração a correr para mantê-la fluindo por suas veias.

—Sim, Ian. É só sexo —esteve de acordo ela, muito suavemente, muito facilmente e com muita maldita emoção em sua voz.

—E não o Ele esqueça ficou a camisa sobre seus ombros antes de inclinar-se a recolher seus sapatos e meias três-quartos—. Nunca o esqueça.

—Nunca, Ian —Ela soou satisfeita, não saciada, mas sua voz gotejava prazer.

Apertando seus dentes contra as resurgentes força que se elevavam dentro dele, girou e pisando em forte saiu do quarto dela, dirigindo-se a pernadas rapidamente ao dele.

Era só sexo...

Ele se passou os dedos bruscamente por seu cabelo ao pensá-lo. Se era só sexo, se isto não era nada mais que o que ele tinha conhecido com todas as mulheres anteriores, então por que ansiava seu contato agora, mais o que a havia ele desejado antes de que ele fora a ela? por que tinha fome de algo que não tinha nome, nem definição? Algo que agora comia sua alma e que ele sabia que nunca lhe concederia alguma paz.

Se era só sexo, então por que demônios estava sua alma gritando que era mais...

Quanto mais...

A última coisa que Courtney queria fazer era deixar ao Ian e almoçar, ir às compras ou tratar de ser civilizada de algum modo, ou forma. Ela queria correr detrás do Ian, desejava lhe gritar, lhe exigir que deixasse de esconder-se dela justo quando ela pôde senti-lo lhe estendendo a mão.

Mas ela tomou banho, vestiu e quando deixou seu quarto, conteve-se de fechar da porta do dormitório com um golpe e blasfemar violentamente.

Ian, é obvio, não estava por nenhum lugar.

Escondido.

Covarde.

Ela queria enfurecer-se contra ele, lhe rugir. Ela não desejava deixá-lo e lhe dar oportunidade de levantar inclusive mais defesas contra ela. Ela desejava sustentá-lo, sentir outra vez que a conexão que ela tinha conhecido podia existir entre eles. A culminação que teve, por intermináveis segundos, correu por seus sentidos e a tinha deixado estremecendo-se em êxtase.

—Acredito que precisamos tomar um gole antes do almoço —comentou Tally Conover quando Courtney se encontrou com ela no vestíbulo, seu olhar agudo, sua expressão pensativa—. E definitivamente temos que falar com o Kimberly.

Courtney quase não pôde refrear-se de fulminá-la com o olhar.

—me acompanhe, querida, a um dia de garotas. Tem que informar ao Ian que pode chegar tarde?

—Precisarei chegar tarde? —Seus dedos se apertaram sobre sua bolsa enquanto se forçava a seguir à outra mulher à porta que o mordomo mantinha aberta cortesmente.

—Por favor lhe informe ao Ian que a Senhorita Mattlaw pode certamente chegar a demorar para voltar esta noite —lhe informou ela imperiosamente—. Estou segura que ele entenderá por que.

Courtney esperava como o demônio que ele o fizesse, porque ela não o fazia.

Seus sentidos estavam sobrecarregados. Ela não tinha nenhuma vontade de aventurar-se ao mundo real justo agora, e ela sabia.

—Isto poderia não ser uma boa idéia —suspirou ela enquanto caminhava para o pequeno Jaguar esportivo do Tally—. Talvez deveríamos ir às compras em algum outro momento.

—Coincido contigo cento por cento —Ela poderia estar de acordo, mas a diversão de sua voz assegurou ao Courtney que a outra mulher não tinha nenhuma intenção de anular qualquer fossem os projetos que tinha em mente.

—Penso em um almoço tranqüilo e agradável em minha casa, com umas poucas amigas, e muitas bebidas, nessa ordem. O que diz?

Courtney se deu volta para olhá-la quando os pneumáticos gritaram em protesto pela rápida aceleração que lhe deu ao veículo. Ela se ergueu no assento, olhando com cenho ao pensar em machucar seu cervical.

—Chegaremos ali em uma peça? —ela fez uma careta enquanto Tally tomava a avenida central, quase não olhando o tráfico que vinha em sentido contrário quando o fez.

—É obvio o faremos —Tally riu com um humor natural, agudo.

Courtney sacudiu sua cabeça, um involuntário sorriso atirando de seus lábios. Ela sabia que gostava da outra mulher por uma razão, e ela estava começando a compreender por que. Ela sabia conduzir bem, em princípio.

—vou supor algo —disse Tally de repente—. Ian, de algum modo, fez um completo asno de seu Troyano mesmo e seu não recuperaste seu equilíbrio ainda. Quando eles fazem isso, a única coisa que pode fazer é abafar seus penas em licor e amizade e planejar sua perdição até o último detalhe. Como de perto estou?

Muito perto.

—São todos eles iguais? —ela suspirou, lamentando o fato que ela tinha assumido que Ian era, de algum jeito, diferente a outros.

—Diabos, não —riu Tally—. Eles são tão únicos como eles podem ser. Mas Ian é o mais difícil. O menos afetado, por isso suponho, qualquer emoção. Inclusive desespera ao Kimberly. Sabia que ele é freqüentemente o terceiro em seu matrimônio com o Jared Raddington?

Maldição, e lhe tinha gostado de Kimberly também.

—Ela se unirá a nós para o almoço. Estou segura que terá algumas ideia em como colocar o de joelhos.

—Ele a transou e seu quer que eu a conheça? —talvez Tally não era tão intuitiva como estava começando a acreditar.

Os lábios da outra mulher se curvaram em um sorriso de satisfação.

Não se preocupe, seu amará ao Kimberly. E aprenderá que temos que nos manter unidas, ou eles nos voltariam loucas. E confia em mim, não há nenhum modo de evitá-la ou de não tomar carinho. Jared está tão unido ao Ian como ninguém pôde alguma vez.

Courtney franziu o cenho.

—me deixe adivinhar, você é a bagunceira do grupo?

—Como o adivinhaste? —um sorriso quase felina de gozo cruzou os traços do Tally, lhe dando aos planos e ângulos únicos uma aparência decididamente malvada—. Agora, te apóie no assento e te relaxe. Ian saberá que estará comigo e isso o voltará louco. Ele me conhece. E ele sabe exatamente o que tramaremos. Temos que mantê-lo fora de guarda, de outra maneira não terá possibilidade de fazê-lo cair.

Courtney desejava sacudir sua cabeça, de algum jeito voltar-se para a realidade mais que a esta estranha conversação que estava tendo.

—Quem diz que necessito ajuda?

Tally soprou.

—Seus olhos o dizem todo, querida. E o fato que Ian deixou uma reunião com o Devril e Lucian para te fazer gritar bastante forte para derrubar as vigas e que se escutasse no escritório foi pista suficiente. Eles me chamaram, é obvio.

Courtney olhou piscando enquanto se escorava automaticamente para a seguinte volta.

—Eles lhe chamaram?

—É obvio —Ela se encolheu de ombros—. estivemos esperando isto durante meses. Desde que Ian soube que estaria de visita ele pareceu um urso com uma pata machucada cada vez foi mencionada. Seu significa algo para ele, Courtney, mas ele luta contra isso. Mas Ian não quer dar seu braço a torcer. Seus amigos não querem ver que isso passe.

Havia uma beira de advertência de sua voz.

—E tampouco seu, imagino? —Essa pergunta esteve cheia de mais que uma casual curiosidade.

Courtney estreitou seu olhar no Tally, lendo mais agora que um amistoso convite a algo. Esta era uma saída pensada com muito cuidado, com o Tally Conover como líder.

—Então, qual era seu plano? —Ela se recostou em seu assento, vendo quando Tally lhe dirigiu um olhar conhecedor antes de que ela voltasse sua atenção outra vez ao caminho.

—A caída do Ian, é obvio —Tally se encolheu de ombros—. Só digamos que Ian merece ser derrubado de seu pequeno assento de gelado esplendor. Ele deveria estar tão torturado e atormentado como ele afirma que o estão nossos maridos. Agora, quando ele se zombe deles em suas pequenas aventuras para nos torturar e nos atormentar, pensará-o duas vezes.

—O que fará quando já não possa planejar a caída do Ian? —Courtney riu de repente. Ela tinha a sensação que Ian lhe tinha dado às mulheres das que ela estava a ponto de fazer-se amiga íntima, um pouco do inferno.

Tally lhe lançou um olhar repleto de zombador prazer.

—Temos uma preparada, querida. Seu nome não era exatamente o último nela.

Isso soava divertido.

—Então hoje é uma sessão de conspiração para falar? — arriscou ela com não pouca diversão.

—Essa é uma boa descrição —assentiu Tally, obviamente reprimindo seu regozijo—. Uma sessão de conspiração. A primeira de muitas.

Não havia uma possibilidade no inferno em que Courtney fora a saltar-se esta.

—Então deixemos que comecem os jogos —riu ela, de repente mais otimista do que havia antes de deixar a casa.

Estas mulheres conheciam o Ian, se nada mais, por seus maridos. Eles teriam a informação que ela necessitava para manter a vantagem que ganhou hoje. E agora mesmo, Courtney sabia, ela necessitava cada vantagem que pudesse obter sobre ele.

—Ela se partiu com a Senhora Conover, senhor. Deveria havê-la seguido?

Ian estava de pé silenciosamente ante as amplas janelas de seu escritório, suas mãos afundadas nos bolsos de suas calças enquanto franzia o cenho ante o dia triste, frio.

—Não se preocupe, Jason —suspirou ele—. Tally saberia que estavam sendo seguidas e tivesse causado tanto alvoroço como fora possível.

—Se posso dizê-lo, senhor. A senhorita Mattlaw está provando ser um pouco imprevisível. Acredito deixá-la sair sem controlá-la poderia converter-se em uma catástrofe.

Ian soprou ante a modesta apreciação.

—Catástrofe seria uma palavra suave se ela compreendesse que estava sendo vigiada. Enquanto esteja com o Tally, está razoavelmente segura.

Ele era consciente do desconcerto do Jason com as ordens inicial sobre as medidas de segurança que ele tinha dado para o Courtney. Ele tinha sido incapaz de evitá-lo. O passado era um demônio do que ele parecia não poder liberar-se, não importa o duro ele o tentasse.

—Está a segurança dela em dúvida, senhor? —o tom do Jason estava preocupado agora.

Ian suspirou cansadamente, beliscando a ponte de seu nariz enquanto fechava seus olhos e fazia a um lado a necessidade de encontrá-la, de lhe ordenar voltar para a mansão.

—Sua segurança não está em dúvida, Jasón —Ao menos ainda. Não por ninguém mais que ele e seus desejos.

—Muito bem, senhor —A confusão irradiava do mordomo—. Informarei os senhores Conover, Wyman e Andrews que você reatará a reunião logo? Eles expressaram alguma sobre se as discussões comerciais continuavam ou tinham concluído.

Ele sacudiu sua cabeça, voltando-se para o mordomo lentamente.

—Eles estão no Clube?

—Sim, senhor.

—Unirei a eles ali. Por favor me avise quando voltar a senhorita Mattlaw.

—Estou seguro que o som de comoção alcançará seus ouvidos antes de que eu possa correr a lhe avisar —pigarreou Jasón.

—Estou seguro que tem razão —um involuntário sorriso atirou de seus lábios com o pensamento—. Mas faz o intento em qualquer caso.

—Sim, senhor —Jason inclinou sua cabeça antes de girar elegantemente e deixar o quarto, deixando uma vez mais o opressivo silêncio que o tinha cheio antes de sua chegada.

É tão depravado, Ian. Vendi minha alma ao Diabo para ser sua mulher. Com que fim? Este é meu final.

Outra vez, as palavras escritas queimaram sua memória.

Ele não podia controlar a necessidade, a fome. Isso o comia vivo, como nunca o tinha feito antes.

Ele poderia vê-lo, quase podia senti-lo.

O apetite sexual do Courtney era forte, abrasador em seu calor. Ele podia vê-la, seus olhos aturdidos, o prazer consumindo-a enquanto seus lábios se abriam em um grito, intercalada entre ele e Khalid.

O meio saudita complementaria suas paixões, sua paciência. Seu controle acasalaria com o do Ian quando eles a conduziram além de qualquer limite de prazer ela pudesse ter conhecido.

Ele desejava jogar com ela. Ele desejava olhá-la retorcer-se na cama, atada, suplicando, ofegando pelo clímax enquanto ele e Khalid a conduziam além de qualquer restrição, qualquer controle consciente. Ele desejava, ferrar, ele necessitava-ansiava, vê-la alcançar esse ponto onde o clímax chegava com nada mais que uma pausa contra seus clitoris, um lametón a seu mamilo. Onde seu corpo estava tão sensibilizado, tão excitado, tão perfeitamente harmonizado pelo prazer que eles poderiam lhe brindar, que quando eles perfuraram seus ajustados canais, os orgasmos rodariam por ela, uma progressão contínua de liberação que acariciaria, chuparia, convulsionaria-se ao redor das coveiras frangas.

A necessidade era eclipsada só pela lembrança da última mulher que o tinha amado. Esse era um prazer que ele tinha querido que ela conhecesse também.

Ele pendurou sua cabeça, respirando com força enquanto seus ombros apertavam pela tensão.

Ele tinha levado a muitas mulheres a sua cama, mulheres com experiência, mulheres que não procuravam nada mais que esse ponto e foram ansiosas, muito ansiosamente, para buscá-lo. Ele tinha pensado que seria suficiente. Não foi.

Courtney lutaria. Ela rogaria, gritaria, amaldiçoaria seu controle e tentaria quebrá-lo, soubesse o resultado final ou não. Isso era parte de sua natureza. Nunca lhe daria essa parte de si mesmo sem lutar, sem desafiar seu domínio.

—Segue deprimido ainda?

Ian se deu volta lentamente para encontrar o olhar zombador de Penetre.

De todos os que rodeavam ao Ian em sua vida cotidiana, só Penetre conhecia a verdade do que imobilizava ao Ian. Ele tinha estado ali, nesses horrorosos dias posteriores à morte da Melissa.

—Está equivocado, Penetre —Seu queixo se apertou com cólera quando ele leu a zombadora condescendência no olhar do outro homem.

—Estou-o, Ian? —ele sacudiu sua cabeça, entrando no escritório enquanto fechava a porta detrás dele—. Ela é uma mulher selvagem. Quase tanto como você. Tanto que nem sequer você, com toda sua experiência, poderia talvez nunca domar. Ela é seu igual. Todos o vêem, menos você.

—Ela é uma inocente —ele exalou bruscamente.

—Ela não é Melissa, Ian. Melissa estava quebrada, por dentro. Você não poderia ter esperado isso. Não podia ver através de suas mentiras e jogos porque não a tinha conhecido durante os maus tempos. Não tinha nem idéia que ela não era a pessoa que aparentava. Você conhece o Courtney.

E ele sabia que ela era tão selvagem como o vento. Que ela sempre tinha sido impossível de sujeitar ou conter. Inclusive quando criança tinha sido como um torvelinho, agitando a fazenda, causando estragos, lançando sorrisos e desenfreadas risadas. Desde que tinha completo os dezesseis ela tinha tratado de tentá-lo. Deus, segundo ela, ela o tinha espiado.

—Talvez não preciso compartilhar ao Courtney —Ele fez retroceder seus próprios intentos de justificar o que ele desejava.

Penetre soprou enquanto se lançava sobre uma das cadeiras de couro diante do escritório aonde Ian se dirigia a grandes passos.

—Sim, e talvez o sol não tenha que levantar-se amanhã —Ele se arranhou o queixo pensativamente—. Você poderia não necessitá-lo, mas te aposto que ela o faz.

Os olhos do Ian se estreitaram.

—Você está fora de carreira.

—Graças a Deus —grunhiu Penetre—. Tessa é a única mulher selvagem que posso dirigir. Se ela não me ferrar até me enviar a uma prematura tumba será um milagre.

Ian caiu em sua cadeira, ajeitando-se pesadamente contra o acolchoado respaldo enquanto levantava seus pés sobre o escritório e apoiava sua cabeça atrás para contemplar o teto malhumoradamente.

Tal inacción estava contra sua natureza. Ele tinha mantido suas participações a um certo nível por uma razão, permitindo-a total imersão de seus sentidos em sua sexualidade quando a oportunidade surgia.

Ele era um homem de negócios, dirigindo não só O Clube, mas também também fiscalizando vários negócios que seu pai lhe tinha deixado, assim como uma multidão de outros interesses. Sua vida era freqüentemente movimento, cheia de perguntas, respostas, e reflexos comerciais ultrarrápidos. Ele prosperou com isso. Ansiava-o. Mas o nível de tensão freqüentemente se voltava tremendo.

Era precisamente então que Ian encontrava que sua sexualidade tomava a dianteira. Ele começava a ter fome, a necessitar os excessos nos que ele encontrava prazer. Com toda honestidade, ele já teria encontrado alívio, se tivesse sido alguma outra mulher. Ele tinha saído com inocentes, demônios, ele inclusive se deitou com várias mulheres que ele sabia não estavam feitas para a vida que ele vivia. E ele sempre tinha encontrado, sem falta, sua máxima satisfação, o alívio da crescente tensão, da solidão, da necessidade de só dar, quando ele ajudava a uma amante a chegar aos mesmos pináculos do êxtase.

Era onde ele tinha fome de enviar ao Courtney.

Estava começando a torturá-lo, atormentá-lo. Estava começando a temer não poder resistir muito mais tempo.

—Façamos uma pequena aposta —A voz de Penetre devolveu de suas próprias reflexões.

—Que tipo de aposta? —Ian estreitou seus olhos em seu amigo de tanto tempo.

—Dez mil a que ela te empurra a fazê-lo. Que ela faz algo que quebre todo este cuidadoso controle ao que te está forçando, e antes de que saiba, terá-a atada e enfaixados os olhos, gritando por piedade enquanto seu e um terceiro trabalham ela. Outros dez a que escolhe ao Khalid.

Ian soprou. Khalid era um fixo. Nenhum dos outros Troyanos, exceto Penetre, entendia essa mania em particular.

Inferno, o primeiro era um fato. Ele estava ferrado e sabia. A única pergunta era quanto tempo mais poderia resistir, possivelmente. Ele realmente estava começando a rogar que Dane tivesse uma pista e chegasse rapidamente.

—Vai-te ao diabo.

—A aposta ainda está em pé. Regras de clube. Coloquei o desafio, depende de você ganhar ou perder. Concessões de tempo —Penetre estreitou seus olhos pensativamente—. Lhe farei isso fácil. Uma semana.

ele poderia resistir uma semana? Seguro que poderia. Uma semana seria fácil. Sobre tudo depois da chamada Telefónica ao Dane que ele tinha intenção de fazer. Ian não estava admitindo que se abafava em um atoleiro de sua própria fabricação.

—Uma semana —esteve de acordo enquanto Penetre parava, com um sorriso zombador curvando seus lábios.

—Maldição. Tenho que vir ao Clube mais freqüentemente. Isto poderia voltar-se divertido —ele riu disimuladamente enquanto se dirigia à porta—. Boa sorte, companheiro. E não preencha seu própria aposta. Eu não estaria contente.

—A que vem? —disse Ian levantando-se lentamente.

—A que vem. Se chamas ao Dane, todas as apostas são canceladas, e estou seguro que seu doce inocente conhecerá algumas assombrosas verdades de casa. Tess é boa abrindo a boca quando a necessidade surge —Penetre voltou e o saudou, burlonamente—. boa noite, Ian.

Ian apertou os punhos. Se o filho de puta não fora seu melhor amigo, mataria-o.

Ian se passeava a meia-noite enquanto Courtney ainda não tinha voltado para casa. À uma olhava o relógio, blasfemava e se tomava um uísque. Às duas da manhã teve suficiente. Conhecia muito bem ao Tally. Era uma incitadora e determinada a torturar e atormentar aos homens que conhecia. Voltava loucos a seus maridos no escritório, e quando eles não podiam suportar mais, confabulava-se com as outras mulheres para fazer a vida de seus maridos um inferno.

Ela pensava continuamente em modos de entrar sigilosamente no Clube sem o Devril ou Lucian, e ainda pior, colocava furtivamente às outras mulheres. te esqueça de perguntar, a mulher pensava que tinha que jogar aos malditos comandos.

Às três essa manhã, a limusine entrou no meio-fio diante da mansão Conover. Cada luz no nível inferior da casa parecia estar acesa quando Ian cruzou de um limiar os degraus do frente. Quando o mordomo abriu a porta, com um cenho em sua taciturna face, Ian pôde ouvir o batimento de percussão do Depeche Mode pulsando pela casa.

—Senhor. Os Senhores Conover se retiraram ao desvão, acredito, pela segurança de seus tímpanos —Era evidente que Devril e Lucian tinham deixado ao robusto ex-gorila, Tim, pendente do desenvolvimento do caos.

—Eu recolherei à senhorita Mattlaw —Ele foi obrigado a levantar sua voz vários níveis enquanto entrava na casa e se dirigia para o quarto familiar.

Quando chegou à entrada, deteve-se horrorizado.

Querido Deus, estavam todas ali.

Tally Conover, Tess Andrews, Ela e Terrie Wyman, Kimberly... Tragou com força enquanto olhava às mulheres brindando umas com outras enquanto estavam estendidas no chão, mais que umas poucas garrafas vazias de vinho jogadas em um lado. Em poucos segundos despacharam os copos com os que acabavam de brindar.

Courtney estava bebida.

Ela tragou o vinho logo se tombou de costas, obviamente para falar, embora ele duvidava que alguém pudesse ouvi-la.

Ele andou a pernas ao outro lado do quarto e atirou o interruptor do reproduutor do CD rapidamente.

—...e então ele será massa em seus mãos...—Kimberly Raddington ria com regozijo enquanto se inclinava perto de uma Courtney de olhos muito abertos, sua voz ressonando surpreendentemente no quarto silencioso.

Todas pareceram congelar-se. Seis pares de olhos giraram devagar para ele quando Courtney exalou com exagerada paciência.

—Disse-lhes que ele viria a me buscar —O acento pontual de sua voz lhe advertiu que ia ser menos que cooperativa. O cenho franzido que pregava sua frente era a prova adicional.

—Ian, querido, esse é meu reproduutor do CD —permaneceu no chão, embora sua voz estava menos que contente—. E Depeche Mode nunca deveria ser apagado com tal ímpeto.

Ela pareceu imperiosa. Furiosa. Maldição, muito perversa.

Ele se esfregou a frente com cansaço antes de olhar fixamente através do quarto onde Courtney lutava por levantar-se.

Seu cabelo longo, escuro fluiu ao redor de seus ombros, acariciando seus braços e arrastando-se através de um peito quando ela se endireitou completamente. Estava descalça, as unhas do pé brilhando sob a brilhante luz do teto. O vestido de algodão suave cobria seu seios plenos e acariciava seus quadris antes de cair em uma nuvem de material suave apenas debaixo de suas coxas.

Era quase escandaloso.

E ela estava condenadamente bonita.

O pensamento atingiu seu peito com a força de um maço.

Ela era bonita. Suave, doce, e tão desejável que fez tudo o que pôde por manter seu frágil controle. Quis lhe sorrir. Seu coração pareceu derreter-se ao vê-la e isso, maldição, aterrorizou-o.

—Olá, Ian —Seu sorriso era amplo, seus olhos escuros brilhando com perversa diversão—. Me sentiu falta de?

—Horivelmente —Seus lábios se curvaram com um rictus de brincadeira por volta de si mesmo quando avançou por volta dela—. As lojas entregaram seu roupa esta tarde. Acredito que as esvaziaste em um momento. Está preparada para ir a casa agora?

Ela se mordeu o lábio, sua expressão se suavizou quando compreendeu o que ele havia dito. Casa. Caray, ela se estava fazendo uma parte muito importante de sua vida.

—Bem, se me necessitar o suficiente para vir a me buscar você mesmo, acredito que estou preparada para ir —olhou fixamente ao redor do quarto confusa enquanto as outras mulheres se sentavam—. Alguém viu meus sapatos?

Pela razão que fosse, isso produziu outra ronda de risadas dissimuladas e tolas das outras mulheres.

Minutos mais tarde, seus sapatos foram localizados sob uma cadeira. Cinco traseiros femininos dedilharam no ar quando as outras mulheres decidiram que ela talvez necessitasse ajuda para encontrá-los. Ian estava de pé ao outro lado do quarto, com sua cabeça inclinada, olhando-os com não pouca confusão quando ouviu um suspiro exasperado detrás dele.

Girando, enfrentou ao Devril e Lucian Conover.

—Obrigado —a expressão do Lucian era mal-humorada quando olhou fixamente detrás do Ian—. Essa maldita música me estava voltando louco.

—Ao menos a música os abafava —Devril fez um gesto por volta das mulheres quando Courtney se desabou em uma cadeira e meneou seus pés miúdos com os sapatos postos—. As coisas que ouvi de suas bocas me dão pesadelos durante anos.

—Quem sabia que Tally tinha uma veia tão sanguinária?—Lucian sacudiu sua cabeça, contemplando à mulher com uma expressão pensativa.

Esse comentário e o olhar na face do outro homem asseguraram ao Ian que a “sanguinária” esposa do Lucian devia ter estado dando ao Courtney conselhos para fazer sua vida um inferno. Justo o que ele necessitava.

—Estou preparada —anunciou Courtney enquanto se levantava, cambaleando-se um pouco antes de ficar finalmente direita.

Caminhou com cuidado através do quarto, seu olhar voltando-se sonolenta, sensual enquanto se aproximava dele. Seu pênis ficou mais duro.

—Boa sorte —Lucian resmungou quando ela se aproximou—. Recorda, Tally esteve aconselhando-a. Isso nunca é bom.

Ian sacudiu sua cabeça, seus braços rodeando a forma leve que se aproximou contra seu peito. Ele foi consciente da surpresa do Lucian e do Devril quando a aproximou de seu peito, como estava bem consciente do sentido de equilíbrio, do calor que isso lhe trazia.

—Vamos, puta —Ele não estava seguro que ela pudesse percorrer a distância à limusine só.

Sem fazer caso aos outros dois homens tomou em seus braços, seus lábios se curvaram divertidos, quando ela pareceu cantarolar de prazer, seus braços lhe rodearam o pescoço.

—Eu gosto que me leve, Ian —murmurou contra seu ouvido enquanto ele avançava a pernas para a porta principal—. Minhas pernas se voltam gelatina perto de você, mencionei isso? —refletiu quando o mordomo abriu a porta e ele saiu a pernas ao frio ar da noite.

Courtney, completamente perturbada, só se aproximou mais, seu nariz metido em seu pescoço enquanto chofer abria rapidamente a porta.

—vais ser minha morte, Courtney —Ele se inclinou, entrando na limusine com sua carga e recostando-se na comodidade dos assentos de couro enquanto pressionava o botão que levantava a janela de separação entre o fronte e atrás.

Estava tão duro, tão condenadamente duro que pensou que sua franga bem podia arrebentar-se em suas calças. E se o pequeno murmúrio sensual do Courtney de aprovação quando sentiu a dura longitude de sua ereção contra seu traseiro era alguma indicação, o passeio a casa estaria carregado de frustração. Como não havia nada que fazer, acomodou-a para colocá-la de costas e viajar com ela.

—Quando vais ferrar me o traseiro, Ian? —Ela se meneou contra seu regaço e ofegou.

—vou surrar seu traseiro, —grunhiu ele, incapaz de deter sua mão que acariciava sua perna, deslizando-se sob o suave peso do vestido.

E ele sorria. Na luz frágil sentiu que seus lábios se arqueavam, a risada em seu peito e se assombrou. Deveria ter estado enfurecido por que ela ficasse fora toda a noite conspirando para voltá-lo louco. Em troca, tudo o que realmente sentia era um sentimento estranho de alegria por que ela estivesse de volta em seus braços.

—Esses seriam jogos preliminares —riu ela tola e festivamente quando sua mão acariciou a carne sensível detrás de seu joelho.

—Então o serão —Ele grunhiu para cobrir sua risada.

A escuridão lhe permitiu a possibilidade de liberar uma pequena parte da surpreendente felicidade com a que ela parecia enchê-lo nos momentos mais inauditos. O que acontecia ela? Deveria ter estado trovejando, furioso com ela por suas manipulações, sua determinação de querer algo com ele. Em troca, não podia fazer nada, salvo lhe permitir à descarada mujercita fazê-lo, agüentá-lo e ver como todo dentro dele se estendia para ela.

—Hmm. Temos que dar um passeio na limusine mais longo uma noite, Ian —Se reclinou em seus braços, seus olhos brilhando sob suas pestanas—. Eu poderia me colocar tão travessa na parte traseira deste carro.

—Sério? —Ele levantou uma sobrancelha.

—A sério —suspirou ela—. Poderíamos nos despir e ter sexo ardente e selvagem enquanto viajamos. A noite que fomos casa do aeroporto, não queria nada mais que me ajoelhar ante você e tomar seu franga em minha boca. Teria-te surpreso?

Surpreso? Ele teria tido um ataque. Ainda podia o ter.

—Poderíamos nos divertir tanto —ela se inclinou para frente, mordiscando seu ouvido enquanto a mão dele apertada sua coxa, separando suas pernas enquanto sentia aumentar sua respiração. A mulher ia voltá-lo louco.

—Não há tempo para estes jogos, Courtney —gemeu quando sua língua o acariciou ao longo de seu pescoço—. Estamos quase em casa...

—Arrumado que poderia me correr só me roçando contra você —suspirou contra seu ouvido—. Só o som de seu voz me excita. me fale sujo, Ian. me faça me correr para você

Sua voz brincava, seu corpo não o para.

Os dedos dele roçaram a entrepierna de suas calcinhas para as encontrar quentes, molhadas. Seus sucos endureciam a seda nas curvas nuas de sua vagina e o tentavam além da resistência. Ofegou quando seus dedos acariciaram o material e apertou seu queixo enquanto lutava com ímpeto.

Ela se correria facilmente para ele, sabia. Ela se entregaria a seus braços, derramaria sua doce creme sobre sua franga e gritaria seu nome.

—Quando chegar a casa, não poderei esperar chegar ao dormitório, Courtney. Corre perigo de ser transada na escada.

—Mmm. —Ela se meneou em seu regaço—. Entretanto deve fazê-lo, Ian. passou muito tempo que não está dentro de mim. Sinto-me tão vazia. Necessito-te dentro de mim.

Os olhos dele se fecharam ante a emoção que ouviu em sua voz. Tinha a sensação que ela estava pensando em algo mais que seu pênis enchendo-a.

Ela se aconchegou contra seu peito outra vez, sua cabeça descansando contra seu ombro enquanto seu cabelo caía como uma fita de seda desde seu braço ao assento. Sua mão se afundou na massa, algo dentro dele se apertou dolorosamente.

Agora sabia por que tinha mantido suas relações puramente superficiais. por que nunca permitiu aproximar-se das mulheres que se levava a cama. Por que conhecia os perigos inerentes de sentir outra vez.

Infelizmente, Courtney não estava pedindo nada. Nunca o fazia. Desde a primeira vez que a tinha visto sendo uma menina, tinha entrado em seu resistente coração com seu sorriso aberto e generosidade. Ela tinha sido uma criança. Ele havia se acreditou seguro amando-a. Infernos, necessitava a alguém a quem amar e não lhe tinha pedido até agora mais que um sorriso de vez em quando. Nunca tinha imaginado as mudanças que esse momento traria.

Quando se localizou contra ele, Ian descansou seu queixo contra sua cabeça, sua mão ainda acariciando a carne suave de sua coxa interior, tão perto, e ainda tão afastado do calor que ansiava. Seus olhos fechados enquanto o silêncio os rodeava, a intimidade do momento entretecendo-se em sua alma.

—Amo-te, Ian.

Sua voz foi suave, as palavras lhe escaparam quando se relaxou contra ele, deslizando-se no sonho com toda a inocência e a confiança de um criança.

Apertou seus dentes enquanto um esmagante sentimento de fome o afligiu. Como se as palavras tivessem aberto algo dentro dele, rasgando-o que o deixou agarrando-se a um leve controle que escorregava rapidamente.

Amo-te, Ian...

As palavras fluíram a seu redor, ressonando em seus sentidos e deixando-o com uma dor oca que não tinha sentido, um com o que sabia não poderia viver.

Amor. O sonho de um criança. A fantasia de uma moça jovem. Mas Ian era um homem, já não era um criança, e sem uma gota de inocência dentro dele. E o amor, sabia, não podia formar parte de sua vida.

Capítulo 9

Courtney gemeu miseravelmente quando ela despertou a tarde seguinte, seus olhos piscando ao abrir-se na frágil luz do quarto. E não deveria ser frágil. Em seu dormitório entrava o sol pela tarde, as cortinas transparentes faziam pouco para mantê-lo a raia quando este se derramava no quarto.

Abrindo seus olhos, ela olhou fixamente através da enorme cama a residência fresca e tenuemente iluminada, enquanto um sorriso inconsciente aparecia em seus lábios. Ela estava na cama do Ian. Não é que ele estivesse ali com ela, mas tinha estado.

Sua mão alcançou o travesseiro que estava ao outro lado, a leve marca em lhe assegurava que tinha dormido ao lado dela.

Tinha-a abraçado ele enquanto ela dormia?

Ela gemeu miseravelmente. Em que demônios estava pensando a noite anterior para beber tanto? Ela sabia que não poderia manter-se acordada. O vinho era mais eficaz que qualquer sonífero quando ela estava preocupada. Sua tolice lhe tinha feito perder uma noite pela qual tivesse dado algo por recordar.

A sensação de seus braços sustentando-a. Se é que ele a havia sustentado.

Ela passeou seu olhar pensativamente ao redor do quarto masculino. O escuro e pesado mobiliário enfatizava a penumbra do quarto e acrescentava um ar de protetora comodidade. Aqui, Ian se tinha rodeado com mobiliário confortável. O arca, o penteadeira e o armário eram definitivamente antiguidades maravilhosamente conservadas. O secreter no lado oposto do quarto parecia um pouco incongruente com o computador portátil que estava sobre sua polida superfície.

E a cama. Ela contemplou os pesados postes ao pé da cama elevando uns bons trinta centímetros do colchão. Era enorme, obviamente feita por encargo e magnificamente cômoda. Ela poderia estar ali durante horas. O aroma do Ian envolvendo-a, suas mantas abrigando-a, sua cama protegendo-a. Tudo o que ela precisava estava aqui, exceto Ian.

Ela se acomodou mais profundamente na calidez da cama enquanto contemplava o brilho calido do sol detrás das pesadas cortinas. A noite passada tinha sido reveladora. Não só pela informação que ela tinha obtido do Ian, mas também as coisas que ela tinha aprendido sobre si mesmo. Tinha acreditado que ela estaria incômoda se conhecia realmente a qualquer mulher que Ian tivesse transado em outra relação. Mas com respeito ao Kimberly Raddington, não nada de ciúmes.

A mulher era calida, amistosa, e tão obviamente apaixonada por seu marido que tinha acabado rapidamente com qualquer mau sentimento do Courtney para ela. Sim, Ian a havia tocado, freqüentemente. Ele tinha sido o terceiro em seu matrimônio durante muitos meses. Mas isso tinha terminado a noite que Courtney tinha chegado. Ele não havia tornado após, e a notícia mais alentadora que a outra mulher tinha deixado cair, era que Ian havia dito a ela e a seu marido Jared, que eles teriam que encontrar outro terceiro para satisfazer o equilíbrio que ambos procuravam em sua relação sexual.

Mas Ian ainda não fazia nenhum movimento para completar sua relação com ela. Ela mordeu seu lábio com indecisão enquanto tratava de entender aquilo. Ela sabia o que ele queria. Sabia o que ele ansiava fazer. Ela podia sentir a tensão voando pelo ar cada vez que outro homem se aproximava deles. Também podia sentir a tensão que se eleva no Ian. Quando ele a tocava, ele estava tão obviamente controlado, pisoteando a luxúria selvagem que ela tanto ansiava.

Ela tinha pensado que só conseguindo levá-lo a cama seria suficiente. Que o resto seguiria automaticamente. Ela estava descobrindo que não era assim.

—Ressaca?

Sua cabeça girou rapidamente para a porta do quarto de banho. O ritmo de seu coração aumentou, sua boca seca pela vista dele. Obviamente acabava de tomar banho. Seus ombros brilhavam com uma leve umidade, assim como seu escuro e sedoso cabelo.

—Não estava bêbada —lhe informou com o pouco orgulho que pôde tirar reluzir, enquanto seu olhar baixava, a impressionante ereção que me sobressaía de seu corpo.

—Hmm... —Ele se moveu então, andando devagar para ela enquanto ela se sentava na cama.

Ele parecia selvagem. Sem domar.

—Nada de dor de cabeça? —sua voz palpitava com luxúria.

Ela sacudiu sua cabeça lentamente, passando sua língua sobre seus lábios secos quando sua posição a colocou no nível perfeito para receber sua dureza com uma úmida saudação de bom dia.

—Esperei toda a maldita noite a que despertasse —grunhiu ele, sua mão chegou como um arpão à massa enredada de seu cabelo solto—. Te necessito, Courtney.

Ele não havia dito que a queria. Ele não havia dito que ia ferrar a. Ele disse que a necessitava. Todo dentro dela se retesou com ilusão, inclusive enquanto seus lábios se abriam emitindo um gemido desigual e a ampla cabeça de sua franga os atravessava.

Sua língua se arrastou pela ultra-sensível carne de abaixo enquanto a endurecida carne se sacudiu contra ela. Suas mãos apertaram seu cabelo enquanto ela apoiava uma de suas mãos no colchão baixo ela, os dedos da outra se enroscavam ao redor da grossa apóie.

—Boa garota —sussurrou ele, sua voz tensa de luxúria enquanto ela tomava tanto de sua ereção como se atrevia nos escuros limites de sua boca—. Tem uma boca muito doce, bebê. Tão suave e quente, como seda e fogo.

Sua vulva palpitou com suas palavras quando ela olhou acima para ele, vendo a estreita intensidade de seu olhar, a fome acesa de sua luxúria.

Ela apertou seus lábios ao redor dele, amamentando-se dele devagar, suavemente, gemendo com o sabor da carne escura do homem.

—Que bonito —Sua voz era uma carícia acalorada para seus sentidos—. Ver seu boca completamente aberta e estirada por minha franga, seu preciosa face toda vermelha e faminta. Me estas empurrando, bebê. me

empurre tanto como Ele queira se sacudiu contra ela enquanto a mão dela percorreu todo o longo de sua vara até que chegou ao tenso saco de abaixo—. Ferrar sim. É uma boa garota.

Ela aplaudiu suas bolas, seus lábios chupando ruidosamente sua ereção enquanto ele envolvia seus dedos bastante longe de seu longo e grosso membro para evitar abafá-la quando seus impulsos começaram a aumentar.

Courtney gemeu com dolorosa excitação quando ela apertou suas coxas contra a dor de sua vulva.

—Sabe o que vou fazer te esta manhã, Courtney? —perguntou-lhe, com sua voz áspera enquanto introduzia sua franga em sua boca—. vou ferrar seu bonita primeiro boca. Olhar seus olhos escuros e redondos enquanto me corro em seu garganta. E vais tomar o todo, verdade, bebê? Tomá-lo e amá-lo.

Deus sim. Ela o queria. Ela tinha fome dele. De todo o dele.

—Quando terminar, vou transar seu traseiro, Courtney —Ele parecia agora atormentado, torturado—. tentei não fazê-lo, carinho. Deus sabe que o tenho feito. Mas o necessito.

Ela sorveu sua franga mais profundamente, seu traseiro estremecendo-se ante o pensamento, o sangue precipitando-se por seu sistema quando ela começou a gemer em antecipação. Isto era o que ela necessitava, o que ela tinha tido saudades. Ian, faminto, absorto na satisfação de sua fome que bramava furiosamente através de ambos. Dominante. Feroz.

Ele riu entre dentes, com um som completamente cheio de luxúria.

—Você gosta desse pensamento, verdade, carinho? Minha franga cravada em seu traseiro, te estirando, te fazendo gritar com essa sensação. É isso o que quer?

Sim! Ela gritou a palavra silenciosamente enquanto ele tomava mais profundo, em sua garganta, tão faminta agora pelo sabor dele que a necessidade era voraz, fora de controle.

—Não terá que ver outra tomando mais, Courtney. É todo teu no momento, querida—. Ele se movia mais rápido, sua franga endurecida enquanto ela lambia, sorvia, os sons de seu prazer, dos dele, ressonando a seu redor.

Ele chegou mais abaixo, movendo os dedos dela de onde acariciavam suas bolas, e fazendo que se curvassem sobre seu membro enquanto ele movia sua mão a sua cabeça. Ambas as mãos estavam enredadas agora em seu cabelo, sustentando-a no lugar quando ele começou a transar sua boca mais duro, mais rápido.

Courtney podia sentir a advertência de sua liberação, o pulso e batimento da cabeça quando alcançou a entrada a sua garganta, a onda de sangue pelas grosas veias contra sua língua, perto da dolorosa dureza.

—Mais duro —ordenou ele bruscamente, seus dedos apertavam seu cabelo, atirando dele e enviando raios acesos com uma sensação que cruzava sua cabeça. —Sorve-o mais duro, bebê. vou correr me. Ferrar, Courtney... se, bebe... chupa-o, bebê... vou correr me...

Ele estava tenso, afundando a ereção em sua boca com vários impulsos duros, pouco profundos antes de que ele atirasse sua cabeça para trás e sentisse que seu sêmen começava a fazer erupção de sua franga. Feroz, com um toque de salgada perfeição masculina e escura luxúria, o gosto dele era viciante enquanto enchia sua boca, o pulso de sua liberação lhe arrancou gemidos de prazer enquanto ela o tragava.

Ela manteve a feroz carne masculina tanto como ele o permitiu, sua boca se movia facilmente por ele, lambendo cada gota de seu sêmen da ponta de sua franga até que ele moveu para trás, atirando e deixando-a livre dela com um gemido resistente.

Os lábios dele se torceram. Um agridoce sorriso enquanto ele sustentava sua cabeça no lugar, e baixava o olhar para ela.

—Quando te deixar ir, quero-te no centro da cama, sobre seu estômago, seus braços e pernas estendidas. Fará isso para mim, Courtney?

Ela caminharia sobre o fogo por ele.

Ela moveu a cabeça devagar.

—Não será fácil para você —Sua voz baixou, batendo com ávida luxúria—. Entende que agora, se fizer isto, não será fácil. Estou... muito necessitado.

—Ian, não me quebrarei —Ela deslizou suas mãos lentamente pelas coxas dele, seus lábios movendo-se aos apertados, duros planos de seu estômago—. Algo que queira, é tua.

O abdômen dele se encolheu quando ela falou.

—Só isso —. Suas mãos agarraram seu cabelo, seu corpo endurecendo-se ainda mais—. Algo que eu possa te dar, não importa o que.

Algo que possa lhe dar. Ele tinha enfatizado isto. Só. Só ele. Quando ela sabia que ambos mais ansiavam.

—Faz como te disse —. Ele se moveu para trás, liberando-a enquanto se afastava dela—. Ao centro da cama.

Ela fez quanto ele pediu, lhe sentindo sacudir a savana e colocando o edredom fora de seu caminho quando ela se tombou sobre seu estômago no mesmo centro enquanto ele preparava a cama. Os travesseiros foram lançados ao chão, e segundos mais tarde o estalo continuado de correntes lhe tirou o fôlego.

—vou atar te —. Ele envolveu uns punhos acolchoados ao redor de um punho e assegurou o fechamento de velcro—. As correntes estão bastante frouxas no momento.

Ele se moveu para seu tornozelo e assegurou a restrição ali, antes de repeti-lo ao outro lado. Segundos mais tarde, ela estava sujeita à cama pelas correntes. Eram o bastante grossas para mantê-la no lugar, mas não tanto como para ser incômodas

—Excelente —Ele acariciou seu traseiro antes de mover de sua linha de visão.

O som da abertura de uma gaveta fez que seus sentidos se aguçassem, que sua respiração se intensificasse quando ela ouviu que ele voltava para a cama.

—vou enfaixar te os olhos.

Ela ofegou quando o tecido escuro se deslizou sobre seus olhos e foi rapidamente atada na parte de atrás.

—Seus outros sentidos se voltarão mais agudos, mais claros enquanto não possa ver seu redor —sussurrou ele—. Cada toque, cada som, é amplificado. Faz ascender a antecipação, as sensações atingiam mais duro seu carne —Ele a atou rapidamente detrás de sua cabeça—. Não tem nem idéia o duro que me faz, Courtney, te vendo desta maneira, disposta a algo que eu deseje, incapaz de lutar contra o prazer. Saber que estará perdida entre as sensações que posso te dar.

Ela gemeu com o som de sua voz, a antecipação se elevava dentro dela enquanto lutava por encontrar uma luz tênue de luz dentro da escuridão repentina que a rodeava.

—Ian! —Uma aguda exclamação de surpresa saiu de seus lábios quando sua mão caiu pesadamente em seu traseiro.

Ele riu entre dentes em resposta.

—Empresta atenção, bebê?

—Humm! —Ela soprou em pergunta, a nádega de seu traseiro zumbia com ardoroso prazer.

Sua vulva se estava molhando por momentos, e ela jurou que seus mamilos faziam buracos no colchão.

—Vêem aqui —A cama se afundou ao lado dela quando o sentiu deslizar seu braço baixo ela, levantando-a até que ela descansou em suas mãos e joelhos. Só o justo. Ela teve que retesar-se para manter-se no lugar com as correntes apertadas e ela o sentiu tornar-se a seu lado, seu cabelo acariciava a carne sensível de seu braço enquanto sua cabeça se movia baixo ela.

—Perfeito —sussurrou ele, seu fôlego quente e úmido, acariciou seu mamilo um segundo antes de que sua língua se frissasse a seu redor.

Courtney se sacudiu, gritando com surpresa quando o prazer quase a enviou rapidamente a sua própria liberação.

Ele lambeu devagar, sua língua raspou o pico duramente durante segundos longos. Então sua boca o rodeou, apertando-o fortemente, aproximando-a a um fragmento doloroso de agradar ao passar como um raio de seu mamilo a sua matriz com cada sucção de sua boca.

Sua cabeça se moveu, o prazer se envolvia ao redor dela, extremo, próximo à dor em sua intensidade. Então rapidamente, foi.

Ela podia ouvi-lo respirando com um som áspero enquanto se esforçava em ouvi-lo.

—Boa garota —sussurrou ele, movendo-se sob seu corpo enquanto ela tremia com cego estremecimento de antecipação—. me Dê seus lábios, Courtney. me beije, neném.

Ela baixou sua cabeça freneticamente, em sua busca, encontrando seus lábios enquanto a fome a afligia. Lábios e línguas lutando por aproximar-se mais, para alimentar-se na paixão que se elevava quente e feroz entre eles. Não, não paixão. Se não algo muito mais feroz, mais elementar. Chegou a ser mais que desejo, mais que fome enquanto ela corcoveava em seus braços, seus mamilos raspando sobre seu peito, seus lábios sustentados e controlados pelos dele enquanto sua língua provava cada úmido centímetro de sua boca e língua.

—Não. Não o ela faça lançou um grito quando ele quebrou o contato, procurando freneticamente seus lábios.

Ele em troca encontrou os dela. Sorvendo. Beliscando. Ele rechaçou tomá-la totalmente, lhe dar a dura, dominante força do beijo pelo que ela suplicava.

Courtney gemeu de frustração quando ele se moveu outra vez, saindo de debaixo dela, obrigando-a a manter-se no lugar enquanto suas mãos acariciavam todo seu corpo. Ele aplaudiu seu seios, seus dedos atirando de seus duros mamilos.

—Eu poderia chupar estas pequenas pontas tensas todo o dia —sussurrou ele em seu ombro—. Mas há tanto por explorar, Courtney. Tantas maneiras em que eu preciso desfrutar de você.

Tantas maneiras das que ela queria ser desfrutada.

—Permanece assim —Ela o sentiu movendo-se para trás, sua mão a acariciou suavemente—. Primeiro conseguimos que esteja preparada.

—OH Deus. Ian ...

Ela podia senti-lo estendendo-se na cama, seu cabelo úmido acariciando suas coxas enquanto movia sua cabeça entre suas pernas.

—Fique assim —Ele deu uma palmada em seu traseiro quando ela se moveu para aproximar sua vulva a sua boca.

Courtney mordida seu lábio, estirando-o, tratando de recuperar o fôlego enquanto uma mão agarrava suas nádegas, as separando lentamente enquanto a outra mão se aproximava.

Cada músculo que ela possuía começou a gritar de prazer quando sentiu a estreita ponta do tubo de lubrificante que começava a deslizar-se devagar dentro da apertada entrada de seu traseiro.

—te relaxe... —Seu fôlego acariciou seus clitóris, fazendo-a sacudir-se em reação.

Ela podia sentir seus sucos, que gotejavam ao longo dos lábios de sua vulva quando ele murmurou sua apreciação. Sua língua, Era sua língua?, atingindo os pregas empapados, juntando o excesso cremoso enquanto se entreteinha com sua carne. Ele nunca a havia tocado realmente, mas a estava voltando louca mais inclusive quando ela sentiu a boquilha deslizando-se mais profundamente dentro dela.

—Só vamos jogar um pouquinho —sussurrou ele, seu fôlego abrasando suas pregas—. vou transar te muito bem e lento enquanto estenda a lubrificação dentro de você. E enquanto faço isso, vou fazer isto...

A boquilha se deslizou para trás, estendendo o refrescante gel enquanto sua língua atingia a estreita fátia, carregada de creme de sua vulva antes de envolver-se ao redor de seus clitóris. Ela se teria caído da cama pelas sensações se as restrições não a estivessem sustentando no lugar. Ela se estremeceu, um grito rouco saiu de seus lábios quando o prazer a atravessou com a força de um raio, chamuscando cada terminação nervosa que ela possuía antes de que ele retrocedesse e deslizasse a boquilha profundamente dentro de seu traseiro outra vez, fazendo-a resistir contra o prazer da penetração.

—Mmm ... Seus sucos estão gotejando de seu vulva, Courtney. Não sequer tenho que te tocar para saborear a doçura.

Tremores corriam por seu espinho enquanto os músculos de seu ânus apertavam a boquilha. Ele o moveu outra vez, retrocedendo quando ela se apertou, esperando a sensação de sua língua. Isto nunca tinha passado. A boquilha se deslizou dentro dela outra vez enquanto ele começava a transá-la com golpes lentos, suaves, injetando pequenas quantidades de lubrificação dentro dela enquanto ele se movia.

—Ian... por favor... outra vez... —Ela soluçava quase da necessidade.

—O que, bebê? —Seu fôlego acariciou seus clitóris—. me Diga o que quer.

—me lamba —ela não tinha nenhuma vergonha—. Lambe minha vulva, Ian. Por favor.

Lento, quase não tocando-a, sua língua passou outra vez sobre os pregas inchados enquanto ela gemia de frustração.

—Assim?

Ela corcoveou, baixando seus quadris, só para receber outro golpe a seu traseiro em castigo.

—Fica quieta —ordenou ele firmemente.

—Ian, isto é cruel —chorou ela, sua cabeça pendurando entre seus braços enquanto ela lutava por manter-se direita—. Preciso mais.

A boquilha se deslizou em outra vez, dura, com um impulso abrasador através da resbalosa entrada traseira de suas costas arqueada. Ao mesmo tempo, sua língua se inundou dentro de sua molhada vulva, atingindo, acariciando o interior de seus músculos enquanto um grito estrangulado de prazer saía de sua garganta.

—Não. Maldição, Ian... —disse ela quando ele se retirou outra vez.

Courtney lutou por respirar, por manter sua prudência enquanto seus quadris baixavam, tratando de seguir sua malvada língua. Os golpes agudos em seu traseiro só acrescentaram prazer, enquanto os curtos golpes da boquilha em seu traseiro se fizeram mais suaves. Ela se retorceu, lutando contra a escuridão que a rodeava, o anseio a estava comendo viva enquanto a língua dele lambia, seus dentes beliscavam, mas nunca nos pontos que ela necessitava, nunca quando ela o necessitava.

—Isto não é justo —gritou ela, apertando sobre a boquilha quando este se retirou outra vez—. Ian, juro-o. Juro que me estas matando.

Ela podia sentir os sucos que corriam de sua vulva, o canal gotejava liquido em uma agonia de prazer enquanto sua matriz se contraía espasmodicamente pela necessidade da liberação.

—Maldição, seu vulva está tão quente, neném —grunhiu ele, sua língua a lambia outra vez, sua mão lhe dava outro quente golpe, dando prazer a seu traseiro enquanto ela lutava outra vez por aproximar a necessitada carne a sua boca.

—Come-o —ofegou ela, sentindo que a transpiração se juntava ao longo de seu corpo enquanto uma ampla mão levantava seus quadris a sua face, sua língua lambendo os pregas de seda de sua vulva—. me Transe com sua língua, Ian. Por favor. Ah Deus, tenha misericórdia de mim.

Ele riu entre dentes de sua súplica, devagar voltou atrás dela quando ela gritou com raiva.

—Tranquila —o golpe em seu traseiro foi mais duro. Mais quente—. Segue pedindo, Courtney, e te amordaçarei. Quer que te amordace?

As lágrimas molharam o tecido de seda sobre seus olhos quando ela sacudiu sua cabeça desesperadamente.

—Boa garota —ele colocou seus quadris outra vez em posição quando tirou a boquilha de seu traseiro—. Agora, fique assim.

Ela fez o que lhe ordenou, tremendo em agonia enquanto lutava contra as duras sensações que pulsavam e atormentavam seu corpo. Seus clitoris estava tão sensível que até o ar ao redor dele era um tortura. Seu traseiro doía, não de por pequenas palmadas, se não da necessidade de estar cheio. Cada terminação nervosa em seu corpo estava aguçada, palpitando, pedindo por seu contato.

—Estou colocando os arnês de um consolador em seus quadris. Isto irá ao redor de seus coxas, e sustentará o vibrador que tenho dentro de você —as suaves correias de couro foram colocadas ao redor de seus quadris, suas coxas—. Não me peça piedade, Courtney —sussurrou ele então—. Nisto, não tenho nenhuma. Você queria estar aqui, em minha cama, sob meu corpo. A menos que você me peça que pare, não te ouvirei. Entende?

—Sim! —sempre e quando conseguisse que ele a transasse com isso.

—Tranquila agora. vou empurrar o vibrador dentro de você e ancorá-lo. E se for incômodo, me avise.

Suas costas se arqueou enquanto ela sentia seus músculos separar-se, sentiu a largura quente do dispositivo começando a enchê-la. Era grosso, flexível, movendo-se dentro dela com golpes lentos enquanto Ian o introduzia em sua vulva empapada, enchendo-a por lentos, atormentadores centímetros.

—Já está —ela podia senti-lo empurrando suavemente seu pescoço uterino, não tocando-o, mas ela estava cheia, estirada, ardendo e maldição, ela necessitava mais.

—me transe, Ian —gritou desesperadamente, apertando o dispositivo quando ela o sentiu colocando algo contra seus clitoris. Este se inchou ao encontrar o que for que se levantava do vibrador para rodeá-lo.

—Shhh —ele beijou uma de suas nádegas suavemente—. O vibrador é um Coelho, Courtney, estou seguro que ouviste falar deles —Ela o sentiu apertando outra parte dos arnês, algo cobriu o montículo de sua vulva e o apertou ao lado de suas coxas.

Um soluço escapou seus lábios. Ela tinha ouvido falar disso, sabia que ele ia atormentar a até que ela perdesse sua prudência.

—Pensei que o conheceria —cantorolou ele, ofegando, enquanto suas mãos acariciavam suas úmidas coxas—. O acendo agora...

Ela se sacudiu, gemendo quando o ritmo lento, suave começou a enchê-la. O consolador girou dentro dela, as contas no falo palpitaram contra sua sensível entrada e as orelhas se envolveram ao redor de seus clitoris começando a cantarolar uma cadência sedutora. Uma cadência que destruía sua prudência porque a velocidade era apenas suficiente para sentir, só o justo para torturar.

Estremecimentos de resposta começaram a cruzar por seu corpo enquanto sua língua passava sobre uma das nádegas, movendo-se para a estreita fenda onde ele lambeu meigamente, suas mãos a sustentavam no lugar quando ela começou a sacudir-se contra as sensações crescentes que nasciam dentro dela.

O dispositivo a estava levando a loucura.

—me transe... —sua cabeça se sacudiu quando ela perdeu a força em seus braços, a parte superior de seu corpo caiu sobre a cama quando o sentiu elevar-se detrás dela.

Dois dedos se colocaram à entrada de seu traseiro, trabalhando devagar, separando-a, enchendo-a facilmente enquanto ela empurrava para trás, saboreando a sensação adicional. Mas não era o bastante. Ela mordeu seu lábio, contendo seus gritos quando sentiu que um terceiro dedo se unia a outros.

Sim. Apertada-a separação tinha fogo florescendo em seu traseiro, passando como um raio a sua vulva. O prazer, duro, destrutivo, doloroso, começava a açoitá-la enquanto seus dedos pressionavam mais profundamente, estirando-a, preparando-a para a maior largura de sua franga.

Segundos mais tarde se deslizaram, liberando-a. Ela estava tensa, choramingado com gritos que ressonavam ao redor dela quando sentiu sua franga colocar-se na pequena abertura.

—A máxima confiança, Courtney —sussurrou ele detrás dela—. E o máximo prazer. Está preparada para mim?

Ela o sentiu abrindo-a enquanto a velocidade do diabólico vibrador começou a zumbir mais rápido, mais duro. O consolador que a estava enchendo trabalhava os músculos de sua vulva, as contas fazendo pedacinhos seus sentidos enquanto as pequenos brinca acariciavam seus clitoris e Ian começou a encher seu traseiro.

Ela estava gritando. Talvez ela necessitava a mordança depois de todo. Roucos, agonizantes gritos saíam de sua garganta enquanto o sentia deslizando-se dentro dela, com golpes curtos e firmes de sua franga abrindo o quase virgem canal com a grossa franga possuindo-o.

Prazer e dor, duros, brilhantes arcos de sensação começaram a estender-se dentro dela quando suas costas se dobrou sob os impulsos. Ela podia sentir cada aceso centímetro tomando-a, acariciando as terminações nervosas, que ela nunca poderia ter imaginado que existiam, as acariciando, as esquentando, até que com um último e poderoso impulso, ele forçou sua dura carne até o punho dentro dela.

O Coelho começou a cantarolar e mover-se mais duro dentro dela.

Ian começou a transá-la lentamente, com longos golpes, gemendo detrás dela enquanto suas mãos apertavam seus quadris e Courtney começaram a perder sua mente com as sensações que estavam voando por

ela. Doía? Ou era um simples tortura de prazer? Não havia nenhuma resposta, nenhum modo de responder quando seus impulsos começaram a aumentar poderosamente em sincronização com os efeitos destrutivos do vibrador que a conduzia à loucura.

Mais duro. Mais rápido. Ela podia sentir sua franga ferrando seu traseiro com o mesmo poder ele tinha usado para ferrar sua vulva enquanto seu orgasmo começava a nascer. Sua matriz se convulsionava, sua vulva se apertava ao redor dos rápidos giros da falsa franga dentro dela quando os músculos de seu traseiro começaram a apertar, a chupar a ereção que enchia seu traseiro.

Combinado, era muito, e ainda assim, não era o bastante.

Ela começou a estremecer-se quando sentiu inchar-se seus clitóris dentro das orelhas do dispositivo, sentiu que suas terminações nervosas começavam a reagir à sobrecarga sensorial. Cores brilhantes, discordantes encheram a escuridão detrás de seus olhos fechados quando a explosão brutal fez erupção dentro dela.

detrás dela, o grito áspero do Ian foi ouvido, mas ela não podia entendê-lo, quase não podia ter sentido sua franga dentro dela, enchendo-a com os ardentes pulsos de sua semente quando o mundo sofreu um colapso dentro de sua mente, e rechaçou parar-se. Uma explosão depois de outra, e outra sem cessar enquanto violentos e convulsivos estremecimentos a sacudiam, espasmos através de seus músculos enviados por seus sentidos que se disparavam com cada orgasmo até que ela só pôde paralisar baixo ele, sacudindo-se em seu apertão quando o vibrador de repente se sossegou dentro dela e o esgotamento a alagou.

Depois, fortes estremecimentos sacudiram seu corpo enquanto sentia ao Ian retirando-se lentamente de seu traseiro. Ela gemeu com a sensação de seus tensos músculos que o agarravam, a luxúria ameaçava flamejando dentro dela outra vez quando ele finalmente se deslizou de seu agarre.

Ela ficou imóvel, seus músculos se moveram com dificuldade quando ele começou a liberar a dos arnês de seus quadris, lhe tirando o consolador enquanto um instável gemido escapava seus lábios.

—Shhh... —a voz do ele era aveludada, suave enquanto a aliviava.

Segundos mais tarde, ele a liberou das restrições tomando-a em seus braços enquanto ele tirava o consolador que de algum jeito tinha sido arrojado ao chão, detrás deles.

—me deixe te sustentar agora —sussurrou ele, apertando-a contra seu peito enquanto ela se abraçava a ele, fluindo em uma neblina de recordado prazer—. Só me deixe te sustentar...

Capítulo 10

—Temos várias solicitudes de membresía do Clube sem responder. A recomendação do Khalid para o agente da DEA Gray Powell e de Penetre para o Senhor Armitage do Texas. Também tivemos várias petições do Senador Sizemore, embora para ser honesto, acredito que ele seria uma pobre opção. Minhas investigações até agora sobre ele me levam a pensar que ele pode ser mas bem um perigo para O Clube...

Ian se recostou sobre a cadeira de couro, olhando ao investigador do clube através da ampla extensão de seu escritório enquanto dava o relatório dos três homens atualmente sob consideração para a membresía.

Aceitar membros casados nunca tinha sido um problema. O Clube não era um bordel, nem subministrava mulheres aos homens que aceitavam a membresía. Era simplesmente um lugar onde era seguro encontrar homens que compartilhassem seus gostos, seus estilos de vida e vários problemas causados por ambos. Uma rede de apoio.

Apesar dos rumores que corriam atualmente no Squire Point sobre uns poucos membros, a base geral não tinha sido comprometida. Mesmo assim. O fluxo de repentinos pedidos de membresía era inquietante.

—Tira ao Senador da preparada —era uma decisão que tinha tomado semanas atrás, embora tinha seguido com as investigações simplesmente para justificar suas suspeitas—. Contínua com o Powell e Armitage. Se passarem o crivo final publicaremos a carta preliminar e veremos se estiverem dispostos a pagar os honorários iniciais do Clube.

O investigador, Cameron Falladay assentiu com a cabeça, enviando a massa de comprimento cabelo negro ao redor de seus homens. Não parecia um investigador, era uma das razões pela que era tão eficaz.

Parecia mais um motociclista, inteligente a tornar-se a rodar sem prévio aviso. Seus divertidos olhos verde escuro estavam protegidos por grosas e negras pestanas, em uma face que escapava de ser bonita, só pela horrível cicatriz que atravessava sua bochecha. Alto e bem preparado, movia-se com enganosa preguiça. Era letal, um dos homens mais perigosos empregados pelo Ian.

—Jesse voltou a apresentar-se com sua convidada faz uns momentos também —CAM se reclinou sobre sua cadeira, seu olhar reflexivo—. Ela agora está almoçando com as Seis Sexys... —O apodo para o pequeno grupo de algemas que se uniram fazia resmungar ao Ian—. Há problemas preparando-se aí —como se ele já não soubesse—. Já são três dias seguidos, com o Khalid unindo-se os ontem.

Ian mascarou sua irritação

—Ela está sob controle —Ian descartou a informação como se fora de pouca importância, a pesar do fato que tência sua franga endurecendo-se de frustração—. Que a vigie Jesse.

CAM assentiu antes de fazer uma anotação no pequeno caderno que levava para as reuniões.

—A Senhora Hampstead chegou faz duas horas. Fez que Matthew preparasse sua residência para uma semana —Alyssa Hampstead era o único membro feminino desde que Kimberly Raddington tinha deixado seu membresia—. Há também vários membros de fora da cidade pressente. Deveria acrescentar segurança nas portas internas do Clube para manter à Senhorita Matlaw na parte principal?

Os lábios do Ian se elevaram pelo pensamento.

—Faz isso e ela entrará ou morrerá tentando-o —grunhiu enquanto roçava a tensão em seu pescoço—. Deixaremos ao Matthew a cargo por agora. Eu o dirigirei se ela realmente consegue entrar. Ela não é uma preocupação de segurança, mas sim de paz mental. Essa mulher levaria a um santo a amaldiçoar.

CAM riu.

—É uma selvagem verdade. Não se levaria com as outras seis se não o fora.

Ian negou com a cabeça ao pensá-lo. Se, era selvagem, indomável como todas as mulheres que tinha conhecido. Mas tão jodidamente inocente que o para desejar gritar para negá-lo.

—Se isso for todo, retornarei ao divertido —CAM se levantou, olhando ao Ian fixamente—. Armitage tem uma agradável e pequena festa em seu rancho este fim de semana. Consegui conseguir um convite para acompanhar a um dos convidados. Verei o que passa aí antes de dar meu relatório final.

Ian olhou ao Cameron dar a volta e abandonar o quarto, fechando seus olhos quando a porta fechou atrás do homem.

Tinham passado três dias desde que a convidou a sua cama. Tinha esperado estar incômodo, incapaz de dormir com ela aconchegada como um maldito gatinho. Em troca dormia melhor do que podia recordar.

Sua reposta a ele nunca acabava. Aventureira, tão selvagem como o vento e disposta a tentar qualquer posição, qualquer brinquedo erótico que utilizasse nela. As horas que passou lhe dando agradar foram êxtase e inferno ao mesmo tempo.

Êxtase porque o igualava golpe a golpe, saboreando cada carícia, cada aventura a que entravam. E demônios, porque sabia que não podia dar o passo final.

Levantando-se da cadeira com energia, foi para as janelas, olhando o jardim com as mãos nos bolsos de sua calça. Sem importar com que frequência tomasse, ou como, esse toque de inocência que ela possuía permanecia. Era outra coisa que o excitava, quase tão viciante como ver sua expressão absorta de prazer. E de todos os modos a paixão seguia. Seguia, sem importar quantas vezes tomasse, ainda a desejava. E ela ainda o igualava com sua própria paixão.

E cada vez a necessidade de compartilhá-la crescia.

Inclusive seus sonhos o atormentavam. Sonhos de tê-la entre o Khalid e ele, com os olhos enfaixados e atada, indefesa contra cada carícia, cada resposta de seu corpo quando pedisse mais. Gritando. Rogando... Seu pênis se endureceu pela imagem enquanto um gemido estrangulado abandonava sua garganta.

Por que o final desses sonhos sempre era igual. Courtney jazendo em sua cama, seus olhos olhando cegamente o teto, a maldita nota que Melissa tinha escrito tantos anos atrás a seu lado. A freqüente imagem tinha a seu ventre tremendo de medo, inclusive enquanto suas bolas se apertavam famintas. Maldita, tinha-o movendo-se em tantas direções que não sabia que lado dirigir-se.

Maldição, que tência ela? Sacudiu sua cabeça e volta a sua cadeira. Apoiou seus cotovelos no escritório e passou os dedos por seu cabelo antes de apertar fortemente a parte de atrás de seu pescoço.

Ela pensava que o amava. Sonhos inocentes e calor sexual brilhavam em seus olhos cada vez que o olhava. Deveria ter chamado ao Dane no instante que viu que não seria capaz de negar-se. O outro homem teria estado furioso, teria se encarregado que Courtney nunca estivesse em companhia do Ian de novo, mas a amizade teria sobrevivido, e em alguns anos, Courtney teria esquecido seu capricho.

Em troca, ele se teria quebrado.

Uma maldição saiu de seus lábios, porque apesar de saber que ambos foram sofrer, que a relação que compartilhava com ela e sua família estava agora marcada para sempre, não podia parar. Quanto mais a tência, mais a desejava.

—Parece um homem que está a ponto de perder o controle...

A escura diversão na acentuada voz fez que Ian levantasse a cabeça, seus olhos se estreitaram quando Khalid entrou em quarto.

O meio saudita passou através do quarto, sua face escura tência um sorriso zombador enquanto se sentava na cadeira que CAM tinha desocupado recentemente.

—Parece cansado Ian —riu disimuladamente—. Muitos insônias?

Ian grunho pela sugestão antes de endireitar-se em sua cadeira.

—Que posso fazer por você Khalid?

Khalid riu, seus olhos escuros cheios de assombro.

—Não muito —seus amplos ombros se encolheram preguiçosamente—. Vi o Courtney com as Seis Sexys faz uma hora mais ou menos, e pensei que devia te advertir que definitivamente havia um ar de conspiração em sua mesa. Realmente acredito, meu amigo, que estão conspirando contra você.

Ian suspiro bruscamente.

—Sempre estão conspirando contra mim —grunhiu—. Nasceram para me torturar e atormentar aos homens, Khalid. Reza para não te cruzar por sua vista nesta vida.

A risada do Khalid estava cheia de antecipação.

—São muito imaginativas, meu amigo —seus dentes cintilaram contra sua pele escura, seus olhos cheios de risada—. Um homem só pode ser afortunado por ter a essas mulheres conspirando por seu futuro.

Ian gemeu silenciosamente.

—Que demônios quer Khalid?. Seu pode viver uma vida de ócio, mas eu infelizmente tenho que trabalhar para manter as coisas funcionando aqui.

—Ah, se —assentiu Khalid—. Seguimento de ações, fusão de empresas, manipular feições políticas e demais é um duro trabalho.

Ian só colocou sacudir sua cabeça. O homem claramente estava conspirando com o Courtney e a equipe do Tally para voltá-lo louco. recarregou-se em sua cadeira, olhando meditabundamente a seu amigo, enquanto descansava os braços nos apoyabrazos da cadeira. Bem podia ficar a vontade.

Khalid sorriu ante o óbvio ar de paciente condescendência.

—Muito bem —se encolheu de ombros como se qualquer fora o jogo que estava tentando, tinha perdido sua fascinação—. escolheste a seu terceiro já?

Era de esperar-se. Ian sabia que eventualmente um dos membros do Clube, provavelmente Khalid, questionaria o fato de que, até agora, ninguém tinha sido convidado à relação que compartilhava com o Courtney.

A tensão apertou seu corpo enquanto lutava contra a necessidade de fazer o que se esperava dele. Ele era... o que diabos fora, suspiro cansadamente.

—Não haverá terceiro Khalid.

O anúncio fez que a face do homem ficasse alva de assombro.

—Não haverá um terceiro? —sacudiu sua cabeça, seu desgrenhado cabelo negro ondulado, sobre seus ombros—. Não compreendo Ian —olhou fixamente ao Ian como se temesse estar tendo problemas com seu mais que boa compreensão da virilhas.

—Entende perfeitamente —disse controlando a ira que crescia em seu ventre—. Não haverá terceiro. Courtney se cansará logo deste jogo e se dará conta que isto não é mais que um teimosia, curiosidade. Quando o fizer... —tragou sua amargura—. Quando o fizer, ela não terá nada que lamentar.

Os olhos do Khalid se estreitaram, flamejando com suspeita.

—Ahh, já vejo —entou suavemente, a pena cintilando em seus olhos enquanto se levantava—. Se trocar de idéia, meu amigo, espero que considere minha petição para ser seu terceiro.

—Não trocarei de idéia.

Os lábios do Khalid tremeram com o anúncio, como se a declaração o divertisse.

—Muito bem. Não te entretenho mais —inclinou a cabeça respeitosamente—. Te desejo um dia muito produtivo Ian. Se me necessitar, sabe que estou a seu disposição.

—Você também Khalid —Ian se levantou, olhando como o outro homem saía do quarto, fechando gentilmente a porta detrás dele.

—Maldição —amaldiçoou ferozmente quando se sentou, passando as mãos sobre sua face enquanto olhava o teto.

Desgraçadamente não foi o teto branco o que viu. Era Courtney, com a cabeça para trás pelo prazer, seus lábios abertos com um grito de liberação enquanto ele e Khalid a empurravam além dos limites do prazer que tinha concebido.

Podia sentir a necessidade, queimando seus sentidos, alimentando sua frustração e fome. Só podia rogar por poder sustentar o controle até que ela recuperasse o julgamento.

Infelizmente ele tinha o pressentimento que recuperar seu julgamento ia ser seu maior problema.

Khalid entrou em sua limusine e antes de que o guarda-costas fechasse a porta, já estava chamando por seu móvel.

—Se, querido —a suave, divertida voz do Tally soou com uma ênfase interrogativa.

Ela era enérgica, tinha que lhe conceder isso. Ela ainda não o tinha na olhe de uma de suas tortuosas maquinações casamenteiras, mas estava desfrutando ser parte da conspiração. Era muito menos complicado que ser contra o que conspiravam.

—Diz que não tem intenção de tomar um terceiro —transmitiu a informação, escondendo a diversão de sua voz—. Acredito que a sombra da Melissa estraga esta pequena tua charada, carinho.

ficou calada, obviamente sopesando a análise.

Nunca ninguém falava do passado do Ian, mas a maioria dos membros do Clube o conhecia. A membresia era uma íntima rede de apoio, a maioria deles se conheciam desde pequenos, ingressando no Clube por conselho de seus pais, vários dos quais eram membros nesse então.

Melissa Gaines tinha sido, com toda franqueza, uma louca. Ian a tinha adorado com o entusiasta teimosia da jovem virilidade transferido à mulher que ele acreditava sua parceira perfeita.

—Sugestões? —não é que Tally necessitasse alguma, mas ele sabia que ela estava pensando. Desejava estar aí para ver o processo. As poucas vezes que tinha visto seu complô, tinha sido uma obra mestra de escuro e hábil desenho. Ela teria sido um excelente chefe.

Khalid sorriu quando pensou no Courtney. Ela era mais jovem que Tally, mas rapidamente ganhava seu próprio terreno nas artes femininas.

—Tão somente sou um homem —suspirlou malhumoradamente em tom zombador—. Quem sou para opinar sobre os grandes intuitos do trabalho feminino, querida?

Além disso, eram tão divertido olhar a estas mulheres enquanto planejavam e confabulavam. As ver, era divertido e educativo.

—Em outras palavras, tira as mãos do fogo —soprou Tally—. Esta bem. Verá se mostrar piedade quando encontrar seu ponto frágil.

—Mas Tally, carinho, sou um homem nada mais. Meus pontos frágeis estão à vista. Sei gentil comigo —se recostou no assento e deixou que a satisfação o enchesse.

Certamente, que ambos conheciam o jogo. Ele não tinha nenhuma intenção de permitir que ela encontrasse seus pontos frágeis. Tal loucura poderia destruir ao homem.

—Se, seu sabe que o farei —arrastou as palavras. Não esperava menos que uma completa falta de piedade no que a ela concernia—. Obrigado pela informação Khalid. Estou segura que encontrar a maneira de utilizá-la.

—Não tenho dúvida carinho —pendurou a chamada antes de colocar o móvel em seu bolso e contemplar o cristal escuro que o separava de seu condutor. Tênia o cenho franzido.

Ian certamente estava apaixonado pela pequena fera que estava adestrando, Courtney. Era tão evidente que quase sentia pena pelo homem. Que mau amar tão profundamente e não dar-se conta da natureza do tortura que bramava dentro dele.

Considerando o trabalho que Melissa fazia com o Ian tantos anos atrás, entretanto, a gente podia perdoá-lo por sua negação agora. Ao menos por um curto tempo.

Khalid suspirlou com autosatisfacção enquanto um sorriso aparecia em seus lábios. Pobre homem. Melhor amar a muitas, que amar a uma. Nisso, ao menos sempre havia consolo quando a relação fracassava.

Não tinha dúvida que Courtney prevaleceria. Ian estava chegando rapidamente ao final de sua paciência e controle. Logo ocorreria. E quando o fizesse, Khalid tência a intenção de estar aí. Havia poucas mulheres que representassem um desafio como o que Courtney apresentaria quando chegasse o jogo final.

Apesar de seu amor ao prazer das carícias do Ian, ela lutaria contra o domínio total, contra a completa submissão de seus sentidos por volta dos dois. E seria uma delícia ser parte da luta instintiva, a delicada, sutil precisão de minar suas defesas.

Desavergonhada era, mas não tinha idéia de que tão desavergonhada poderia voltar-se finalmente.

Capítulo 11

—Ian, acordada —alegre, cheia de energia, chocando-se contra o profundo sonho que estava imerso, Ian abriu um esgotado olho para olhar para trás a radiante face do Courtney.

O abajur de noite estava aceso. Obviamente. Seu resplendor esteve a ponto de cegá-lo quando ele jogou uma olhada sobre seu ombro para contemplar o relógio.

—Volta a dormir —resmungou ele fechando seus olhos e gemendo quando seu corpo se recusou a aceitar que ela realmente o tinha despertado depois das horas ele tinha passado esgotando-os.

Esgotá-la a ela não era fácil.

Diabos, certamente ele não se estava fazendo maior.

Ele haveria se estremeceria de só pensá-lo se realmente tivesse energia.

—Ian, vamos, acordada... —sua voz era indiscutivelmente brincalhona, quando seus olhos se abriram com resignação para olhá-la.

Ela estava inclinada sobre ele, seu cabelo caía ao redor de sua face, criando uma cortina íntima e sedutora enquanto seus olhos escuros, muito escuros e acordados, brilhavam com alegria.

Sua franga se moveu nervosamente interessada a pesar do esgotamento de seu corpo.

—Estou acordado —sua mão lentamente subiu por sua coxa, dirigindo-se para a carne suave entre suas coxas. Talvez um rapidito a satisfaria até que pudesse despertar.

—ela detenha riu, separando-se sua mão enquanto ele suspirlava resignado—. Adivinha o que?

Adivinhar? Vulva é meia-noite. Não era de supor que ele estivesse acordado neste momento, e muito menos que adivinhasse algo. Ele começou a lhe recordar bruscamente isto, mas o suave brilho de seus olhos, o gentil sorriso em seus lábios, deteve-o. Seria um criminoso se matasse semelhante olhar de alegria com uma palavra aguda.

—Não posso adivinhar. Estou dormido —finalmente protestou ele, um sorriso apareceu em seus lábios enquanto os esbeltos dedos dela foram para seu flanco fazendo cosquilla a modo de vingança.

—Vamos, cascarrabias —A diversão feminina, suavemente expressa e cheia de maravilha, tinha-o olhando-a, disposto a adivinhar o que demônios ela quisesse—. Adivinha o que está passando agora mesmo?

—Hmm —Sua mão se moveu para o enredo que havia no cabelo a um lado de sua face—. Se está molhando seu vulva?

—Não —o revirou os olhos, mas se estava divertindo. Estranhamente, ele também. Isto tinha que ser pela privação do sonho—. Adivinha outra vez.

Um sorriso real apareceu em seus lábios.

—Minha franga se está colocando dura.

—Isso não é adivinhar —Sua rouca risada fazia que uma sorrisita florescesse em seu peito —Isso é um estado permanente.

—É só quando estou acordado de todos os modos —recordou a ela, com a entorpecida sensualidade que fluía entre eles. Ele poderia sentir a fome, mas não era imperativo, esta não era uma necessidade que o dirigia como antes. Estava somente ali, unindo-os.

Intimidade.

Não era só a sensualidade, se não também a intimidade.

Ele pensamento deveria havê-lo aterrorizado até o fundo de sua alma de solteiro. Em troca, a atmosfera preguiçosa e sonolenta permitiu que aquilo se filtrasse nele e o enchesse.

—Vamos. Darei-te uma melhor pista —sussurrou ela, inclinando-se muito perto para colocar seus ligeiros lábios sobre ele—. O que está passando fora? Agora mesmo?

Ele pensou um minuto.

—Não... —Seus olhos se fecharam com um gemido, embora lhe escapou uma sorrisita—. De maneira nenhuma, seu, pequena mulher descarada. Não vou sair ao frio glacial da meia-noite.

Ele estava quente. As mantas estavam elevadas sobre eles, Courtney estava aconchegada perto de seu lado, e ele não ia deixar sua cama.

—Mas Ian... —Ele abriu seus olhos e gemeu outra vez ante a maravilha em seu rosto—. Neva, Ian. Nós poderíamos nos colocar na tina quente e olhar como neva enquanto nos abraçamos na água quente.

Abraço? Na água?

Ele tremeu em só pensá-lo.

—Courtney, tem que arrastar seu traseiro até a água quente através do ar frio —lhe recordou ele, sabendo que não poderia rechaçar a panela brincalhona que se formou em seus lábios.

—Eu esquentarei seus costas —ela pestanejou inocentemente para ele—. Vamos, Ian. vamos jogar na neve. Parecerá nosso próprio e pequeno mundo.

—Temos nosso próprio e pequeno mundo aqui —grunhiu ele, aconchegando-se mais perto a ela enquanto pressionava sua face entre seu seios—. Fica comigo e te transarei em lugar disso.

—Sal à tina quente comigo. Poderíamos nos mover sigilosamente pelo Clube. Ninguém estará ali agora, e por esse caminho, não terá frio —ela brincou contra seu cabelo—. Me sentarei na beira, rodeada pela neve e deixarei que me mostre quanto você gosta da nova depilação que me fiz ontem.

Ele se animou com isso. Ele não se tomou seu tempo em honrar sua suave vagina como ele tivesse querido mas cedo na noite. De algum jeito, não houve tempo suficiente para fazer todas as coisas que ele tivesse querido uma vez que ele teve o pequeno e receptivo corpo dela baixo ele.

—Vai tirar de minha cama quente, verdade? —ele resmungou antes de lambe o duro mamilo que estava a seu lado.

Ela riu suavemente, afastando-se dele, seus olhos e seu sorriso, sua mesma expressão um luminescência. Ela parecia um anjo, olhando-o fixamente a ele com um ar de maravilha e luz suave.

—Vêem jogar comigo na neve, Ian. vamos fazer lembranças formosas.

E como poderia ele resistir?

Ele não estava completamente seguro como permitiu que ela o tirasse da cama. Ajudou-a a ficar um desses trajes grossos, satisfez-o saber que estaria razoavelmente quente na curta distância que tinha que a porta do Clube ao jacuzzi com calefação. Ficando um ele, convenceu-se a metade de caminho que ele deveria agora estar sonhando certamente. Só em seus sonhos ele podia mover-se sigilosamente por sua própria casa, pelo Clube deserto e seguido pela pequena mulher descarada que se deslizou de algum jeito em sua vida.

Enquanto eles se moviam pelo corredor escuro que conduzia à porta interior do Clube, ele passava seu braço comodamente ao redor dela, sustentando-a a seu lado, ela parecia brilhar com a alegria que refletia sua suave voz.

—Vive uma vida tão seria para um Troyano —o gracejou ela quando ele pulsava a chave de segurança para abrir a porta que a mantinha excluída dos quartos interiores—. Realmente, Ian, me bloquear a entrada não é nada amável.

—Seguro —Ele riu por seu tom—. É uma ameaça, Court. Sinto que é meu dever proteger aos de minha classe.

Deu-lhe um golpe com sua pequena mão em seu peito.

—Ah, isso foi cruel —ela colocou má face—. Boa resposta, mas cruel.

—Um tanto para o Ian? —Ele levantou uma sobrancelha como zombando-se quando ela olhou para ele.

—Um tanto para o Ian —Sua tola e suave risada tocou seu coração.

Sim, ele tinha que estar sonhando, porque só em um sonho poderia o passado evaporar-se como agora.

—Vamos, mulher descarada —Ele abriu as portas que davam ao bar, jogando uma olhada ao redor da área fracamente iluminada e o viu vazio antes de conduzi-la às portas francesas ao outro lado do quarto—. Não posso acreditar que saia ao frio para me molhar e tratar logo depois de retornar a nosso quarto. Seremos cubitos de gelo antes de que o façamos. Eles nos encontrarão amanhã, congelados... —Ele fingiu um estremecimento quando a conduziu rapidamente para a porta da área com calefação.

Ela riu. O som íntimo e suave, parecia tão delicado como a névoa que rodeava a tina quente e fez que ele sorrisse e não estava seguro por que.

—Vamos, cascarrabias —Ela se tirou o traje sem nenhum sinal de desconforto quando esteve de pé sob a forte nevada, levantou sua face para permitir que o suave penugem a acariciasse—. Sente-o, Ian, parece uma fantasia —Ela se voltou para ele, seu cabelo protegia a parte superior de seu corpo, emoldurando os traços delicados de sua face.

Ele podia sentir seu peito expandir-se, sentir a maravilha do paixão dela dentro dele. Ela o assombrava, voltava-o louco, o fazia estar tão malditamente quente que às vezes pensava que derreteria com a conflagração.

Como poderia ele ter frio? Siberia seria uma selva tropical com ela.

—Não vais vir? —Sua voz susurrante era suave, animando-o na loucura que ela criava.

Ele se encontrou soltando o cinturão da bata e rapidamente tirando-lhe tolerando com indiferença passar pelo cimento úmido e quente sob seus pés enquanto se movia para a fumegante água.

Ele entrou, sentindo que a corrente da água acariciava a parte inferior de suas pernas enquanto sustentava a mão dela na sua. Um brilhante sorriso cruzou a face dela, e na suave luz suave da lua cheia sobre eles, ele viu o brilho de seus eternos sonhos refletidos nos olhos dela.

—É formosa, Courtney —sussurrou quando ela entrou na água com ele, os flocos de neve caíam para derreter-se em suas bochechas ruborizadas e seus lábios suaves.

O prazer cintilou em seus olhos quando ela o olhou, parecendo-se com uma das fadas nas imagens que sua mãe amava antes de morrer.

Sua própria e preciosa fada.

Ele tocou sua bochecha, baixou seus lábios para os dela e sussurrou provocativamente.

—Agora me fale sobre esse depilado.

Courtney passou através das portas principais da mansão do Ian justo antes de que o sol ficasse sobre as montanhas que a rodeavam a tarde seguinte. Ela estava refletindo quando fechou a porta detrás dela, dando volta ao feito de que aparentemente Melissa Gaines, e algo que tinha passado quase quinze anos atrás, ainda tinha o poder de reter o coração do Ian muito profundamente.

Ela tinha acreditado que estava fazendo avanços a noite anterior quando eles riram e fizeram o amor no jacuzzi quente durante muito tempo em horas da meia-noite. Mas esta manhã ele tinha voltado para seu meditado estado habitual, a não ser um pouco mais mal-humorado que de hábito.

Tinha amado realmente ele à mulher? Certamente não. Se ele o tivesse feito, então não podia estar tão seguro de que o amor não existia, verdade?

A verdade era que o homem a ia voltar completamente louca. Ela compartilhava sua cama, passava hora detrás hora cada noite no suplício do mais excitante prazer que ela poderia ter imaginado, mas não era suficiente. Não para o Ian, e tampouco para ela.

Ela poderia sentir a inquietação que o invadia, e isto só fazia que a sua se intensificasse.

—Seu abrigo, senhorita Matlaw...

Ela se sobressaltou pela surpresa quando Jason apareceu a seu lado.

—Deixe de andar movendo-se às escondidas a minha redor —ela ocultou o estremecimento com um sorriso—. É arrepiante.

—Você obviamente estava muito concentrada, senhora.

O robô.

Ela permitiu que ele a ajudasse a tirá-la jaqueta negra que tinha levado posta com seu jeans essa tarde enquanto olhava fixamente o vestíbulo.

—Está Ian esta noite?

—O Senhor Sinclair está fora agora —lhe informou ele—. Ele me pediu que lhe dissesse que voltaria tarde esta noite.

Ela assentiu lentamente.

—Muito bem —A casa estava tranqüila, muito malditamente tranqüila. E ela estava doente de ser uma moça boa. Ian a vigiava estreitamente quando ele estava em sua casa, cuidadoso de mantê-la afastada do Clube a toda costa.

Um sorriso perverso curvou seus lábios quando o mordomo se moveu pelo vestíbulo para a parte traseira da casa. Tirando seu telefone móvel de sua pequena bolsa, ela marcou o número do Khalid e esperou enquanto soava. Uma vez.

—Bem, minha garota favorita esta chamando —respondeu ele, com uma risada em sua voz.

—Olá, Khalid —Ela manteve sua voz baixa, se por acaso alguém se atrevesse a fazer o intento de escutar—. Onde está? —ela se permitiu uma veia de lisonjeira brincadeira entrar em sua voz.

Uma risita chegou pela linha.

—Onde não lhe permitem estar —sua voz foi igualmente baixa.

—Mas quero estar —ela fez uma panela, olhando as portas que conduziam ao salão de entrada com receio—. me Deixe entrar. Jantaremos. Tomaremos uma bebida. Jogaremos às cartas...

—...Voltaremos louco ao Ian —Ele não soou muito assustado pela perspectiva. Gostava de Khalid por sua forma de ser, era um dos poucos homens que Ian não intimidava.

Ela se encolheu de ombros com indiferença.

—Ele está fora agora. Pode que nunca saiba. Mas está seu cão guardião, Matthew, isso é para mim, Khalid. Certamente poderia me ajudar —Ela usou sua melhor voz baixa e patética que normalmente inspirava uma completa devoção.

Khalid riu.

—É uma garota tão malote —Ele manteve sua voz baixa—. Eu poderia ter ouvido, de passada, que Matthew tem que partir em aproximadamente quarenta minutos para recolher a outro membro no aeroporto. Suponho que poderia escapar e abrir essa incômoda porta se me assegurar que ele se foi.

O entusiasmo encheu as veias dela.

—No momento que ele se vá, me faça uma chamada. Estou segura que ele comprovará meu paradeiro antes de que se atreva a partir —Ela soprou—. Ele é pior que os cães guardiães de Pai.

Khalid riu entre dentes com cumplicidade.

—Certamente te avisar —prometeu ele—. Vístete linda para nós embora não sejamos freqüentemente bentos com semelhante encantadora companhia. E poderia vir bem quando Ian te encontre aqui. Ele é partidário, acredito, de ver esse pequeno anel em seu ventre.

Evidentemente, ele não era o único.

—Assegurarei-me de me vestir apropriadamente.

Ela desconectou o telefone antes de apressar-se para cima, determinada a fazer o melhor desta oportunidade que tinha caído em seu caminho. Ian a tinha mantido completamente fora dos limites do Clube quando a tinha levado a sua cama. Era para pensar nisso, ele se tinha assegurado que qualquer classe de tentação do lado escuro de suas paixões estivesse fora do alcance dela.

Aquele lado escuro era o que a tinha atraído dele quando ela maturou. O teimosia infantil se desenvolveu e reforçado; tendo a certeza de que Ian poderia satisfazer o lado escuro de suas próprias paixões. Essas que a atormentaram nas altas horas da madrugada, inclusive quando ela estava dormindo em seus braços.

Ela o amava, apesar de seus intentos por conter-se. Se ela tivesse pensado por um momento que o fazia porque essa necessidade não era uma parte de sua relação, lhe teria deixado ir de um princípio. Mas ela podia senti-lo. Ela sempre o sentia. Como se uma parte de sua alma estivesse conectada a dele, ligando-os, abastecendo de combustível a sexualidade e a fome. E esses escuros desejos eram uma parte disso.

—Alguns homens e mulheres nascem com fomes mais profundas, com uma necessidade de explorar todas as facetas de sua sexualidade —lhe tinha explicado sua mãe quando Courtney tinha ido a ela lhe perguntando sobre as necessidades que a atormentavam, apesar de sua inocência—. Quando for o momento correto, quando tiver encontrado o homem no que possa confiar essa intimidade, Courtney, então o prazer que compartilhem sem limites, e sem segundos pensamentos não será algo vergonhoso. Mas só se for correto para você e para ele.

Não havia vergonha, nem limites, nem segundos pensamentos. Ela estava mais que agradada em permitir que Ian a dirigisse pelo processo de aprendizagem e a ajudasse a navegar as necessidades que a atormentavam.

E ela sabia que ele desfrutaria de do trabalho. Ela podia vê-lo em seus olhos, senti-lo em seu contato. Ele se excitava mais só de pensar nisso, e cada vez que usava os brinquedos para levar a realidade a essas fantasias que os atormentavam a ambos, a tensão era mais alta enquanto ele mais se excitava.

depois de fechar de repente a porta do dormitório detrás dela, aproximou-se de pernadas rapidamente ao armário e tirou a equipe que tinha comprado com esta noite em mente. A saia era incrivelmente curta, ajustada e de um indecente e aceso vermelho. O vermelho luzia bem nela.

A blusa tinha um botão acima, tipo colete e deixava exposto seu umbigo e permitiria que seu botão no ventre piscasse os olhos provocativamente quando a luz atingisse a esmeralda que pendia de um aro de ouro diminuto.

Ela se despiu enquanto se precipitava para a ducha. ensaboou-se, barbeou, enxaguou, secou e passou loção por cada parte de seu corpo até que este brilhou com vida. Recolheu seu cabelo para um flanco e o trancou solto, os fios quase negras um completo contraste para o conjunto vermelho.

Então ela se vestiu.

Um conjunto tanga, sem sutiã. Ela ficou a saia, ajustando o ajustado material a seus quadris e justo debaixo de seu traseiro. O colete terminava sobre seu umbigo, mostrando uma quantidade indecente de carne entre os dois, logo ela embutiu seus pés em um par de sapatos com tacos segundos agulha antes de que seu telefone celular emitisse uma demandante sinal sonoro.

Comprovando o número entrante, ela abriu o receptor antes de aproximá-lo de seu ouvido.

—Você sincronização é perfeita —ela sorriu quando o pequena sorriso do Khalid atravessou a linha.

—Esperarei-te na porta, queridíssima —lhe informou ele suavemente—. Meu melhor conjectura é que talvez temos uma hora antes de que Ian volte para casa e averigüe onde estas. Seguro que estas preparada para as conseqüências?

Ela colocou seus olhos em alvo. Nem sequer valia a pena responder a isso.

Ela desconectou, arrojou o telefone à cama e se moveu rapidamente para a porta outra vez. Se ela pudesse saltar com os altos e finos saltos o faria. Isso era. Ela podia senti-lo ardendo por seu corpo. Ian estaria tão tenso como o estavam as cordas do violão de seu pai, e uma pequena cotovelada seria suficiente para fazê-lo cair.

Sabia que deveria sentir-se culpado por manipulá-lo assim. Que deveria temer as repercussões, e desde muitos pontos de vista, o fazia. Mas ela conhecia o Ian. No mesmo fundo de sua alma o conhecia. Se ela permitia que ele seguisse como estava, ele só se convenceria que ela possivelmente nunca saberia o que era o amor, e que não havia nenhuma possibilidade de que pudesse dirigir seus apetites.

Ele era tão obstinado. Estava tão seguro que ela tinha que ser protegida. Não era seu amparo o que ela necessitava, era seu amor. Sua aceitação.

Sacudindo sua cabeça, ela se deslizou pelo salão de entrada até que chegou à porta interior que conduzia ao Clube. Abrindo-a com cuidado, ela se moveu pelo corredor fracamente iluminado e caminhou para a porta que Ian tinha pedido manter bem fechada com chave para ela.

Ela girou o cabo com cuidado, entusiasmada de que se movesse lhe permitindo abrir a porta.

—Ian sem dúvida te castigará terrivelmente por isso —Khalid arrastou as palavras apoiado contra a parede ao lado da entrada—. Só posso esperar que ele me permita ajudá-lo —Seu olhar fixo se fez meditaabunda—. vou desfrutar aplaudindo seu traseiro, Courtney.

Lhe dirigiu um sorriso brilhante, levantou sua mão para jogar com a trança que caía sobre seu ombro, colocando uma expressão inocente apesar da intensidade sexual que a percorria.

—Também devo te chamar “Tio”?

Ela quase riu da intensidade vidriosa, sexual que encheu os olhos dele. Às vezes os homens podiam ser tão simples.

—É terrivelmente desavergonhada —ele finalmente suspirou com uma expressão sardônica—. A maior fantasia de cada homem e o pior pesadelo. te cuide, Courtney, às moças más as açoitam freqüentemente.

—Hmm, me açoitar, Tio Khalid?— Ela riu quando ele afirmou com sua cabeça, embora seus olhos brilhamam com diversão.

—Vamos, puta —Ele colocou sua mão contra a carne nua de suas costas e a dirigiu às portas abertas do Clube—. comprei a garrafa mais fina de uísque das reservas do Ian, e prometo que Thom a manterá no gelo até que Ian chegue.

Pelo som de sua voz, ele esperava com impaciência a chegada do Ian. Mas, também ela.

Eles entraram no salão principal do Clube enquanto quase uma dúzia de pares de olhos giravam e olhavam sua entrada. Bastante surpreendentemente, havia outra mulher presente, uma a que Courtney conhecia muito bem.

—Courtney Mattlaw, seu pai terá um ataque —Alyssa Hampstead lhe aproximou enquanto Khalid a conduzia para a mesa—. Ouvi que ficava com o Ian, mas não acreditei.

—Olá, Alyssa —Courtney sorriu efusivamente—. E não mencione a Papai. Se ele tivesse um ataque, então o teu se auto-detonaria. Não tinha nem idéia de que foi um membro aqui —Melhor ainda. Como é que ela era um membro?

—Tomem assento, senhoras —Khalid retirou a cadeira do Courtney da mesa enquanto ela tomava assento antes de mover-se para assistir a Alyssa de maneira similar—. Conseguirei as bebidas e ficarei contigo momentaneamente.

Ele se afastou delas, enquanto os olhos da Alyssa o seguiam com um pouco de calor.

—Ele é um selvagem —suspirou ela—. Mas completamente encantador.

—Que demônios faz aqui? —Courtney não podia acreditar que uma mulher fora membro do sagrado clube do Ian—. Como o obteve?

Tranqüilos olhos azuis giraram para considerá-la pensativamente.

Alyssa freqüentemente era chamada “a princesa de gelo” com seus olhos acerados e um cabelo loiro cinza suave. Ela pertencia a uma das famílias mais remilgadamente dissimuladas que Courtney alguma vez conhecesse. Sua família tinha dinheiro velho, estabelecido e convencional, e seu pai a assassinar provavelmente ele mesmo se alguma vez compreendesse que ela chegava a tais extremos por um homem, sem mencionar ao mesmo tempo onde o conseguia.

—Vários dos membros de Clube são muito bons amigos —A outra mulher se encolheu de ombros—. Eles solicitaram meu ingresso e testemunharam por mim pessoalmente. E aproveitei a oportunidade para que Pai conhecesse minha pequena afeição.

Não havia nenhuma amargura em sua voz, nem sequer cólera, mas Courtney agora, como sempre, sentiu uma medida de respeito por ela. Ela vivia sua vida sob um microscópio às vezes, tal como Kimberly Raddington o fazia. Uma filha apreciada e herdeira, a cabeça de várias instituições benéficas, e freqüentemente tomada como porta-voz para essas mesmas organizações.

Courtney sempre a admirou por seu trabalho, pelo calor que ela mostrava a algumas pessoas, e a lealdade para sua família. Agora, encontrava que havia muito mais para admirar nesta a mulher.

—Suas bebidas, senhoras —Khalid apoiou um pequeno copo de uísque com gelo diante dela e uma coca com rum diante da Alyssa—. Entendo que Ian está atualmente caminho a casa de uma reunião em meio da qual partiu —Ele tentou soar divertido sem consegui-lo—. Desfrutem-no enquanto possam.

Courtney suspirou enquanto levava o copo a seus lábios.

—Ele não te compartilhou ainda —Ambas olharam enquanto Khalid tomava assento frente a elas.

—Não —Seus lábios se curvaram em uma careta—. Ele quer... —Ela se encolheu de ombros.

Como ia ela a empurrá-lo em algo? Ela estava aqui, mas com apenas está-lo não ia estar o bastante.

—Courtney ainda não encontrou o botão exato para empurrá-lo —informou Khalid à outra mulher.

—Pergunto-me se o tem —soprou ela de um modo puramente feminino.

—Deduzo que ela ainda não pôde saltar o trauma do Ian sobre a não-participação de um terceiro, não? —Alyssa riu entre dentes conocedoramente, enquanto olhava ao Courtney agora com um sugestivo olhar.

—Penso que não —murmurou Khalid—. Ian nunca lhe daria tal poder.

—Estou aqui —anunciou Courtney com um cenho franzido. —Não há nenhuma razão para falar como se não estivesse.

—me diga, Courtney, quão aventureira é? —Alyssa lhe recordava agora a uma pequena gatita brincalhona. Seu nariz se enrugou simpaticamente, seus olhos se encheram de risada e diversão. Este era um lado da Alyssa que rara vez permitia que outros vissem.

—Não sou aventureira no absoluto, Alyssa —Ela permitiu que seus lábios se curvassem com confiança—. Eu, simplesmente, não tenho limites. E Você?

Ela ouviu que Khalid continha rapidamente o fôlego e conseguiu conter o próprio quando Alyssa estendeu sua mão, e a dirigiu fazia a suave pele de seu seios. Não houve excitação, mas o sentimento foi agradável. Este não era um toque desconhecido.

—Privada-las, ocultas manias do Ian só são conhecidas por alguns de nós —sussurrou Alyssa enquanto a olhava pensativamente—. Pela razão que seja, Ian sempre sente prazer ao olhar a sua mulher sendo acariciada por outra.

Courtney sentiu então uma labareda de entusiasmo. Tinha sentido. Muito sentido. Todo esse tempo no que ela tinha cuidadoso ao Ian com suas criadas, sempre havia presente outra mulher. Ela não o tinha questionado, realmente não tinha pensado nisso, enquanto a mulher suplente permanecia tranqüila, como se esperasse seu turno. Talvez agora já era seu turno.

Isto não era um ato desconhecido para o Courtney, mas não era tampouco seu preferido. Mas claro, não tinha preferências fora do Ian.

—Viu-o desfrutar disso? —Ela se deu volta para o Khalid, sem saber como proceder. Embora muito desfrutassem vendo duas mulheres juntas, eles não desfrutavam vendo sua mulher com outro.

—hei o fiz —Ele afirmou com sua Essa cabeça é uma das poucas coisas que Ian mantém tão discretas como é possível. Mas, é também a única razão pela que lhe permitiu o ingresso Alyssa. Ela desfruta atormentando a homens dessa maneira —Levantou sua bebida em reconhecimento.

Alyssa riu entre dentes.

—Eu jamais tenho feito realmente o amor com outra mulher —Ela se encolheu de ombros, levantando sua mão da ruborizado topo dos seios do Courtney—. Mas realmente adoro ver como eles se voltam louco com atos tão simples. Eles são, no fundo, encantadoramente fracos nessa área.

Se terei que ter em conta a excitação do Khalid, isso era totalmente verdade.

Courtney mordeu seu lábio pensativamente. atreveria-se ela a empurrá-lo com essa dureza? Bem, é obvio que se atrevia. Ela se atreveria a muitas coisas. Mas quais eram as possibilidades de êxito?

—Courtney, não transpasse seus próprios limites —lhe advertiu Khalid então, com voz preocupada.

Ela riu de sua preocupação, dirigindo-o um olhar provocador.

—Pensa que não tenho feito tais coisas, Khalid? —perguntou-lhe ela—. Quando a gente experimenta com seu corpo, tentam-se muitas coisas —Além disso, seu primeiro objetivo tinha sido ser uma virgem, uma virgem com muita experiência na cama do Ian. A gente não conseguia essa experiência tão necessária sem uma pequena quantidade de experimentos.

Os olhos do Khalid se alargaram ligeiramente, enquanto pareciam vidrar-se outra vez. meu deus!, o homem era uma causa perdida nesse ponto.

Ela atingiu com sua unha contra a mesa, consciente de que tanto Alyssa como Khalid a olhavam cautelosamente.

—Muito bem —decidiu ela rapidamente. No que lhe concernia, não tinha sentido discutir sobre o assunto. Ela saberia imediatamente se tal coisa tentava o controle do Ian. acreditava-se capaz de sentir sua excitação, estendendo-se para ela, abastecendo a de combustível próprio

Ela não tinha nenhuma intenção de permanecer como uma monja toda sua vida, e o fato que ela não se excitasse com outro, macho ou fêmea, a menos que Ian estivesse presente, começava a incomodá-la um pouco.

—Courtney... —apesar de sua óbvia excitação, Khalid se inclinou para ela, com uma advertência em sua expressão.

Ela franziu o cenho, a ira esquentou sua expressão.

—Khalid, por muito que aprecie sua preocupação, é injustificada. Nunca faço nada que acredito me machucará mais do que quero ser machucada. Não sou Melissa Gaines —E ela se estava cansando dessa outra mulher rondado a relação que sabia que poderia ter com o Ian—. Não estou disposta a perder cada sonho que tive em minha vida devido a sua própria incapacidade. Khalid, farei o que seja para obter que Ian o compreenda. Mas nunca, jamais, vou fazer algo que minha própria consciência, ou minha decidida falta de limites, faça-me sentir incômoda.

Ela não era uma imatura, psicótica, louca manipuladora. Ela era simplesmente uma mulher apaixonada por um homem que se afastaria antes de arriscar-se à possibilidade que sua fome fora destrutiva. Um homem, açoitado por uma morte em que não tinha nada que ver, com uma fome que não podia negar que sentia, e um cuja solidão enchia cada parte de sua alma. Essa solidão, essa freqüente dor que ela tinha vislumbrado em seus olhos durante tanto tempo, estava quebrando seu coração.

Ela tinha que ver risada ali. Ela queria ver calor e amor. Tinha que ver sua aceitação de si mesmo e dele.

Era um plano ambicioso, ela soube isto desde o começo. Existia uma alta possibilidade de fracasso, embora ela rechaçava aceitar que pudesse passar.

—Pode ser uma mulher que assusta, Courtney —os lábios dele se curvaram em um suave sorriso enquanto se tomava o resto de seu uísque.

—E deveria está-lo —ela suspirou olhando a Alyssa, encontrando seu olhar fixo com uma deslumbrante.

—Nunca pensei o contrário —Alyssa levantou suas mãos em rendição—. Mas não somos a quem deve convencer. E não seremos quem sofrerá se não trabalhar convincentemente. Courtney. Ian é um querido meu amigo, e o mesmo que você. Khalid e eu nos preocuparemos apesar de nossa fé em seu prudência... —um sorriso estirou seus lábios—. Ou seu falta dela.

—Alguns dias, quando Ian está preocupado, estou um pouco louca —suspirou Courtney, o entusiasmo nervoso transpassava suas veias criando uma hiper-energia que era difícil de controlar.

Ela jogou uma olhada para o Khalid, notando a tensão em seu enorme corpo, a óbvia excitação. Ele esperava a reação do Ian ao que devia vir tanto como ela, embora por motivos diferentes.

Quando ele levantou a garrafa de uísque que havia trazido para a mesa para preencher seu copo, Thom se aproximou de seu lado. Inclinando-se perto murmurou algo ao Khalid antes de girar e afastar-se outra vez.

—Bem, senhoras —Um brilho de antecipação encheu seu olhar—. Ian está no meio-fio. Eu diria que os foguetes estão a ponto de começar.

Ian contemplou a entrada traseira ao Clube, as duplas portas de madeira com seus faróis aos lados. O tijolo majestoso que o rodeava dava à entrada um imponente ar de "só com permissão". E outra vez Courtney tinha quebrado essa tradição mantida por muito tempo.

O que acontecia as mulheres ultimamente? Primeiro Tally e Terrie tinham ingressado sigilosamente para permitir que Tally seduzira ao Lucian e ao Devril da maneira mais erótica. Agora Courtney tirava outra página de seu livro e a modificava o suficiente para tentar a mesma prudência do Ian.

O que lhe fez vê-la ali, como se ela fora alguma imperatriz das artes eróticas, tentando-o a destruí-los a ambos. E ela o tentava, em formas em que nenhuma outra mulher o tinha feito.

Ele rapidamente controlou o leve sorriso que tinha curvado seus lábios com o pensamento. Ela era um gato montês. Tomava cada carícia, cada toque e o retornava a ele, aceitando cada aventura em que ele a introduzia com uma fome que nunca deixava de surpreendê-lo. Ela o aceitava tão facilmente, que o firme controle que ele tinha colocado sobre suas fomes mais profundas, estava escorregando devagar.

Ela o fazia sorrir. Ela fazia que a solidão freqüente com a que ele tinha vivido por tantos anos se dissipasse. Ela o fazia querer acreditar... e acreditar era a coisa mais destrutiva que ele podia fazer. Para ambos.

Respirando fundo, ele saiu da parte traseira da limusine, contemplando as portas do Clube com um sentido de fatalismo. Ela estava ali, no mesmo coração de tudo o que ele era. Os fofoqueiros os tinham Troyanos apelidados por sua dominação e seus hábitos de compartilhar a suas mulheres. Mas ia mais profundo que isso. Era uma parte deles, quem era, o que eram, e as contínuas preocupações principais que aquele estilo de vida trazia. Não qualquer mulher podia tratar com o fato de que seu marido ou amante tinha que amarrá-la, usar brinquedos exóticos nela, ou permitir que outros homens olhassem ou tocassem o que deveria ser principalmente dele.

Embora ia além da possessividade. Não é que Ian não mataria ao homem que se atrevesse a tocar ao Courtney sem sua permissão explícita. Membro de clube ou não, os resultados não seriam bonitos.

Ele sacudiu sua cabeça. Compreendendo imediatamente que ele já estava aceitando o fato de que não poderia resisti-la por muito mais. Não havia nada mais a não ser rezar por que alguma parte do afeto passado sobrevivesse esta nova relação quando ela compreendesse que não era realmente o que ela queria e que ele tinha destruído a inocência que era tão parte dela.

Ela não seria a primeira.

A sensação de traição e fúria da Kia Stanton não foi necessariamente infundada quando seu marido a tinha surpreendido com seus desejos. Carl deveria lhe haver revelado seus gostos sexuais antes de seu matrimônio. Tinha destruído uma relação que poderia ter funcionado se ele tivesse sido honesto desde o começo.

Courtney carecia dos limites que outras mulheres tinham. Ela o assombrava cada dia, com sua visão do mundo, sua aceitação de coisas com as que ela não tinha nenhuma experiência, não só sexualmente, mas também da vida em geral. Ela nunca fazia julgamentos, e sempre tratava de entender cada lado da moeda.

Ela podia dirigir suas fomes.

Ele gesticulou pela parte de sua sexualidade que insistia que ela era o bastante forte, bastante faminta, para aceitar suas necessidades. Que a sexualidade dela, seu sentido próprio nunca seria ameaçado pelos desejos que o carcomiam.

E outra parte dele via somente a Melissa, seus olhos olhando cegamente além dele, aquela carta condenadora a seu lado. Tudo o que ele podia sentir então era o horror, a fúria, culpa-a... Ele deveria ter sabido. Ele deveria ter tido mais cuidado...

—Senhor Sinclair, a porta estava fechada com chave —As portas se abriram de repente para revelar o semblante áspero do Matthew—. A fechei eu mesmo e a comprovei antes de partir. Não tenho nem idéia de quem a ajudou para poder entrar.

Khalid o tinha feito. Ian não era estúpido. Ele sabia que o outro homem estava medindo um pouquinho, provando o controle do Courtney.

—Não se preocupe por isso Matthew, ela teria encontrado um modo sem importar as medidas tomadas em seu contrário —Se tirou seu abrigo enquanto Matthew fechava as portas detrás deles, seu olhar indo imediatamente às portas fechadas do salão social mais à frente.

Algo surgiu em sua corrente sanguínea. Um sentido de expectativa, uma excitação eletrificada. A carga estática colocou os cabelos de sua nuca de ponta enquanto a dor em sua franga se intensificava. Sua ereção se apertou, seu corpo se esquentou, e tomou um longo suspiro para limpar a neblina de luxúria que de repente enchia sua cabeça.

me pegue, Tio Ian... Sua voz brincando, seus olhos contendo um brilho de risada indomada.

Deus sim! Faz-o doer, só um pouco mais, Ian. Só um pouco mais... Seus gritos de prazer descarado e dor sexual se repetiam em sua cabeça enquanto ele olhava a entrada pequena, apertada de seu traseiro abrindo-se para sua grossa franga.

Ganhei... Sua risada instável enquanto eles paralisavam na cama a noite anterior, sonolentos, repletos, a batalha sexual pelo controle ainda considerada um empate. Ian não estava satisfeito com um empate.

Sacudindo sua cabeça, seu queixo se apertou enquanto ele se obrigava a mover-se às portas. Tudo o que ele tinha que fazer era caminhar para ela e arrastá-la fora. Não importava quem estivesse ao redor dela... as portas se abriram. Não importava o que estivesse ela fazendo...

Deus tivesse misericórdia de sua alma...

Ian se deteve, impressionado, a comoção juntando-se no fundo de seu ventre, sua franga quase empurrando por atravessar suas calças enquanto ele sentia que seus olhos se alargavam, seus lábios separando-se com surpresa.

Não era possível. Ele não estava vendo isso..

O traje em si mesmo era destruidor de controle, mas ele podia havê-lo resistido. Ian era conhecido por seu autocontrole. E os maliciosos saia curta e blusa vermelhos, embora incrivelmente tentadores, poderiam ter sido resistíveis.

Mas o resto...

Ele sentia sua boca secar-se, depois umedecer-se, uma neblina de luxúria envolvendo-o, chamuscando-o enquanto olhava a Alyssa Hampstead detrás dela, seus lábios baixando ao ombro nu do Courtney, seus dentes rastelando a carne enquanto suas mãos devagar separavam os botões do colete que Courtney vestia.

Os olhos marrons escuros flamejaram com um calor próprio enquanto seu olhar se fixava na de seu amante. A luxúria, impossivelmente quente, faminta, exigente, acendeu-se nos olhos dela um segundo antes de que o colete se abrisse, revelando os inchados montículos com pontas duras que estavam debaixo.

Ele não podia respirar. A respiração não era uma opção. Ele estava muito preocupado por seu controle que se erodia para preocupar-se de respirar. Além disso, se ele respirasse, talvez teria que piscar, então ele se perderia...

—Ferrar... —o assobio longo foi acompanhado pelos gemidos murmurados e os grunhidos dos outros homens dispersos ao redor, olhando como Alyssa se movia ao redor do Courtney, dobrando-se, seus pálidos lábios rosados abrindo-se enquanto a mão do Courtney se levantava para embalar seu próprio peito e guiar seu mamilo à boca da outra mulher.

Suaves lábios femininos se franziram ao redor do mamilo inchado enquanto Courtney quase tropeçava, procurando agarrar-se à beira da mesa quando Alyssa obviamente beliscou o casulo sensível.

Ian foi apenas consciente de que se movia. Tinha que estar respirando, porque tinha a força para caminhar, não, espreitar. Era distantemente consciente da intenção que crescia dentro dele enquanto se movia detrás do Courtney, seus dedos enredando-se ao redor de sua trança enquanto devorava sua cabeça a seu ombro, seu braço indo ao redor de sua cintura para estabilizá-la enquanto um gemido estrangulado, ambicioso deixava os lábios dela.

—Gosta da dor, Alyssa —grunhiu ele, sabendo que estava maldito para sempre—. Faz-o bem.

Os frios olhos azuis da Alyssa estavam quentes de excitação enquanto um sorriso atirava dos lábios que sugavam, mas fez o que lhe pediu. E lhe deixou olhar.

Seus lábios se separaram dos dentes, lhe dando ao Ian uma vista perfeita do pequeno mamilo duro do Courtney, a auréola obscurecendo-se, enquanto Alyssa atirava dela, sua língua lavando-o.

—Ian... OH Deus... —Courtney olhou para ele, seu corpo tenso, a luxúria quase voltando para seus olhos negros enquanto ele a olhava.

A mão dele se moveu de sua cintura ao peito oposto enquanto as mãos de lhe agarravam a parte inferior de seus. Ele tomou seu mamilo entre seu polegar e índice, atirando energicamente enquanto os olhos dela se nublavam com as sensações.

Selvagem. Indomada. Ela era a criatura mais formosa que ele tivesse visto em sua vida. Mas isto não era o que ele queria para ela. Outra mulher, não importava quão erótica fora a vista, não poderia lhe trazer o prazer que Ian sabia que outro homem podia.

—Khalid —Sua voz soou como arranco de sua garganta enquanto ele seguia contemplando ao Courtney.

—Sim, Ian. —A voz oscuramente acentuada do Khalid era áspera pela excitação.

—Requeiro um terceiro.

—Com prazer, Ian.

Ele ouviu o raspar da cadeira enquanto Alyssa retrocedia lentamente, seu olhar piscando ao encontrar a sua. Trataria com ela mais tarde. Ela sabia, entendia bem, a única coisa que quebraria seu controle. Havia uns poucos limites que a maior parte das mulheres nunca cruzariam, sobre tudo diante de seus homens. Este era um deles. Era muito erótico, em pequenas dose, cativante.

Ian manteve sua sujeição do Courtney, a cabeça dela arremesso sobre seu ombro, seus olhos agora com as pálpebras pesadas, sua respiração áspera enquanto Khalid vinha à mesa.

—Você gosta de ser olhar, bebê? —lhe perguntou, jogando uma olhada ao Khalid enquanto ele começava a ajoelhar-se ante ela—. Sente todos esses olhos famintos, te olhando, suas frangas duras, imaginando o que é estar dentro de seu pequena vulva quente ou seu boca chupadora?

Um grito assustado, áspero deixou os lábios do Courtney enquanto ela sentia mãos amplas, calosas levando sua saia para cima por suas coxas. Ela tremia nos braços do Ian, lhe olhando, presa pelo azul meia-noite de seus olhos, a intensidade sexual, a satisfação que começava a debruar sua expressão.

Ela se sacudiu contra ele, desesperada-se por ficar mais perto enquanto sentia a luxúria fervendo em seu corpo, empapando a carne de sua vulva.

Sim, ela podia sentir os olhos, sentir a excitação, o calor aumentando ao redor deles enquanto o suor começava a molhar seu corpo. Enquanto a saia se movia passando a entrepierna de suas calcinhas, ela sentiu ao Ian separando os dedos dela de seus braços, suas mãos lhe algemando os punhos enquanto as levava detrás de suas costas.

Os dedos do Khalid sussurraram sobre a úmida seda entre suas coxas.

—Quero que te corra para nós —sussurrou ele, sua cabeça baixando até que seus lábios estiveram em seu ouvido—. Quer ser valente e atrevida, carinho? Quer saber o que significa ser minha mulher, ser uma parte de tudo o que sou? Então olha-os, lhes deixe ver como ajustes perfeitamente minhas luxúrias.

Seus olhos se abriram, aturdidos, rodeados pelo prazer enquanto Khalid deslizava suas calcinhas por suas pernas.

Eles estavam olhando. Ela tinha esquecido quantos homens estavam no quarto. Certamente não mais que meia dúzia, mas todos eles olhavam o espetáculo em vivo enquanto Khalid estendia suas coxas e se aproximava.

Ela se correu o instante em que sua língua atirou um golpe pela fatia empapada, quase não tocando seus clitóris. Seus lábios se abriram com um gemido silencioso, borde-os de sua visão obscurecendo-se enquanto um golpe de sensação atravessava sua matriz.

Ian riu entre dentes, Khalid simplesmente tomou sua coxa interior e levantou sua perna para dar a seus lábios maior acesso.

—Deveria te açoitar por te correr tão fácil —a ameaçou ele—. Talvez necessita essa pequena beira de dor para te enfocar. É isso o que necessita, neném? Só um pouco, para te manter à beira.

Não. Não... Ela se estremeceu, tremores de sensação atravessando-a enquanto sentia os dedos da mão livre do Ian movendo-se ao longo da fenda superficial de seu traseiro.

Se ele o fizesse, ela não sobreviveria. Ela não poderia sobreviver a tanto entusiasmo além dessa beira.

—Olha-os —sussurrou ele em seu ouvido enquanto começava a levar a creme que fluía de sua vulva, para a entrada apertada de seu traseiro—. A estão masturbando, Courtney? Estão obtendo prazer ao verte gritar pelo orgasmo, vendo o prazer encher seu face?

Uns quantos o estavam. Ela lutou por respirar enquanto reconhecia aos que se recostavam em suas cadeiras, suas frangas agarradas em suas mãos, acariciando-se enquanto Ian começava a lubrificar a entrada a seu traseiro com seus próprios sucos. Ao mesmo tempo, Khalid, como o demônio que era, lambia lentamente ao redor de seus clitóris, chupando os lábios nus, sensíveis enquanto seus dedos rodeavam a abertura ultrasensível de sua vulva.

—Eu deveria te dobrar sobre esta mesa e te ferrar aqui e agora —Seu traseiro se estirou sobre dois amplos dedos enquanto um golpe de luxúria sacudia seu corpo—. Você gosta dessa idéia? Neném?

Ela se retorceu contra ele, lutando por conduzir seus dedos mais profundo dentro dela enquanto ela sentia ao Khalid começar a entrar em sua vagina com dois dos seus também.

—Quer ser transada, Courtney? —grunhiu ele—. Aqui e agora?

—Sim —gritou ela, a necessidade explodindo através dela—. me Transe, Ian.

—Talvez eu deveria lhes deixar te ferrar —replicou ele—. Deveria eu me separar, Courtney? te sustentar ou simplesmente olhar enquanto eles tomam turnos para trabalhar suas frangas em seu vulva?

Ela se sacudiu com a comoção.

—Não —Ela tratou de girar-se em seus braços, sustentada firme pelos esforços combinados tanto dele como do Khalid—. Não o fará. Sei que não.

Gostava dos olhos olhando-a, o sentido do proibido, o calor crescendo ao redor deles. Ela podia sentir sua cólera, sua perda de controle enquanto ele lutava tanto contra as necessidades emocionais assim como as físicas. Ela tinha quebrado seu controle. Mas o tinha feito em uma maneira pela qual ele a castigaria definitivamente.

Ela chiou enquanto seus dedos se enterraram em seu traseiro.

—E seu não o fará, tampouco —grunhiu ele—. Não sem mim. Não sem minha permissão. Nunca.

—Bastardo! —gritou ela então, furiosa de que ele sentisse a necessidade de declarar um limite já entendido por eles—. Pensa que eu lutaria aqui por você se eu desejasse a outro homem de merda? —Ela se arqueou,

grito, enquanto os dedos do Khalid de repente a enchiam também—. Maldito seja, Ian. Tenho que te ter para me molhar. Como carajo se supõe que me corra sem você?

Como se as palavras furiosas quebrassem o que ficava dos fios de seu controle, Ihe inclinou a cabeça para ele, baixando a sua até que seus lábios puderam tomá-la em um beijo que estremeceu sua mente. Ela conheceu só tato, dedos empurrando dentro de seu ânus, sua vulva, lábios famintos chupando seus clitóris, sua língua enquanto Ian a retinha em seus braços.

—Maldita seja —grunhiu ele, sua voz um grunhido rouco, escuro enquanto os dedos empurravam, o prazer e pico de dor, formavam redemoinhos se dentro de sua corrente sanguínea, enviando-a chocando contra outro orgasmo explosivo—. O tentei. Carajo, tentei-o, Courtney. mais do que pode saber...

Ele se retirou dela enquanto Khalid continuava, mantendo-a perto até que o outro homem retrocedeu, antes de tomá-la em seus braços e sair a pernas do Clube.

—Vá à porta —Ele se manteve a um lado enquanto o outro homem caminhava tranqüilamente diante deles e abria a porta antes de seguir ao Ian pelo vestíbulo escuro.

Courtney lutou por respirar, suas mãos agarrando seu pescoço enquanto réplicas estremecidas de seu orgasmo açoitavam seu sistema.

Enfocar-se não estava alto em sua preparada de prioridades. Ela podia ouvir a respiração do Ian, dura e pesada, o som do batimento de seu coração trovejando em seu peito. Cada nervo de seu corpo estava sensibilizado, sua mente nublada com paixão, amor e luxúria. E embora ela sabia, que de momento a cólera enchia seu sistema com o mesmo desespero que a luxúria, era uma cólera nascida do medo. Um medo que ele perderia logo, ela rezou. Porque até que ele não o fizesse, não havia sequer uma esperança do futuro com o que ela havia sempre sonhado.

Capítulo 13

Courtney não podia ter previsto ao puro animal sexual que deixava solto quando tramou quebrar o controle do Ian. Este não era um homem enfocado simplesmente na submissão, nem estava enfocado simplesmente em torturá-la ou atormentá-la.

Era o prazer. Para o Ian, era a pura diversão, a intensidade, a, às vezes, brincalhona brincadeira que o acompanhava. Ele não queria uma conquista fácil. O qual era boa coisa, porque ela não tinha nenhuma intenção de ser fácil em nenhum momento de sua vida. E se ele o queria, ia ter que lutar por isso.

Enquanto a porta do dormitório se abria, ela se sacudiu de seu afeto, surpreendendo-o por sua determinação de estar livre e então se afastou de ambos os homens.

A porta se fechou com um suave som enquanto os dedos do Ian foram a sua camisa.

—Trocando de opinião? —ele arrastou as palavras.

Ele deveria havê-la conhecido melhor.

Courtney permitiu que um lento sorriso encurvasse seus lábios enquanto olhava a ambos os homens, vendo-os despir-se, observando a tranqüila coordenação que eles usavam preparando-se.

—Fizeram isto freqüentemente, não? —perguntou ela quando eles se tiraram a última de suas roupas quase ao mesmo tempo.

—Bastante freqüentemente. —A mão do Ian foi a sua ereção, seus dedos curvando-se ao redor dela enquanto a acariciava lentamente.

Khalid optou por apoiar-se contra pesada cômoda, cruzando seus braços enquanto a olhava com um sorriso.

—Ela vai fazer nos trabalhar por isso, Khalid —informou Ian ao outro homem enquanto Courtney jogava com sua trança, optando por um ar de inocência enquanto vigiava a seu amante.

Ah, ele tratava de ser furtivo.

Ela se moveu em direção contrária, longe da cama, cuidando de notar onde estava o mobiliário no dormitório e o melhor modo de usá-lo a seu favor.

—Esperava que ela sucumbisse facilmente, Ian? —Khalid estava ainda obviamente divertido com ambos.

—Te vou açoiar, Courtney —Ihe prometeu ele, sua voz baixando a um tom escuro, rico—. vou arrancar essa saia de seu corpo e te açoiar até que te corra por só a palmadas.

—OH, Ian —tremeu ela com medo exagerado. —Certamente não o faria.

Ian estreitou seus olhos, olhando-a, embora sentiu um involuntário sorriso curvando seus lábios.

Ela pensou que os estava enganando. Pensou que podia manobrar, intrigar e conspirar para que todas as coisas fossem a sua maneira.

Ele amava isso dela. Amava como ela se opunha a ele em cada oportunidade, desafiava seu domínio e sua determinação de fazê-la render-se.

Ela era forte. Tinha-Ihe tomado um tempo ver isto, um tempo separar o passado do presente, a inocência e a fome.

Não era que ele não estivesse aterrorizado de machucá-la. Estava-o, mais do que desejava admitir. O pensar em perdê-la, em perder sua aceitação sem igual, incondicional que lhe dava agora o aterrorizava mais que pensar em não ser capaz de dirigir suas fomes. Se alguém pudesse dirigi-lo, era Courtney.

Se existia alguma mulher que pudesse ter a esperança de igualar sua luxúria e de manter seu passo, era esta mulher, que o olhava com um desafio em seus olhos e um sorriso satisfeito em seus lábios.

Seu Courtney.

Ela sempre tinha sido dela, de uma ou outra forma.

Ele afastou os pensamentos. A emoção. por que preocupar-se com isto agora, quando ela estava de pé ante ele quase nua, promessa e determinação brilhando em seus olhos enquanto seu olhar piscava baixava a sua ereção.

Haveria tempo mais tarde. Além disso, ela sabia que ele sentia carinho por ela. Não se podia negar. Ele sempre sentiu carinho por ela.

Courtney olhou cautelosamente enquanto Khalid se movia, embora ele simplesmente caminhou até a cajonera e abriu a gaveta superiora. A gaveta continha muitos brinquedos para adultos, selecionados, tinha-lhe assegurado Ian, só para ela.

Ela não tinha tido ainda a possibilidade de comprovar seu conteúdo.

—Sugestões, Ian? —Khalid arrastou as palavras.

—As algemas estão já nos postes da cama —Ele sorriu lentamente quando Courtney jogou uma olhada às correntes finas no poste—. Toma o que pense que poderia usar —Seu sorriso se alargou—, e o tubo grande de lubrificante. Ela vai estar ocupada esta noite.

Suas nádegas se apertaram.

—Espero que não tenha a intenção de ir às compras por um tempo, Courtney —comentou Khalid como se estivessem falando do tempo quando começou a tirar artigos da gaveta—. Caminhar poderia ser difícil.

Ela viu o Ian movendo-se pela extremidade do olho e se trocou outra vez, aproximando-se mais a grande cadeira que estava a certa distância de onde ela estava de pé.

—Talvez troquei que opinião sobre tudo este assunto de compartilhar —anunciou ela quando Ian fez uma pausa.

Lhe lançou um olhar com os olhos deliberadamente muito abertos.

—Sério? —Ele arqueou sua sobrancelha em tom zombador.

—Sim —Ela assentiu tajantemente—. Alyssa era taaaan boa, Ian. Talvez eu gostaria de te negociar?

Os olhos dele cintilaram alegres. Era assombroso, ver essa risada, esse lado brincalhão, dominante que ela só agora experimentava.

—Teremos que pensar nisto —Sua mão se levantou de sua ereção enquanto ele se movia para ela.

Rindo, ela se escabulló a um lado, tendo a intenção de colocar a cadeira entre eles, para mantê-lo afastado durante só uns segundos mais. Ela não foi nem de perto o bastante rápida. antes de que pudesse fazer mais que ofegar ele a tinha, lhe levando os braços detrás das costas e empurrando a parte superior de seu corpo sobre o respaldo da cadeira.

Interessante.

Ela viu, com os olhos muito abertos enquanto Khalid começava a mover-se para eles, um sorriso malvado em seus lábios enquanto seu ventre se escorava contra a parte baixa do respaldo.

—Que vergonha, Courtney —Sua saia funcionou pouco estorvo e foi rapidamente tirada. Então uma mão pesada aterrisou em seu traseiro quando ela lutou contra a sujeição do Ian—. Fica quieta. Quero ver este bonito culito voltar-se vermelho para mim.

Um grito escapou de seus lábios quando sua mão aterrisou outra vez, mais abaixo esta vez, criando um ardente calor entre sua vulva e seu traseiro quando ele separou mais suas pernas com a ponta do pé.

—Alguma vez lhe açoitaram esse doce, pequena vulva, neném? —Ele se inclinou, aproximando-se, sua respiração dura e pesada quando fez a pergunta—. É tão travesso e molhado. Penso que tem que ser surrado.

—Ian... —um grito escapou de sua garganta quando sua palma conectou com pequena força nos pregas empapados, sedosos, nus de sua vulva.

Ela ficou em puntillas, seus olhos aumentados, ofegando quando o golpe foi seguido pelo rápido, duro impulso de seu dedo dentro das cremosas profundidades de sua vulva.

Ela quase se corre.

Ela estava tão perto, tão sensibilizada pelo anterior jogo erótico que sentiu sua matriz retesar-se em advertência.

—Não acredito —Seu dedo se retirou, sua mão se moveu, só para descarregar-se energicamente em seu traseiro enquanto Khalid se aproximava da cadeira.

Sua franga estava em linha perfeita para seus lábios.

—Abre seu boca —grunhiu Ian com voz rouca enquanto açoitava a curva sensível de seu traseiro outra vez—. Quero verte tomando-a, Courtney. Abre seus lábios e chupeta sua franga.

Sua mão aterrissou outra vez. te queimem agradar dor atravessou seu sistema enquanto outro grito afogado escapava, só para ser substituído pela largura escura da franga do Khalid. A protuberante cabeça pressionou passando seus lábios quando Ian descarregou outro pequeno golpe em seu traseiro.

Ela se queimava, não só pelo açoite, que produzia seu próprio calor, fisicamente e sexualmente, se não pela luxúria construindo-se em suas veias, fluindo por seu corpo. Ela podia sentir seus sucos gotejando de sua vulva, saturando os pregas já molhados e molhando suas coxas.

Sua língua atingia sobre a crista quente da franga do Khalid, seus olhos se elevaram, encontrando os dele enquanto o prazer tortuoso seguia.

—Ian, tampa seus malditos olhos antes de que eu me corra —gemeu Khalid quando seu olhar encontrou a dela, sua expressão retorcendo-se eroticamente—. Toda esta maldita inocência enquanto minha franga cheia sua boca é muito.

Ian riu entre dentes bruscamente quando ela se estremeceu, seus olhos aumentando-se.

Ela queria ver.

Ela tinha que ver.

Mas ela estava condenada à desilusão. Em segundos Ian tinha transferido seus punhos ao apertão do Khalid, a franga do outro homem ainda enchendo sua boca quando ele levou a grossa seda negra sobre seus olhos, assegurou-a e logo fez o mesmo com suas mãos.

Ela estava cega. Indefesa.

Ela gemeu ante a repentina ênfase mental de que ela estava agora completamente sob o controle deles.

Segundos mais tarde, a franga do Khalid saía de sua boca enquanto ela gemia com desilusão, só para conter a respiração quando se encontrou, de repente, sentada na cadeira.

Ela tinha esperado a cama.

—Vêem aqui, bebê —Ela se sacudiu com assustada surpresa quando sentiu ao Ian atirando-a para diante, separando suas coxas enquanto ele ficava entre eles. Ela sentiu como raspava a tapeçaria da cadeira contra seu sensível traseiro, a sensação das coxas ásperas pelo pêlo do Ian quando ele separou os seus ainda mais.

Seus lábios morderam os sua quando ela aspirou bruscamente e procurou mais de seu beijo.

Ela pôde saborear um fraco gosto a uísque, e calor, como uma tormenta do verão. O golpe úmido de sua língua acendendo terminações nervosas às que ela nunca lhes tinha emprestado antes.

—Quero te tocar —gemeu ela enquanto ele lambia seus lábios.

—Quer me voltar louco —a repreendeu ele, surpreendendo-a com o fio de diversão de sua voz enquanto suas mãos aflagavam seu seios, pressionando-os juntos enquanto ele baixava sua cabeça aos rígidos mamilos que o esperavam ali.

Courtney se arqueou, aproximando-se, tremendo com crescente excitação enquanto gemidos de necessidade passavam seus lábios quando ele os lambeu. Sua língua era úmida, quente. Seus mamilos tão sensíveis que o muito ligeiro toque a tinha sacudindo-se de prazer.

—Ela é formosa, Ian —a voz rouca, pesadamente acentuada do Khalid foi um sussurro faminto a seu lado. Sua voz era mais rouca, mais grave, cheia de prazer.

—Sim, ela o é —esteve de acordo Ian um segundo antes de que sua língua roçasse seus mamilos outra vez, arrancando um gemido baixo de delicioso prazer dela.

—Ela esta realmente quente, também —lhe informou ela a ambos, seu tom era de desespero—. Poderíamos fazer algo a respeito, agora?

O teria impressionado ela?

Sentiu-o quieto contra ela durante um longo momento, então seus lábios cobriram um mamilo, seus dentes beliscando, seus lábios desenhando sobre ela enquanto o fogo começava a crepitar na boca de seu estômago. A cabeça dela caiu contra a cadeira, seus pés empurrando contra o chão quando se arqueou aproximando-se, desesperada-se por pressionar sua vulva contra ele, para que a fricção aliviasse a crescente fúria que trovejava dentro dela.

—Abre —Um polegar percorreu seus lábios.

Courtney não estava sob nenhuma ilusão sobre o que vinha. Sua boca se abriu, ampla, um gemido murmurado passando seus lábios quando Khalid afundou a crista acampanada de sua franga passando seus lábios. Era grossa, quente, enchendo sua boca quando ela a fechava seus lábios sobre ela outra vez e começava a chupar com os mesmos golpes devastadores, zombadores que Ian estava usando em seus mamilos.

Ela encontrou que seu sentido do gosto aumentava com a escura atadura. A franga do Khalid era tão grossa como a do Ian, embora a cabeça fora mais afiada que redonda, e o gosto era mais selvagem. Uma mescla de luxúria e secas, acaloradas noites, muito parecido à terra de onde ele vinha.

Deixa-os provocar. Ela podia provocar também. Atada e enfaixada, malditos sejam. Ela tinha outros modos de provocá-los também.

Sua língua imitou a do Ian, arrancando um gemido desigual da garganta do Khalid quando ele pressionou pesadamente entre seus lábios, retrocedendo quando sua língua açoitava a sensível parte oculta, logo pressionando para diante outra vez quando ela chupou a florescente cabeça.

Ele sabia a masculino calor e luxúria. Um sabor embriagador quando estava combinado com o estímulo que Ian estava aplicando a seu seios.

Ela ouviu ambos os homens gemer, o som amplificado, o desejo diferente em cada voz. Khalid era toda luxúria e paixão. Mas Ian, sua voz era mais áspera, mais profunda, cheia de uma emoção que a fez tremer com esperança.

—Ela é uma maliciosa provocadora, meu amigo —A voz do Khalid foi áspera enquanto ele transava seus lábios com um controle obviamente frágil.

Courtney sentiu ao Ian mover-se, uma mão movendo-se de seu peito. Um segundo mais tarde, um grito ecoou ao redor da franga do Khalid quando ela sentiu que dois dedos se inundavam profundamente dentro de sua vulva, separando a malha palpitante enquanto o fogo se lançava através de sua matriz.

Khalid sustentou sua cabeça firme enquanto seguia forçando sua franga dentro e fora, passando seus lábios, que lutavam por manter uma constante sucção, enquanto ela lutava por respirar. Os lábios do Ian desenharam freneticamente seu mamilo enquanto seus dedos tesouravam dentro de sua vagina, acariciando suas terminações nervosas e forçando sua tremente carne à submissão.

E ele não a deixava correr-se.

Deliberadamente, tornando-se atrás, avançando para frente, acariciando, atormentando, ele a manteve na beira de sua excitação enquanto uma luz começava a formar redemoinhos-se dentro de sua visão, prova da intensidade das sensações que destruíam sua mente.

De repente, a franga do Khalid saltou livre de sua boca, sua risada fluindo a sua redor quando ela pronunciou um grito de protesto e tentou segui-la para mais. Os dedos do Ian se deslizaram de sua vulva e a abandonaram de repente, deixando-a desprovida de qualquer toque.

—Isso foi cruel —Ela moveu suas pernas, procurando o Ian com seus pés quando ela sentiu o ar fresco do dormitório acariciando sua carne reaquecida—. Vamos, Ian, não tem que me torturar.

Mas ela sabia que ele o faria.

Ela o esperava com muita ilusão.

—Vêem, neném.

Ela ofegou quando a voz do Ian sussurrou em seu ouvido outra vez. Ele a ajudou a parar-se da cadeira, estabilizando-a quando suas pernas tremeram baixo ela, e a conduziu à cama.

—foste uma moça muito má, Courtney —Ela não podia dizer agora se ele estava divertido ou sério—. Terá que ser castigada por isso

OH, sim demônios. Ela estava segura como o inferno de esperá-lo.

—Ohhh, vamos colocar nos pervertidos, Tio Ian? —o ela gracejou ofegando, então saltou, assustada, quando sua mão aterrisou em seu traseiro em uma carícia ardente.

—te cale, antes de que te amordace —ordenou ele, seu tom de voz escuro, proibido enquanto a fazia deitar sobre seu estomago e liberava soltava as ataduras de seus punhos.

Ela não teve tempo para fazer muito mais que deslizar-se e tentar dirigir sua palma à coxa mais próxima antes de que eles lhe tivessem capturado ambos os punhos outra vez e as tivessem atado as algemas acolchoadas, estirando-a no centro da cama.

Seus tornozelos foram o seguinte, embora havia um pouco de espaço nas pequenas correntes ela podia as ouvir tilintar juntas. Uma vez que eles a tiveram atada, começaram a jogar seriamente.

Ela estava colocada sobre suas mãos e joelhos, ofegando, quando sentiu ao Ian mover-se detrás dela enquanto Khalid se estirava a seu lado, sua cabeça movendo-se sob seu corpo. Quase imediatamente sua maliciosa língua começou a jogar com sua vulva saturada enquanto seus dedos encontraram seus ardentes mamilos.

Isso já foi bastante mau. Esse prazer levado a extremo, simplesmente porque ele rechaçava absolutamente permitir que se soltasse. Mas Ian, como o demônio que ele era, começou a subir a aposta.

Sua mão se posou na sensível bochecha de seu traseiro, fazendo-a sacudir-se ante a acesa lava de sensações que produziu. Ela teria estado mais confortável se isso tivesse doído. Mas bem isso abrasava, fazendo-a retorcer-se e pressionar atrás por mais, enquanto Khalid jogava com sua vulva.

Ela podia sentir seus sucos emanando de sua vagina quando sua carne começou a esquentar-se, derreter-se para os dois homens tão absortos em voltá-la louca. A perda de sua visão só tinha servido para enfatizar esses toques, como ela sabia que Ian queria que o fizesse. A carícia mais suave era mais intensa agora, mais destrutiva.

—Que culito tão bonito e doce —cantorolou Ian enquanto separava as curvas—. Fica quieta, bebê, me deixe te preparar —Ele acariciou seu traseiro enquanto ela sentia o estreito final do tubo de lubrificante sendo inserido em seu traseiro.

Ela se arqueou, gemendo profundamente ante a sensação da varinha penetrando esse escuro canal.

—Não faço já nada mais que viver para te escutar gritar de prazer —grunhiu ele, e pelo tom de sua voz, esse pensamento não parecia agradá-lo.

—Vivo para gritar para você —Ela se arqueou grosseiramente quando sentiu a língua do Khalid curvando-se ao redor de seus clitóris enquanto a fresca sensação do gel começava a encher seu traseiro.

Ela respirava pesadamente agora, seus quadris rodando enquanto lutava por introduzir seus clitóris mais para dentro da boca provocadora.

A mão do Ian aterrisou em seu traseiro outra vez, mais duro.

—Fica quieta, gatita —ordenou ele duramente—. vai passar um longo momento antes de que possa te correr novamente. Guarda seu força.

Naquele momento ela começou a suspeitar que talvez Ian não tinha mostrado ainda todas as diferentes facetas de sua sexualidade. Sua voz era mais escura, mais profunda, o prazer palpitando justo sob a superfície era mais espesso que nunca.

A boquilha foi tirada de seu ânus então, saindo dela enquanto gemia pesadamente ante o toque contra as sensíveis terminações nervosas. Khalid se deslizou desde debaixo de seu corpo quando Ian se moveu desde detrás dela, recostando-se a seu lado e começando a jogar seriamente.

—Vêem aqui, bebê —Os lábios do Ian encontraram os seus, um beijo extraordinariamente sensível enquanto sua língua lambia seus lábios, suas mãos enterrando-se em seu cabelo enquanto ela soluçava ante o prazer esmagante.

Por toda a ternura do Ian, por seu suave beijo, Khalid se tinha convertido agora em seu atormentador. Movendo-se detrás dela, sua mão começou uma série rítmica de palmadas pequenas contra seu traseiro, alternando cada poucos segundos com uma oculta candente bofetada a sua vulva sensível.

Ela tratou de respirar, gritar contra as sensações rasgando-se através dela, mas os lábios do Ian tomavam cada grito, seus gemidos alentadores abastecendo a neblina de luxúria que a rodeava.

Enquanto sua língua se deslizava além de seus lábios outra vez, Khalid inseriu dois dedos profundamente dentro de sua vulva. Enquanto Ian lambia seus lábios, Khalid curvava seus dedos e acariciava a carne ultra sensível bem dentro das mesmas profundidades de sua vagina.

Ela tremia, tironeando entre o êxtase e o tortura, segura que não havia modo de sobreviver às sensações. Com cada palmada a sua carne sensível, as chamas queimando seu corpo pioravam, despertando terminações nervosas que ela não tinha nem idéia que possuía enquanto a tensão em seu corpo começava a crescer mais.

Sua matriz doía, ardia. Seus clitóris estava tão sensível que até o ar que o acariciava era muito para a massa delicada de nervos, entretanto não era o bastante. Eles a tinham pendurando de um precipício tão afiado, que ela podia sentir a mordida da fome crescendo a cada segundo.

—Ian... —ela gritou seu nome quando sentiu que Khalid abria as bochechas de seu traseiro, a ampla crista de seu pênis acariciando toda a fenda.

—Agora nos colocamos pervertidos, bebê —grunhiu ele, sua voz mais escura enquanto ela o sentia ficando de joelhos a seu lado—. Agora olho. Recorda as vezes em que me espiava com seus criadas, carinho? O que estava fazendo?

Ela gemeu ante a lembrança.

—Eu olhava, olhava quão facilmente elas aceitavam qualquer prazer que eu escolhia para elas depois de que tivéssemos terminado das conduzir tão alto como fosse possível. Mas não tive que te conduzir, não, neném? —seu sussurro estava debruado de temor e luxúria mesclados—. Você estava ali me esperando, verdade?

—Deus, sim —ela soluçou quando sentiu a franga do Khalid metendo-se na abertura de seu traseiro.

—Boa garota —cantorolou Ian, sua mão movendo-se a seu cabelo, atirando a trança ao flanco enquanto girava sua cabeça—. te Abra para ele, Courtney. Deixa-o entrar. Me deixe ver quão valente e formosa é realmente.

Não foram suas palavras as que causaram que ela empurrasse contra a ereção pesada procurando a entrada, foi sua ampla mão aterrisando pesadamente contra seu traseiro enquanto sua franga acariciava seus lábios.

Sua boca se abriu quando seu ânus se relaxou. De uma vez, ambas as frangas entraram em seus desejados destinos, ela sentiu que a última de qualquer prudência que possuía começava a desenredar-se. A ampla crista da ereção do Ian perfurou sua boca enquanto o fogo começava a florescer em seu traseiro, passando como um raio pelas delicadas terminações nervosas que abrangiam sua vulva, seus palpitante clitóris. Ela era uma massa de necessitada, acesa carne agora, aceitando algo que eles queriam lhe dar.

Pareceu durar essa eternidade primeira penetração de seu corpo pela franga do Khalid. Acariciando, trabalhando lento e devagar na entrada enquanto ela lutava por uma mais dura, mais profunda investida.

Ela teria rogado por isso, mas a franga do Ian enchia sua boca, roubando qualquer possibilidade para falar, pedir, gritar.

—Não durarei muito tempo, Ian — gemeu Khalid pesadamente enquanto seus músculos dela se flexionavam a seu redor, esforçando-se por aceitar a largura que a estava tomando— Guarda todo o drama para mais tarde, maldição.

Ian grunhiu ante a petição, mas retrocedeu devagar, arrancando sua franga de sua boca enquanto liberava as restrições do corpo dela, logo se deitou a seu lado.

—OH Deus... — o grito rasgou sua garganta quando ela foi levantada, empurrada mais contra a franga empalando seu traseiro enquanto Khalid levava suas costas contra seu peito e Ian se deslizava baixo ela.

Os tremores de agonizante prazer estavam atacando suas terminações nervosas enquanto ela se apertava ao redor da ereção que penetrava seu ânus, estirando-a, queimando-a enquanto ela lutava por adaptar-se a isso. Mas não lhe deram nenhuma possibilidade para adaptar-se.

As mãos do Ian ajustaram suas pernas sobre as suas, logo agarraram sua cintura e começaram a baixá-la devagar.

—Ian, não posso suportá-lo... —Ela se sacudiu de seu apertão, sentindo que a franga do Khalid atingia, movia-se e acariciava a carne hipersensível que penetrava.

—Que mau, bebê — Ela sentiu sua franga pressionar a abertura de sua vulva, Khalid profundamente enterrado dentro dela, permanecendo quieto, enquanto ela, outra vez, encontrava-se ajoelhada na cama, só que agora Ian estava baixo ela, inteligente a penetrar os vãos ultra estreitos de sua vulva.

—Agora, toma tudo o que sou, Courtney —grunhiu ele—. Todo. Começando agora...

Se ela tivesse conhecido o prazer antes, não foi nada comparado ao que Ian começou a lhe mostrar. Com o Khalid sepultado profundamente em seu ânus, Ian começou a afundar sua franga em seu sexo, seu estreito canal protestando pela ardente empalación da ereção do Ian. Os impulsos curtos, fáceis trabalharam abrindo-a, fazendo um caminho para o grosso peso de sua franga, e enviaram a seus sentidos dando inclinações bruscas.

Ela podia ouvir-se rogando, suplicando, mas não estava segura pelo que estava rogando. Quando ele se abriu caminho com sua franga dentro dela, seus lábios rodearam um mamilo, seus dentes raspando, beliscando o pico sensível enquanto as mãos sustentavam com força seus quadris no lugar até que ele finalmente, agonizantemente, deslizou cada amplo centímetro de sua franga dentro dela.

A penetração dual não era nada comparada com os brinquedos com os que eles tinham jogado. Seus sentidos giraram quando eles começaram a mover-se dentro dela. Quatro mãos a atingiam, acariciavam-na, duas vozes a exortavam a ela em seu prazer, enquanto duas pesadas, amplas frangas começaram a transá-la com faminta exigência.

Ela podia sentir a onda de seu clímax armando-se, embora compreendeu que o passo lento, moderado que os dois homens estavam usando nunca a lançaria rapidamente ao clímax. Uma vez mais a estavam torturando, criando a tensão dentro dela até que esteve segura que nunca sobreviveria.

—Sente, Courtney —sussurro Ian quando apertou a cabeça dela contra seu peito, seus lábios em seu ouvido—. O prazer e a dor, o fogo e gelo. Sente-o, neném, lhe deixe ter todo de você. me deixe ter todo de você.

Ele já a tinha.

Os dedos dela se apertaram em seus ombros enquanto ela lutava para manter-se, embora não havia modo de que se movesse mais do que os dois homens que tomavam desejasse. Suas frangas ardiam dentro de seu corpo enquanto eles empurravam pesadamente nela, o ritmo crescente, cada golpe enviando dilaceradores, elétricos impulsos de prazer de disparando-se dentro dela.

Ela não podia respirar. Não podia existir. Sentiu que a explosão começou em seu ventre, sentiu-a expandir-se, detonar, superá-la quando sua alma começou a derreter-se na conflagração que a alcançava.

As vozes do Ian e do Khalid estavam perdidas na loucura enquanto o orgasmo se encrespava nela. Avançou através dela e rechaçou parar-se. Repetidas vezes convulsionou seu corpo, quando cada golpe provocava outro, tinha-a levantando-se, gritando, logo repetiu o processo até que sentiu que algo dentro dela voava livremente.

A final, destruidora liberação a atravessou, enquanto Ian explodia dentro dela, enchendo-a com a candente lava de seu sêmen e Khalid se estremecia em cima dela, obviamente nas convulsões de sua própria liberação.

Intercalada entre eles, indo à deriva em muito a razão perdida, Courtney se sentiu, por uma vez, saciada, todos seus sentidos satisfeitos quando ouviu o grunhido retumbante do Ian de completa saciedade masculina em seu ouvido. Algo que ela não tinha ouvido antes. Sua voz, sussurrando seu nome, um tremor, talvez de reconhecimento de que ela era sua parceira, vibrando profundamente dentro dela.

O esgotamento a encheu. Como uma pessoa faminta, logo saciada, fechou seus olhos para glorificar-se pelo alívio.

—Acredito que ela dirigiu isto bastante bem —Khalid paralisou ao lado do Ian enquanto este abraçava ao Courtney contra seu peito, sua face ainda sepultada em seu pescoço.

—Deixa de ferrar —a voz do Ian foi preguiçosa, saciada, grossa pela emoção.

Khalid se perguntou se ele confrontaria a emoção, entretanto.

Ele riu entre dentes como se semelhantes graves pensamentos não fossem parte de sua mentalidade post-clímax.

—Há sobre-dramatizado o que passou antes, Ian —Ele se arranhou preguiçosamente seu peito— Bastardo obstinado.

Ian grunhiu quando se deu volta, colocando ao Courtney entre eles enquanto Khalid se inclinava para eliminar a camisinha que se colocou antes de tomar à mulher. Por muito que ao Ian gostasse de compartilhar, não gostava de seu pátio de jogos empapado pela semente de outro homem.

—Ela é tão condenadamente selvagem que me assombra —Ian suspirou quando a deu volta, rindo entre dentes quando ela grunhiu com irritação ao ser movida.

—Selvagem como o vento —estive de acordo Khalid, olhando como os dedos do Ian se curvavam ao redor de um peito ainda acalorado, inchado.

Seus mamilos estavam ainda duros, a carne da auréola obscurecida por suas paixões. Ela murmurou apreciativamente quando seu polegar raspou a ponta. Seus olhos se mantiveram fechados, mas sua expressão foi sonolenta, retornando a sensualidade.

—Vêem aqui, pequeno vento —Ian suspirou profundamente enquanto a atraía para seus braços, agasalhando-a protetoramente contra seu peito—. Dorme. por agora.

Khalid se perguntou se seu amigo tinha alguma idéia quão revelador foi o movimento. Nunca, com todas as mulheres que tinha visto o Ian compartilhar, ele tinha sido propenso às abraçar quando o sexo tinha terminado. E nunca tinha sido tão profunda sua voz, tão cheia de emoção. Ele amava à moça, mas admiti-lo seria tão duro como finalmente tinha sido compartilhá-la. Ian estava estabelecido na vida que ele tinha julgado seria seus anos atrás. E Courtney, suave, doce, intrinsecamente inocente, era todo que ele tinha temido alguma vez corromper. Compreender que Courtney via isto como uma parte do amor que sentia para ele, uma parte dela mesma, não corrupção, seria a batalha mais difícil que os dois enfrentariam.

Khalid enviou um rogo a Deus para que seu amigo compreendesse isto antes que fora muito tarde.

Capítulo 14

Courtney voltou para a consciência lentamente a manhã seguinte. Baixo ela, Ian dormia, seus braços sustentando-a enquanto ela jazia sobre seu peito. junto a eles, Khalid respirava profundamente também, separado deles a quase trinta centímetros, convexo, nu em seu estômago.

A noite antes tinha sido... intensa. Horas e horas de avareza sexual açoitando como relâmpago ao redor deles.

De quantas formas diferentes a tinham tomado eles? Não podia recordar. Tudo o que recordava era a voz escura do Ian, impulsionando-a mais alto enquanto cada toque a enviava sobre beira detrás beira de intensidade.

Ele a havia sustenido enquanto Khalid a transava. Tinha-a transado enquanto Khalid a sustentava. Haviam-na sustenido, lábios e dentes e línguas comendo-a, fazendo-a gritar orgasmo detrás orgasmo enquanto finalmente se abandonava em suas mãos, em suas fomes.

Tinha sido uma experiência assombrosa. Como se Ian tivesse estado compensando o tempo e a necessidade atrasada, ele empurrou cada limite que tinha suspeitado que ela tinha. Só para aprender, que não havia limites.

Um sorriso encurvou seus lábios com o pensamento. Ele era um homem tão obstinado.

—Deveria estar dormindo —sua mão se moveu sobre seu cabelo solto, acariciando-o preguiçosamente enquanto a girava sobre seu corpo até que ela ficou entre ele e Khalid.

Ela abriu seus olhos, olhando-o, vendo a carência de tensão em sua expressão agora.

—Mantive-me —Lhe sorriu, desafiando-o a negar que o tinha feito.

Ele soprou com sua declaração, seus olhos azuis sonolentos, cheios de calor enquanto suas mãos acariciavam suas costas.

—Perdeu —ele atacou—. Não faz uma hora.

—Mas me mantive —reiterou ela, um sorriso atirando seus lábios.

—Fez-o —Seu sorriso alcançou seus olhos enquanto seu polegar acariciava seus lábios inchados—. Definitivamente te manteve.

E seu corpo lhe doeu ao recordar, em áreas que ela não sabia que podiam doer.

—Correrei ao Khalid depois do café da manhã —sua mão se afagou em sua bochecha—. Teremos um tranqüilo e agradável dia, sós. Se você gostar, talvez janta esta noite no Clube —A diversão sardônica tocou seus olhos—. Igual e posso dar permissão ao Matthew de te deixar entrar, é óbvio que não pode ser obrigada a seguir as regras.

—Que regras? —Ela alargou seus olhos inocentemente, mantendo sua voz suave, tranqüila. A atmosfera de intimidade era um bálsamo para a preocupação que a tinha cheio durante tantas semanas.

Um sorriso encurvou seus lábios.

—É uma mulher selvagem.

Seu coração explodiu quando ele se inclinou para frente, seus olhos abertos, tocando seus lábios com os seus como se fora uma bênção. O toque estava cheio de emoção não expressa, uma terna, quase tentativa carícia que tinha seu coração enchendo-se de alegria.

Ele necessitaria mais tempo, ela sabia. Aceitá-la como era, fazendo a um lado seu passado e lhe dar a ela todo de si mesmo, não tinha sido fácil. Ele teria que medir seu caminho um pouco mais antes de lhe permitir a seu coração a mesma liberdade.

Ela podia esperar. Ela tinha uma paciência interminável, e no momento, seu amor por ele a sustentava. Ela tinha empurrado esta primeira, difícil barreira. O resto viria com o tempo. Como ela conhecia o Ian, nenhuma tentação, nenhuma fome, nenhuma necessidade era bastante forte para quebrar sua vontade, a menos que ele quisesse que se quebrasse.

—OH Deus, necessito uma ducha. Toda esta merda succulenta se está colocando pegajosa —A voz divertida do Khalid vibrou dormitada junto a eles.

Courtney fez rodar seus olhos enquanto Ian suspirava.

—Eu poderia te haver dito que ele era um problema —lhe informou com brincadeiras suaves—. Desejará que ele não tivesse estado presente quando lançou seus pequenos artifícios ontem à noite.

A satisfação ardeu dentro dela.

—Estava-me queixando? —perguntou ela, e se abraçou mais a ele enquanto dirigia sua mão por seu peito à ereção matutina que a esperava.

O calor encheu sua expressão então. Aceitação.

Seus dedos se curvaram ao redor da largura impressionante, um murmúrio de prazer deixou seus lábios enquanto começava a baixar, seus lábios acariciando o peito dele ao tempo que as mãos de seus lhe enredavam no cabelo.

Para não ser superado, Khalid se estava unindo aos jogos. Ela sentiu seus lábios nas costas baixa, seus dedos viajando por sua coxa.

—Está sensível —ofegou Ian enquanto seus dentes raspavam seu estômago—. Sei suave, Khalid.

Ela sentiu ao Khalid fazer uma pausa, como se a ordem áspera fora incomum.

—Sempre, Ian —prometeu ele enquanto seus dedos sussurravam sobre seu molhado, inchada vulva—. Tão suave como uma chuva da primavera.

Enquanto ela se aproximava da ereção deliciosa que esperava seu consumo, um forte, furioso escândalo fora da porta do dormitório fez alargar seus olhos com alarme.

—Importa-me um carajo qual sejam suas ordens; maldição, tire-se de meu caminho! —A ordem áspera foi acompanhada por outras vozes, levantadas em protesto, com alarme.

—Ferrar. Ferrar —Ian saltou da cama, jogando o edredom sobre ela enquanto Khalid o seguia, agarrando suas calças e precipitando-se a vestir-se.

A porta de dormitório se abriu de repente para revelar a seu pai.

Ele estava furioso.

Seus furiosos olhos cinzas percorreram ao Courtney, seu corpo, ainda musculoso, tremendo de cólera.

—Papai, o que está fazendo? —sobressaltada, surpreendida pela raiva que parecia ir voando pelo quarto, ela o olhou, ajoelhando-se no centro da cama enquanto sustentava o edredom ao redor dela—. por que não me disse que viria?

Sua mãe entrou esquivando-o, obviamente transtornada, seus olhos escuros encontraram os do Courtney com compaixão.

—Sinto muito, querida —suspirou ela cansadamente—. Não tive nem idéia de aonde íamos até que foi muito tarde, e ele roubou meu telefone móvel —jogou a seu marido um olhar descontente.

—Courtney, sal daqui —a voz de seu pai vibrou com sua cólera.

Ele parecia um touro furioso, sua face avermelhada, seus olhos brilhando enquanto se fixavam no Ian.

—por que? —Ela se elevou devagar da cama, cuidadosa de manter a manta ao redor dela enquanto se movia para parar-se frente a Ian.

Infelizmente, Ian não estava de acordo.

—Vá a seu quarto, Courtney —Ele respaldou a ordem de seu pai com sua própria exigência suave enquanto se parava cuidadosamente distante dela.

—Não o farei —Ela olhou aos dois homens, suas sobranceiras apertando-se em um cenho franzido enquanto fulminava com o olhar a seu pai—. Não poderia ter esperado até que estivéssemos ao menos vestidos? Ou permitido ao mordomo informar ao Ian que estava aqui?

—E me perder isto? —Sua mão se balançou para cobrir o dormitório enquanto se mofava com a pergunta—. Claro que não.

—te perder o que? —ela replicou, sua própria cólera crescendo agora—. O que te perdia, Pai? Algo que não era para nada de seu incumbência.

—Courtney —Ian se aproximou então, atraindo-a a si enquanto seu pai apertava seus punhos, seus lábios aplanando-se furiosamente—. me Deixe dirigir isto.

—Não há nada que dirigir —Ela sacudiu sua cabeça, duvidosa, pouco inclinada a deixar o quarto enquanto seu pai estava tão furioso.

Ela o via raramente tão furioso. Cada vez que o fez, alguém tinha terminado machucado. Não ela ou sua mãe, nunca alguém que não o merecesse. até agora.

—Não posso acreditar isto —grunhiu seu pai—. Maldita seja, Ian, foi meu melhor amigo. Confiei em você com ela.

Courtney podia sentir sua própria fúria, sua própria dor elevando-se com cada palavra que saía dos lábios de seu pai. Ele a tinha criado para pensar por si mesmo, para ser uma pessoa separada dele e de sua mãe. Ele tinha elogiado sua boa vontade de ver sempre além do que seus olhos viam, e agora, ele não podia ver mais que o fato que Ian a tinha levado a sua cama.

—O que tem que ver sua amizade com algo, Pai? —perguntou-lhe ela com fúria—. Isto não é de seu incumbência.

—É minha filha —ele replicou.

—Sou uma mulher adulta, não uma criança —lhe recordou ela, lutando por conter suas lágrimas, sentindo ao Ian, apesar de sua proximidade física, afastando-se mais dela.

—Courtney —Ele baixou sua cabeça a seu ouvido, sua voz calmante, tranqüila—. me Deixe dirigir isto.

Seu fôlego se obstruiu em seu peito com o tom. Outra vez, Ian se tinha encerrado em si mesmo, e ela temia que este novo acontecimento pudesse ser uma barreira que ela não poderia derrotar.

—Não —Ela sacudiu sua cabeça, dando-se volta, olhando-o, vendo a frieza em seus olhos, seu arrependimento, enquanto o medo começava a afundar-se profundamente dentro de seu coração—. Ele só está zangado, Ian. Falarei com ele...

—O diabo que o fará —grunhiu seu pai detrás dela—. Ian pode discutir isto.

Ela podia ver a dor que Ian escondia tão cuidadosamente. O que tinha feito ela? Ele contava a seu pai como um de seus poucos amigos verdadeiros, e agora ela se havia interposto entre eles. Sem o tempo que lhe tivesse tomado ao Ian ver que ele realmente a amava, ele estava sendo esmigalhado entre sua amizade e sua luxúria.

—Pai —Ela se deu volta lentamente, olhando suplicante ao pai que sempre a elogiou, malcriou-a, ensinou-a lutar pelo que ela acreditava—. Papai, por favor não faça isto. Por favor parte, só durante um momento.

Ela tremia, lutando contra suas lágrimas enquanto seu olhar encontrava a de sua mãe, suplicando por sua ajuda.

—Courtney, direi-te uma última vez que vá deste quarto —Sua voz baixa, seu tom era uma ordem. Um que ela nunca tinha rechaçado obedecer em sua vida.

Ela respirava duramente agora, vendo todo pelo que tinha lutado estas semanas derrubando-se a seus pés.

—Não.

Ele se moveu para ela.

—Dane, maldição, te afaste dela —antes de que Courtney pudesse protestar, Ian a tinha empurrado detrás dele, seu braço sustentando-a no lugar enquanto Khalid blasfemava violentamente.

Dane se deteve, fulminando com o olhar aos três.

—Pensa que eu faria mal a minha única maldita filha? —grunhiu ele, enquanto Marguerita colocava uma mão delicada em seu braço—. Depois do inferno que vivi pensando que a tinha perdido a ela e a Marguerita, pensa que eu levantaria alguma vez minha mão de merda contra ela?

—Dane, não deixe que o passado se repita com o Courtney —lhe pediu então—. Por favor, deixemos o quarto no momento. Isto pode esperar. Por favor não faça isto.

—Demônios, Marguerita, ela é nossa filha. Pensa que ele não sabia o que fazia...?

—Pensa que ela não? —Discutiu Marguerita furiosamente então—. Está tomando as mesmas decisões que minha família fez por nós, Dane. lhe negar uma opção. Só que seus métodos são diferentes.

Courtney apoiou sua cabeça contra as costas do Ian, um soluço sacudindo seu corpo enquanto lutava por conter o som.

Ian nunca, jamais a perdoaria agora.

—Recordarei-te, esposa —replicou ele—. Que não foi seu melhor amigo, nem o meu, quem nos traiu. Mas, condenação, não deixarei ao Ian quebrar seu coração.

—Detenha —Courtney gritou desgarradamente, afastando-se do Ian, seus punhos apertando-se no edredom que sustentava a seu redor até que confrontou aos dois homens, piscando a dor líquida que ameaçava caindo de seus olhos—. Pensa que ele me enganou para me levar a sua cama? —Gritou furiosamente—. Não acredita que ele fez todo para me manter longe? Seduzi-o...

Uma risada aguda, zombadora encontrou suas palavras.

—É um bebê, Courtney. Ian é muito mais velho e com mais experiência. Ele sabia como dizer não.

—Não —Ela sacudiu sua cabeça desesperadamente—. O amo... —Ela não fez caso do estremecimento do Ian, sabendo que o mal causado pela chegada de seu pai seria difícil de reparar. Ela rezou por que não fora impossível—. Por favor, Pai, peço-te...

—E te ama ele? —grunhiu seu pai, girando para o Ian—. me Responda, Ian —se mofou ele—. A amas?

Todo dentro dela começou a derrubar-se. O segundo se estirou uma eternidade enquanto Ian a olhava fixamente, a pena obscurecendo seus olhos. Todo o som se apagou dentro do quarto, todo exceto o som de seu coração enquanto ela o olhava, seu olhar fixo na dele, seu coração quebrando-se enquanto ela olhava a chegada da negação.

Havia tal pena em seus olhos. Embora o afeto, estava ali, o mesmo afeto que sempre estava em seus olhos para ela. Mas não havia amor, nenhuma compreensão.

—Sinto muito, Courtney... —Sua voz foi suave, cheia de desculpa—. Seu pai está no correto. Eu deveria me haver negado.

Ela sentiu que algo se estrelava dentro dela, fragmentando-se. Um gemido passou seus lábios, embora ela se prometeu que se este dia alguma vez chegava, ela não gritaria. Não o lamentaria.

Certamente ele só não compreendia que a amava. Era tudo o que era, assegurou-se ela.

—Está bem... —Seus olhos arderam enquanto ela lutava contra suas lágrimas, sua vista nublada enquanto lutava por encontrar um caminho, qualquer caminho... —Pode chegar...

Ele sacudia sua cabeça, sua expressão fechada, fria.

OH Deus.

Ela sentiu fraquejar seus joelhos. Sentiu seu coração explodir em seu peito.

—Vá a seu quarto enquanto falo com seu pai —Sua voz era fria. Final—. Nada dura para sempre, Courtney. Nem o vento.

Ela sentiu que o sangue deixava sua face. Um sentido horrível de irrealidade a encerrou, obscurecendo a visão à beira de seus olhos, roubando o fôlego de seu peito enquanto ela o olhava fixamente com dor aturdida.

—Bastardo estúpido —resmungou Khalid, sacudindo sua cabeça ante a resposta do Ian.

Ela se deu a volta, obrigou-se a afastar seu olhar do Ian e a confrontar a seu pai outra vez.

Ele a olhava, a fúria de momentos antes substituída por algo mais. Pena? Compreensão?

—Amo-o —sussurrou ela outra vez, sentindo a única lágrima que evitou seu controle—. Com toda minha alma. Posso te perdoar isto. Mas não te perderei nada mais. Deixará este quarto comigo.

Ele abriu seus lábios para falar.

—Por favor, Papai. Por mim.

fecharam-se completamente enquanto seu olhar se desviava ao Ian, meditabunda, cheia de cólera.

—Courtney —Sua mãe avançou devagar, lhe estendendo a mão, sua expressão torcendo-se enquanto Courtney se estremecia.

—Não —Ela sacudiu sua cabeça fortemente enquanto ela volteava ao Ian—. O sinto.

Ela sentia que seu pai tivesse chegado. Que ela tivesse destruído uma das amizades verdadeiras que ele conhecia. Ela sentia havê-lo empurrado quando deveria haver-se afastado. Tantas coisas pelas que o sentia.

Seu pai tinha razão, em tantas formas. Só um criança acreditava em contos de fadas. E curar ao Ian, estar com ele, ser amada por ele, era o maior de todos os sonhos.

Ele se manteve quieto, olhando-a fixamente com um cenho franzido escuro, severo.

—Farei as malas —Ela tratou de esclarecer sua garganta de suas lágrimas—. Realmente o sinto, Ian.

Ela se moveu e passou por diante de todos eles, determinada a conter as lágrimas, a unir os fragmentos quebrados de sua alma até que pudesse encontrar o espaço que necessitava para repará-los.

Seu pai blasfemou suavemente enquanto ela o passou, mas além disso, nenhuma palavra foi dita enquanto ela deixava o quarto lentamente.

A porta se fechou detrás dela, abandonando ao Ian para suportar o silêncio e os olhares de condenação daqueles que agora o olhavam.

Não importava quantas vezes ele tivesse tomado ao Courtney, que tão depravados ele e Khalid tivessem sido a noite anterior, a inocência, que era tão parte, dela tinha permanecido. Ela o tinha cuidadoso como sempre o fazia, seus olhos cheios de luz, de pureza. Como se nada pudesse estragar o espírito indomável dentro dela.

Mas em um segundo breve, ele o tinha visto morrer. A dor de vê-lo foi mais lhe debilitem que o dia que tinha encontrado a Melissa, olhando-o fixamente com vazia acusação.

—Bem, espero que os dois estejam completamente satisfeitos com vocês mesmos—a voz da Marguerita era fria, furiosa—. Vocês recordam a dois pequenos moços em um pátio, brigando por um brinquedo favorito que não pertence a nenhum dos dois.

Ian a olhou silenciosamente enquanto tratava de entender o que tinha visto no Courtney e por que isso destroçava sua alma.

por que agora? por que morreria aquela inocência dentro de seus olhos enquanto ela o olhava com tão triste dor? Certamente ela sabia, tinha entendido, que ele tinha perdido sua capacidade de amar faz anos. Não o tinha feito?

—Ela é minha filha —replicou Dane—. Se eu tivesse tido alguma pista de que ele a tocara...

—OH te cale, Dane —suspirou Marguerita, sua voz carecendo de fúria, mas cheia, em troca, de repugnância—. Rechaça admitir que é uma mulher, não uma criança. estiveste escondendo a cabeça na areia durante anos, te negando a admitir que enquanto ela cresce, você também. E que assim, um dia, ela se irá de nossa casa por outra. Eu sabia exatamente por que ela vinha ao Ian, e o que planejava fazer. Se tivesse sido o bastante homem para atender razões nas horas passadas que estive argumentando contigo, teria entendido isto.

—Ele é muito velho para ela...

—Ela o quis desde que era uma adolescente. te alegre que ela esperou este tempo em vez de meter-se sigilosamente em sua cama enquanto tinha dezesseis anos, como uma vez ameaçou fazendo —replicou ela, seus olhos ardendo enquanto retornava ao Ian—. E acredito realmente que é tão patético como qualquer homem que tive a desgraça de encontrar. por que minha filha teria que amar a alguém tão determinado a ser miserável pelo resto de sua vida natural, não tenho nem idéia.

Ele olhou a Marguerita com surpresa.

—Você sabe, Ian —Sua voz tremeu enquanto ela falava—. Lembrança algo que me disse uma vez, depois de que você e Dane me resgataram daquele inferno em que minha família me consignou também. Quando a vida era um pequeno buraco triste e feio do qual não tinha nem idéia de como sair. Disse-me que nada importava, a não ser o amor. Nada era tão inocente, tão puro, como o amor verdadeiro. Acabo de verte destruir a mesma coisa que uma vez disse que entesouraria sobre todas as coisas. Amor puro, inocente. Deus tenha misericórdia de seu alma —Então ela deu volta para seu marido—. E reza por que Ele tenha misericórdia para você também. Já que passará muito tempo antes de que eu o faça. Agora, vou dar o que puder de consolo a minha filha. Se ela o permitir —Sua voz se quebrou. Um aviso de que devido a eles, sua filha se afastou dela, pouco disposto a ser consolada em sua presença.

Ian ficou silencioso. Ouviu cada palavra que ela disse, sentiu-as como facas em suas vísceras, mas todo que ele poderia ver, todo que ele poderia recordar realmente era ver morrer aquela pureza, lentamente, no olhar do Courtney.

Enquanto a porta se fechava de repente detrás da Marguerita, ele ficou parado, enfrentando ao homem que tinha sido seu amigo mais querido.

Dane o olhava sobriamente agora, a fúria de momentos antes havendo-se dissipado ante a dor de sua filha e a fúria de sua esposa, talvez. Olhou ao Ian pensativamente, seus olhos estreitos, as profundidades cinzas frias reflexivas.

—Bem, vocês dois obtiveram realmente ferrar o que começou como uma manhã, por outra parte, perfeita —Khalid recolheu sua camisa e sapatos do chão enquanto ele também se movia para a porta—. E me deixem ser o primeiro em dizer que Marguerita o resumiu perfeitamente bem. Vocês dois são patéticos.

Também fechou de repente a porta detrás dele, deixando ao Ian e ao Dane em paz para estar um frente ao outro.

—Ela é meu bebê. Você é meu melhor amigo —Ele se passou os dedos cansadamente por seu cabelo loiro escuro enquanto confrontava ao Ian agora—. Pensar nela, na cama... —Gesticulou—. Maldição, não quero pensar em minha criança, meu bebê, fazendo essas coisas.

Ian grunhiu ante isso.

—Não a deixarei tomar a culpa —Ele se encolheu de ombros—. Como disse, eu poderia haver dito não. Eu poderia te haver advertido e te haver deixado vir por ela.

—Mas ela é uma adulta —falou Dane ao mesmo tempo—. Como Marguerita segue indicando, ela não é mais uma criança.

Ian se moveu incômodamente. Ele desejava que Dane só o atingisse. Isto ajudaria a aliviar a dor que crescia em seu peito.

—Ela te ama —Dane suspirou enquanto se levantava da cadeira—. Não acreditava. Nem quando Marguerita e Sebastian o discutiram tão ferozmente. Eu não podia imaginar que ela pudesse entender a profundidade de aceitação que se necessita para amar aos homens que somos. Mas como minha esposa está sempre impaciente por indicar, nossa filha tem sua graça, não só minha teima.

Courtney estava sofrendo.

Ian passou seus dedos por seu cabelo enquanto se afastava do Dane, indiferente às compreensões amargas do outro homem.

Condenado seja o inferno, ele podia sentir sua dor. Como se algo tivesse rasgado um buraco em sua alma enquanto ele olhava aquela luz morrer em seus olhos, ele podia sentir sua dor. Não tinha diminuído enquanto ela partia, só se tinha colocado mais forte, afetando sua respiração, seu sentido da realidade.

Nada dura para sempre. Ele se tinha feito acreditar isso durante os anos.

Nada resiste. Nada dura. Nada é permanente.

Mas Courtney o era. Seu amor o era. A partir do momento em que a encontrou, uma criança selvagem com olhos grandes de cervo, ela o tinha cuidadoso com a mesma emoção descarada. A mesma inocência.

Ele a tinha levado do rancho de seus avós na metade da noite enquanto Dane ia detrás a Marguerita. Seus braços se apertaram ao redor de seu pescoço, sua pequena voz sussurrando, "obrigado", "obrigado", uma e outra vez. E a partir daquele dia, ela o tinha cuidadoso com a mesma inocência esmagante.

A inocência do amor.

Ela era desavergonhada. Tão honesta em dar-se a si mesmo como na forma em que via a vida. Uma de poucos que resistiam simplesmente porque amavam.

O que tinha feito ele?

Capítulo 15

Um Mês mais Tarde

A dor não partiu.

A dolorosa solidão não diminuía.

E demônios, ela estava malditamente quente e não podia eliminá-la.

Courtney se passeou por seu quarto, vestida com suas cômodas calças folgadas de algodão negro fazendo jogo com seu corpete. Seu cabelo estava solto, fluindo sobre suas costas, o toque dos fios contra seus ombros recordavam ao Ian. Tinha-lhe gostado de seu cabelo. Muitas vezes ele o tinha envolto em sua mão, sustentando sua cabeça para trás enquanto tomava, sua franga trabalhando dentro dela ao mesmo tempo que lhe sussurrava o estreita e quente que era.

Ela se deteve perto de sua janela, olhando fixa e silenciosamente os jardins de abaixo. Não podia chorar mais. Ela tinha chorado até que sentiu que poderia encher os oceanos com suas lágrimas

Não havia ninguém a quem culpar, exceto a si mesmo. Teria sido mais fácil, pensou, se pudesse aborrecer a alguém por sua dor. Ela sabia, que lhe fazer ver o Ian que tinha um coração seria um trabalho difícil. Mas em sua imaturidade, em sua própria crença em si mesmo, tinha acreditado que poderia obter essa meta

Ela não tinha pensado falhar. E ao não considerá-lo, não tinha pensado no mal que poderia causar se falhava.

Ela não só tinha feito mal a ele, mas também também a seu pai. Dois homens que tinham forjado um vínculo de dor anos atrás, agora já não eram amigos. Aos dois homens que mais amava no mundo, tinha-os ferido irreversivelmente por suas tolas ações.

E estava só.

Um soluço seco rasgou seu peito com esse pensamento. Agora dormia só, agora chorava só.

Inalando profundamente retornou a seu quarto, considerando o que tinha feito a maior parte da manhã. Sua mãe lhe tinha aconselhado mobiliar de novo seu quarto, trocá-lo. Mas talvez era tempo de mais.

Ela tinha vivido com seus pais toda sua vida. depois de terminar a escola, reacia a entrar na universidade nesse momento, ávida por ser quão adulta ela pensava que era. Tinha construído sua vida ao redor de seus sonhos com o Ian, e agora essa vida já não existia. Era tempo de construir uma nova.

Não seria tão boa como a que ela sentia que poderia ter com ele. Compartilhando a risada e o calor. Ela poderia crescer em seus braços, chegar a ser algo que quisesse e apesar disso ser a mulher do Ian. Sabia isso. Tinha pensado que havia tempo para tomar a decisão de onde continuar sua educação, e de como encheria sua vida.

Talvez, em lugar de trocar móveis, era tempo de ir-se. Tempo para forçar-se a afastar-se do amparo e o amor da casa de seus pais, e forjar sua própria vida.

Havia multidão de coisas com as que desfrutava. Decorando, treinando os cavalos no imóvel de seu pai para as competências nas que freqüentemente participavam, inclusive gostava do trabalho de caridade, com o que freqüentemente ajudava a sua mãe. Poderia converter qualquer deles em uma carreira.

Ela desfrutava sobre tudo do Ian.

Parecia que havia mais lágrimas depois de todo. Outra escorregou por sua bochecha enquanto a perda ameaçava derrubando outra vez.

—Não mais lágrimas —se corrigiu ela severamente enquanto se dirigia a seu armário—. É tempo de mudanças.

A mudança requeria energia. Obrigá-la a manter-se ocupada, empurrar todas as coisas ao fundo e focar-se unicamente no que devia ser feito. Era a única resposta para a vida que confrontava agora. Ela o tinha aceito, ao menos no momento, até que pudesse enfrentar a perda de tudo o que tinha acreditado seria o seu, estaria só. Mas isso não significava que ela tinha que derrubar-se na dor, nem que se permitisse piorar.

Atirou de um elegante vestido cinza escuro do armário junto com suas correspondentes meias. Ela necessitaria seu próprio apartamento, um lugar próprio. Então ela se matricularia na universidade como seu pai a animava a fazer. Lentamente, reconstruiria sua vida. Não era seu sonho, mas o faria.

Quando colocou o vestido sobre a cama, um golpe suave na porta de seu dormitório interrompeu seus pensamentos.

—Adiante —disse, olhando cautelosamente quando a porta se abriu e seu pai entro no quarto.

Ele era um homem atraente para sua idade. Ainda estava em forma, seu cabelo loiro arenoso tão espesso como sempre, seus olhos cinzas, turbulentos. Ele sempre tinha sido sua força enquanto crescia. Inteligente a protegê-la, para guiá-la, ou simplesmente rir com ela. Ela sempre tinha acreditado que não poderia haver um homem mais perfeito que ele. Exceto Ian.

—Sai? —Ele jogou uma olhada ao vestido, entrando em seu quarto quando ela o olhou, consciente que permitir ir seria difícil para ele.

Ele a tinha amado e mimado, toda sua vida. Lhe tinha ensinado seus maiores lucros e a tinha animado antes que ninguém mais. Lhe tinha ensinado sua confiança, ensinou-lhe sua força. Lhe tinha ajudado a encontrar o melhor dentro dela.

—Sim —ela jogou uma olhada ao vestido, detrás dele—. Vou à caça de um apartamento.

Ela não teve que imaginar como o afetaria. Seus olhos imediatamente se obscureceram com um protesto instintivo e seu grande corpo se retesou. Entretanto, o não sabia quão duro também era para ela. Deixar a única segurança que conhecia, além das os braços do Ian, seria uma das coisas mais difíceis que ela tinha feito alguma vez.

—Uma decisão bastante repentina, verdade? —grunhiu—. Ninguém te pediu que te mude.

—Sei, Pai —Ela sorriu suavemente—. Só que acredito que é o momento. Talvez também é tempo para a universidade —ela se encolheu de ombros agitadamente—. Não posso passar mais dias à deriva. E depois de tantas festas, faz-se bastante aborrecido. E... Eu necessito algo mais... —Ela jogou uma olhada além dele, desviando o olhar quando o se moveu para diante.

—Pode viver aqui e ir à universidade —sugeriu ele.

Ela poderia, mas vivendo com seus pais não levaria a cabo o crescimento que necessitava. Ela precisava aprender a sonhar sonhos que não incluíssem o Ian. Ela não podia fazer isso ali, onde todos seus sonhos dele tinham começado.

—Não —ela aspirou profundamente—. Penso que tenho que estar só. É tempo de que cresça.

Como uma mulher que tinha agradado sexualmente ao Ian podia dizer isso, não estava segura. Ela se sentia velha. E ainda, tão insegura como se sentou durante o tempo em que seus pais tinham estado separados.

Ele baixou sua cabeça, colocando suas mãos energicamente nos bolsos de suas calças. Enquanto assentia devagar.

—É difícil, deixar ir —Ele esclareceu sua garganta, olhando fixamente ao redor do quarto, piscando várias vezes. Com força—. Duro deixar ir os anos que te perdi e recordar que já não é uma bebe.

Courtney mordeu seu lábio e achou muitas lágrimas mais. Lágrimas que verteria depois, não agora.

—Papai, seu me ensinou a seguir meu coração —sussurrou ela Isto roncamente é o que devo fazer.

Ele assentiu. Esclarecendo sua garganta outra vez.

—Ian chamou —anunciou ele enquanto levantava a cabeça.

Ela se estremeceu. Não pôde evitá-lo. A dor se formou dentro dela, até que esteve segura que dobraria seus joelhos. Ele não a tinha chamado. Nem uma vez.

—Está bem? —qualquer notícia dele era melhor que nada.

preocupava-se com ele, admitia-o. Embora duvidava que ele necessitasse sua preocupação. Ela estava aterrorizada de ter agregado mais dor, mais culpa a seus olhos já perseguidos. O pensá-lo era quase tão doloroso como a perda dele.

—Sim —assentiu firmemente—. Embora parecia cansado.

Ela se voltou a olhá-lo tranqüilamente, apesar da agonia que ressonava nela.

—Então, fala-lhe de novo?

—Sim —assentiu outra vez—. Eu estava... preocupado por ele —Ele moveu seus ombros, incômodo.

Ela se tinha preocupado também. Ela tinha falado com o Khalid freqüentemente, embora ele raramente tivesse alguma notícia do Ian.

—Me alegre de que esteja bem —Ela lutou contra o tremor de seus lábios enquanto lhe sorria outra vez—. Agora, realmente tenho que me vestir...

—Ele perguntou por você —seus olhos se encontraram com os dela, uma pergunta formando-se neles.

A dor se estendeu por seu peito, lhe fazendo difícil respirar.

—Espero que lhe dissesse que estava bem? —seu sorriso se desvaneceu quando ela encontrou seu olhar.

—Disse-lhe que era um maldito por quebrar o coração de minha filha —finalmente falou com irritação— Que demônios se supunha que devia lhe dizer, Courtney?

—Que eu estou bem —respondeu ela, sua voz se espesso com as lágrimas—. Ele não tem que saber nada mais, Pai. Estou viva. Sã. Não sou uma suicida. Nada mais deveria lhe importar.

Ele fez uma careta de repugnância.

—Rondas esta casa como um fantasma —grunhiu ele—. Inclusive Sebastian está preocupado. Não se supunha que esse bastardo quebraria seu coração.

—Por piedade. O que pensa que vou fazer? —ela voltou a lhe gritar—. Tinha que lhe dizer ao Ian que pensa que vou matar me porque não consegui seu coração? O que te faz acreditar que sou tão frágil?

—Não fiz tal coisa —lhe informou ele ferozmente—. Mas isso não significa que não possa lhe dizer o lamentável bastardo que é.

—Argh. Estas tão louco como cada homem que conheci. Não é surpreendente que você e Ian sejam tão próximos —Ela elevou suas mãos rendendo-se—. Primeiro, seu não queria que ele estivesse comigo, agora o castiga por não estar comigo. Toma uma decisão, pai, antes de que te volte louco.

Ele grunhiu ante isso.

—Ele não tinha que te fazer mal.

—Ele não me fez mal —não era mais que a mesma discussão que tinham mantido durante todo o mês—. Eu me feri, pai, não o entende? Equivoquei-me ao empurrá-lo... —as lágrimas voltaram—. Deixariam simplesmente de falar dele?... Por favor...

—por que, é que não pode me esquecer?

Ela olhou fixamente, surpreendida, enquanto Ian entrava no quarto.

Seus olhos se alargaram quando o calor começou a encher seu corpo, correndo por sua corrente sanguínea, afugentando a frieza que a manteve dormida durante semanas.

Ele se via horrível. Sua face estava gasta, com linhas de cansaço, seus profundos olhos azuis cheios de sombras.

Sua cabeça girou rapidamente para seu pai, contemplando-o muda pelo choque.

—Ele chamou da limusine —Ele se encolheu de ombros—. Queria verte. É seu vida, Courtney —suspirou ele finalmente, seus preocupados olhos cinzas, por fim, cheios de aceitação—. Não posso vivê-la por você, e para te ser justifico, eu a ferraria mais se me deixar —Então ele se deu a volta para o Ian—. Estarei abaixo quando estiver inteligente para falar.

Ele se deu a volta e deixou o quarto, deixando-a em paz então, com o homem que a tinha obcecado a maior parte de sua vida.

Entretanto, porque estava ele ali? Estava preocupado por que de alguma forma ela tivesse o mesmo final que teve Melissa?

—Se ele te tiver feito acreditar que eu me faria mal, então joga um jogo cruel contigo —atacou ela ferozmente—. Deve recordar que eu herdei meu intrigante coração de algum lado, é óbvio que dele. Sabe como fica quando se zanga, Ian. Fará-te acreditar o que ele queira

Não podia acreditar que ele estivesse ali. Contemplou-o devorando-o com o olhar, acariciando com os olhos o desejava fazer com suas mãos. Parecia tão alto e forte. Sua pele obscurecida por sol, o cabelo negro espesso, seus perversos olhos azuis. Estava de pé, vestido com jeans de tiro baixo, e camisa de seda branca. As botas cobriam seus pés lhe dando uma libertina postura. E entre suas coxas... Ele ainda a desejava. Sua franga estava dura, empurrando contra o material, rogando liberar-se.

Seu corpo respondeu a aquele conhecimento, seu seios se incharam, seus mamilos ficaram duros e se sensibilizaram enquanto ele seguia olhando-a.

—Sei como é Dane —Ele cruzou seus braços sobre seu peito, enquanto a olhava solenemente—. Embora seu me decepcionou.

—Eu? —as sobrancelhas dela se franziram quando finalmente as palavras penetraram sua cabeça—. Como poderia eu te haver decepcionado? Parti-me. Que mais podia desejar?

—Pedi-te que te partisse? —Ele arqueou sua sobrancelha de maneira inquisitiva—. Não recordo te haver pedido algo pelo estilo. Voltou-me louco durante semanas, finalmente conseguiu o que queria, e logo só foi.

Ela piscou, agitando suas mãos nervosamente.

—Eu te tinha causado semelhante problema ...

—Não mais do que esperava —grunhiu ele—. Não acredita que eu sabia que seu pai era um pouco mais inteligente que o crédito que seu lhe dava? Eu sabia que ele suspeitaria. Você foi a que pensou que o podia enganar.

Ela avermelhou pelo aviso.

—Não quis piorar as coisas... —disse, sua garganta fechada pelo pesar. por que não o tinha entendido? E por que esperar um mês para brigá-la por isso?

O se moveu pelo quarto, trazendo com ele o aroma único que ela sempre amaria dele.

—Fez coisas muito piores —grunhiu ele então—. Foi dizer adeus, hiriendo meus sentimentos, Courtney.

Ela sacudiu sua cabeça, olhando-o com confusão.

—Como? —Ela franziu o cenho tratando de entendê-lo.

—Eu estava furioso contigo —Ele se parou diante dela, olhando-a para baixo, sua expressão se iluminou quando viu em seu olhar algo que estivesse procurando —. Estou ainda furioso contigo, o que significa que deveria te castigar com severidade. Mais tarde... —ela ofegou quando seus braços a rodearam, enredando seu cabelo em uma mão para atirar para trás sua cabeça—. Muito mais tarde...

Seus lábios tomaram os seus energicamente, sua língua os atravessou, quando os separo pela surpresa, abafando qualquer protesto que pudesse ter feito. A emoção a atingiu como uma onda gigante, afundando-a no prazer, com uma excitação que se rasgou brutalmente através de seu sistema.

Não tinha trocado nada.

A realidade se fechou de repente em sua cabeça, em seu coração, enquanto se separava de seus braços, olhando-o fixamente, a fúria fazendo erupção dentro dela.

—Seus sentimentos foram feridos? —a incredulidade a percorreu inteira—. Como te atreve a estar de pé frente a mim proclamando tal coisa? Como carajo te atreve a me dizer, com superioridade masculina, semelhante coisa?

Semanas. Semanas de agonia, de noites sem dormir fragmentaram dentro dela. Os dias de arrastar o passo, para entender como se equivocou, como seu coração, que sempre a tinha guiado bem, tinha-o ferrado tão horivelmente, e os sentimentos dele estavam feridos?

—Courtney ... —Sua voz se endureceu.

—Não me diga “Courtney” —grunhiu, enquanto atingia furiosamente seu dedo contra seu peito, tremendo de fúria—. Estive de pé ante você, minha alma nua e sangrando, e nenhuma sozinha vez... —ela levantou seu dedo imperiosamente—. Nem sequer uma vez, nem por um olhar, nem por uma palavra deixou traslucir que sentisse alguma terna emoção por mim. Que te importava algo a agonia que ressonava em minha alma.

—Herdou o sentido do drama de seu mãe —grunhiu ele, franzindo o cenho enquanto apoiava suas mãos sobre seus quadris—. me Avise quando tiver terminado de me arreganhar e falaremos.

—Terminar de te arreganhar? —Ela sorriu. Com todos os dentes—. OH queridíssimo Ian, já terminei que te arreganhar. Seu pode voltar para a fria comodidade de seu Clube, e a seu ainda mais fria cama. Só.

Ela não podia acreditá-lo. Não podia acreditar seu atrevimento, sua coragem.

Os olhos dele flamejaram com repentina cólera.

—Escutasse-me —disse ele—. Não me empurre, neném. fui empurrado bastante longe.

—Ainda tenho que te empurrar, Ian Sinclair —gritou ela, furiosa, enquanto caminhava para a porta—. Ainda tenho que te mostrar que arrogante sabichão, que completo imbecil acredito que é. Pode ir —ela arrojou a porta aberta, com a fúria palpitando nela.

Ela não se correu em um mês. Nenhum orgasmo. Nenhum prazer. Nenhuma dor sexual.

Ela tinha chorado até que seus travesseiros se empaparam.

Ela tinha feito chorar a sua mãe. Ela havia trazido lágrimas aos olhos de seu pai.

Ela tinha sofrido. Para que? Para que ele pudesse chegar a sua casa, a seu dormitório, e lhe dizer que seus sentimentos foram feridos?

Phfft! em seus sentimentos.

—Maldita gatita selvagem —Ele avançou para ela, arrancou-lhe a porta das mãos e fechando-a de repente antes de atrai-la outra vez a seus braços, retendo as mãos dela detrás de suas costas, e abafar seu grito furioso com seus lábios.

Seus lábios se comiam aos seus. Lábios que enviesavam os sua enquanto sua língua procurava um caminho para penetrar sua boca, lambendo-a, devorando-a.

Ela não tinha tido um orgasmo em um mês.

Ela tinha empapado seus travesseiros com lágrimas.

E ele estava aqui agora. Beijando-a como se ele não pudesse prová-la bastante, sua franga apertando com força e exigência quando ele a arqueou em seu abraço. Ele consumiu seus sentidos, forçando-a além da fúria, uma fome profunda na alma por seu contato, pela satisfação que só ele podia lhe brindar.

Ela necessitava mais. Tinha que estar mais perto, fazer entrar o calor dele nela, manter este toque pequeno, inesperado para sempre em seu coração.

—Abandonou-me, Courtney... —grunhiu ele contra seus lábios, enquanto os mordida eroticamente, quando seus olhos se abriram sonolentos para olhá-lo fixamente—. Não pode me abandonar, neném. Nunca outra vez. Nunca mais.

Ela teria falado, ela tivesse questionado essa declaração tão surpreendente, se suas mãos não parecessem estar em todas partes ao mesmo tempo, despojando a de sua roupa, acariciando-a, enviando seus sentidos a voar com seu toque.

Ela era frágil, e sabia. Ele não podia amá-la, mas antes de que ela tivesse que afastar-se dele para sempre, poderia tocá-lo uma última vez, tomá-lo em seu corpo e recordar para sempre que perfeito era.

Não pode me abandonar... Nunca outra vez... Nunca mais...

As palavras vibraram por sua mente.

—Não. Espera... —ela girou sua cabeça para ele, tremendo, o prazer e a dor vibrando por seu corpo. Agradar por seu contato. Dor por perdê-lo—. Ian ... OH Deus, sim ...

Seus lábios cobriram um duro mamilo que empurrava violentamente para cima, traçando-o, sorvendo-o profundamente em sua boca, enquanto seus dentes o raspavam e suas mãos empurraram as calças soltas de seus quadris.

Esteve perdida então. Nada importou, só seu toque, suas mãos levantando a à cama enquanto ele a seguia, sua assombrosa destreza enquanto atirava de seu mamilo e se tirava rapidamente a roupa de seu próprio corpo.

Finalmente, ele esteve nu. Quente e duro, seu corpo tenso e inteligente quando ele a rodeou com seus braços, enquanto mantinha seus lábios firmemente contra os seus. O beijo abriu sua alma. O prazer alagou cada célula de seu corpo, cada esquina de seu espírito, enquanto suas mãos afagadas cada lado de sua face, sustentavam-na ainda enquanto ele elevava a cabeça.

Seu fôlego se deteve ante o que ela viu em seu olhar fixo. Emoção, intensa, brilhante, adoração.

—Amo-te, Courtney —sussurrou ele, sua expressão retorcida dolorosamente enquanto a olhava—. Eu não soube quanto te podia amar até que foi. Até que seu risada já não encheu minha casa, até que seu perverso folguedo já não me voltava louco. Até que não estive de pé naquele maldito Clube, e soube que sem você a meu lado, minha vida está tão vazia como minha cama o está sem você nela. Eu não soube o que era o amor, até que vi que minha negativa a admiti-lo apagava toda a doce inocência de seus olhos. Amo-te.

Ela o olhou fixamente, segura que não podia estar ouvindo as maravilhosas palavras que incrementavam o batimento de seu coração, sua alma se encheu de calor, enquanto ele lentamente ia enchendo seu dolorido, uma vez vazio, vulva.

Ela ofegou, arqueando-se quando sentiu sua franga mover-se dentro dela. Lentamente. Tão devagar que ela gemeu, necessitando mais.

—me olhe, neném — sussurrou ele quando seus olhos se fecharam para saborear melhor o sonho que ela estava segura que era.

—vou despertar me —sussurrou ela chorosamente—. Despertarei e te terá ido outra vez.

—Nunca... — seus quadris se juntaram, logo um grito estrangulado deixou sua garganta quando ele empurrou energicamente dentro do ajustado tecido que o abraçava tão fortemente.

Bem, isto não parecia um sonho.

Bom, parecia, mas não a classe de sonho do que um se acordada. Isto parecia o paraíso, um êxtase ardente que a chamuscava, enquanto lutava para acostumar-se à sensação de sua franga dentro dela outra vez.

Ela lutou por respirar quando o sentiu dentro dela totalmente, sua ereção uma marca acalorada, picando contra sua nuca, enviando sensações elétricas por seu corpo, apertando sua matriz.

Tinha passado tanto tempo. Parecia como se tivessem acontecido anos desde que a havia tocado. Desde que tinha conhecido o domínio poderoso de sua posse.

—Estas tão quente, neném — grunhiu ele, ainda sustentando sua cabeça enquanto bebia a sorvos de seus lábios, olhando-a fixamente aos olhos e começava um ritmo embriagador entre suas coxas. Ela apertou sua vulva, necessitando-o mais profundo, precisando senti-lo em sua mesma alma enquanto tomava.

—Vamos — ele sorriu contra seus lábios quando lhe levantou para ele—. me Deixe te ter, neném. me deixe sentir como seu quente e doce vulva chupa minha franga.

Ela corcoveou baixo ele, introduzindo-o ainda mais enquanto começava a estremecer-se de prazer, duros tremores percorriam seus músculos enquanto começava a vibrar pela necessidade de culminar.

—Bem... —gemeu ele, movendo-se mais rápido agora, transando-a duro e constante, sua franga movendo-se com força, acariciando a malha ultra-sensível, fazendo correr seus sentidos, enquanto ela sentia seu corpo retesar-se pela proximidade da explosão.

—me olhe, neném — ele começou a mover-se mais duro. Mais rápido—. me Deixe ver seus olhos quando te corre, Courtney, deixa-os abertos.

Abertos. Seus olhos estavam abertos, e ela ofegou sob seu beijo, estremecendo-se, lloriqueantes gritos escapando de sua garganta, construindo um grito estrangulado quando ela se sacudiu, explodiu e sentiu que sua vulva se derretia ao redor dos constantes e duros impulsos de sua ereção.

A face dele se retesou, seus lábios que se retiraram de seus dentes em um grunhido de prazer quando ele se afundou de repente dentro dela. Uma vez. Duas vezes. Então ele se retesou, sacudindo-se nas convulsões de sua própria liberação enquanto sua semente começava a derramar-se dentro dela em contrações duras e constantes.

—Amo-te... —ela chorou contra seus lábios, apertou seus braços ao redor dele, as lágrimas caíam de seus olhos—. OH Deus, Ian, amo-te...

Cansado, esgotado, Ian se paralisou ao lado dela, devorando-a a seus braços e levantando-a para retirar a colcha e jogá-la sobre eles, instalando-se na cama com o Courtney descansando junto a ele.

Ela ainda se movia, o que significava que não estava dormindo.

—Pensei que te tinha perdido para sempre —sussurrou ela contra seu peito, sentindo o movimento de suas mãos sobre suas costas, sobre a colcha, enquanto ele suspirava pesadamente.

—Roubou meu coração, e eu não o tinha compreendido —Ele beijou o topo de sua cabeça suavemente—. O que aconteceu Melissa me aterrorizou, Courtney. Pensei que ela era inocente. Pensava que lhe tinha feito mal, embora seu pai jurasse que não era assim. Passei a semana passada no Texas com ele. Averiguando a verdade. Aprendendo coisas que não sabia sobre ela. Deixando-o atrás.

Não teria sido fácil para ele, ela sabia, confrontar o passado depois de todos esses anos.

—Eu não teria ido a você se não tivesse sabido o que queria, Ian —lhe feriu que ele não tivesse crédulo em seu amor—. Se não tivesse conhecido meu próprio coração e necessidades.

—Não foi você, Courtney. Era eu —Ele a retirou, inclinando-se sobre ela, enquanto a cabeça dela descansava contra o travesseiro—. Crie isso, se não acredita outra coisa. Eram meus medos e um resíduo de culpa por meu estilo de vida e os excessos que são parte de mim. Eu sempre senti que o amor o aliviaria, tomaria a necessidade de mim. Isto não o tinha com a Melissa, e sempre senti que isso a tinha destruído. E você...

Seus lábios se torceram em uma careta.

—Seu te deleitou neles. Tive que compreender o que era o amor, antes de que pudesse entender quanto te amava realmente. Se não te tivesse partido, eu não teria sido obrigado a fazer os descobrimentos que fiz. Salvou a ambos ao fazê-lo. Mas... —suas mãos se enredaram outra vez em seu cabelo—. Nunca outra vez. Não me abandonasse outra vez ou te prometo, que não desfrutará da surra que te darei em retribuição.

Todo dentro dela ardia, iluminado de dentro e viveu. Ele a amava como ela sabia que o faria. Como ela sabia que deveria.

E quando Ian a olhou, ele viu que a luz tênue e frágil da inocência que tinha iluminado seus olhos quando ele entrou no quarto, brilhava cheia, viva. Amor. Amor puro, inocente, alegre. Não havia sombras em seus olhos, nenhuma dor, só a aceitação e doce emoção que tão desesperadamente ele tinha perdido nas semanas passadas. Pela primeira vez em sua vida, Ian sabia que lhe pertencia.

Os lábios dela se curvaram lentamente. —Hmm —cantarolou ela ante o pensamento—. me Açoite, Tio Ian. me açoite com força...

E ele soube que não tinha domado a nenhum selvagem, desavergonhado vento.

Capítulo 16

—Bem. Eles não baixaram ainda —Dane jogou uma olhada para as escadas, um cenho enrugando sua sobrelance enquanto sua esposa se chegava a seu lado.

—Umm, talvez eles ainda estão... falando —ele escutou o tom sugestivo de sua voz e a olhou desaprobadoramente.

Lhe fez um movimento negativo com sua cabeça, lhe brindando esse olhar impossível que só ela podia aperfeiçoar.

—O ainda é muito velho para ela —murmurou ele.

Ela riu conocedoramente entre dentes. Ele também era quase dez anos maior que ela.

—Eu não quero lhe escutá-lo informou antes de que ela pudesse abrir a boca para lhe recordar esse Estes fato somos nós. Essa é nossa filha.

Seu bebê.

Ele sacudiu sua cabeça. Afastando-se da entrada de mármore e retornando à sala tenuemente iluminada, onde ele uma vez mais se tornou sobre o canapé a esperar a sua filha.

Marguerita se sentou a seu lado, atraindo-o em um abraço, sua cabeça descansando contra seu peito enquanto ele apoiava seu queixo contra ela.

Ela era sua risada. Sua vida. Ele tinha estado perto de perdê-la uma vez e nunca se permitiria esquecer o que a vida tinha sido sem ela. Carente de risada, de calor.

Ele estava dedicado a ela, morreria por ela. Justo como, sabia, Ian faria pelo Courtney.

Ele o tinha visto nos olhos do outro homem quando esteve parado na porta horas antes.

—me mate agora —lhe tinha ordenado ferozmente ao Dane—. Porque a vida sem ela é uma merda.

Foi então quando ele soube que Courtney não se equivocou. Ela tinha capturado o coração de seu amigo, o qual Dane temia que tivesse perdido anos antes. Era desconcertante entretanto, conhecendo as experiências sexuais que sua filha compartilharia. Era bastante estranho simplesmente saber que ela estaria dormindo com o Ian. O perverso bastardo.

—E nossa filha é uma mulher maior —Ele a contemplou enquanto ela se movia, montando-se sugestivamente escarranchado sobre suas coxas, seu vestido de seda retrocedeu por suas bem formadas coxas quando eles abraçaram os quadris dele—. E eu diria que eles provavelmente estarão bastante ocupados por

várias horas —Ela se inclinou, seus lábios deslocando-se sobre seu pescoço enquanto as Palmas dele embalavam seu traseiro.

Sua margarida. Perfeita. Sua vida e fôlego.

—Umm, nós poderíamos matar umas poucas horas —sua cabeça caiu sobre o canapé quando os dentes dela mordiscaram seu queixo—. Aqui ou no quarto? —Ele a conhecia bem, entretanto. Ela era descarada, uma dissoluta que se deleitava com seu contato, que satisfazia as paixões dele com suas próprias necessidades e desejos, e nunca vacilava em declará-los.

—Umm, Realmente quer te transladar? —sussurrou ela, seu fôlego quente, sua voz um rouco sussurro de desejo.

—Não, muito longe —Ele subiu seu vestido enquanto a volteava e a colocava de costas sobre o canapé—. Não grite muito forte —Lhe lançou um sorriso diabólico—. Os crianças ainda estão acordados.

Ela riu, um som rouco de alegria, de diversão e seu coração saltou de felicidade, como sempre o fazia.

Seu Marguerita. E se Ian era tão preparado como Dane sempre tinha pensado que o era, então Courtney estava em muito capazes, muito carinhosas mãos...

FIM